

MÔNICA APARECIDA DE OLIVEIRA CRUZ

AS PAIXÕES EM *DOIS IRMÃOS*: um espelho de múltiplas faces

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento.

**FRANCA
2008**

MÔNICA APARECIDA DE OLIVEIRA CRUZ

AS PAIXÕES EM *DOIS IRMÃOS*: um espelho de múltiplas faces

Presidente: _____

Nome:

Instituição:

Titular 1: _____

Nome:

Instituição:

Titular 2: _____

Nome:

Instituição:

Franca, ____/____/____

***DEDICO** este trabalho às minhas quatro paixões: Lúcio, Jéssica,
Luísa e Viviani.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé que não me deixou desistir deste sonho e me fez seguir em frente, mesmo quando as dificuldades insistiam em dizer-me não;

à minha orientadora, Profa. Dra. Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, pela força e pelo exemplo de sabedoria e humildade que foram fundamentais nesse difícil percurso;

ao meu marido e minhas filhas pelo apoio incondicional, compreensão, incentivo e paciência;

à toda a minha família, principalmente, minha mãe que, mesmo longe, continuou na torcida por mim;

ao Glayton, Luciene e Helem que não mediram esforços para me ajudar a conquistar esse objetivo;

à Assunção que sempre me incentivou nesta busca;

à Janete que acompanhou de perto esse insaciável processo;

aos meus colegas de curso pelos bons momentos que passamos juntos, principalmente, Cristiane e Evaldo, que se tornaram dois grandes amigos com os quais pude contar nos momentos difíceis.

RESUMO

CRUZ, Mônica Aparecida de Oliveira. *As paixões em Dois irmãos*: um espelho de múltiplas faces. 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

Este trabalho tem por objetivo fazer um estudo sobre os efeitos de sentido que emergem das paixões, levando em conta que esses efeitos de sentido passionais, inscritos no texto, configuram-se na narrativa como modulações dos estados de alma dos sujeitos. Assim, a obra *Dois irmãos* de Milton Hatoum, por apresentar como cerne de seu enredo o drama familiar que se desenvolve em torno do relacionamento conflituoso de dois irmãos gêmeos, aborda a manifestação de várias paixões, por isso, constitui-se em um *corpus* de grande valor expressivo para o estudo das paixões. Ao ter em vista o sentido produzido pelas paixões nos textos, optamos pela abordagem da semiótica francesa por ser uma teoria da significação, cujo método coerente e eficaz de análise nos permite averiguar as configurações passionais que caracterizam as paixões dentro de determinada cultura, assim como os efeitos de uma sintaxe e da enunciação passional que caracterizam o percurso do sujeito passional. Para desenvolver a abordagem teórica utilizamos, principalmente, as postulações teóricas de Greimas, Fontanille e Bertrand, semioticistas que exploram com profundidade os procedimentos necessários para a análise da semiótica das paixões. Nesse sentido, este trabalho procura mostrar os efeitos de sentido de cada paixão em particular, como elas surgem na interação, na relação intersubjetiva dos sujeitos envolvidos nos conflitos e também como elas se organizam nos esquemas passionais canônicos. Em seguida, ao examinar o discurso como um todo, considerando as paixões que surgiram no relacionamento entre os dois irmãos, a análise demonstra que a paixão da mãe por apenas um filho estimula o conflito entre os gêmeos e a manifestação de suas paixões. As análises também permitem averiguar como o narrador, ao reconstruir o passado em busca de suas origens, avalia e moraliza as paixões dos demais sujeitos, mas é afetado por elas, visto que ele também participa da história. Dessa forma, o entrelaçamento das paixões inscritas no texto produz o efeito de contágio passional e, assim, as paixões podem ser avaliadas umas sob o domínio das outras, umas influenciando as outras, umas como consequência das outras. O entrelaçamento dessas paixões é que vai permitir mostrar como o texto se organiza para produzir o sentido que o constitui e o relaciona a outros contextos culturais e sociais mais amplos.

Palavras-chave: sentido; paixão; interação; intersubjetividade; contágio.

ABSTRACT

CRUZ, Mônica Aparecida de Oliveira. *As paixões em Dois irmãos: um espelho de múltiplas faces*. 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Franca, Franca.

This work has by purpose to carry out a study about the effects of sense that emerge from the passions, considering that these effects of passionate sense, entered in the text, the setting in narrative like variations from the state of mind of the characters. Therefore, the work *Dois Irmãos* by Milton Hatoum, shows as essence of its plot the family drama that develops around the conflicting relationship of two twins brothers, approach the expression of several passions. Therefore, it is an expressive corpus of great value to the study of passions. Bearing in mind sense produced by passions in the texts, chose to approach of the semiotic French, a theory of meaning of which coherent and affective method of analysis allows us to examine the settings passionate that characterize the passions within that culture, like the effects of a syntax and passionate statement that characterize the route of the passional character. To develop the theoretical approach we used, mainly, the theoretical postulations from Greimas, Fontanille and Bertrand, semioticists who exploit with depth the procedures necessary for the analysis of the semiotics passions. This way this work tries to show the effects to each passion in particular, as they arise in the interaction, in the intersubjective relationship of the characters involved in the conflicts and also how they are organized in passionate canonic schemes. Then, to examine the speech as a whole, considering the passions that emerged in the relationship between the two brothers, the review shows that the passion of the mother for just a child stimulates the conflict between the twins and their passion expressions. The analyses also allow ascertain how the narrator, to reconstruct the past in search of his roots evaluates and moralizes the passions of the other characters. But he is affected by them, as he also participates in history. Thus, the interlacing of the passions entered in the text produces the effect of passionate contagion and so the passions can be evaluated under the domain of each other, each influencing the other, as one consequence of others. The interlacing those passions that will allow show how the text is organized to produce the sense that it concerns and relates it with cultural and social contexts more extensive.

Word Keys: sense, passion, interaction, intersubjectivity, contagion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 FORTUNA CRÍTICA	18
2 METODOLOGIA	30
2.1 A RETÓRICA E A SEMIÓTICA.....	31
2.3 CONFIGURAÇÃO DAS PAIXÕES	47
3 O ENTRELAÇAMENTO DAS PAIXÕES NO RELACIONAMENTO DOS DOIS IRMÃOS	58
3.1 DA EMULAÇÃO À INVEJA E AO CIÚME	59
3.2 O CIÚME SOBRE O PANO DE FUNDO DA INVEJA	66
3.3 A INVEJA QUE DESPERTA A VINGANÇA.....	74
3.4 A CÓLERA IRROMPIDA PELA INVEJA	83
3.5 A VINGANÇA ATUALIZA A EMULAÇÃO.....	97
4 AS PAIXÕES EM DOIS IRMÃOS: UM ESPELHO DE MÚLTIPLAS FACES	108
4.1 O APEGO INTENSO E A INDIFERENÇA ESTIMULAM A RIVALIDADE	109
4.2 AVALIAÇÃO E MORALIZAÇÃO DE UM NARRADOR/SUJEITO APAIXONADO	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	156
ANEXO A - CENA 1	163
ANEXO B - CENA 2	165
ANEXO C - CENA 3	168
ANEXO D - CENA 4	172
ANEXO E - CENA 5	181

INTRODUÇÃO

O estudo das paixões vem sendo discutido desde a Antigüidade Clássica e já foi explorado por diversas áreas do conhecimento em diferentes épocas e, continua, ainda hoje, sendo motivo de interesse por parte de pesquisadores por se tratar de um assunto bastante complexo, mas também muito instigante.

Assim é que, estimulados pela busca do conhecimento, nos propomos a investigar os efeitos de sentido produzidos pelas paixões nos textos. Ao ter em vista a constituição e a produção do sentido textual, optamos pela abordagem da teoria semiótica francesa por ser uma teoria da significação que tem desenvolvido nos últimos anos relevantes estudos sobre as paixões, ou melhor, sobre os estados de alma do sujeito inscritos nos textos.

Tal empreendimento nos conduz a examinar algumas pesquisas realizadas por outras áreas sobre o assunto, mostrando as diferentes formas de tratar o estudo das paixões.

De acordo com esse enfoque, a teoria das paixões proposta por filósofos levava em conta o estudo das paixões a partir das paixões primitivas, como espécies de paixões que, ao longo dos tempos, foram recebendo outras definições de acordo com o gênero específico em que elas se encontravam (FONTANILLE et al., 2007, p. 215-216). Dessa forma, a preocupação dos filósofos ao tratar as paixões estava vinculada à semântica que definia as paixões como próprias de uma determinada cultura. Daí a limitar o estudo das paixões às suas definições depositadas no léxico de uma cultura em determinada época, é desconhecer os resultados do seu uso que, por sua vez, tornam as configurações passionais suscetíveis de serem observadas de acordo com uma seqüência discursiva onde cada paixão lexicalizada pode se desmembrar em diversas outras paixões sujeitas a avaliações completamente distintas umas das outras dentro de determinada cultura. Além disso, é importante reconhecermos que as paixões não são propriedades de um gênero particular, pois como efeitos de sentido produzidos no discurso que afetam sujeitos inseridos em uma sociedade, elas surgem da interação entre os sujeitos, podendo, assim se manifestarem em quaisquer tipos de textos dos mais diferentes tipos de gêneros.

Constatamos ainda que, a fenomenologia, no campo da filosofia, ao propor o estudo da percepção aproxima-se do estudo das paixões na semiótica, quando a semiótica

considera a percepção relevante para a apreensão da significação, porém se distingue da fenomenologia ao propor uma teoria descritiva da significação discursiva (BERTRAND, 2003, p. 20-21), compreendendo a percepção por via das figuras do mundo natural que instalam no discurso uma presença, ou seja, uma referência à posição que elas ocupam em relação à nossa própria posição.

Outra forma de tratar esse assunto é apresentada pela psicologia que considera as paixões na maneira como elas afetam os sujeitos na realidade (BERTRAND, 2003, p.358), por isso, é comum a esse tipo de estudo tratar as paixões como patologia. Diferentemente da psicopatologia, as paixões serão tratadas aqui como modulações dos estados de alma do sujeito, inscritas no texto e analisadas pelos efeitos de sentido que elas produzem no discurso.

Vemos, dessa forma, que o estudo das paixões é um assunto bastante discutido. Tal fato se justifica por ser as paixões um tema que trata do relacionamento humano, por isso, encontra-se sempre suscetível de ser analisado em suas oscilações, contradições e transformações, sendo, portanto, um assunto explorado por diversas áreas do conhecimento, em todas as épocas, por múltiplas culturas.

Nesse sentido, a teoria semiótica procurou a combinação entre a semântica, a sintaxe e o discurso para dar conta da problemática do estudo das paixões. Sendo assim, a semiótica, ao desenvolver o estudo da dimensão patêmica do discurso, tem em vista a análise dos efeitos de sentido produzidos nos textos pelas configurações passionais depositadas no léxico, pelos percursos passionais do sujeito examinados por meio da sintaxe modal e da enunciação passional. O conjunto desses procedimentos resulta nos esquemas passionais canônicos, discutidos, principalmente, por semioticistas como Greimas e Fontanille.

Nosso objetivo neste estudo consiste, então, em analisar de que forma a obra de Milton Hatoum, *Dois irmãos*, utiliza e explora as paixões para produzir o sentido que constitui o texto e, como, a partir das modulações dos estados de alma dos sujeitos podemos identificar vários tipos de paixões que surgem na interação desses sujeitos, evidenciando o caráter intersubjetivo das paixões aqui analisadas.

Desse modo, as configurações passionais vão nos permitir identificar as paixões no discurso e caracterizá-las como negativas ou positivas, sob medida ou excessivas de acordo com a cultura em que elas estejam inseridas. Pretendemos, também, mostrar como várias paixões podem partilhar de uma mesma configuração, mas produzindo efeitos de sentido diferentes, por isso, nosso cuidado em analisar cada uma das paixões que surgem no romance em suas particularidades, para entendermos como elas contribuem para o sentido global do texto.

Já para os percursos passionais, levaremos em conta as determinações tensivas e as determinações modais.

Assim, a tensão dos sujeitos ao se colocarem em busca de valores que também são almejados pelo anti-sujeito ou a tensão sentida pela ruptura de um possível contrato fiduciário provoca uma oscilação de humor, contribuindo para que possamos caracterizar o sujeito apaixonado.

Também é de suma importância as modalizações que regem esse percurso, uma vez que a modalização excedente colocará as demais sob sua dependência e, quando falamos de paixão, a modalidade do ser definirá seja a existência do sujeito de estado, seja a sua junção com o objeto de valor, ou seja, aquele que quer-ser amado, superior, desejado, temido, odiado etc. Assim, a maneira de ser do sujeito é que vai sensibilizar a modalidade e atribuir-lhe valores.

Sensibilizado o percurso do sujeito, ele manifestará a intensidade de suas emoções, então, comprovaremos a crise passional. Em seguida, a manifestação passional será avaliada e moralizada por um observador social de acordo com as normas que regem o espaço comunitário.

Já na enunciação passional, é imprescindível observarmos as marcas deixadas pelo narrador-enunciador para compreendermos os efeitos de sentido de referência, realidade e verdade do discurso.

De acordo com esse levantamento, a relação de todos esses procedimentos nos permitirá analisar as paixões pelos esquemas passionais canônicos para verificarmos o sentido que elas produzem nos textos.

Dessa forma, a escolha do *corpus* para análise se deve ao fato de a obra apresentar como cerne de seu enredo o drama familiar que gira em torno das relações conflituosas entre dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, e também as suas relações com os demais membros da família, inclusive com os agregados da casa. Como resultados das relações dessa família, surgem manifestações de várias paixões, portanto, matéria de grande valor expressivo para a nossa proposta de trabalho.

Ao longo de nossa pesquisa, não encontramos trabalhos que abordem as paixões na obra de Milton Hatoum, por isso, acreditamos na relevância de nosso estudo. Encontramos, porém, alguns trabalhos – além dos semioticistas franceses - que contribuem para o estudo das paixões de que tratamos, são os artigos científicos de Nascimento (2007), “Configurações da inveja no texto publicitário” e de Nascimento e Abriata (2007), “Um copo de cólera: a afirmação de si e a destruição do outro”.

Acreditamos, então, que esta pesquisa possa contribuir para o estudo das paixões no texto literário, por se tratar de uma investigação sobre várias configurações passionais em um mesmo *corpus*. Desse modo, as nossas análises permitem-nos mostrar e discutir várias paixões com particularidades distintas e, mais, a rede de relações estabelecida pelo emaranhado de paixões, examinando os efeitos de sentido que uma paixão exerce sobre a outra que, nas palavras de Fontanille (2007, p. 218-219), denomina-se contágio passional: “uma paixão suscita uma outra, e ambas dependem da identidade modal do actante que a vivencia”.

Partindo da constatação de Fontanille, nossa análise recorta o texto em partes, verificando as paixões que afloram do relacionamento dos dois irmãos em cinco cenas (anexadas no final do trabalho) nas quais as paixões são manifestadas; na seqüência, passamos a analisar o conteúdo global da obra pelas manifestações patêmicas da mãe que estimulou, o tempo todo, a rivalidade entre os filhos, e também pelas paixões manifestadas pelo narrador que também participa da história e, por isso, à medida que relata os acontecimentos, avalia as paixões dos sujeitos no romance e manifesta o seu envolvimento afetivo com eles.

As paixões configuradas na obra *Dois irmãos* surgem quando os gêmeos são ainda crianças e vão assumindo uma gradação assustadora a cada manifestação passional, numa perspectiva ascendente que intensifica a inimizade e o ódio entre os dois. Essas paixões que afloram do relacionamento dos irmãos gêmeos, manifestadas no romance são: a emulação, o ciúme, a inveja, a cólera e a vingança. Para a análise dessas paixões, vamos utilizar as postulações teóricas de Greimas e Fontanille (1993), Bertrand (2003) e Fontanille et al. (2005).

Ao longo do romance, confirmamos vários motivos que contribuem para que os dois sujeitos sejam afetados pelas paixões, entre eles podemos citar: a questão da identidade e da diferença, os interesses que se chocam, o comportamento e o temperamento de cada um.

Parece-nos fundamental considerar a questão da identidade e da diferença na relação entre os sujeitos, visto que a identidade aproxima os sujeitos e a diferença provoca o distanciamento, os conflitos. De acordo com Meyer no prefácio do livro *Retórica das paixões* de Aristóteles (2000, p. XLVI), a emulação e a inveja são paixões próximas, por isso, se dirigem para os iguais: a emulação deseja gerar a identidade; a inveja, a diferença. Tal situação é comprovada no romance: Yaqub, afetado pela emulação, quer-ser como Omar e Omar, patemizado pela inveja, não-quer que Yaqub tenha para não ter que competir com ele.

Também os interesses comuns, quando os sujeitos desejam a conjunção com um mesmo objeto de valor, como é o caso da paixão do ciúme, então o que está em jogo é a própria competência dos sujeitos, instaurando a concorrência e a competição que, segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 174), especificam a rivalidade. Esse tipo de relação surge no romance quando Yaqub e Omar desejam a conjunção com a garota Lívia, intensificando a rivalidade entre eles.

Interessa-nos salientar, o comportamento e o temperamento dos sujeitos que, observados com freqüência, revelam-se como indícios de possíveis manifestações passionais. É o que observamos no romance com os dois irmãos: o comportamento violento, agressivo e o temperamento impulsivo de Omar são fortes indícios de manifestação colérica; o comportamento de Yaqub retraído, dissimulado e o temperamento comedido, levam-nos a pressupor uma manifestação de vingança. Dessa forma, o comportamento e o temperamento dos dois sujeitos convergem para a diferença entre a cólera e a vingança, cuja explosão final só acontece na cólera. De acordo com Fontanille et al. (2005, p. 71), a tensão na cólera é manifestada pela explosão e pela intensidade e a tensão na vingança, pela quantidade e eficácia.

Notamos que, em todas essas paixões, a relação polêmica é organizada em torno de um objeto, mas com mais freqüência em torno da superioridade, que impulsiona o querer dos sujeitos que entram em confronto, provocando as manifestações passionais.

É importante observarmos: de um lado, a emulação, a inveja e o ciúme partilham de uma mesma configuração, por isso, são paixões que colocam em evidência uma ausência, que tanto pode ser de uma vantagem, de um bem, de um sujeito-objeto amado; de outro lado, a cólera e a vingança também partilham de uma mesma configuração, sendo, portanto, paixões de liquidação de falta que, na cólera, pode ser de uma ofensa ou de uma traição e, na vingança, por uma compensação de danos causados.

Em *Dois irmãos*, encontramos o entrelaçamento dessas paixões que vão nos permitir mostrar como elas se organizam, nos esquemas passionais canônicos, para produzir os efeitos de sentido no texto.

Para entendermos a organização textual por meio das paixões manifestadas pelos dois irmãos, temos que levar em conta que a manifestação dessas paixões é estimulada por uma outra paixão: o apego intenso da mãe destinado a um só filho.

Nesse contexto, observamos que o apego intenso da mãe por um só membro da família estabelece uma hierarquia de tratamento, promovendo: de um lado, a manifestação de um zelo excessivo, de uma exclusividade de atenções e de uma possessão por apenas um

sujeito, no caso, Omar; de outro lado, a manifestação de exclusão da relação materna, fazendo com que Yaqub se sentisse rejeitado. Também, observamos o abandono ao esposo e a indiferença à filha.

Diante de tal manifestação passional, é possível pensarmos na questão da coletividade, pois a mãe representa um sujeito coletivo que deveria partilhar as atenções entre todos de maneira igualitária, mas como isso não acontecia, podemos averiguar que tanto a exclusividade quanto a exclusão da coletividade são portadoras de efeito de sentido de discórdia ao longo de todo o romance. Desse modo, a coletividade traduz-se em negativo no apego, segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 189), por um lado, é a relação do sujeito coletivo com o objeto de valor escolhido que deve não ser; por outro, é a relação entre o sujeito único e a coletividade que, por sua vez, deve não ser.

Além disso, sabemos que o apego fundamenta uma relação fiduciária baseada na confiança, por isso, supõe uma fidelidade recíproca entre os sujeitos, uma vez rompida a confiança, a rivalidade será engendrada na relação. Por esse motivo, a mãe manifestava um ciúme doentio do filho quando ele se envolvia com algumas mulheres e fazia de tudo para tirar as rivais do seu caminho.

Queremos mostrar ainda que, na relação de apego, o sujeito é semantizado por seu objeto e, independentemente, de qualquer tipo de junção, o apego permanece inatingível, o que possibilita a construção de simulacros que garantirão a realização de junção.

Portanto, ao mesmo tempo em que o apego intenso concilia paixões diferentes, também faz surgir a rivalidade, a discórdia, a inimizade e o ódio. Reconhecemos, então, que da interseção das duas configurações, a rivalidade e o apego, surgem várias interações, o que nos leva a examinar os efeitos do apego sobre a rivalidade, e os da rivalidade sobre o apego.

Porém, todas as paixões manifestadas no romance são observadas e avaliadas pelo narrador. O papel do narrador, que também participa da história, é de fundamental importância, visto que à medida que narra os acontecimentos, manifesta o seu envolvimento afetivo com os sujeitos envolvidos na trama.

Esse narrador, filho bastardo de um dos gêmeos com a empregada da casa, reconstrói o passado em busca de suas origens. Assim, as histórias que ouviu da mãe e do avô paterno, mais o que observou e vivenciou constituem o enredo do romance. Ao juntar os pedaços de histórias para “recompôr a tela do passado” (HATOUM, 2006, p.101), vai também revivendo as emoções sentidas por todos os sujeitos envolvidos na história, assim como revive as suas próprias emoções, já que também participou dela.

A narrativa construída pela memória é conduzida pelas várias vozes que contribuem para que o narrador se sinta tomado pelo prazer das lembranças e dos esquecimentos. Tal situação projeta no discurso as referências actanciais, temporais e espaciais que colocam em perspectiva as operações discursivas responsáveis por marcar na enunciação o narrador no espaço e no tempo do aqui, agora, diferente dele e de outros sujeitos no espaço e no tempo diferente do aqui, lá no passado. Esses recursos discursivos são responsáveis por criarem os efeitos de sentido de referência, realidade e verdade do discurso.

No romance em estudo, não podemos deixar de observar os fatos históricos que transcorreram no período em que se passa a história, como a Segunda Guerra, a Ditadura Militar, a criação da Zona Franca de Manaus, entre outros. Esses acontecimentos conferem ao texto um efeito de sentido de verdade.

Contudo, o que nos interessa observar é como essas projeções contribuem para que os efeitos de sentido passionais possam ser identificados na enunciação. Dessa forma, identificamos o narrador como um sujeito dividido, conflituoso: de um lado, procura se distanciar dos acontecimentos, prima pela objetividade com o discurso em terceira pessoa; de outro lado, deixa fluir o seu envolvimento com o discurso em primeira pessoa que produz os efeitos de sentido de subjetividade. Nessa perspectiva, outra questão importante é o fato de o enredo ser construído paradoxalmente pelo anúncio e pelo segredo que também convergem para confirmar o sujeito conflituoso, pois no passado o sujeito desconhecia os fatos, então ele não poderia deixar fluir na narrativa o desfecho que o narrador, no presente, já o conhece.

Quanto à referência desse sujeito apaixonado, ela é observada de forma discriminatória no romance, já que ele é fruto do estupro de uma empregada descendente de índios e, também porque o seu lugar naquela família era o de um agregado. Essa referência converge para uma das manifestações passionais desse sujeito, que inconformado com a sua condição de agregado, ao contrário da mãe que foi tomada pela inação, ele buscava nos estudos a sua alforria. Esse termo, usado pelo narrador-sujeito apaixonado, revelava a revolta com a sua condição naquela casa e, também é uma forma de denunciar o preconceito racial e social.

Além disso, essas projeções são também importantes na construção dos simulacros, principalmente, quando o sujeito ao esquecer os acontecimentos, deixa a imaginação inventar. Para Bertrand (2003, p. 379), a projeção de simulacros é a característica central da enunciação passional.

Outro recurso utilizado pelo narrador que nos permite identificar o sujeito apaixonado é o uso de metáforas e de comparações por meio da reiteração dos temas e da

redundância de figuras. Salienciamos aqui, as contribuições de Edwar Lopes (1986) para o estudo das metáforas e, também, Bertrand (2003), Greimas (2002) e Fontanille (2007) no que diz respeito à questão das figuras.

Esses recursos, além de evidenciarem um sujeito apaixonado, criam também os efeitos de referência, realidade e verdade discursiva. Com efeito, a maioria desses recursos faz referência ao comportamento dos gêmeos e também antecipa indícios do desfecho do romance. Cumpre-nos lembrar também que, segundo Barros (2002, p. 119), esses recursos nos levam a associar o texto com outros contextos. É o caso das referências Bíblicas no romance que nos permitem identificar a intertextualidade e a interdiscursividade com as passagens de fratricídio e rivalidade entre irmãos.

Enfim, todos esses recursos textuais utilizados pelo narrador-enunciador persuadem o enunciatário para fazer-criar a realidade e a verdade do discurso. Mostramos, nesse ponto, como Barros (2002) e Fontanille (2007) discutem sobre o caráter argumentativo da enunciação.

Verificamos, também, que o narrador assume o papel de observador social que avalia e moraliza as paixões dos sujeitos envolvidos na história, mas ao mesmo tempo é por elas afetado, deixando aflorar no texto as suas paixões. Assim, entendemos que as paixões manifestadas por ele surgem como um contágio passional.

Dessa forma, percebemos que o enredo fragmentado, além de evidenciar a história construída pela memória, revela também a oscilação da tensão do narrador-sujeito apaixonado.

Diante de tudo o que foi exposto, nosso trabalho propõe verificar os efeitos de sentido produzidos pelas paixões no romance *Dois irmãos*, sejam essas paixões manifestadas pelos sujeitos que dão título à obra, sejam elas manifestadas pelos outros sujeitos com os quais os dois se relacionavam.

Sustentamos, assim, que todas essas paixões se entrelaçam como uma rede de relações, em que cada sujeito manifesta a sua paixão como uma reação àquela que lhe foi direcionada. Observamos, ainda, que não se trata de uma troca passional, porque os efeitos de sentido que surgem na interação passional são distintos em cada manifestação.

Para empreender nossas análises, julgamos oportuno o contato com outras leituras e trabalhos sobre a mesma obra de Milton Hatoum. Para tanto, no primeiro capítulo apresentaremos a nossa leitura particular sobre a obra e estabeleceremos a distinção entre as várias leituras das quais tivemos conhecimento, sejam elas no modo de ver ou de utilizar o conteúdo da obra, expondo os pontos principais que serão explorados no estudo das paixões.

Como já foi dito, para analisarmos o sentido produzido pelas paixões em Dois irmãos, a nossa opção de investigação teórica é a semiótica, portanto, o segundo capítulo será destinado à abordagem teórica. Nessa perspectiva, o capítulo se apresentará dividido em três partes, sendo que em cada parte procuraremos expor de maneira clara e objetiva os aspectos e procedimentos aos quais recorreremos para procedermos à aplicação teórica nas análises.

Assim, na primeira parte discutiremos alguns aspectos do estudo das paixões realizado por Aristóteles em *Retórica das paixões* (2000) e, como algumas das idéias que ele defendia podem contribuir para o nosso estudo das paixões. É o caso, por exemplo, da efetiva participação do outro no processo de comunicação, por meio da argumentação e da persuasão da linguagem, confirmando a identidade e a diferença dos sujeitos envolvidos na relação passional. Mas, também, mostraremos que a teoria semiótica diverge dos fundamentos teóricos da Retórica, pois propõe a análise da significação sob o domínio da lógica que permite comprovar os efeitos de sentido de realidade do discurso.

Na segunda parte, faremos uma exposição dos procedimentos da teoria semiótica geral que deram origem à semiótica das paixões. Nosso objetivo nessa parte será o de mostrar, principalmente, para um leitor que não tem familiaridade com a semiótica, quais os caminhos para se chegar à compreensão do estudo das paixões. Dessa forma, apresentaremos resumidamente o percurso gerativo do sentido, explicando como cada um dos três níveis do percurso contribui para a constituição do sentido global do texto. Na seqüência, relacionaremos os níveis do percurso gerativo do sentido com o estudo das paixões, mostrando que as combinações das configurações semânticas e da sintaxe modal permitem reconhecer e organizar os esquemas passionais canônicos. E, ainda, apresentaremos com mais detalhes a enunciação passional e a gramática do discurso que a caracteriza, ou seja, os recursos textuais utilizados pelo sujeito da enunciação para fazer-criar o discurso que enuncia.

Por fim, a terceira parte, na qual reuniremos, principalmente, os estudos de Greimas e Fontanille, *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma* (1993), e Fontanille et al., *Dictionnaire des passions littéraire* (2005), sobre as configurações passionais, os constituintes sintáticos e como são organizados os esquemas canônicos.

Depois do capítulo teórico, procederemos à análise das paixões que emergem do relacionamento entre os dois irmãos. Nosso objetivo, nesse capítulo de análises, é averiguar cada paixão dentro de sua configuração, assim como a focalização da relação entre os sujeitos para percebermos de que forma eles são afetados pelas paixões e, em seguida, examinar as fases do dispositivo canônico que nos assegurará a comprovação da manifestação patêmica do sujeito apaixonado.

No último capítulo, analisaremos a paixão que, a nosso ver, estimulou toda a rivalidade entre os dois irmãos, fazendo com que as demais paixões entre eles engendrassem cada vez mais a inimizade e o ódio recíprocos. Ainda, nesse capítulo, analisaremos o papel do narrador-observador social que avalia e moraliza as paixões, mas que também é afetado por elas, visto que ele participa da história e se revela um sujeito apaixonado.

1 FORTUNA CRÍTICA

O *corpus* que utilizamos para desenvolver o presente trabalho, o romance *Dois irmãos* de Milton Hatoum (2006), é um exemplo de literatura de qualidade, de consagrada repercussão nacional e internacional.

Milton Hatoum, escritor contemporâneo cuja obra se encontra em pleno desenvolvimento, é autor de romances, contos, poesias e de alguns estudos sobre literatura. Os três romances escritos pelo autor receberam importantes prêmios¹, além do reconhecimento por críticos literários de grande renome e, ainda, obtiveram boa aceitação no mercado editorial internacional, pois já foram traduzidos para vários idiomas².

Sobre o reconhecimento de suas obras, especificamente, na época em que recebeu o prêmio pelo livro *Dois irmãos*, Hatoum disse em entrevista à Revista Linguativa (2002) que um livro de ficção para se tornar reconhecido depende de um público leitor e da crítica, do leitor crítico; e complementa, “às vezes um ‘best-seller’ é esquecido em poucos anos, mas quando um livro recebe críticas bem argumentadas, ele vive mais, circula com mais consciência”³.

Relevante é o destaque conferido à produção literária do autor pela mídia, principalmente, a jornalística com significativo número de matérias, notas, entrevistas, debates sobre a vida e a obra do notável escritor. Em consequência da divulgação crescente do reconhecimento da qualidade de seus trabalhos, justifica-se, então, a indicação de suas obras tanto para apreciação estética quanto para testes de conhecimento, concursos e vestibulares, por isso, a circulação de resenhas e estudos literários sobre suas obras nas instituições escolares de todo o país, inclusive, de palestras proferidas pelo próprio autor em várias universidades.

É importante citarmos, também, alguns textos acadêmicos que trabalham com a matéria ficcional das obras de Hatoum, fato que confirma a acuidade e a riqueza da

¹ Relato de um certo oriente e *Dois irmãos* (Prêmio Jabuti) e *Cinzas do Norte* (Prêmio Jabuti e Portugal Telecom).

² Relato de um certo oriente (1989) para seis idiomas, com publicações em oito países diferentes; *Dois irmãos* (2000) para oito línguas, com publicações em dez países. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,135376,00.html>>. Acesso em: 15 de nov. de 2007.

³ Entrevista à revista Linguativa, 2002. Disponível em: <http://www.linguativa.com.br/home_entrevista_hatoum.asp>. Acesso em: 28 de novembro de 2006.

linguagem que explora uma gama cultural de grande valor expressivo, contribuindo para que, por meio de um único texto, como é o caso de *Dois irmãos*, várias leituras possam se processar em diversas direções que se complementam, abordando em cada leitura uma nova especificidade que revela a dinamicidade do conteúdo e a multiplicidade de assuntos ancorados ao tema principal e, portanto, as inúmeras possibilidades de se chegar à sua compreensão. São alguns exemplos desses trabalhos com os quais tivemos contato em nossas pesquisas: a tese de doutorado sobre as obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, cuja análise de *Dois irmãos* enfatizou os sentidos da recuperação e da disputa dos espaços íntimos da casa familiar (FREIRE, 2006); a dissertação de mestrado sobre relações entre identidade e memória no romance *Dois irmãos* (CALDEIRA, 2004); o artigo enfocando o regionalismo revisitado nas obras de Hatoum (PELLEGRINI, 2006); o artigo que procura analisar os significados da floresta e da trajetória escolar das personagens principais de *Dois irmãos* (REIGOTA, 2003); o trabalho apresentado no Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais em Coimbra que abordou o espaço e o preconceito nas obras de Hatoum (MARCONDES e TOLEDO, 2004); o trabalho sobre a religiosidade árabe em Milton Hatoum que foi destaque no Seminário Internacional de Ciências das Religiões na UFPB (VILLAR, 2007). Todos esses trabalhos, embora tenham como ponto comum, a obra *Dois irmãos* de Milton Hatoum, apresentam uma focalização específica de acordo com a área para a qual se destina a investigação teórica, determinando tipos diversos de análise acerca do *corpus* em estudo. No nosso trabalho o que nos interessa mostrar em *Dois irmãos* são os efeitos de sentido produzidos no texto pelas paixões que afetam os estados de alma dos dois irmãos, bem como os dos demais membros da família, inclusive dos agregados que mantêm um contato direto com eles.

Partindo do pressuposto de que a leitura de qualquer obra literária tem início na capa do livro, no título e nas ilustrações que antecipam alguns indícios do conteúdo que podem ou não ser comprovados *a posteriori*. Tais recursos são usados para seduzir e, ao mesmo tempo, criar expectativas no leitor em relação ao conteúdo global do texto. Ao leitor cabe o papel de desvendar o texto, por meio de todas as pistas nele inscritas, para extrair-lhe o sentido.

O *corpus* em análise traz como título *Dois irmãos*, o que de certa forma gera expectativas em relação ao conteúdo da obra, pois se pensarmos no numeral dois, ele nos remete a idéia de soma de um mais um, dualidade, companheirismo, cumplicidade, união; e, se pensarmos no lexema irmão, por associação, lembraremos laços sangüíneos, amor fraterno, família. Portanto, o título sugere a idéia de união fraternal.

Também as cores e a ilustração da capa produzem efeitos de sentido. A capa tem como fundo as cores em tons verde e amarelo, sobrepondo-se a esse fundo, margens vermelhas espessas limitam a estampa criando a ilusão de um porta-retratos, cuja suposta fotografia estampada é a de uma única árvore às margens de um rio, ambos contornados na cor branca. O que causa certo estranhamento é a presença de uma única árvore em meio a um grande fundo verde, uma presença solitária que contraria o título, cujo numeral expresso é o dois. Então, a capa do livro já suscita uma indagação.

Depois há a epígrafe de Carlos Drummond de Andrade:

A casa foi vendida com todas as lembranças
 Todos os móveis todos os pesadelos
 Todos os pecados cometidos ou em vias de cometer
 A casa foi vendida com seu bater de portas
 Com seu vento encanado sua vista do mundo
 Seus imponderáveis [...]

Percebemos na epígrafe, a dualidade representada pelos elementos opostos relativos à matéria (casa, móveis) e à emoção (lembranças, pesadelos) que convergem para os valores negativos representados pelos pecados: o bater de portas (rivalidade, agressividade); o vento encanado (aprisionamento, amarras, ressentimentos), a vista do mundo (restrição, egocentrismo); os imponderáveis (irreflexão, imprudência). Nesse sentido, a venda da casa corresponde tanto à ação de se desfazer de um bem material quanto ao sentimento de perda das lembranças ou, ainda, o sentimento de libertação dos pecados cometidos naquele ambiente.

Na seqüência, a página de abertura, que antecede os capítulos, comprova essa leitura que fizemos da epígrafe: Zana, a matriarca da família, teve que deixar a casa, no bairro portuário de Manaus, com todas as suas lembranças, inclusive, com os pecados cometidos naquele lugar, “Meus filhos já fizeram as pazes?” (HATOUM, 2006, p. 10), pois se existia inimizade fraterna, então, houvera também ali discórdia, rivalidade, agressão, ressentimento, irreflexão, ou seja, paixão. Nesse ponto, conseguimos entender as cores que aparecem na capa em tons verde e amarelo, como referência à obra que trata da expressão da nacionalidade brasileira, já que essas cores simbolizam a nossa Pátria por meio da bandeira e, ainda, cuja história é ambientada em Manaus, cidade de referência de nascimento do autor.

Logo no primeiro capítulo descobrimos que se trata de irmãos gêmeos univitelinos, portanto formados de um único óvulo. O prefixo uni- tem por definição um, então, desde o início da fecundação dois fetos já começam a dividir o que era só para um. A antecipação de união começa a ficar ameaçada e, os capítulos que se sucedem, evidenciam a desunião dos gêmeos.

De fato, o enredo tem como centro a história do relacionamento conflituoso de irmãos gêmeos tão iguais na aparência e tão distintos no comportamento: Yaqub, o mais velho, é retraído, dissimulado, calculista, mas também é responsável, estudioso, atento às coisas do mundo; Omar, ao contrário, é boêmio, sedutor, mulherengo, ocioso, agressivo, infrator, alheio a qualquer tipo de responsabilidade, só quer da vida o prazer que ela possa lhe proporcionar. Desde pequenos, a diferença de comportamento é uma agravante da rivalidade entre os gêmeos.

É interessante observarmos que o tema abordado por Hatoum não é nada inusitado, devido às inúmeras produções que já divulgaram o assunto, mas em *Dois irmãos*, mesmo reconhecendo a intertextualidade e a interdiscursividade com produções de outros autores em épocas distintas, Hatoum surpreende-nos com tamanha criatividade e perspicácia ao abordar um tema que já se acreditava esgotado. Segundo Leila Perrone Moisés (2000), no *Jornal de Resenhas da Folha de São Paulo*, Hatoum foi corajoso ao escolher esse tema:

O tema dos gêmeos, semelhantes ou dessemelhantes, amigos ou inimigos, opostos ou complementares, tem sido fartamente explorado em todos os tempos e todas as culturas e, na nossa, em todos os gêneros, do mito ao folhetim. Desde os míticos Dióscuros gregos, passando por Esaú e Jacó (da Bíblia e de Machado de Assis) ou os “Irmãos Corsos”, de Alexandre Dumas, até chegar ao cinema e às novelas de televisão, variando do tom mórbido ao caricato, os gêmeos pareciam ser um tema ficcional esgotado. Ora, Hatoum soube revigorá-lo de maneira original. (MOISÉS, 2000, grifo da autora)

O fato de associar *Dois irmãos* com diversos tipos de textos nos leva a observar a dimensão universal da literatura, conciliando: o sagrado e o profano, a identidade e a diferença, o prazer e a dor. A história da rivalidade entre irmãos, tomando por base os textos Bíblicos⁴, nos quais o discurso fundador revela as paixões que afloram dos relacionamentos fraternos, coloca em evidência a diferença de comportamento dos sujeitos, a concorrência e a

⁴ A história de rivalidade entre dois irmãos intertextualiza as passagens Bíblicas de Abel e Caim (GÊNESE, 4:1-16), filhos de Adão e Eva e a de Esaú e Jacó (GÊNESE, 25: 19-34), filhos de Isaac e Rebeca.

competição na busca por seus interesses e o papel da mãe que interfere na relação com a finalidade de privilegiar um dos filhos. Assim, também acontece no romance de Machado de Assis, *Esaú e Jacó*, que é “referência central para *Dois irmãos*” (PIZA, 2001). Esse mesmo escritor, em matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo, fala de intelectuais de outros países e nacionais que influenciaram Hatoum, entre eles cita as influências nacionais de Raul Pompéia, com a ficção urbano-intimista; Euclides da Cunha, a prosa natural-épica; Pedro Nava, pelo memorialismo; e Machado de Assis, a análise do comportamento humano. Comparando o estilo de Hatoum com o de Machado, o escritor diz:

[...] em Machado a história dos dois gêmeos, Pedro e Paulo, é tomada como conflito de duas ideologias, a monarquia e a República. [...] Em dois irmãos, os gêmeos não encaram diferenças ideológicas, mas antes comportamentais [...] Hatoum não tem o humor de Machado, mas deriva diretamente do estilo machadiano em sua capacidade de observar o comportamento humano em suas minúcias escamoteadoras. Poucos autores brasileiros conseguiram ser machadianos sem serem imitadores de Machado. (PIZA, 2001)

Nessa lógica, a análise do comportamento dos gêmeos é de substancial importância no estudo das paixões não podemos negar, pois é por meio da observação da variação contínua dos seus estados de alma que conseguiremos verificar os efeitos de sentido produzidos nos textos que nos permitem reconhecer e analisar as paixões. Inicialmente, na infância, percebemos pelos comportamentos, atitudes e maneira de ser dos gêmeos que Yaqub desejava ser como Omar, por isso ele era afetado pela emulação; já Omar era invejoso, pois sentia prazer em impedir que Yaqub conseguisse as vantagens que possuía para não ter que competir com ele, ou seja, enquanto Yaqub procura no irmão a sua identificação, Omar luta para manter o que os diferencia.

Mas devemos também considerar que esses comportamentos são, na maioria das vezes, estimulados pela mãe que, ao dedicar um zelo excessivo ao filho caçula, imputa ao mais velho o sentimento de rejeição: seja na infância, deixando-o aos cuidados de Domingas; seja na adolescência, mandando-o para o Líbano; seja com sua volta, fazendo-o sentir-se um deslocado em casa. Já o pai, sentindo carência dos afetos da esposa, revolta-se com o filho protegido pela mãe e dá mais atenção a Yaqub. O apego intenso da mãe com Omar desencadeia, ao longo do romance, a paixão do ciúme, seja ela manifestada pelos gêmeos: Yaqub ao sentir-se rejeitado pela mãe, Omar por não abrir mão da exclusividade do afeto materno; seja manifestada pelo pai: Halim sofre com o desprezo da esposa que só tem olhos

para o filho caçula; seja manifestada pela mãe: Zana não admite a idéia de dividir Omar com outra mulher.

A possessão da mãe pelo caçula é vista por Luiz Costa Lima (2000), em *A ilha flutuante*, como o núcleo mítico que sustenta a ficção em *Dois irmãos*:

O caçula é “o noivo cativo da mãe”. [...] A figura do “noivo cativo” tem a força prenhe de um mito. Seu destino faz lembrar Dioniso destrozado.[...] Seu antípoda, o rapaz sério, que escapa de Manaus para se tornar um calculista de êxito, também integra o mito: Yaqub volta a Manaus para elaborar o projeto de hotel planejado por mais novo imigrante, que termina por se apossar da casa dos pais. [...] O mito do “noivo cativo” é a viga que constrói o que os filhos de família haviam destruído, como parte de uma estrutura que desconheciam. [...] O mito que cria e fecunda configura um romance que supõe matéria social bem diversa da ficção de Primeiro Mundo. A casa que se destrói conta de uma sociedade absolutamente sem amarras internas, em que repontam poucas ilhas, que se fazem e desfazem. O realmente notável em *Dois irmãos* é a solda da forma alcançada. Forma que se nutre de um núcleo mítico enquanto metamorfoseia em romance. O romance de um mundo flutuante, assediado tanto pela razão calculadora como por afetos desenfreados. (LIMA, 2000, grifo do escritor)

Assim, reconhecemos também que o envolvimento afetivo de mãe e filho é um tema explorado pela Bíblia, pela Mitologia, pela Literatura de todas as épocas em diferentes culturas e, por esse motivo, não deixa de ser um assunto interessante, visto que trata de um assunto que faz parte da condição humana de se relacionar com o outro, portanto, a sua capacidade de sobreviver através dos tempos.

Dessa forma, a condição humana de se relacionar com o outro é marcada muitas vezes pela competição. O lexema competição é definido como: ato de competir, 1. Pretender alguma coisa simultaneamente com outrem; concorrer. 2. Rivalizar com. 3. Ser da competência de. 4. Pertencer por direito; caber, tocar (FERREIRA, 1986, p. 440).

Encontramos nessa definição a síntese do conflito dos dois sujeitos, a própria definição se encarrega de instaurar no ato competidores, sujeitos que percorrem caminhos paralelos, enfrentam-se, provam suas competências e, por isso, recebem suas recompensas. Assim é que em *Dois irmãos*, os sujeitos ao buscarem interesses que se chocam, tornam-se suscetíveis em manifestar as suas paixões, paixões que colocam em jogo a superioridade de um e a inferioridade do outro e, que desencadeiam relações complexas que levam os sujeitos aos extremos, como por exemplo: de um lado, Omar explode com sua cólera contra Yaqub; do outro lado, Yaqub revida os danos causados por Omar com uma vingança implacável.

Se o relacionamento dos gêmeos era marcado pelo conflito, o relacionamento deles com a irmã, Rânia, era mesclado pela sedução e por um sensualismo que beira a relação de incesto. Rânia vê nos dois irmãos o conjunto de todas as qualidades que gostaria de encontrar em um homem, como não encontrou esse homem ideal, ficou solteirona, assumiu os negócios da família, cuidou da mãe até a morte, manteve-se imparcial na briga dos irmãos, mas não perdoou a vingança de Yaqub. A imparcialidade de Rânia nos embates entre os irmãos conferem a ela uma participação menos questionada no romance, pois em momento algum ela se rebela com a mãe por manifestar a preterição ao Omar; como caçula da família, também não manifesta um comportamento típico de filho caçula mimado pelos pais; pelo contrário, é uma mulher forte e decidida que se torna a provedora do sustento da família, assumindo os negócios do pai que já velho não tinha mais condições de continuar à frente dos negócios. A caçula da família assume as responsabilidades que deveriam ser dos filhos mais velhos.

Já a participação de Domingas é mais dinâmica, isso porque se vê dividida o tempo todo entre duas relações que solicitam dela uma decisão pessoal e, que ela na sua condição humilde de descendente de índios, órfã que mora de favor na casa dos patrões, não consegue tomar uma atitude entre: o desejo de ser livre e o trabalho cativo sem remuneração; revelar o segredo da paternidade ao filho ou calar a desonra de Omar. Essas relações estão intimamente ligadas aos gêmeos, visto que ela não consegue se libertar daquela família, porque nutre por Yaqub afeição de mãe postiça e, não revela o segredo da paternidade ao filho, porque não tem coragem de cobrar de Omar que repare o erro, assumindo o filho. A relação de Domingas com aquela família constitui-se como denúncia social de exploração de trabalho sem remuneração e abuso sexual de patrão com empregada, por isso, não podemos deixar de observar que a obra de Hatoum se presta a esse papel: o de denunciar o preconceito social e racial em nosso país. O próprio autor revela na matéria com Daniel Piza (2001): “A mestiçagem em si é boa”, diz, “mas não deve ser colocada em primeiro plano. Mestiçagem com desigualdade brutal não é salvação de nada”. Por isso, gostaríamos de ressaltar que a desigualdade social e o preconceito racial identificados no romance não são o nosso foco central, mas também não podemos ignorá-los, uma vez que estão presentes no texto e são fontes significativas de manifestação patêmica senão de Domingas, por sua inação, de seu filho, Nael, que ao narrar a história da qual também participa, deixa marcas de seus afetos e desafetos no texto.

Dentro desse enfoque, Nael, o filho bastardo de Domingas com Omar, é o narrador da história que, na tentativa de descobrir suas origens, junta os retalhos das histórias

contadas a ele pela mãe e por Halim, mais a observação dos acontecimentos a que assistiu e dos quais também participou, reconstruindo, depois de trinta anos, o passado daquela família que também era o seu passado. Assim, constatamos em *Dois irmãos* um conflito com a presença do outro, que ora se manifesta como narrador/enunciador, ora como narratário/enunciatário.

Interessa-nos salientar que, Nael embora mantendo certo distanciamento da matéria narrativizada, primava por ser fiel aos acontecimentos, mas escapando-lhe algo, a imaginação inventava. Nesse sentido, observamos que o narrador, ao mesmo tempo em que relata a história, participa dela deixando transparecer o seu envolvimento afetivo, como nas várias vezes que tenta descobrir qual dos gêmeos é seu pai, manifestando aversão por Omar e admiração por Yaqub, ou ainda, desejando não ser filho de nenhum dos dois, porque eles se equivaliam em periculosidade, apesar de se identificar com Yaqub, ao revelar o desejo de se vingar da humilhação que Omar causou a ele e à sua mãe: “Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos” (HATOUM, 2006, p. 196).

Esse envolvimento patêmico do narrador pode ser também observado nas palavras de Piza (2001, grifo do escritor): “Escrevendo tanto tempo depois (“o futuro, essa falácia que persiste”), o narrador conta as histórias, mas também sofre com elas, expõe seus sentimentos ambíguos quanto aos gêmeos, luta para manter o barco em águas tão turbulentas, serpenteia entre a passionalidade de Omar e o racionalismo de Yaqub”. Só não concordamos com ele em um ponto crucial, Yaqub não é racional, ele é tão ou mais passional que Omar. A diferença deles está no fato de Omar ser impulsivo e manifestar as suas paixões no calor do momento; Yaqub, não, pois soube suportar o ressentimento calado e esperar o momento certo para se vingar.

Outra qualidade do romance, de acordo com Leila Perrone Moisés, é a construção da narrativa esteada no segredo e no anúncio. Sobre esse enfoque, ela afirma:

O narrador é detentor do segredo, parte integrante dele, e testemunha de uma história que implica todas as personagens. Temos, assim, um triplo segredo. O primeiro, é a própria identidade do narrador, que só se revela na pág. 73. O segundo, levado até o fim do livro, através de indícios ambíguos, é o de sua origem paterna. O terceiro segredo é oriundo na própria trama narrativa, pelos anúncios de um desenlace que só conhecemos nas últimas páginas. (MOISÉS, 2000)

Ao ter em vista esses comentários, não podemos deixar de relacionar o segredo e o anúncio com a projeção temporal do romance, num ir e vir que privilegia sempre o tempo retroativo, reconstruído pela memória do seu narrador, cujo desejo ao usar as palavras é o de revelar por meio da escrita todos os segredos e paixões que fizeram parte daquele conflito fraternal.

Em *Dois irmãos*, a história se passa entre o período da Segunda Guerra Mundial até os anos da Ditadura Militar, dois períodos marcados por combates e conflitos, portanto bastante significativos para a temática abordada. Porém, em nossas análises abordamos apenas a ligação de Omar com o professor e poeta Antenor Laval, preso por tropas do exército e assassinado na prisão por envolvimento com o Comunismo.

Não podemos deixar de mencionar também as transformações sofridas pela capital, nesse ínterim, com o desenvolvimento do comércio e da indústria, a Zona Franca de Manaus, representada no romance pela figura do estrangeiro Rochiram, que teve um papel relevante no conflito entre os gêmeos, pois foi por intermédio dos seus negócios que Omar manifestou a sua cólera contra Yaqub, e Yaqub desfechou a sua vingança contra Omar.

Nesse sentido, tempo e espaço caminham juntos. É o que comprovamos no comentário abaixo:

O tempo “faz alguém humilde, cínico ou cético”, comenta o narrador. Testemunha e coadjuvante do passado, esse narrador não é (pelo menos não agora, no presente texto) nem humilde nem cético nem muito menos cínico. É um escritor: alguém capaz de transformar vivência em experiência pelas vias da memória e da palavra. Mas a memória guarda distinções: escapa sempre ao exotismo, assim como faz o que pode para escapar ao regionalismo. [...] Que esse romance continue sendo um livro amazonense é uma escolha, não uma fatalidade. (NESTROVSKI, 2000)

Por esse comentário, chegamos ao que nos interessa abordar sobre o tempo, o espaço e os sujeitos envolvidos no discurso, eles são marcados no texto pelo narrador/enunciador que projeta na enunciação o (eu/aqui/agora), o discurso em primeira pessoa em oposição ao (ele/lá/então), o discurso em terceira pessoa e, ainda, o discurso direto que implica a responsabilidade do que é dito aquele que o diz. E, esse narrador que também é escritor tem a competência, é alguém que sabe o que faz e, por isso, com essas projeções cria no texto os efeitos de referência, realidade e verdade do discurso.

Vem de encontro ao que foi dito as palavras de Manuel da Costa Pinto (2000) acerca de uma transcrição de debate sobre a literatura contemporânea, em que a questão mais

polêmica foi a que enfocou a excessiva preocupação de muitos escritores com a representação da realidade social e política do país. Segundo esse colunista da Folha, Bernardo Carvalho e Milton Hatoum defenderam a idéia de literatura como expressão de um universo pessoal e Marçal Aquino e Luiz Ruffato afirmaram uma literatura que parte da realidade. Então, o escritor conclui:

A rigor, entretanto, poderíamos dizer que essa é uma falsa dicotomia. Mesmo correndo o risco de chover no molhado, é bom salientar que literatura sempre é identidade e diferença, ou seja, parte do real e da linguagem pela qual ele se reproduz para atingir, por meio das mediações da palavra poética, uma verdade ficcional que o amplia, critica e relativiza. Tanto faz que esse “real” seja mais subjetivo ou mais objetivo, que esteja na memória familiar, nos fantasmas da infância ou na sujeira das ruas. (PINTO, 2000, grifo do escritor)

Assim, preferimos falar em efeito de realidade e de verdade do discurso ficcional que podem ser verificados no texto pelas marcas que o narrador deixa nele.

Voltando à questão do regionalismo citado por Nestrovski (2000), enquadrar a obra de Hatoum como regionalista é uma questão também bastante polêmica. Há aqueles que o fazem, como Jatobá (2004): “Sua ficção transita dentro da tradição regionalista tão agressivamente transformada por Rosa _ ele se preocupa essencialmente com o subjetivo, em buscar a linguagem dos sentimentos, e não com a carga anedótica, com as peripécias”. Mas há também os que preferem falar em caráter multicultural, porque o romance contextualiza o espaço físico da portuária cidade de Manaus, habitada por mestiços, viajantes e imigrantes árabes, deixando fluir na narrativa os efeitos dessa aculturação na formação da cultura amazônica. Os comentários de Álvaro Kassab (2001), no Jornal da Unicamp, reafirmam essas especificidades da obra de Hatoum:

Hatoum joga todos os dados no tabuleiro da profusão de imagens e sensações caudalosas que marcam sua vida. Transforma-se no mercador da bela prosa poética, no mascate cuja embarcação permanece atracada no cruzamento de culturas tão díspares quanto coexistentes. De sua mala saem vozes da tradição oral milenar oriental, cânticos de tribos perdidas no paraíso perdido, sons emitidos por curumins na selva, falas de judeus marroquinos estabelecidos na província. De suas histórias brotam os conflitos da família árabe, as lendas amazônicas, irrompem os caboclos. O escritor funde carneiro e arara, tanga e túnica, cedro e jacareúba, narquilé e tabaco de corda, tucum e jasmim, cunhantãs e maritacas, mediterrâneo e amazônico. Hatoum espalha um punhado de zatar no Rio Negro.

Reconhecemos na obra de Hatoum esse caráter multicultural: a família de Zana e Halim, descendentes de imigrantes sírio-libaneses; os agregados da casa, mestiços; Rochiram, o indiano; entre outros. Que a riqueza de costumes, de linguagem e de histórias emaranhadas no enredo é uma característica importante da obra de Hatoum não é nosso objetivo desmerecê-la, mas há algo além da influência dessas culturas que salta aos nossos olhos e, esse algo é o efeito de sentido produzido pelas paixões que irrompem a todo o momento no texto.

Apesar de todo o reconhecimento da crítica sobre o qual citamos aqui alguns comentários, Leila Perrone Moisés (2000), embora também apresente várias qualidades em *Dois irmãos*, não deixou de mostrar um defeito no andamento da trama:

Conduzida com maestria por mais de 200 páginas, no fim do livro o andamento da trama começa a girar em círculo, com idas e vindas das personagens (até dos mortos, na memória do narrador), e excesso de motivações, no caso de Omar (implicações políticas somadas às psicológicas). Parece-me que a trama ganharia mais intensidade sem essas complicações finais. Mas esse pequeno defeito não prejudica a força total do romance. (MOISÉS, 2000)

Acreditamos que isso que a escritora chama de defeito, se deve, no fim do romance, à manifestação quase que simultânea das paixões de Omar (cólera), de Yaqub (vingança), assim como essas paixões afetam o narrador. Desse modo, essas idas e vindas das personagens bem como o excesso de motivações, citados pela escritora, tem ligação com a oscilação da tensão do narrador, a sua sensibilização ao relatar os fatos.

Ainda nessa perspectiva do fim do romance, vemos que a família foi desfeita pelas mortes de alguns de seus integrantes (Halim, Zana, Domingas) e pelo distanciamento que os conflitos provocaram naqueles que continuaram vivos. Retornamos, então, à indagação inicial suscitada pela capa do livro, pois agora temos condições de tentar desvendar a representação de uma única árvore contornada pela cor branca, supostamente exposta em um porta-retratos emoldurado pela cor vermelha. O que conseguimos entender é que a árvore representa cada um dos membros da família que solitários conseguiram encontrar a paz, representada pela cor branca, já que o convívio entre eles trouxe tanta desavença. O fato de estar em um porta-retratos cuja moldura é vermelha, remete-nos à idéia de que a vida de cada

um deles ficou marcada na memória, representada pelo porta-retratos, pelos conflitos dos gêmeos, que causaram sofrimento e violência, representados pela cor vermelha da moldura.

Por tudo o que apresentamos, *Dois irmãos* se constitui um excelente *corpus* para a análise das paixões como manifestação de efeitos de sentido inscritos nos textos. É assim que esperamos mostrar como no relacionamento dos dois irmãos afloram várias paixões que afetam não só o estado de alma desses sujeitos, mas também dos outros sujeitos que se relacionam com eles.

2 METODOLOGIA

A pesquisa científica impõe ao pesquisador um contato direto com a produção específica de cada área investigada. Ao pesquisador cabe a responsabilidade de refletir, observar, experimentar e aplicar o método em um determinado *corpus*. Como a produção científica não é estanque, faz-se necessário buscar a fundamentação teórica nos estudos já desenvolvidos, para assim proceder à investigação e à validação do método utilizado. Essa é com certeza a justificativa primordial para a existência do capítulo teórico: reunir os pontos mais relevantes da teoria, que é bastante abrangente e complexa, delimitando os aspectos que foram utilizados para o desenvolvimento do trabalho.

Uma segunda justificativa que apresentamos é a de mostrar e comprovar a eficácia e a coerência de uma teoria que empreende a busca da significação nos textos, cujos efeitos de sentido devam estar inscritos neles como possibilidades, assim, privilegia-se o estudo dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, embora a interdiscursividade seja também valorizada.

A partir do momento em que é possível mostrar e comprovar a pertinência do método de pesquisa, trabalhar a teoria é também divulgar a sua importância e a sua contribuição para o desenvolvimento das ciências da linguagem, uma área tão valorizada pela sociedade moderna.

Enfim, a escolha metodológica de qualquer projeto de pesquisa é a diretriz que norteará não só um trabalho de conclusão de curso, mas, com certeza, a opção cristalizada, em face ao crivo de opções apresentado, que qualificará o pesquisador e o conduzirá na incessante busca do conhecimento a respeito de uma produção científica que não pára de crescer.

Diante dessas perspectivas abordadas, esboçaremos a metodologia de aplicação da *Teoria Semiótica Greimasiana*, especificamente no que se refere à *Semiótica das Paixões*, um estudo interessante e envolvente que, por isso mesmo, não esgotou a curiosidade dos grandes pesquisadores que continuam investigando novas formas de adesão do conhecimento sobre o assunto.

Dessa maneira, este capítulo será dividido em três partes, não com o objetivo de fragmentar e particularizar as partes, mas por uma questão prática que tornará a exposição menos redundante e complexa. Na primeira parte, mostraremos a ligação da semiótica com a retórica, no que diz respeito ao caráter argumentativo e persuasivo da linguagem, a efetiva participação do **outro**, principalmente, no estudo das paixões: os efeitos de sentido passionais que emergem da relação dos sujeitos envolvidos no processo de comunicação. Na segunda, traçaremos um esboço dos principais pontos da teoria semiótica geral utilizados como fundamentos pela semiótica das paixões, fazendo o recorte teórico do que será aplicado no *corpus* literário em estudo. Na terceira, trataremos, especificamente, da configuração das paixões, como elas são reconhecidas, observadas e organizadas nos esquemas canônicos, que nos permitem analisar os efeitos de sentido que elas produzem e homologam nos textos.

2.1 A RETÓRICA E A SEMIÓTICA

A teoria semiótica fundada sob o princípio da imanência, visando à análise textual com o objetivo de descrever e explicar a significação por meio das regularidades inscritas no interior do texto, manteve-se um pouco distante da retórica, por essa disciplina enfocar a dimensão jurídica da argumentação, abrindo espaço para o papel do auditório na apreensão da significação.

Mesmo privilegiando a análise da significação inscrita nos textos, a semiótica restabeleceu uma relação com a retórica devido à necessidade e à emergência do estudo das ciências da linguagem na sociedade moderna (BERTRAND, 2003, p. 400). Como nos mostram estudos mais recentes, como é caso do estudo da semiótica das paixões, a interpretação dos efeitos de sentido que afloram nos textos depende da relação entre os interlocutores. Assim, duas perspectivas da teoria retórica devem ser consideradas: a primeira, no que diz respeito ao discurso persuasivo, que na semiótica se define como o fazer persuasivo; e a segunda, no que se refere à interação, o envolvimento do outro na relação.

Se as duas teorias têm pontos convergentes, elas também se diferem em algumas questões, como é o caso em retórica da contingência da palavra e do domínio da verdade; em contrapartida, na semiótica, a significação deve estar inscrita no texto como possibilidade, sendo que o domínio é o da lógica, que se define pela comprovação dos efeitos

de verdade instalados no discurso, sempre suscetíveis de serem analisados e confirmados nos textos pela veridicção.

Levando em conta o que as duas teorias têm em comum, mostraremos algumas abordagens feitas em *Retórica das paixões*, de Aristóteles (2000), que consideramos pertinentes evocar para o nosso estudo das paixões.

Michel Meyer (2000, p. XXXV), na introdução à *Retórica das paixões*, define a paixão como: “o lugar do Outro, da possibilidade diferente do que somos afinal; o individual por oposição ao universal indiferenciado. A paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro”. Dessa forma, observamos que a retórica se ocupa das oposições, o sujeito só se reconhece em oposição à relação do que o outro representa para ele.

Tal situação confirma o saber do sujeito ao compartilhar uma busca simultânea com outro sujeito, revelando uma diferença ou uma identidade que, segundo a vontade desse sujeito de busca, poderá ser mantida, aumentada ou diminuída, o que corresponde em fazer saber ao outro as suas diferenças. “Identidade e diferença, supostas ou reais, eis o que na verdade parece governar a estrutura aristotélica das paixões” (MEYER, 2000, p. XLIX).

Mas ao empreender a busca por um objeto inserido em comunidade, na interação entre os sujeitos, ao lado da paixão instala-se a ação, assim sendo, a existência das paixões está intimamente ligada à ocorrência da ação. Segundo Meyer (2000, p. XLVII, grifo do autor), “as paixões são ao mesmo tempo modos de ser (que remetem ao *ethos* e determinam um caráter) e respostas a modos de ser (o ajustamento ao outro). Daí a impressão de que as paixões nada têm de interativo, sendo somente estados afetivos próprios da pessoa como tal”. O problema que decorre dessa confusão é justamente o de dar a impressão de que uma paixão tem como resposta uma outra paixão, sendo que a paixão resposta deve ser entendida como uma resposta à forma como são tratados os sujeitos e, não, somente como resposta passional, como exemplo o autor cita: “a calma, por exemplo, não é a indiferença às paixões, mas antes uma resposta à maneira como nos tratam” (2000, p. XLVII).

É interessante observamos a função epistêmica da paixão, do ponto de vista do logos, a lógica da retórica é a identidade e a diferença, portanto a paixão exprime a diferença no sujeito, a sua individualidade; mas do ponto de vista das relações entre pessoas, a lógica da retórica é a da distância e da proximidade, por isso a paixão exprime a distância entre os sujeitos, confirmando a superioridade de um sujeito em relação ao outro. Assim, a paixão produz um conjunto de imagens mentais: a imagem que o sujeito tem de si mesmo e a

imagem que ele tem do outro, pelas ações que esse outro dirige a ele (prazer/sofrimento) (MEYER, 2000, p. XLII).

De acordo com as idéias aristotélicas, se as paixões sensibilizam o homem pelo prazer e pelo sofrimento, então elas poderão ser respostas, desde que sejam moralizadas da mesma maneira, como podemos confirmar pelo texto:

Mas, para Aristóteles, se as paixões estão intimamente associadas ao prazer e ao sofrimento – por conseguinte, ao apetite sensível, o qual é flutuante e por isso desestabiliza o homem –, um exercício moral e socializado de nossas disposições poderá fixá-las com vistas a fins idênticos.[...] Reequilíbrio que assegura a constância na variação multiforme que o Outro assume em sociedade, a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o Outro é, pelo exame do que o Outro é para nós. Lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é o momento retórico por excelência. (MEYER, 2000, p. XXXIX - XL)

Concebida dessa forma, a paixão é ao mesmo tempo o problemático do discurso e a sua solução, pois ela é a relação com o outro que nos questiona, mas também a resposta que essa relação implica.

Portanto, a identidade e a diferença entre os sujeitos indicam e determinam as suas paixões. Nesse sentido, mostraremos como essa abordagem retórica pode ser pertinente ao estudo das paixões neste trabalho.

Das quatorze paixões trabalhadas por Aristóteles, três delas fazem parte das paixões que identificamos no *corpus* literário em análise, são elas: a emulação, a inveja e a cólera. O que a Retórica expõe sobre essas paixões que nos permitiu associá-la ao estudo da semiótica das paixões pode ser observado em alguns aspectos: as características de cada paixão, em que disposições os sujeitos são afetados pelas paixões; em relação a quem eles se mostram apaixonados; quais os objetos visados pelos apaixonados; e por quais razões eles manifestam essas paixões.

Dessa forma, a emulação e a inveja são paixões próximas, por isso, a abordagem dessas duas paixões é feita por comparação, o autor apresenta as suas semelhanças e diferenças.

Aristóteles (2000, p. 71), caracteriza a emulação como um certo pesar pela presença manifesta de bens valiosos que pertencem a um outro, mas não por pertencerem a outro e, sim, porque não lhes pertencem também; portanto, são inclinados à emulação os que

se julgam dignos de bens que não possuem, sendo-lhes possível adquirir; a disposição de quem compete é a de obter esses bens.

O autor complementa que a competição é um sentimento digno e próprio de pessoas dignas, pois ninguém deseja o que é impossível e, por essa razão, os jovens e os magnânimos manifestam tais sentimentos em relação a homens honrados, dignos dos bens que possuem. Esses bens, citados pelo autor, são muitos: a riqueza, os amigos, cargos públicos, as virtudes, a coragem, a sabedoria, a autoridade, a beleza, a saúde, enfim, os homens elogiados, reconhecidos pela sociedade como benfeitores.

Por serem paixões próximas, a emulação e a inveja apresentam um aspecto em comum: ambas se dirigem para os iguais. Para Aristóteles, embora as duas paixões se dirijam para os iguais, elas apresentam razões diferentes de manifestação: enquanto na emulação o sujeito apaixonado quer imitar o outro; na inveja, o apaixonado quer tirar o que o outro possui. Para ele, essas reações tendem a prolongar a simetria ou criá-la, uma vez que a inveja deseja gerar a diferença, a emulação, a identidade.

No capítulo 10, destinado ao estudo da inveja, a paixão é caracterizada como um certo pesar pelo sucesso dos semelhantes, Aristóteles esclarece quais pessoas são capazes de sentir essa paixão:

Tais pessoas, com efeito, sentirão inveja das que são iguais a elas ou parecem sê-lo. Chamo iguais aos semelhantes em nascimento, parentesco, idade, hábitos, reputação e bens. São igualmente invejosos aqueles a quem pouco falta para possuírem tudo (por isso os que fazem grandes coisas e os felizes são invejosos), pois crêem que todos tentam arrebatá-lo o que lhes pertence. E os que obtêm distinções especiais por alguma razão, principalmente por sua sabedoria ou por sua felicidade. Também os ambiciosos são mais invejosos que os homens sem ambição. E aqueles que se julgam sábios, porque são ambiciosos do saber. E, em geral, os que ambicionam a glória em vista de uma coisa, são invejosos relativamente a essa coisa. Igualmente os de espírito mesquinho, pois tudo lhes parece grande. (ARISTÓTELES, 2000, p. 67)

Como se tem inveja dos semelhantes, o fragmento acima define conjuntamente os invejosos e os invejados. Mas o autor ainda reitera a definição das pessoas das quais se têm inveja: “[...] invejam-se os que estão próximos pelo tempo, lugar, idade, fama [e nascimento]” (ARISTÓTELES, 2000, p. 69).

É importante nos ater à idéia de proximidade, principalmente, no que diz respeito ao nascimento, cuja citação de Esquilo é usada por Aristóteles (2000, p. 69): “Porque a parentela sabe também invejar”, vem de encontro ao nosso *corpus*, pelo grau de

proximidade dos irmãos gêmeos, os dois sujeitos, cujos estados de alma são afetados por várias paixões.

Se a proximidade deve ser considerada, a distância tem que ser descartada, uma vez que não se pode invejar quem está distante. Da mesma sorte, essa distância não pode ser muito desproporcional em relação às aspirações, como cita Aristóteles (2000, p. 69): “Também o oleiro [inveja] o oleiro”, para que a inveja se manifeste, os concorrentes na competição devem ter mais ou menos as mesmas aspirações, por isso, a competição não acontece quando a inferioridade ou a superioridade de um dos competidores for muito acentuada.

Nesse sentido, os objetos que despertam a inveja, segundo o autor (2000, p. 67), são os que desejamos ou acreditamos que deveriam nos pertencer, cuja aquisição aumenta um pouco nossa superioridade ou diminui um pouco nossa inferioridade.

Contudo, o sentimento provocado pela inveja, de acordo com Aristóteles (2000, p. 69), da mesma forma que faz sentir pesar por não possuir o que o outro tem, incita a alegria ao impedir que o outro os possua, sendo, portanto, pouco provável que a inveja promova a comunhão: “[...] a inveja é vil e peculiar aos espíritos vis [...]” (ARISTÓTELES, 2000, p. 71).

Se a emulação e a inveja se dirigem para os iguais, a cólera se dirige a alguém que supostamente mostra-se superior, por isso, suscita um distanciamento, um aumento da diferença, uma ruptura de identidade.

Aristóteles, em sua Retórica, dá ênfase ao estudo da cólera pelo fato dessa paixão encontrar-se na dependência da lógica da identidade e da diferença, que é a característica da relação retórica. Não existe um estudo à parte para a paixão da vingança, essa paixão, assim como na semiótica das paixões mantém-se uma certa relação com a cólera, mas com uma diferença: na Semiótica¹, a vingança se desenvolve no mesmo esquema canônico da cólera, mas como uma variante do dispositivo, que não chega a última fase, a da explosão final; na Retórica, Aristóteles não dá um destaque para a vingança, o que nos permite observar, em certos momentos, a cólera com as mesmas características da vingança.

Entendemos que isso é possível, uma vez que as duas paixões mantêm entre si certa relação, mas não pudemos deixar de fazer aqui estas colocações, visto que o nosso objeto de estudo é a semiótica e, por isso, temos o conhecimento de que embora essas paixões

¹ FONTANILLE, J., DITCHE, E. R., LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraire*. França: Belin, 2005.

apresentem aspectos comuns, elas se diferem em algumas particularidades, produzindo efeitos de sentido bastante distintos.

Para Aristóteles, a cólera é o reflexo de uma diferença entre aquele que se entrega a ela e aquele ao qual ela se dirige, ou seja, a cólera é um brado contra uma diferença imposta, “injusta” ou como tal sentida (MEYER, 2000, p. XLIII). As pessoas se encolerizam quando se sentem desprezadas por quem se julga superior a elas, portanto, o autor cita como exemplo aqueles que possuem a riqueza, a juventude, a beleza, a saúde, a sabedoria, o poder, enfim, as virtudes.

Com efeito, o desgosto e a perturbação que sentem as pessoas encolerizadas acontecem devido ao fato de elas serem contrariadas, privadas de realizarem os seus desejos e, ainda mais, quando as suas inferioridades são expostas perante aqueles que acreditavam no contrário. A cólera é, então, para Aristóteles, o desejo acompanhado de tristeza dirigido a um indivíduo em particular que tenha manifestado desprezo por algo que diz respeito a uma pessoa, sem que esse desprezo seja merecido.

Quando esse mesmo autor afirma que “[...] a toda cólera se segue certo prazer, proveniente da esperança de vingar-se [...]” (2000, p. 7), percebemos a diferença entre a Retórica e a Semiótica no estudo da cólera. Na seqüência, é importante considerarmos as palavras de Aristóteles:

E também aquele que ultraja despreza; com efeito, o ultraje consiste em fazer ou dizer coisas que causam vergonha à vítima, não para obter uma outra vantagem para si mesmo, afora a realização do ato, mas a fim de sentir prazer, pois quem paga na mesma moeda não comete ultraje e sim vingança. A causa do prazer para os que ultrajam é pensarem que, ao fazer o mal, aumenta sua superioridade sobre os ultrajados. (2000, p. 9)

O motivo que nos leva a considerar essas colocações é que elas se encaixam perfeitamente no estudo da paixão da vingança e, não, no da cólera.

Da mesma forma, são interessantes as explicações sobre o desejo de vingança apresentadas no prefácio da *Retórica das paixões*, por Meyer:

Daí o desejo de vingança: a cólera reequilibra a relação proveniente do ultraje, da afronta, do desprezo. A imaginação se exprime no propósito da vingança. *Apresenta* o problema resolvido e, com isso, satisfaz quem se entrega a ela ao mesmo tempo que é por ela determinado. A cólera parece pressupor a possibilidade dessa

vingança, presumindo-se então que o ofensor não é ele próprio tão poderoso quanto acreditava ser. A cólera é, pois, uma paixão que assenta num erro de julgamento de outrem sobre si mesmo (portanto, sobre nós), julgamento que lhe queremos provar ser errôneo. (2000, p. XLIII, grifo do autor)

Por essas colocações de Meyer sobre as idéias defendidas por Aristóteles, fica evidente para nós a distinção de abordagem entre a Semiótica e a Retórica: enquanto esta defende a cólera como uma paixão que reequilibra a justiça; aquela mostra que essa peculiaridade é da paixão da vingança, por um princípio de reciprocidade de danos. Na abordagem semiótica, a cólera irrompe numa explosão agressiva, por isso, essa explosão agressiva justifica uma tensão diferente entre a cólera e a vingança: a cólera evidencia a explosão e a intensidade; a vingança, a quantidade e a eficácia (FONTANILLE et al., 2005, p. 71).

Como já foi visto, as duas teorias apresentam diferenças, mas também apresentam pontos comuns. Um outro exemplo de convergência entre elas é o reconhecimento de que a cólera aparece como consequência e sob o controle de uma outra paixão: “[...] cada um é levado pela paixão presente a um gênero particular de cólera [...]” (Aristóteles, 2000, p. 11).

Depois da exposição que fizemos sobre as idéias defendidas pela Retórica que consideramos válidas para o estudo das paixões na Semiótica, compreendemos que cada teoria apresenta especificidades próprias devido ao campo para o qual se voltam as linhas de pesquisa, embora esse fato não se constitua um limite para a busca do sentido no campo abrangente que é o do estudo da linguagem.

2.2 SEMIÓTICA GERAL E SEMIÓTICA DAS PAIXÕES

O sentido é para a *semiótica* o seu objeto de análise, o que a denomina uma teoria da significação, cujo objetivo é especificar o objeto, explicitando a forma de sua construção, bem como as condições de produção da significação em sua totalidade.

Greimas e Courtés (1979, p. 415) assim definem a Teoria Semiótica²: “a teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido”.

Nesse contexto, a semiótica francesa da qual tratamos aqui, condensou a economia global da teoria semiótica no percurso gerativo do sentido. Com objetivo metodológico, esse percurso foi traçado por Greimas nos fins dos anos 70.

No percurso, os componentes são dispostos uns em relação com os outros, mostrando como se articula a produção do sentido, num processo que vai do nível mais simples e abstrato ao nível mais complexo e concreto, sendo que cada um dos três níveis comporta uma semântica e uma sintaxe próprias.

Bertrand (2003, p. 47), mostra-nos o percurso num quadro simplificado da seguinte forma:

Percurso gerativo da significação

Estruturas profundas	Semântica e sintaxe elementares (quadrado semiótico)
Estruturas semionarrativas	Esquema narrativo (contrato, competência, ação, sanção) Sintaxe actancial (sujeito, objeto, destinador, anti-sujeito; programas narrativos; percursos narrativos) Estruturas modais (querer, dever, saber, poder fazer ou ser e suas negações)
Estruturas discursivas	Isotopias figurativas (espaço, tempo, atores) Isotopias temáticas

Nesse percurso, que tem início no nível das estruturas profundas, observamos que dois termos são dispostos em um mesmo eixo semântico, eles mantêm entre si uma relação de oposição ou de diferenças, por exemplo: vida vs. morte. Esses termos, chamados categorias semânticas, recebem valores positivos ou negativos e são qualificados, respectivamente, como eufóricos ou disfóricos. Em seguida, na sintaxe elementar, esses conteúdos podem ser negados ou afirmados na representação do quadrado semiótico.

No segundo nível, as estruturas narrativas simulam a história do homem em busca de valores, por isso, elas representam contratos e conflitos que marcam os

² Para Greimas e Courtés, o primeiro a propor uma teoria semiótica coerente foi L. Hjelmslev, cuja definição que ele oferece da semiótica é aceita pelos dois autores: “ele considera esta como uma hierarquia (isto é, como uma rede de relações, hierarquicamente organizada) dotada de um duplo modo de existência, a paradigmática e a sintagmática (apreensível, portanto, como sistema ou como processo semiótico), e provida de pelo menos dois planos de articulação - expressão e conteúdo -, cuja reunião constitui a semiose” (1979, p. 411).

relacionamentos humanos (BARROS, 2005, p. 16). Nesse nível, o sujeito é quem opera as transformações narrativas, assim, as determinações tensivo-fóricas, observadas no nível anterior, convertem-se em modalizações: querer/dever/saber/poder/fazer que modificam as ações e os modos de existência do sujeito e também a sua relação com os valores. Dessa forma, dentro dos programas narrativos, conforme a relação do sujeito seja de junção (disjunção = separado; conjunção = conjunto) ou de transformação (passagem de um estado ao outro), o termo resultante dessa relação torna-se um actante da narrativa, podendo assumir em um percurso narrativo vários papéis actanciais³: destinador, destinatário, sujeito, objeto, anti-sujeito.

É importante averiguarmos, contudo, que no nível narrativo, o sujeito passa pelos percursos narrativos da manipulação, da ação e da sanção. Na manipulação⁴ existe um contrato Destinador/Destinatário que atribui ao sujeito competência necessária à ação. A ação, por sua vez, desdobra-se em dois programas narrativos, o da competência e o da performance do sujeito. Segundo Fiorin (1992, p. 23), na fase da competência, o sujeito que vai realizar as transformações da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer; na performance, a fase em que se dá a transformação, o sujeito que opera a transformação e o que entra em conjunção ou em disjunção com o objeto podem ser distintos ou idênticos. Concluída a performance, chega-se à sanção, quando o sujeito que operou a transformação é julgado e recebe uma recompensa ou uma punição. Sancionado o percurso do sujeito, passa-se à modalização veridictória que, segundo Barros (2005, p. 33), assegura a existência dos sujeitos, ditos verdadeiros (parecem e são), falsos (não parecem e não são), mentirosos (parecem e não são), ou secretos (não parecem e são). E, ainda, essas modalizações do sujeito podem ser sobre determinadas pelas modalizações epistêmicas da certeza ou da dúvida: afirmado ou recusado, admitido ou posto em dúvida.

Por último, no nível discursivo, o mais complexo e concreto, o enunciado projeta na enunciação⁵ os atores, o espaço e o tempo, essas projeções actoriais, espaciais e temporais dão origem a duas operações que são a debreagem e a embreagem. Desse modo, os

³ V. Propp ao estudar a morfologia dos contos maravilhosos russos define as personagens pelas funções que elas desempenham em suas esferas de ação, Greimas estabeleceu os papéis actanciais reduzindo a lista das personagens definidas por Propp.

⁴ São quatro os tipos de manipulação do sujeito: **provocação** - o Destinador cria a imagem negativa do Destinatário e leva-o a DEVER-FAZER; **sedução** - o Destinador cria imagem positiva do Destinatário e leva-o a QUERER-FAZER; **intimidação** - o Destinador oferece valores negativos ao Destinatário e leva-o a DEVER-FAZER; **tentação** - o Destinador oferece valores positivos ao Destinatário e leva-o a QUERER-FAZER.

⁵ Os estudos de Benveniste sobre a enunciação foram de grande relevância para a semiótica, visto que o homem se constitui na e pela linguagem: "O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno" (BENVENISTE, 1989, p. 84).

temas organizam e ordenam os elementos do mundo natural, representados pelas figuras que criam no discurso o simulacro da realidade.

Consideramos indispensável essa abordagem, mesmo de forma sucinta como o fizemos, porque a *Semiótica das Paixões* se origina desses procedimentos da teoria geral.

A semiótica das paixões surgiu da necessidade de incorporar à semiótica geral o estudo dos estados de alma inscritos nos textos. Como a teoria já explorava a dimensão pragmática, a semiótica da ação, e a dimensão cognitiva, a narrativização dos saberes, então faltava juntar a elas uma dimensão patêmica, cujo objetivo estaria voltado para a proposta de “reduzir a lacuna existente entre o conhecer e o sentir” (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p.22).

Os semioticistas começaram a explorar o estudo das paixões a partir da década de 1980, marcando um divisor de fronteiras a obra de Greimas e Fontanille: *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma* (1993). A semiótica ao desenvolver o estudo das paixões, a dimensão patêmica, procurou ocupar-se das modulações dos estados de alma do sujeito observadas no discurso, sendo assim, o estudo das paixões busca priorizar os efeitos de sentido passionais verificados na linguagem e não como uma análise psicológica dos sujeitos.

Vemos, dessa forma, que a semiótica, ao lidar com as modulações dos estados de alma dos sujeitos, mantém uma estreita ligação com a semiótica narrativa⁶ pela sintaxe modal, embora a focalização do estudo das paixões esteja voltada para a variação contínua da instabilidade dos estados do sujeito. O que nos leva a entender que a semiótica das paixões privilegia a constância e a iteração da manifestação das emoções, ao passo que a semiótica narrativa prioriza a descrição da transformação das ações do sujeito.

De acordo com Barros (2002, p. 61), dois caminhos apresentam-se para o estudo das paixões:

[...] o primeiro estabelece a relação entre a organização modal narrativo-discursiva e as categorias semânticas da estrutura fundamental que estão por detrás das paixões, ou seja, preocupa-se com a relação vertical e de conversão entre dois níveis do percurso gerativo, para explicitar, de uma certa forma, a “origem” gerativa das paixões; o segundo tenta determinar, horizontalmente, as relações sintagmáticas

⁶ A história da semiótica está estreitamente ligada à narratividade. A base conceitual da semiótica narrativa desenvolvida por Greimas contou com contribuições importantes: de Vladimir Propp, às quais já foram citadas, resultaram no inventário dos actantes narrativos e dos papéis actanciais; de Bremond, as relações distribucionais e integrativas e a questão da lógica dos níveis de descrição textual; de Louis Tesnière, a sintaxe estrutural constituinte da frase.

modais que caracterizam as paixões, a partir das configurações discursivas e, também, suas relações paradigmáticas, que constituem “sistemas de paixões”. (grifo da autora)

Essas duas vias de acesso à significação nos permitem observar que: de um lado, logo no início do percurso gerativo de sentido, quando as categorias semânticas do nível fundamental vão se convertendo em arranjos modais no nível das estruturas narrativo-discursivas, a descrição desses arranjos modais é que permite caracterizar a existência do sujeito de estado; de outro lado, a descrição das organizações da sintaxe modal e de suas combinações sintagmáticas a partir das configurações discursivas que, uma vez reconhecidas e organizadas nos esquemas passionais canônicos, caracterizam as paixões.

No entanto, as paixões, que analisaremos neste trabalho, vão se desenvolver nos esquemas canônicos de acordo com a relação entre os actantes: sujeito apaixonado, objeto da paixão e a presença de um anti-sujeito, aquele que torna a relação polêmica. Pela relação intersubjetiva que comanda as paixões é possível observar a tensão do sujeito no que diz respeito à junção com o objeto de valor, assim, a sensibilização se refere a intensividade dos sentimentos do sujeito afetado pela paixão. Nesse sentido, a modalização não recai sobre o sujeito, mas sobre a sua junção com o objeto de valor, quando são observadas as variações contínuas de seu estado. Em seguida, a moralização torna possível nomear as paixões e avaliá-las. Assim sendo, ao pensarmos em tensão, modalização e valor, chegaremos aos elementos essenciais na análise das paixões: a sensibilização, a modalização e a moralização.

Quando nos propomos a analisar paixões, devemos estar atentos às relações actanciais, observar como elas se desenvolvem nos programas e percursos narrativos, para percebermos o que aparece na interação desses actantes como um excesso, esse excesso é que nos permite reconhecer os efeitos de sentido passionais. Segundo Bertrand (2003, p. 361), “o espaço passional, feito de tensões e aspectualizações cujo estatuto deverá ser precisado é, pois, da ordem do contínuo e se dispõe ‘em torno’ das transformações narrativas. É desse modo que a semiótica do agir permite identificar o lugar, reconhecível no discurso, de uma semiótica do sofrer. A problemática da paixão se define em relação à da ação”.

Contudo, cabe-nos acentuar que o sujeito de estado é definido pela modalidade investida no objeto de valor desejado, enquanto a sensibilização e a moralização permitem-nos identificar e distinguir as paixões dentro das taxonomias culturais, uma vez que as paixões

são avaliadas de forma diferente por algumas culturas ou, até mesmo, dentro de uma mesma cultura, mas em contextos históricos diferentes⁷.

Por tudo isso, o esquema passional canônico cruza três dimensões concretas ao objeto de estudo: “a das configurações passionais depositadas no léxico e analisáveis a partir de sua expansão definicional (o ciúme, a cólera, a ambição, etc.); a dos percursos passionais de sujeitos observáveis em tal ou tal discurso (principalmente literário); a da enunciação passional e a ‘gramática’ do discurso que a caracteriza” (BERTRAND, 2003, p. 377).

Ao lidar com o discurso, recorremos aos dizeres de Fontanille (2007, p. 86): “o discurso é uma instância de análise na qual a produção, isto é, a enunciação, não poderia ser dissociada de seu produto, o enunciado”. Dessa maneira, o sujeito da enunciação ao converter os esquemas narrativos em discurso, deixa nele marcas explícitas e/ou implícitas que devem ser observadas cuidadosamente para se chegar à significação global do texto. Essas marcas aparecem nos simulacros que cada um dos interlocutores dirige ao outro na enunciação e são analisadas da seguinte forma: as projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados para manipular o enunciatário, a cobertura figurativa dos conteúdos narrativos abstratos.

Nessa perspectiva, a debreagem e a embreagem são duas operações fundamentais que nos permitem relacionar o discurso com as suas condições de produção.

De fato, a debreagem cria diversos efeitos de sentido nos discursos: efeitos de referência ou de realidade e efeitos de enunciação, pelos quais se obtêm os efeitos de verdade. No discurso, a referência é comprovada pela debreagem enunciativa, que instala no discurso o (eu/aqui/agora), o sujeito da enunciação, também denominado narrador ou enunciador; e a debreagem enunciva, que instala no discurso o (ele/lá/então), o narratário ou destinatário. Esses dois procedimentos que permitem reconhecer os discursos em primeira ou em terceira pessoa criam, respectivamente, efeitos de sentido de subjetividade, proximidade com a enunciação, ou de objetividade, distanciamento da enunciação⁸. De acordo com Fiorim (2002, p. 45), a instalação dos simulacros do *ego-hic-nunc* enunciativos, com suas apreciações dos fatos, constrói efeito de subjetividade; já a eliminação das marcas da enunciação do texto, ou

⁷ Como exemplos que ilustram o exposto, Bertrand (2003, p. 373) cita o estatuto da avareza que é axiologicamente diferente nas culturas francesa e árabe; também a avareza é uma paixão cômica no século 17 em Molière e uma paixão trágica no século 19 em Balzac.

⁸ A subjetividade e a objetividade entendem-se, no sentido que lhes atribuiu Benveniste, como efeitos criados pelas diferentes relações que os tipos de enunciado mantêm com a enunciação. O enunciado, propriamente dito, liga-se metonimicamente à enunciação, em relação de parte a todo. A enunciação-enunciada, além dos laços metonímicos, estabelece também ligação metafórica que se funda na similaridade, na equivalência que o simulacro mantém com a enunciação pressuposta (BARROS, 2002, p. 75).

seja, da enunciação enunciada, fazendo que o discurso se construa apenas com enunciado enunciado, produz efeitos de sentido de objetividade.

Cumpre-nos lembrar ainda que, os efeitos de realidade são produzidos, em grande parte, pelas debreagens de segundo e terceiro graus, que correspondem ao discurso direto, criando a ilusão de situação real do diálogo, pois quem fala responde pelo que diz, seja a sua enunciação verdade, mentira, falsidade ou ficção.

Para Greimas e Courtés (1979, p. 147), o lugar da enunciação (eu/aqui/agora) é semioticamente vazio e semanticamente cheio, um depósito de sentido. Tanto as debreagens quanto a embreagem⁹ são procedimentos que além de criar os efeitos de enunciação, realidade e referência, podem ser acrescidos de figuras do mundo e das configurações discursivas que permitem ao sujeito da enunciação exercer seu saber-fazer figurativo.

Destacamos também os estudos de Barros (2002, p. 87) sobre foco narrativo para melhor sistematizar as relações instauradas entre enunciação e enunciado. Nesse estudo, a autora chega a seguinte conclusão: por um lado, os actantes discursivos e narrativos podem se apresentar como diferentes atores, narrador e/ou observador, sujeitos cognitivos, mas o observador além de sujeito do saber-fazer realiza também o fazer-receptivo e o fazer-interpretativo; por outro lado, quando os actantes discursivo e narrativo se realizam por meio dos mesmos atores, além de ocupar os encargos de narrador e/ou observador, ainda podem preencher os encargos de personagens, principal ou secundárias.

Sabemos que a narrativa tem caráter retroativo, tal fato nos leva a compreender a programação textual de nosso *corpus*, pois o narrador/observador ao narrar, deixou marcas de que presenciou muitos dos acontecimentos, colocando em evidência o fazer-receptivo e o fazer-interpretativo, mas também assumiu o papel actancial e se mostrou um ator que além de estar em cena e presenciar os fatos, ainda participou deles, ora como sujeito de fazer, ora como sujeito de estado. Assim, justifica-se a alternância dos programas narrativos localizados no tempo e no espaço simultaneamente com o aqui e agora do narrador ou anteriormente, o tempo e o espaço distante do sujeito da enunciação.

Interessa-nos ainda mostrar que, o sujeito da enunciação se desdobra em enunciador e enunciatário que desempenham os papéis de destinador e destinatário do discurso. Enquanto o enunciador desempenha o papel de destinador-manipulador, por um

⁹ A embreagem é a suspensão da oposição entre atores, o espaço e o tempo do enunciado e os da enunciação.

fazer persuasivo, ele faz-criar os valores que introduz no seu discurso, ao destinatário cabe interpretar a verdade discursiva¹⁰ com base no sistema de valores próprios de uma cultura.

Diante do exposto, importa observar que o fazer persuasivo do enunciador depende das relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário. Dessa interação surge uma teoria da argumentação que deve priorizar no discurso: a intenção do destinador ao jogar com conteúdos explícitos e implícitos, os efeitos de sentido a que ele pretende conduzir o destinatário a desvendar no discurso que produz, e à manipulação que exerce sobre o destinatário para convencê-lo dos valores implicados no discurso.

É importante frisarmos nesse ponto que, essa teoria da argumentação fundamenta-se na retórica antiga, embora a adesão do conhecimento não se restrinja apenas às técnicas utilizadas pela linguagem para persuadir e convencer o auditório. Sobre esse assunto, Barros cita as idéias defendidas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970, p. 11), que desenvolveram uma teoria da argumentação como uma nova retórica em torno da concepção social da linguagem: nada mais justo que conservem da retórica antiga e desenvolvam como fundamental a uma teoria da argumentação a idéia de *auditório*, ou melhor, de que todo discurso é dirigido a um auditório, entendido na concepção alargada de *enunciatário* de qualquer tipo de discurso, em qualquer situação (2002, p. 107, grifo da autora).

Por sua vez, Fontanille não descarta a importância da posição dos filósofos, no que diz respeito à linguagem que não deve ser considerada somente para descrever o mundo, mas também para transformá-lo, para agir sobre as coisas e sobre outrem. O que o autor enfatiza é que existe um regime que escapa aos demais regimes, a predicação: “o sujeito narrativo pode seduzir, influenciar, persuadir, comandar um outro sujeito narrativo, mas ele não pode predicar a sedução, a influência, a persuasão ou a injunção, salvo se lhe dão a palavra, e, nesse caso, trata-se, na verdade, de uma delegação de enunciação” (2007, p. 268). Então, ele parafraseia Merleau-Ponty: “*enunciar é tornar algo presente a si com a ajuda da linguagem*” (Fontanille, 2007, p. 269, grifo do autor), para explicar que a enunciação só assume o que corresponde à presença: seja à presença do enunciado que se relaciona com os modos de existência desses enunciados convocados no discurso; seja à presença da instância de discurso que se refere à referência dêitica.

Também é importante destacar que, como ao sujeito da enunciação cabe a tarefa de fazer-criar a verdade do discurso, então, ele utilizará, para isso, a figurativização e a

¹⁰ Os efeitos de sentido de verdade ou de falsidade dependem do tipo de discurso, da cultura, da sociedade podem ser interpretados a partir do contrato de veridicção (BARROS, 2002, p. 93-94).

tematização que são dois níveis de sentido que resultam na coerência semântica e criam efeitos de realidade, relacionando a linguagem com imagens do mundo natural.

Sabemos que, a tematização é a formulação abstrata de valores na passagem do nível narrativo ao discursivo, e a figurativização é o revestimento semântico atribuído a esses valores por meio de figuras do mundo que produzem uma ilusão referencial concreta da realidade. Apesar de o discurso não ser a reprodução do real, as figuras criam o efeito de sentido de realidade, porque o enunciatário, ao reconhecer as figuras do mundo natural, crê na verdade do discurso.

Não podemos nos esquecer de que, ao analisar as paixões, o exterior perceptível, sensível aproxima-se da fenomenologia, embora a semiótica não seja, de forma alguma, um ramo da fenomenologia. Bertrand (2003, p. 21) diz que a semiótica das paixões ao explorar a relação entre um sujeito sensível e um objeto percebido, destaca-se no horizonte das sensações. Greimas, no seu livro *Da imperfeição*, causou estranheza ao propor a apreensão perceptiva e a avaliação estética das figuras de sentido. Para ele, a figuratividade é a tela do parecer cuja virtualidade consiste em uma possibilidade de além (do) sentido. “Os humores do sujeito reencontram, então, a imanência do sensível” (2002, p. 74). Fontanille (2007, p. 47), por sua vez, defende a idéia que, antes de identificarmos uma figura do mundo natural, percebemos ou presentimos sua presença, uma presença que, ao mesmo tempo, nos afeta em intensidade, mas também se torna inteligível ao nos permitir reconhecer a posição que ela ocupa em relação a nossa própria posição e a sua extensão.

Convém ressaltar que, para Barros (2002, p. 119), “parecer real ou irreal são ilusões que dependem dos fatores de contextualização”. Tanto as projeções da enunciação no enunciado quanto as figuras, que formam uma espécie de reservatório, são recursos que contribuem para que o texto possa ser relacionado com o contexto, ou seja, o discurso figurativizado relaciona-se com o extradiscursivo.

Além do mais, as marcas deixadas no enunciado pelo sujeito da enunciação podem manifestar-se por meio da reiteração discursiva dos temas e da redundância das figuras, cujo fenômeno recebe o nome de isotopia. As relações entre as várias isotopias são denominadas metafóricas e metonímicas, duas figuras constitutivas do sentido do discurso. Como figuras do discurso e não mais de palavras e frases, a metáfora e a metonímia produzem novos sentidos que não estão mais ligados a substituição de uma palavra por outra, mas a uma nova possibilidade, criada pelo contexto, de leitura de um termo (FIORIN, 1992, p. 86).

Edwar Lopes (1986, p. 4), no livro *Metáfora. Da Retórica à Semiótica*, é contrário à idéia retórica da metáfora como ornamento da arte de escrever, ele defende a força

cognitiva da metáfora. Para ele, não estranha que aqueles que obedecem aos princípios lógicos da razão combatam o conhecimento da metáfora, que diz respeito à lógica dos sentimentos, um saber absoluto e pessoal.

É importante não nos esquecermos de que os recursos textuais, que nos permitem compreender e examinar os efeitos de sentido que afloram nos textos, são em grande número assim como os diversos tipos de textos que lhes solicitam. Esses recursos textuais são responsáveis pelas muitas leituras que um texto pode aceitar. Segundo Fiorin (1992, p. 81), quando se diz que a partir de um texto pode-se extrair várias leituras, isso significa que ele admite mais de uma e não toda e qualquer leitura. As várias leituras que o texto aceita já estão nele inscritas como possibilidades. Dessa forma, as várias leituras não se fazem a partir do arbítrio do leitor, mas das virtualidades significativas inscritas no texto. A produção de sentido é, pois, resultado não só de uma análise interna, que se fecha no texto, mas também estabelecendo a sua relação com o contexto sócio-histórico da leitura.

Nessa perspectiva, a enunciação contribui também para que o sentido produzido pelo discurso inscrito no texto se relacione a outros contextos culturais e históricos mais amplos, como é o caso da intertextualidade e da interdiscursividade.

Para Bertrand, a enunciação individual não pode ser vista dissociada das enunciações coletivas que a antecedem e que a tornam possível. Então, ele afirma:

Há sentido 'já dado', depositado na memória cultural, arquivado na língua e nas significações lexicais, fixado nos esquemas discursivos, controlado pelas codificações dos gêneros e das formas de expressão que o enunciador, no momento do exercício individual da fala, convoca, atualiza, reitera, repete ou, ao contrário, revoga, recusa, renova e transforma. (2003, p. 87)

Em suma, a semiótica é uma teoria da relação, o seu objeto de estudo é a significação que modela tanto o discurso social quanto o discurso individual por meio das formas de linguagem, assim, a enunciação é compreendida como a mediação entre a língua e a sua utilização assumida por um indivíduo na relação com o outro.

2.3 CONFIGURAÇÃO DAS PAIXÕES

Como já foi dito anteriormente, as modulações dos estados de alma do sujeito permitem-nos observar a perspectiva actancial em discurso, focalizando uma sintaxe e a constância de uma configuração, a organização sintagmática desse conjunto resulta nos dispositivos canônicos que, uma vez reconhecidos nos textos, possibilitam a análise das paixões.

Nosso objetivo neste estudo consiste então, no estudo teórico das paixões que se manifestam no *corpus* escolhido por meio de suas configurações, são elas: a emulação, o ciúme, a inveja, a cólera e a vingança.

No entanto, é necessário colocarmos, em princípio, que a emulação, a inveja e o ciúme partilham de uma mesma configuração passional, mas cada uma apresenta particularidades distintas; esta observação também é válida para a cólera e a vingança, porque mesmo que as duas paixões pertençam a uma mesma configuração, apresentam, também, variações diferentes. Tal colocação corroborou para que ao abordarmos essas paixões, enfocássemos cada uma delas separadamente, sem que isso possa comprometer a relação existente entre elas dentro da configuração genérica da qual elas fazem parte. E, ainda, conservaremos, na seqüência, a ordem das cinco paixões estabelecida acima por ser nessa ordem que elas se manifestaram no *corpus* em análise.

No livro *Semiótica das paixões* (1993, p. 174-175), Greimas e Fontanille definem a emulação como um sentimento que leva a igualar ou ultrapassar alguém em mérito, em saber, em trabalho e, por isso, é um antigo sinônimo de rivalidade e ciúme. Porém a diferença que a emulação apresenta em relação a esses dois sinônimos é que na emulação não existe concorrência e nem competição, porque também não existe um objeto esboçado, o que está em jogo é a comparação das competências de dois sujeitos, S1/S2. Essa competência coloca em evidência um saber-fazer ou poder-fazer, ou ainda, o mérito através do julgamento ético.

Diante do exposto importa-nos, observar que a competência de referência é a do sujeito S2, ele é o modelo a ser seguido pelo êmulo S1 que é modalizado pelo querer-ser igual ao outro. Convém ressaltar, que o mérito de um sujeito pode ser avaliado de acordo com o objeto de valor adquirido por ele, mas essa avaliação não recai sobre a sua junção com o objeto, ela recai sobre a competência que o sujeito dispôs para conquistá-lo. Nesse caso, S1 não visa repetir o programa do outro, mas copiar a imagem modal que o outro oferece,

portanto, a modalização dominante é a do querer-ser igual ao outro, deixando na sua dependência o querer-fazer como o outro.

De acordo com Greimas e Fontanille (1993, p. 175), as modalidades da competência podem ser interpretadas de duas formas: “de um lado, em termos de eficácia e de necessidade – é assim que elas aparecem por pressuposição a partir do sucesso ou do fracasso -, do outro, em termos de maneira de fazer ou de ser do sujeito – é assim que elas aparecem através do julgamento ético”.

Ainda de acordo com os dois autores, o dispositivo actancial e modal da rivalidade é sensibilizado no momento em que se acha na perspectiva de um único sujeito ou no momento em que o merecimento do êmulo já parece repousar num excedente modal, a competência é sensibilizada, desde que os efeitos modais do ser pareçam dessolidarizar-se da competência do fazer (1993, p. 175-176).

Em *Semiótica das paixões* o objetivo dos autores foi o de diferenciar as paixões de objeto (a avareza), das paixões intersubjetivas (o ciúme). A paixão da emulação, enquanto uma das muitas configurações do ciúme, não foi abordada em profundidade. Por conseguinte, utilizaremos o que foi exposto sobre a emulação pelos dois autores na obra supracitada, mais as idéias defendidas por Aristóteles (2000) sobre a proximidade entre os sujeitos que proporciona aflorar essa paixão, para propormos um dispositivo canônico, tomando como modelo o dispositivo da inveja apresentado por Nascimento (2007, p. 13), que nos permite identificar e analisar a paixão da emulação.

Com base nas modulações do estado de alma do sujeito S1 afetado pela emulação em relação ao sujeito S2, o dispositivo passional comportará as fases: 1- proximidade; 2- prova da competência de S2; 3- comparação das competências dos dois sujeitos; 4- sofrimento; 5- rivalidade; 6- crise da emulação; 7- moralização.

Cada uma dessas fases pode ser explicada da seguinte forma: a proximidade, a fase que torna possível que um sujeito veja no outro aquilo que ele quer ser, pois a emulação se dirige a um semelhante; a prova da competência de S2, para que S2 seja tomado como referência é necessário que ele dê provas de que possui vantagens em relação a S1; a comparação das competências, S1 se compara a S2 e chega a conclusão de que suas competências são inferiores em relação às competências do outro; o sofrimento, essa fase é resultado da comparação das competências, quando S1 percebe que as competências de S2 são superiores às suas, ele sofre; a rivalidade, nessa fase S1 se propõe a igualar ou ultrapassar S2 em competência; a crise da emulação, S1 cria o simulacro que lhe permite fazer e ser como S2; a moralização, a emulação é avaliada e moralizada positivamente.

Contudo, cabe acentuar que a emulação no *corpus* em estudo é uma paixão cíclica, quando ela aparece logo no início do romance é avaliada positivamente, mas ao longo da narrativa, outras paixões vão surgindo, a rivalidade entre os sujeitos vai se acentuando e tomando a forma de ódio recíproco. Isso contribui para que ao final da trama a emulação seja avaliada e moralizada negativamente.

A próxima paixão que se configura no romance é o ciúme. Fontanille et al., no *Dictionnaire des passions littéraires*¹¹, distingue dois tipos de ciúme, o ciúme amoroso e o ciúme social. Ele afirma que “a fonte é nos dois casos o desejo, mas, num é o ‘desejo de ter’ que a desperta, e, no outro, o ‘desejo de ser’, no primeiro caso, um desejo de posse e, no outro, um desejo de emulação” (2005, p. 123, grifo do autor). Como já tratamos da emulação que os semioticistas reconhecem como ciúme social, agora vamos tratar do ciúme amoroso.

Essa paixão aparece no *corpus* na seqüência da emulação, evidenciando a rivalidade entre S1/S2, porém, ela aparece também em todo o *corpus* como uma relação de apego S1/O, S3. Portanto, a paixão do ciúme será examinada dentro das duas configurações genéricas: a da rivalidade e a do apego.

Assim, o ciúme nas duas configurações comprova o mesmo triângulo actancial: sujeito ciumento, objeto do ciúme e o rival, um anti-sujeito que torna a relação polêmica. Na interação dos actantes, a perspectiva que orienta o dispositivo é a do ciumento, assim sendo, por um lado, o ciúme na relação de rivalidade gera o temor de perder o objeto de valor; por outro lado, na relação de apego, a ameaça de um rival gera o sofrimento. Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 173-174), “o ciumento é um sujeito perturbado entre duas modalidades que o solicitam, cada qual por inteiro, mas às quais ele não pode nunca se consagrar exclusivamente: preocupado com seu apego quando luta, ele se vê, ao contrário, obcecado pela rivalidade quando ele ama”.

Interessa-nos salientar que, de acordo com os dois autores, a competição e a concorrência especificam a rivalidade: nesta, os sujeitos têm como alvo um mesmo objeto e programas narrativos paralelos; naquela, além do mesmo alvo e de programas paralelos, acrescenta-se uma busca simultânea pelo mesmo objeto. Já o apego está associado de um lado à intensidade e, de outro, ao desejo de posse exclusiva.

Nesse sentido, o apego repousa num dever-ser que modaliza a junção do sujeito com o objeto, por isso, a intensidade do apego se traduz pelo grau de investimento do sujeito por seu objeto. Esse grau de investimento pode tornar o objeto exclusivo para o

¹¹ Traduzimos para a língua portuguesa todos os trechos dessa obra citada neste trabalho.

sujeito, assim, um sujeito apegado a um objeto seria um sujeito cuja totalidade integral estaria consagrada a esse objeto, com isso, a intensidade do apego pode ser interpretada como uma necessidade hierarquicamente superior a outras. Além disso, a intensidade do apego resiste a qualquer forma de junção, isto quer dizer que o sujeito continua apegado a um objeto estando conjunto ou disjunto dele, ou quando a junção não passa de fúducia. De certo modo, o dever-ser compromete a existência semiótica do sujeito, porque uma vez rompido o apego, tudo perde o valor para o sujeito apaixonado, embora o sujeito continue sonhando que é conjunto a seu objeto de valor até mesmo depois da morte ou do desaparecimento do objeto (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 183-184).

Com efeito, a intensidade do apego também se manifesta como zelo, o sentimento torna-se disposição para servir e o sujeito se dedica exclusivamente a seu objeto. Ao ter em vista o dever-ser que se delineia sobre a base da fúducia, anterior a moralização, pressupõe-se a confiança e a espera que engendram os correlatos do zelo: fidelidade e lealdade. A partir do apego intenso, obtemos duas paixões moralizadas de forma diferente, a hipótese levantada por Greimas e Fontanille (1993, p. 185) que permite explicar o que acontece é a de que o apego e o zelo (e todos os seus correlatos) são moralizados positivamente, porque dessolidarizaram-se da rivalidade; enquanto o ciúme é moralizado negativamente por pertencer à configuração da rivalidade.

É fundamental também considerar o sujeito da possessão, um sujeito que mesmo conjunto ao seu objeto, quer dele o prazer que ele possa lhe proporcionar com a conjunção, por isso, encontramos aqui o excedente modal: o sujeito da possessão já em conjunção com o objeto não esgotou o seu querer-ser-conjunto dele. O objeto é considerado um objeto modal, modalizado por um poder-fazer, um sujeito de fazer que dá prazer ao sujeito de estado, mas na dimensão tímica e não na pragmática, porque a conjunção já aconteceu. Observa-se, então, uma partilha de modalizações, o sujeito apaixonado dispõe do querer e o objeto de valor do poder.

Cumpramos lembrar que, toda exclusão supõe uma totalidade, e uma parte dessa totalidade é considerada como unidade, portanto a exclusividade diz respeito a sujeitos que apresentam traços diferentes que os individualizam em relação aos traços comuns constitutivos da totalidade coletiva. Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 189), a extração de uma unidade integral fora da totalidade partitiva é regulada pelo dever-não-ser em dois planos: por um lado, é a relação do sujeito coletivo com o objeto escolhido que deve não ser; por outro lado, é a relação entre o sujeito único e a coletividade que, por sua vez, deve não ser. É importante observarmos que é da ruptura da totalidade partitiva que surgirá o rival, o

actante cuja presença é recusada pela exclusividade, por isso, a exclusividade prepara o terreno para a rivalidade: de um lado, forças coesivas contribuem para que não haja exclusão da coletividade e forças dispersivas opõem-se à coletividade, afirmando a exclusividade. Assim, a rivalidade, ao mesmo tempo, sobredetermina o apego e sofre a sua influência. Para Fontanille et al. (2005, p. 124), “a relação de posse implica a rivalidade; a relação de rivalidade implica o desejo do objeto, a dissociação entre essas duas relações é o fim do ciúme”.

Depois de definirmos e descrevermos cada uma das configurações do ciúme, passaremos a examinar os constituintes sintáticos dessa paixão que vão nos permite mostrar como o esquema canônico do ciúme é construído.

O primeiro constituinte sintático que aparece é a inquietude, essa perturbação está associada à tensão sentida pelo sujeito ciumento, uma oscilação entre a euforia e a disforia. Ela é considerada um dos constituintes fundamentais do ciúme, porque possibilita reconhecer um papel patêmico estereotipado, ou seja, ela define a constituição do sujeito. Além disso, a inquietude¹² é mais abrangente que a sombra e o temor, visto que ela é uma constante da competência do sujeito; a sombra é passageira, porque surge com a ameaça do rival; e o temor é apenas circunstancial, manifesta-se quando o acontecimento disfórico é esperado.

Também são constituintes sintáticos a difidência e a desconfiança, componentes tanto da sombra, da suspeita, quanto do temor. Há duas formas de desconfiança na configuração: na rivalidade, o ciumento desconfia da existência do rival; no apego, o ciumento suspeita da infidelidade do ser amado, então, suspende a confiança, ou seja, torna-se difidente, deixa de ser confiante. O percurso do ciumento comporta, portanto, duas transformações fiduciárias: uma para passar da confiança à difidência, a outra para passar da dúvida à desconfiança (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 198).

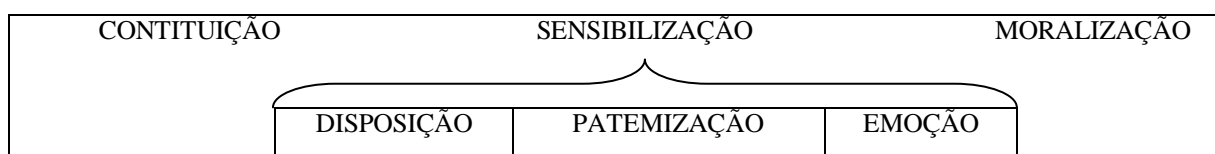
Ainda de acordo com esses autores, a crise passional compreenderia: a suspeita, a administração da prova e a encenação decisiva, que induzem à aquisição de uma certeza, de que nascerá a desconfiança, depois o sofrimento (1993, p. 200). Dessa forma, a sensibilização permeia em toda a configuração, inclusive sobre os dispositivos modais, colocados em circulação na troca de simulacros entre os parceiros. Para Fontanille et al. (2005, p. 133), “no ciúme uma das propriedades mais surpreendentes do discurso passional se

¹² A inquietude domina a existência do sujeito, na forma de dúvida, ela se fixa na presença do rival; no temor, ela antecipa a perda do objeto; na desconfiança, ela pressupõe o reencontro do rival e do objeto; enfim, no cuidado, desde que ela se focalize nos riscos e no apego possessivo (Fontanille et al., 2005, p. 139).

manifesta claramente: a construção, a manifestação e a troca de simulacros”. Convém ressaltar que no simulacro passional da cena do ciúme, seja qual for a posição da dupla S2/S3 com relação ao ator ciumento, o ciumento enquanto espectador estará presente na cena, esse fato cria o efeito de presentificação.

Por fim, a moralização do ciúme recairá sobre comportamentos e atitudes observadas na interação, então, um observador social introduz, na configuração passional, sistemas de valor que fazem parte de códigos comuns e partilhados que regulam a circulação dos dispositivos na interação. Na configuração do ciúme, observamos algumas das avaliações sobre o comportamento do ciumento que são diametralmente opostas. Por exemplo, o ciumento que respeita os códigos éticos é um sujeito que sabe se portar e, por isso, tenderá a igualar-se ao outro por emulação; enquanto o ciumento odioso, aquele a quem falta a reserva, tenderá a regressar na posição do rival. Da mesma forma, o ciumento orgulhoso supervaloriza as suas competências como efeito de dignidade recuperada; enquanto o ciumento envergonhado tenderá a reclamar vingança. De fato, quando o ciumento se sente amado, mostra-se com a estima elevada; ao contrário, quando é tratado com indiferença e falta de afeição, então, o ciumento sente-se desprezível.

Como resultado de toda a exposição que fizemos, a lógica discursiva, projetada por aspectualização sobre as modalizações, organiza-se no esquema canônico da paixão do ciúme que comporta as seguintes fases:



Assim, cada uma dessas fases pode ser explicada dessa forma: a constituição do sujeito apaixonado está associada à inquietude que determina certa propensão à crise passional; à disposição corresponde a suspeita e a investigação que instalam no sujeito de estado um dispositivo modal sensibilizado; a patemização é decorrente da transformação tímica principal que pressupõe a visão exclusiva e a aquisição da certeza; a emoção manifesta-se por um comportamento observável; a moralização é a avaliação ética e estética do comportamento do ciumento (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 243-244).

De acordo com esses autores, a constituição, a sensibilização e a moralização regulam as relações interindividuais, permitindo identificar as paixões, os seus efeitos e a sua

avaliação dentro das taxonomias culturais; já a disposição, a patemização e a emoção são as etapas em que o sujeito se encontra conjunto ao objeto tímico.

Depois de refletir sobre o estudo do ciúme colocado em discurso, seja através da organização das várias configurações que o constitui, seja através da constância de uma configuração que focaliza os efeitos de uma sintaxe, procederemos ao estudo da inveja.

Nesse caso, Greimas e Fontanille (1993, p. 176) citam duas definições de inveja que são encontradas nos dicionários: “sentimento de tristeza, de irritação ou de ódio que nos anima contra quem possui um bem que não temos” e “desejo de gozar de uma vantagem, de um prazer igual ao de outrem”.

Os autores chamam a atenção para o fato de que a configuração da rivalidade se bifurca entre a relação polêmica e a relação de objeto. Na primeira relação, que é a inveja de tipo S1/S2, o objeto será o mediador da inveja de S1 com relação a S2; na segunda relação, a inveja do tipo S1/O, S2 será o mediador do desejo de S1. Segundo os mesmos autores, nas duas relações, a perspectiva adotada será sempre a do sujeito invejoso S1, cujo objetivo através da mediação¹³ pode ser entendido da seguinte forma: através do objeto, o invejoso visa o rival, ou através de rival, o invejoso visa o objeto. Para esses autores, essas mediações só podem ser pensadas se o dispositivo actancial ainda não estiver estabilizado, então, o interactante poderia escolher entre o *status* de objeto e o *status* de sujeito, pois aquém do rival, delinea-se o lugar do objeto, e, aquém do objeto, delinea-se o lugar do rival. Dessa forma, a mediação pelo objeto intensifica a rivalidade, e a mediação pelo rival intensifica o desejo de posse. (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 177).

Assim como a emulação, a inveja também não teve grande destaque nos estudos desenvolvidos pelos autores no livro *Semiótica das paixões*, por isso, utilizaremos o dispositivo canônico dessa paixão que foi proposto, com muita coerência, por Nascimento, no seu artigo *Configurações da inveja no texto publicitário* (2006, p. 13), no qual a autora além de usar como fundamentação teórica as postulações de Greimas e Fontanille (1993), junta a elas os estudos de Aristóteles (2000) sobre a paixão da inveja.

Nesse sentido, o dispositivo passional da paixão da inveja proposto por Nascimento (2006, p. 13), comporta as fases: 1- proximidade, 2- idealização do objeto, 3- supervalorização do objeto; 4- comparação; 5- rivalidade; 6- desqualificação e descompetencialização de S1; 7- crise da inveja, 8- sofrimento; 9- destruição de S2 e aniquilamento de S1; 10- moralização.

¹³ A mediação identificada na inveja e no ciúme pode ser entendida de duas formas: como um dispositivo figurativo e actorial e como uma manifestação da instabilidade tensiva do actante.

Cada uma dessas fases pode ser explicada com base no artigo desenvolvido pela autora supracitada, da seguinte forma: a proximidade, uma vez que os dois sujeitos desempenham o mesmo papel temático; a idealização do objeto, o sujeito apaixonado imagina o prazer que o objeto pode lhe oferecer; a supervalorização do objeto, o invejoso intensifica o valor do objeto que admira; a comparação, o sujeito invejoso ao se comparar com o rival, sente-se inferior a ele; a rivalidade, o invejoso não quer que o rival possua o objeto para não ter que competir com ele; a desqualificação e a descompetencialização de S1, se o rival entrar em conjunção com o objeto-valor, S1 se descompetencializa; a crise da inveja, a cena da inveja presentifica o programa narrativo que o invejoso barra a circulação do objeto-valor para que o outro não o possua; o sofrimento, o sujeito apaixonado sofre pela fixação que tem no outro; a destruição de S2 e o aniquilamento de S1, o sujeito começa a construir programas narrativos para que o rival seja privado do objeto, com isso, esses programas narrativos além de destruir o rival, aniquila o invejoso que passa a viver em função do outro; a moralização, a inveja é moralizada disforicamente como falta de estima (NASCIMENTO, 2007, p. 13).

Dentro desse enfoque, gostaríamos de salientar que o dispositivo proposto para o estudo da paixão da inveja destina-se a análise de texto publicitário, por isso, o enfoque dado à circulação do objeto-valor na sociedade, o que não nos impede de usá-lo na análise do texto literário, visto que o nosso objetivo embora não seja a circulação de bens, tenha como finalidade mostrar como o sujeito é afetado pela paixão da inveja ao tentar destruir quem já possui um bem que ele não tem.

Na seqüência examinaremos a paixão da cólera. Segundo Fontanille et al. (2005, p. 61), “a cólera literária aparece como conseqüência e sob o controle de uma outra paixão”. Para ele, a cólera, assim como a maior parte das outras paixões, é objeto de avaliações positivas ou negativas, que a convertem em comportamento moral¹⁴.

Essa paixão foi motivo de discussão, principalmente, no que se referia à explosão final, à sua oportunidade e ao seu valor, por isso, os semioticistas, no *Dictionnaire des passions littéraires*, propõem uma seqüência canônica que além de constituir a armadura da definição, também procura resolver os problemas que geraram discussão. Para isso, citam os estudos de Greimas e Lakoff, mas revelam que nenhum dos dois se interessou pelo funcionamento textual e pelo desenvolvimento discursivo da cólera. A seqüência canônica da cólera apresentada por Greimas foi mantida, mas com uma abordagem diferente de cada etapa

¹⁴ Seguindo o curso histórico e cultural destas avaliações morais, não se pode ficar chocado por sua instabilidade: a cólera dos deuses não pode ser senão justa e oportuna; a dos homens, conforme a situação, estará a serviço do justo (Aristóteles); ou então manifestará uma fraqueza de caráter (Sêneca) (FONTANILLE et al., 2005, p.61).

que constitui a seqüência e, ainda, acrescentando duas fases, a primeira e a última, que não faziam parte das postulações de Greimas. Para essas duas fases, a influência dos estudos de Sêneca é inegável, ele insistia sobre a determinação da cólera causada pela confiança (ingênua, segundo ele) que se concede aos outros e às coisas deste mundo, essa abordagem foi acatada e deu origem a primeira fase da seqüência canônica; para a confiança, Sêneca acentua particularmente as alternativas da explosão e sua função de descarga imediata e muito precoce da agressividade, essa colocação foi registrada no final da seqüência canônica (FONTANILLE et al., 2005, p. 63).

Assim, a seqüência canônica¹⁵ da cólera apresentada por Fontanille et al. (2005, p. 63), comporta as etapas:

Confiança→Espera→Frustração→Descontentamento→Agressividade→Explosão

Lembramos ainda que, as etapas da seqüência são de natureza intersubjetiva e, por isso, colocam em confrontação um sujeito e um anti-sujeito. Desse modo, as cinco etapas da seqüência são descritas por Fontanille et al. (2005, p. 64-65): a confiança- pode ter sido instalada por uma promessa, pode também afetar a representação de um estado ou de um acontecimento a ocorrer, que é modalizado por um dever-ser; a espera – é a capacidade do sujeito para suportar a demora da realização, mas é também a da participação de um outro sujeito, pois a espera guarda a memória da confiança que a funda; a frustração - reatualiza a promessa de conjunção anterior, e a falta se prova sobre o fundo da confiança e da espera irrealizada; o descontentamento - é também dirigido a algum outro, talvez si mesmo, mas em outro papel actancial, um si mesmo com o qual se contava para a realização do acontecimento esperado; a agressividade - está explicitamente endereçada para o outro sujeito, o traidor, aquele que não honrou a promessa; a explosão - deixa o sujeito diante de si mesmo, e resolve brutalmente as tensões acumuladas, sem nenhuma consideração pelos objetos perdidos, ou pelos anti-sujeitos incriminados ou os danos causados: como constata Sêneca, a explosão da cólera não resolve problema algum em se tratando do outro; acaba apenas com o mal estar do sujeito.

Nascimento e Abriata, no artigo *Um copo de cólera* (2007, p. 8), fazem uma observação interessante sobre a cólera: “a cólera é uma paixão introjetada, uma paixão que não é exterior ao indivíduo, da ordem do exteroceptivo. Não são as coisas do mundo que

¹⁵ A seqüência canônica permite também compreendermos que a cada manifestação de cólera, o fracasso, a perda ou a decepção são semiotizados como uma ruptura da confiança, como uma frustração de uma espera implícita (FONTANILLE et al. 2005, p.63).

deixam um sujeito colérico, mas ele é colérico interoceptivamente”. As autoras concluem o seu artigo com os versos de Manuel Bandeira¹⁶, que nas palavras delas sintetizam com muita propriedade o que é a cólera: “Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo/ Porque os corpos se entendem, mas as almas não”.

É importante observarmos também que a seqüência canônica permitir prever variantes¹⁶ da seqüência principal que se desenvolvem isoladas ou em grupo, com particularidades específicas, em fases intermediárias, algumas delas são: a impaciência, o desespero, a revolta, o ressentimento, o despeito, o ódio e a vingança.

De todas as variantes da cólera, vamos nos ater à vingança, já que essa paixão também se manifesta em nosso *corpus*. A vingança comuta com a explosão final, enquanto na cólera, a explosão final coloca em evidência a intensidade da tensão do sujeito, na vingança, essa tensão é medida pela quantidade e pela eficácia.

Notamos que o sujeito da vingança é ressentido, pois guarda na memória uma forma de cólera insaciada, o que lhe permite organizar as suas estratégias de vingança, porém Fontanille et al. (2005, p. 71) chamam a atenção para o fato de o ressentimento se assemelhar à vingança, mas de se distinguir dela, porque o ressentimento não é pesado em comparação com o dano causado ou sentido. Para eles, a vingança tem como finalidade reparar o dano causado e, conseqüentemente, pode ser mesurada em quantidade, em temática, em duração em relação a esse dano.

Desse modo, com base nos estudos realizados, as etapas do esquema canônico da vingança podem ser assim explicadas: a confiança¹⁷ se torna desconfiança, em virtude da ruptura do contrato fiduciário; a espera gera paciência, disposição firme e constante, para melhor preparar a vingança e aguardar o momento de colocá-la em prática; a frustração sensibiliza os próprios valores do sujeito que se sente frustrado consigo mesmo, mas também ela é dirigida a um outro como forma de indiferença; o descontentamento toma as formas de ressentimento, é, pois, dissimulado; a agressividade acontece quando a vingança é praticada como compensação de danos.

¹⁶ BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 206)

¹⁶ Os semioticistas citam exemplos de variantes não canônicas que não terminam em explosão de cólera. Citam também como exemplo Greimas que interpreta a cólera como uma síncope da vingança, como uma interrupção do programa de represália contra o anti-sujeito; e Sêneca que insiste mesmo sobre o caráter nefasto dessa síncope, aconselhando resistir à tentação da explosão, pois uma cólera que explode não terá mais a carga de rancor suficiente para estimular uma vingança apropriada (2005, p. 66).

¹⁷ A falta de confiança faz-se acompanhar de malevolência, assim como a confiança é seguida de benevolência (GREIMAS, 1981 apud BARROS, 2001, p. 66). A malevolência e a benevolência interpretam, para Greimas, a hostilidade e a atração de paixões definidas pelo /querer-fazer/, bem ou mal, a alguém. O /querer-fazer/ é a modalização que dá início à competência do sujeito reparador da falta.

Nessa perspectiva, a vingança, para ser eficaz, deve ser idêntica ao dano, de maneira que o anti-sujeito reconheça, ele mesmo, a ligação e a equivalência entre o malefício que ele recebe e aquele que causou (FONTANILLE et al., 2005, p. 72).

Como pudemos observar, o sujeito patemizado pela vingança é um sujeito que se sente revoltado; em seguida, um sujeito competente que procura reparar a ofensa causada pelo anti-sujeito; e, por último, um sujeito que julga e pune o anti-sujeito pelo seu comportamento negativo.

Lembramos, ainda, que todas essas paixões se entrelaçam formando uma teia de relações, onde cada paixão conserva as suas propriedades ao suscitar uma outra paixão e, assim, por diante. Nesse sentido, observamos que a paixão manifestada pela mãe, o apego intenso assim como os seus correlatos, estimula as demais paixões que surgem no relacionamento entre os gêmeos e entre eles e os demais membros da família. Observamos, também, que o narrador do texto, ao reconstruir o passado em busca de suas origens, avalia e moraliza as paixões dos sujeitos envolvidos na trama, mas ao mesmo tempo é por elas afetado, principalmente, com relação as paixões de Yaqub, que por ser um sujeito afetado por sentimentos semelhantes ao do narrador, como: rejeição, abandono, indiferença, humilhação, ressentimento, desejo de vingança, leva-nos a identificar um contágio passional. Segundo Fontanille (2007, p. 218), no contágio passional deve-se levar em conta o papel das modalidades, sobretudo, o contato e a sincronização dos corpos e a partilha do campo de presença. Para esse autor, no contágio passional, cada actante elabora sua própria identidade passional em relação à que precedeu, ou seja, uma paixão suscita uma outra, e ambas dependem da identidade modal do actante que a vivencia, por isso, a paixão não se manifesta com a mesma intensidade, muito menos com a mesma carga modal (2007, p. 218-219).

Em suma, nosso estudo tem como proposta analisar os efeitos de sentido produzidos pelos estados de alma do sujeito nos textos, a partir de uma sintaxe e das configurações que nos permitem identificar as paixões no texto *Dois irmãos*.

3 O ENTRELAÇAMENTO DAS PAIXÕES NO RELACIONAMENTO DOS DOIS IRMÃOS

A paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. (MEYER, M. Retórica das paixões, 2000, p. XXXIX)

As paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 21). Os efeitos de sentido passionais inscritos em diferentes tipos de textos, dos quais a literatura de ficção constitui um precioso modelo, configuram-se na narrativa como modulações do estado de alma dos sujeitos. Dessa forma, as paixões surgem da interação, da relação intersubjetiva dos sujeitos envolvidos em conflitos e confrontações.

Assim é que no romance *Dois irmãos*, as paixões emergem do relacionamento conflituoso dos irmãos gêmeos em busca de identidade e diferença. A competição entre eles começa na infância e vai assumindo uma dimensão assustadora através de uma série de acontecimentos que somatizam e agravam a rivalidade fraterna.

A rivalidade entre Yaqub e Omar é o ingrediente substancial do universo ficcional de *Dois irmãos*, é, pois, do relacionamento entre os dois sujeitos que brotam as paixões. As paixões no romance de Milton Hatoum surgem ingenuamente, tomam formas, e caminham numa perspectiva ascendente para a maldade e o ódio. Essas paixões, que serão analisadas a partir de cinco cenas, são elas: a emulação, a inveja, o ciúme, a cólera, a vingança.

O entrelaçamento dessas paixões inscritas no texto é que vai nos permitir mostrar como o texto se organiza para produzir o sentido que o constitui e o relaciona a outros contextos culturais e históricos mais amplos.

3.1 DA EMULAÇÃO À INVEJA E AO CIÚME

Uma superioridade indiscutível e imposta é, efetivamente, apenas uma modalidade da prioridade da diferença, da exclusão, e somos levados ao jogo das paixões em que se disputa a incompatibilidade do homem com sua medida de exclusão do Outro em nós. (MEYER, M. Retórica das paixões, 2000, p. XXXVII)

A cena que abre a análise das paixões em *Dois irmãos* acontece quando Yaqub, depois de morar cinco anos no Líbano, regressa a Manaus. Yaqub chegou a Manaus acompanhado pelo pai que foi buscá-lo no Rio de Janeiro; a mãe, ansiosa, aguardava a chegada do filho no aeroporto.

A ida dos gêmeos para o Líbano foi programada pelo pai, mas a mãe persuadiu o marido a mandar apenas Yaqub, que na época estava com treze anos de idade. A viagem aconteceu um ano antes da Segunda Guerra. Zana culpava Halim por ter enviado o filho para morar na aldeia da família dele, um lugar onde nem escola havia, temia que o filho esquecesse o português; a preocupação de Halim era com o reencontro dos filhos, a reação de ambos e o convívio depois da longa separação.

Apesar do tempo em que viveram separados, Yaqub e Omar continuavam muito semelhantes, iguais na aparência e em certos trejeitos, mas o temor da mãe em relação aos anos que o filho viveu no Líbano se confirmou, Yaqub esqueceu algumas palavras da língua portuguesa.

Enquanto ele e os pais percorriam o caminho do aeroporto para casa, a paisagem contemplada por Yaqub irrompeu *flashes* da infância vivida naquele lugar. Esse *flashback* nos permitiu dividir a cena em duas partes: na primeira, ele resgatava momentos da infância; na segunda, da pré-adolescência.

Na primeira parte, a sua infância estava ali presente às margens do Rio Negro e dos igarapés e, junto a ela, também estava a presença de seu irmão gêmeo, pois, como ambos eram irmãos de mesma faixa etária, vivenciaram momentos dessa fase juntos: passeavam, brincavam e se aventuravam por ali.

A presença de Omar foi muito marcante para Yaqub, porque, o caçula, como era conhecido por ser o gêmeo que nasceu minutos depois que o irmão, destacava-se nas brincadeiras e estripulias de criança. Essa presença tão forte de Omar foi que desencadeou, na infância, a paixão da emulação em Yaqub.

A emulação é definida como “sentimento que leva a igualar ou ultrapassar alguém em mérito, em saber, em trabalho” (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 174). É uma paixão que focaliza a relação entre dois sujeitos S1/ S2, aqui representados por Yaqub (S1) e Omar (S2).

De acordo com o dispositivo canônico da emulação que apresentamos no capítulo teórico para fins de análise, listamos as seguintes fases dessa paixão: 1- proximidade; 2- prova da competência de (S2); 3- comparação; 4- sofrimento; 5- rivalidade; 6- crise da emulação; 7- moralização. Todas essas fases aparecem no discurso na perspectiva de apenas um dos sujeitos (S1), o sujeito passional, aquele cujo estado tornar-se-á modificado ao longo do percurso. Dessa forma, passaremos à análise de cada uma das fases do dispositivo da emulação.

A emulação é uma paixão que afeta um sujeito em relação a um outro, sendo necessário que ambos mantenham um certo relacionamento de proximidade. Assim, a proximidade dos sujeitos Yaqub (S1) e Omar (S2) era manifestada de várias maneiras, entre elas: pelo parentesco, ambos são irmãos gêmeos; pela faixa etária, os dois têm a mesma idade; pelo lugar, o regresso de Yaqub a Manaus, cidade onde residia a família. Pelo fragmento abaixo, podemos observar a proximidade entre eles:

Agora ele estava de volta: um rapaz tão vistoso e alto quanto o outro filho, o Caçula. Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura. Yaqub dava um suspiro depois do riso, igualzinho ao outro. A distância não dissipara certos tiques e atitudes comuns, mas a separação fizera Yaqub esquecer certas palavras da língua portuguesa. (HATOUM, 2006, p. 13)

A proximidade entre os sujeitos era o que permitia mostrá-los envolvidos nas mesmas situações, quando os dois desfrutavam juntos os prazeres da infância:

Os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o Careiro, no outro lado do rio Negro, de onde voltavam com cestas cheias de frutas e peixes. Ele e o irmão entravam correndo na casa, ziguezagueavam pelo quintal, caçavam calangos com uma baladeira. (HATOUM, 2006, p.14)

Se a proximidade os unia em situações comuns, ela também revelava a diferença dos dois sujeitos, seja ela de comportamento, de atitude, da maneira de ser. A maneira de ser, de se comportar, de agir perante as situações apresentadas nos permitiu observar que mesmo pessoas próximas e semelhantes apresentavam qualidades e comportamentos distintos, o que as diferencia e as identifica. Observamos essa diferença no comportamento e no modo de ser de Yaqub (S1) e Omar (S2) pela passagem abaixo:

Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. (HATOUM, 2006, p.14)

Yaqub (S1) era medroso e Omar (S2) era corajoso. A maneira de ser e de se aventurar de Omar, ele era corajoso e se arriscava perante o perigo, correspondia à competência que ele possuía e à qual faltava a Yaqub:

A voz de Omar, o Caçula: “Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe”. Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho. Detestava os ralhos de Zana quando fugiam nas manhãs de chuva torrencial e o Caçula, só de calção, enlameado, se atirava no igarapé perto do presídio. Eles viam as mãos e a silhueta dos detentos, e ele ouvia o irmão xingar e vaiar, sem saber quem eram os insultados: se os detentos ou os curumins que ajudavam as mães, tias ou avós a retirar as roupas de um trançado de fios nas estacas das palafitas. (HATOUM, 2006, p.14)

Omar (S2) tinha consciência das qualidades que possuía, arriscava-se cada vez mais e provocava Yaqub para acompanhá-lo. Seguro de si, (S2) sabia que era superior ao irmão, porque conseguia enfrentar diversas situações, às quais (S1) as revidava por medo. O sujeito (S1) se comparava a (S2), (S2) era competente, sabia-fazer e podia-fazer; então, Yaqub (S1) sentia-se diminuído e inferior, porque não conseguia realizar as mesmas façanhas que Omar (S2):

Não fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, quando via o braço do caçula enroscado no pescoço de um

curumim do cortiço que havia nos fundos da casa. Sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado, ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, agüentar o cerco e os socos deles e revidar com fúria e palavrões. Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. (HATOUM, 2006, p.14)

Ao se comparar a (S2), (S1) sofria por perceber suas limitações e as potencialidades de (S2), por isso, sentia raiva de si mesmo e do outro, mas não deixava de admirá-lo pela coragem que tinha.

É comum que entre irmãos o mais velho seja corajoso e proteja o(s) irmão(s) mais novo(s), ou seja, o primogênito, na ausência do(s) pai(s), se responsabiliza e cuida dos demais membro da família. Com Yaqub e Omar era diferente, o Caçula era quem comprava as brigas com as outras crianças, o mais velho se acovardava, se escondia, tinha medo.

Conhecendo as qualidades de (S2), (S1) tomava-as como referência e manifestava a rivalidade: (S1) quer ser igual a (S2). A admiração que sentia por Omar alimentava em Yaqub o desejo de se igualar, fazer as mesmas coisas que o Caçula fazia. Assim sendo, (S1) modalizado pelo querer-fazer e querer-ser criava o simulacro que permitia a ele entrar em conjunção com as competências que (S2) possuía:

Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos; queria, correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecidas pelo sol forte da tarde, e saltar para pegar a linha ou a rabiola de um papagaio que planava lentamente, em círculos, solto no espaço. (HATOUM, 2006, p.14-15)

Pelo simulacro criado na perspectiva de Yaqub (S1), percebemos que o dispositivo foi sensibilizado, a crise da emulação aconteceu, pois (S1) conseguiu copiar a imagem modal de (S2). Então, a modalização que domina o sujeito é a do querer-ser, o querer-fazer fica em segundo plano. Nessa perspectiva, o sujeito (S1) se tornou êmulo e o seu comportamento foi moralizado positivamente.

Embora o dispositivo da emulação tenha sido concluído, (S1) continuava admirando o irmão (S2), isto é, desejando se igualar a ele. O sujeito, que despertava no outro a paixão da emulação, apresentava-se como um sujeito realizado. Essa qualificação do sujeito de referência, identificada a partir de sua competência, continuava provocando em (S1) o querer-ser como (S2): “O Caçula tomava impulso, pulava, rodopiava no ar como um acrobata

e caía de pé, soltando um grito de guerra e mostrando as mãos estriadas. Yaqub recuava ao ver as mãos do irmão cheias de sangue, cortadas pelo vidro do cerol” (HATOUM, 2006, p.15). Yaqub embora não conseguisse repetir o fazer de (S2), continuava alimentando o desejo de ser como ele, ou seja, o sujeito (S1) prosseguia em seu percurso patemizado pela emulação.

Na segunda parte da cena, depois de reviver momentos da infância marcados pelo desejo de ser como o irmão e pelas limitações que não permitiam que ele o fosse com toda a intensidade que desejava, Yaqub se lembrou de um baile de carnaval que aconteceu dois meses antes de sua partida para o Líbano. A lembrança desse baile mostrava Yaqub diferente. Se antes ele era apresentado negativamente pelo que não conseguia realizar, agora ele aparecia de maneira positiva como alguém que gostava e sabia fazer algo, brincar e pular carnaval: “Yaqub não era esse acrobata, não lambuzava as mãos com cerol, mas bem que gostava de brincar e pular nos bailes de Carnaval no sobrado de Sultana Benemou, onde o Caçula ficava para a festa dos adultos e varava a noite com os foliões” (HATOUM, 2006, p.15). Mesmo apresentando uma qualificação, a comparação implícita com o irmão surgia na seqüência: Yaqub gostava de brincar e pular carnaval, mas era Omar quem ficava na festa a noite toda.

Esses bailes aconteciam em duas sessões, uma para os jovens e outra mais tarde para os adultos. Yaqub participava da primeira sessão, o que conferia a ele a designação de jovem que era, pré-adolescente; Omar participava do baile dos adultos, agindo como tal. O Caçula estava sempre à frente, assumindo uma postura contrária aos preceitos sociais e à sua faixa etária, com apenas treze anos já se fazia passar por adulto. Yaqub respeitava esses preceitos, era sempre mais acometido, naquela noite quis ficar, mas somente até a meia-noite, um horário menos transgressor que o do irmão.

O motivo que levava Yaqub a querer ficar até mais tarde na festa era Lívía, uma garota bonita que se apresentaria pela primeira vez na festa dos adultos. Nessa decisão de Yaqub, percebemos a competição com o irmão, ainda que o texto não manifestasse a ocorrência dessa situação explicitamente, mas os fatos se encarregavam de engendrará-los: primeiro, Omar, que não era adulto, permanecia na festa dos adultos; segundo, Lívía participaria pela primeira vez da festa dos adultos; terceiro, Yaqub queria se sentir adulto como Lívía; concluindo, Yaqub desejava conquistar Lívía e, para isso, precisava ficar na festa para não correr o risco de outro conquistá-la, supostamente esse outro era Omar. O excerto abaixo coloca em evidência os planos de Yaqub:

O baile dos jovens havia começado antes do anoitecer. Às dez horas os adultos entraram fantasiados na sala do casarão, cantando, pulando e enxotando a garotada. Yaqub quis ficar até meia-noite, porque uma sobrinha dos Reinoso, a menina alourada, corpo alto de moça, também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. Seria a primeira noite de Lívia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas, as tranças salpicadas de lantejoulas que brilhavam nos ombros bronzeados. Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto como ela. (HATOUM, 2006, p.15)

O que Yaqub não previa era a sua ausência no baile, já que, como filho obediente, atendeu a ordem da mãe e levou a irmã para casa. Quando retornou ao baile, foi tomado pelo espanto ao ver Lívia e Omar dançando juntos. A reação que teve alterou o seu comportamento: “A sala fervilhava de foliões, e no meio das tantas cores e das máscaras ele viu as tranças brilhantes e os lábios pintados, e logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava” (HATOUM, 2006, p.15).

A cumplicidade dos dançarinos, alheios às manifestações festivas típicas de carnaval, foi decisiva para que Yaqub percebesse o envolvimento dos dois enamorados:

Lívia e o irmão dançavam num canto da sala. Dançavam quietos, enroscados, movidos por um ritmo só deles, que não era carnavalesco. Quando os foliões esbarravam no par, os dois rostos se encontravam e, aí sim, davam gargalhadas de Carnaval. (HATOUM, 2006, p. 15-16)

Yaqub sentiu ciúmes dos dois, mas como sempre a falta de coragem não o deixou partir para a disputa e conquistar Lívia. Novamente a presença do irmão causava em Yaqub medo de se colocar à prova, de tentar, lutar pelo que desejava. A presença do irmão era tão forte que o deixava fragilizado, a superioridade que o irmão fazia questão de mostrar desde pequeno colocava em evidência a inferioridade do outro, ou seja, Yaqub recuava na presença do irmão, ele preferia não medir forças, temia o fracasso: “Yaqub ensombreceu. Não teve coragem de ir falar com ela. Odiou o baile, ‘odiei as músicas daquela noite, os mascarados, e odiei a noite’, contou Yaqub a Domingas na tarde de Quarta-Feira de Cinzas” (HATOUM, 2006, p.16). Por esse comportamento de Yaqub, reconhecemos o papel patêmico de ciumento, ele sofria ao ver Lívia em conjunção com Omar. Ele, enquanto ciumento, era apenas o espectador, alguém que assistia a cena e nada fazia para modificá-la.

Diferentemente das lembranças da infância, quando Yaqub queria ser como o irmão, aqui ele não manifestava esse desejo. Ocorreu uma mudança de comportamento, ele se retirou do local, sofreu por não conseguir o objeto valor: conquistar Lívia. Com o estado de alma alterado, Yaqub foi para casa, mas não conseguiu dormir:

Foi uma noite insone. Ele fingia dormir quando o irmão entrou no quarto dele naquela madrugada, quando o som das marchinhas carnavalescas e a gritaria dos bêbados enchiam a atmosfera de Manaus. De olhos fechados, sentiu o cheiro de lança-perfume e suor, o odor de dois corpos enlaçados, e percebeu que o irmão estava sentado no assoalho e olhava para ele. Yaqub permaneceu quieto, apreensivo, derrotado. Notou o irmão sair lentamente do quarto, o cabelo e a camisa cheios de confete e serpentina, o rosto sorridente e cheio de prazer. (HATOUM, 2006, p. 16)

A presença de Omar no quarto de Yaqub depois de passar a noite ao lado de Lívia era uma prova de que Omar fazia questão de se mostrar um rival imbatível e superior, alguém que sentia prazer não em conseguir o que o irmão desejava, mas alguém que sentia prazer em mostrar a sua supremacia e, conseqüentemente, a incapacidade do mais velho de rivalizar-se com ele. Ele, Omar, era o detentor do poder, o melhor, o mais corajoso, o conquistador. O irmão era um fracassado, derrotado, medroso. O prazer que Omar sentia em privar Yaqub de conseguir o que desejava, identificava-o como um invejoso, no íntimo ele não queria que o irmão fosse melhor ou obtivesse algo para não ter que competir com ele. Ficava evidente que o prazer de Omar não estava em suas realizações e conquistas, mas, sim, em impedir qualquer tipo de realização de Yaqub.

Se Omar buscava acentuar a diferença entre eles; Yaqub buscava a sua identidade no irmão, ou seja, Yaqub tinha consciência do que era a partir da imagem de Omar. Assim, Yaqub era o que Omar não era. Em todo momento ficava clara essa perspectiva de análise, pois primeiro aparecia a descrição de Omar e, na seqüência, a descrição do que Yaqub era pela exposição das qualidades que ele não possuía ao se comparar com o irmão.

Privado de se sentir realizado, restava a Yaqub apenas algumas indagações que fazia a si mesmo tentando encontrar respostas para o que ele não conseguia entender. As lembranças rememoradas contribuía para que ele, agora de volta, procurasse preencher as lacunas que ficaram daquele tempo que foi interrompido pela viagem ao Líbano:

Não entendia por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano dois meses depois. Agora o Land Rover contornava a praça Nossa Senhora dos Remédios, aproximava-se da casa e ele não queria se lembrar do dia da partida. Sozinho, aos cuidados de uma família de amigos que ia viajar para o Líbano. Sim, por que ele e não o Caçula, perguntava a si mesmo... (HATOUM, 2006, p. 16)

Esses questionamentos de Yaqub revelavam mais que a latência por respostas, a diferença entre ele e o irmão; diferença que a mãe não fazia questão de atenuar. A diferença entre Yaqub e Omar percebida pelo mais velho era causa de sofrimento; para o Caçula era motivo de prazer.

O paradoxo tematizado pela igualdade (aparência) e diferença (comportamento) figurativiza Omar como um ator que agia por instinto, e Yaqub como um ator que não agia por receio. A diferença de comportamento dos gêmeos contribuía para a construção da isotopia: a violência de Omar (xinga, vaia, insulta, desafia, revida, soco, fúria, palavrões, briga, sangue); a covardia de Yaqub (treme, teme, detesta, raiva, medo, acovardado, se esconde, ensombreceu, odiou).

De acordo com esse paradoxo que constituía inicialmente os atores em *Dois irmãos* é que presentificaremos no texto as paixões que afetam seus estados de alma.

Nessa primeira cena constatamos o desejo de emulação em Yaqub, pois ele queria se igualar a Omar; a inveja em Omar, uma vez que ele sentia prazer em privar Yaqub de conseguir o que queria; o ciúme, já que Yaqub sentia ciúme de Omar.

Assim identificadas as três paixões, passaremos a investigar a configuração da inveja e do ciúme, uma vez que a configuração da emulação já foi aqui analisada.

3.2 O CIÚME SOBRE O PANO DE FUNDO DA INVEJA

A oponibilidade que une e desune os homens é precisamente o passional, a contingência que os libera ao mesmo tempo que pode entregá-los ao que a destrói e ao que os subjuga. (MEYER, M. *Retórica das paixões*, 2000, p. XXXV)

O ciúme que começou naquela noite carnavalesca no sobrado dos Benemou por ocasião de Omar conquistar Lívia, garota almejada por Yaqub, configura-se nesta cena

sob uma nova perspectiva: na cena anterior, o ciúme foi manifestado por Yaqub; nesta, Omar é quem vive o papel de ciumento.

A passagem que nos permite analisar o ciúme entre os dois irmãos foi relatada por Domingas, a empregada da família, ao filho com a finalidade de contar como foi a história da cicatriz na face de Yaqub, a única marca que distinguia os gêmeos tão idênticos na aparência.

Quando Yaqub chegou em casa, foi recebido com euforia por Rânia e Domingas. A mãe tentou justificar a ausência de Omar que só apareceu por volta da meia-noite, quando os vizinhos que vieram ver Yaqub ainda estavam na casa e assistiram a recepção de Zana ao filho Caçula como se fosse ele o viajante que retornava a casa, Yaqub ficou enciumado ao perceber a cumplicidade dos dois.

Os irmãos se cumprimentaram friamente com um aperto de mão. Enquanto estavam próximos, a semelhança dos dois deixava perplexos os demais ali presentes, o que os distinguia era a cicatriz no rosto de Yaqub.

A cicatriz na face esquerda de Yaqub estigmatizava não só a diferença da aparência dos dois, mas também guardava a memória da rivalidade que, assim marcada concretamente em Yaqub, fazia lembrar a todos que lhe são próximos o ódio estampado pelo sinal que simbolizava a inimizade dos dois.

A história da cicatriz aconteceu logo depois do carnaval, num dia de sábado, quando os gêmeos foram à casa dos Reinoso assistir a uma sessão de cinema. Essas sessões aconteciam no último sábado de cada mês, quando todas as crianças da vizinhança eram convidadas para esse acontecimento inusitado e, como tal, elas se vestiam para a ocasião.

Com os gêmeos também era assim: “Yaqub e o Caçula usavam um fato de linho e uma gravatinha borboleta; saíam iguais, com o mesmo penteado e o mesmo aroma de essências do Pará borrifado na roupa” (HATOUM, 2006, p. 20).

Apesar da semelhança na aparência, o comportamento deles era distinto em todas as situações. Yaqub, o irmão mais velho, era um garoto tímido e reservado em sua fala e em suas ações. Omar, o Caçula, ao contrário do mais velho, era todo cheio de si, atirado, aventureiro, corajoso, destemido. A figurativização inicial de ambos apresenta-se na seqüência: Yaqub, menino tímido, continuou de braços dados com a criada Domingas; Omar, sedutor, foi ao encontro da dona da casa e ofereceu-lhe flores: “Domingas, de braços dados com os dois, também se arrumava para acompanhar os gêmeos. O Caçula se desgarrava, corria, era o primeiro a beijar o rosto de Estelita e entregar-lhe um buquê de flores” (HATOUM, 2006, p. 20-21).

Depois de cumprimentarem a dona da casa, chegaram à sala onde estavam todos os convidados e os criados que serviam lanches às crianças. Entre os convidados estava Lívia, a sobrinha dos Reinoso que Yaqub desejava conquistar dias atrás naquela noite de carnaval, no entanto, pelas contingências do destino, foi conquistada por Omar.

Com a demora do cinematógrafo, a garotada ansiosa apreciava selos de outros países, canhões e soldadinhos que formam expostos sobre a mesa. O tempo começou a fechar e, por isso, Abelardo Reinoso ligou o gerador. Enquanto o cinematógrafo não chegava, Lívia dispensava aos gêmeos uma atenção especial:

A meninona loira apreciava um selo raro, e seus braços roçavam os dos gêmeos. Alisava o selo com o indicador, os outros meninos se entretinham com o batalhão verde, e ela parecia atraída pelo aroma que exalava dos gêmeos. Lívia sorria para um, depois para o outro, e dessa vez foi o Caçula quem ficou enciumado, disse Domingas. (HATOUM, 2006, p. 21)

Omar começou a ficar enciumado. A organização triangular que constitui a base da relação ciumenta é formada pelos actantes: sujeito ciumento, Omar; objeto do ciúme, Lívia; e sujeito rival, Yaqub. Lívia será o pivô, o objeto de valor disputado pelos dois sujeitos.

A seqüência da narrativa, a partir da relação estabelecida entre os sujeitos envolvidos, nos permite identificar a lógica do esquema canônico do ciúme que comporta as fases: Constituição – Disposição – Sensibilização – Emoção – Moralização.

Na primeira fase, vemos o sujeito apaixonado se constituindo pela inquietude que definia a sua tensão em face das circunstâncias apresentadas, ou seja, o seu comportamento foi alterado, evidenciando um temperamento oscilatório, sob o qual o apaixonado não tinha controle. Essa inquietude, provocada pela ameaça, mesmo que imaginária do rival, inspirava o temor de partilhar o objeto valor, um acontecimento por vir. A oscilação disfórica e eufórica resultavam do abalo fórico do sujeito, o sentir que o tornou inquieto.

Uma vez que o sujeito se tornou inquieto, instalou-se a desconfiança, a suspeita da presença de um rival. Aconteceu, então, uma perturbação fiduciária, o dever-ser que fundamentava a confiança transformou-se em dúvida. A suspeita da existência de um rival corresponde à segunda fase do esquema canônico do ciúme: a disposição do sujeito para manifestar o efeito de sentido passional, Omar é ciumento; como podemos comprovar nesta

passagem: “O Caçula fez cara feia, tirou a gravatinha-borboleta, desabotoou a gola e arregaçou as mangas da camisa. Bufou, se esforçou para ser dócil” (HATOUM, 2006, p. 21).

Manifestada a disposição de ser ciumento, identificamos a sensibilização, terceira fase do esquema, intimamente ligada à variação do ponto de vista do sujeito, assim ela poderá prolongar ou atenuar a crise passional.

Omar, por já ter consumado a conjunção com Lívia anteriormente, era superior ao irmão em competência, um sujeito positivo e contratual da ação: deve/, quer/ e pode fazer _ ficar conjunto com Lívia; por outro lado, a presença de seu oponente, o irmão Yaqub, marcava a ocorrência de um sujeito conflituoso: deve não fazer/, quer fazer/ e pode fazer.

A existência modal do sujeito passional foi modelada pela interação, a variação dos estados de alma desse sujeito dependerá da existência modal do objeto de valor desejado. Dessa forma, observamos a variação dos estados de alma do Omar em resposta ao modo como Lívia se portava em relação a Yaqub: na passagem anterior, quando Lívia sorriu para Yaqub, Omar fez cara feia (não gostou), ficou inquieto (tirou, desabotoou, arregaçou), bufou (ficou bravo), se esforçou para ser dócil (tentou se recompor); na passagem abaixo veremos que Lívia recusou o convite de Omar para continuar perto de Yaqub, intensificando a sensibilização, pois Omar detestou vê-los tão próximos:

Balbuciu: “Vamos dar uma volta no quintal?”, e ela olhando o selo: “Mas vai chover, Omar. Escuta só as trovoadas.” Então ela tirou um selo do álbum e ofereceu-o a Yaqub. O caçula detestou isso, disse Domingas; detestou ver os dedos do irmão brincarem de minhoca louca com os dedos de Lívia. (HATOUM, 2006, p. 21)

Omar tentou tirar Lívia de perto de Yaqub propondo uma volta no quintal, porém, com a resposta de Lívia iniciada pela conjunção adversativa “mas”, notamos a quebra do contrato; Lívia deu uma desculpa para não sair de perto de Yaqub. A confirmação da quebra do contrato se concretizou com o gesto da menina, intensificando a fase da patemização. É uma constante da competência do sujeito passional a inquietude e a desconfiança, por isso, Omar continuava inquieto e mais desconfiado ainda.

Conforme vimos, Lívia deu atenção aos dois irmãos: “seus braços roçavam os dos gêmeos”, “ela parecia atraída pelo aroma que exalava dos gêmeos”, “Lívia sorria para um, depois para o outro” (HATOUM, 2006, p. 21), mas em seu comportamento ficava clara a preferência pelo mais velho.

Ela tinha um poder de sedução que chamava a atenção não só dos gêmeos, mas dos demais garotos da vizinhança. O short vermelho e o olhar dengoso citados no fragmento abaixo são indícios de sedução: a cor vermelha simboliza paixão; o tipo de vestimenta, short, roupa curta que deixa à mostra as pernas; o jeito de olhar, o olhar por si só é o primeiro contato de atração entre duas pessoas, um olhar dengoso é bem mais que isso, é um olhar que insinua algo.

Dessa forma, Lívia foi descrita como uma mocinha. No diminutivo percebemos a ironia: não era moça ainda, mas sabia usar os artifícios de uma mulher madura para atrair o sexo oposto, como comprovamos pela passagem:

Não era sonsa, era uma mocinha apresentada, que sorria sem malícia e atraía os gêmeos e todos os meninos da vizinhança quando trepava na mangueira, e em redor do tronco um enxame de moleques erguia a cabeça e seguia com o olhar a ondulação do short vermelho. Mas ela gostava mesmo era dos gêmeos, olhava dengosa para os dois; às vezes, quando se distraía, olhava para Yaqub como se visse nele alguma coisa que o outro não tinha. (HATOUM, 2006, p. 21)

A preferência de Lívia por Yaqub manifestada neste dia contrariava os pensamentos de Omar, que acreditava poder continuar conjunto com ela após a noite de carnaval. Essa inquietude do ator ciumento era reforçada pelo apego ao objeto valor, ele não queria perdê-lo, portanto tentava de todas as maneiras, criar simulacros em que se projetava conjunto ao objeto desejado:

O caçula pensava que depois do baile dos Benemou a Lívia ia cheirar e morder o gogó dele e desfilhar com ele nas matinês do Guarani e do Odeon. Já tinha prometido roubar o Land Rover dos pais e passear com ela até as cachoeiras do Tarumã. Zana desconfiou, escondeu a chave do jipe, cortou a curica do Caçula.(HATOUM, 2006, p. 21-22)

Por mais que Omar se mostrasse apegado ao objeto valor, Yaqub também buscava a sua conjunção com ele. Assim, a rivalidade foi estimulada pela concorrência e pela competição, ou seja, os dois atores buscavam o mesmo objeto ao mesmo tempo. A rivalidade entre os dois irrompeu quando o rival mostrou-se interessado pelo objeto disputado: “Yaqub reservou uma cadeira para Lívia e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido” (HATOUM, 2006, p. 22). Quando o sujeito ciumento, Omar, confirmou o interesse do rival,

Yaqub, pelo objeto valor, Lívia, ele censurou com o olhar o rival. Pela ação do rival em reservar uma cadeira que garantiria a proximidade com a moça, Yaqub era modalizado pelo querer-fazer, entrar em conjunção com Lívia; já Omar, ao desaprovar a ação do irmão, era modalizado pelo não-querer que o outro fizesse, ou seja, o ciumento não queria que Yaqub entrasse em conjunção com Lívia.

Assim, a manifestação pública desse estado afetivo induzido do sujeito ciumento confirmou na narrativa a quarta fase do esquema passional, a emoção:

Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a platéia viu os lábios de Lívia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. (HATOUM, 2006, p. 22)

Ao perceber a conjunção de Lívia com Yaqub, a manifestação agressiva e disfórica do ciúme de Omar se concretizou. Omar acreditava poder estar conjunto com Lívia, quando viu que essa conjunção aconteceu com o irmão, agrediu-o violentamente.

A fase da emoção ficou pressuposta pela figura: estocada certa, que criava o efeito de sentido de raiva, fúria, sofrimento. Essa representação figurativa do fazer de Omar consolidou a intensidade da rivalidade que, ao trazer sofrimento para o ciumento, fez com que ele tentasse destruir o rival, retirando-o de seu caminho.

Omar, ao manifestar o ciúme modalizado por um não-poder-não-fazer como Yaqub: conquistar Lívia, revelava explicitamente o temor de perder o objeto e implicitamente reconhecia o sucesso do rival. Esse reconhecimento do mérito do rival pelo ciumento era nada mais que a comprovação de sua inferioridade em competência, pois se o ciumento não pôde ficar conjunto com o objeto, ele fez com que o rival também não o pudesse, para não ter que sofrer ao vê-los conjunto.

Na cena do ciúme confirmou-se a conjunção do rival com o objeto valor e o ciumento foi mero observador, alguém que assistiu à cena, mas não pôde figurar como ator.

Na última fase, a da moralização, o ciumento não respeitou o código de normas que regia o espaço comunitário, por isso, depois de identificar o ataque do ator ciumento, todos os presentes e os que chegaram ao local da cena reagiram ao fato consumado: grito de pânico abafou o alvoroço. É o que identificamos no excerto: “O silêncio durou alguns

segundos. E então o grito de pânico de Lívia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. Os Reinoso desceram ao porão, a voz de Abelardo abafou o alvoroço” (HATOUM, 2006, p. 22).

A inserção da paixão nos textos nos leva a observar a variação dos estados de alma do sujeito passional e a reação desses estados nos outros, daí o caráter interativo e intersubjetivo das paixões. Assim como identificamos as alterações no comportamento passional do ciumento, também percebemos os efeitos que essas alterações causam nos outros sujeitos, inclusive no rival que foi o alvo sobre o qual recaiu a fúria do ciumento: “A cicatriz já começava a crescer no corpo de Yaqub. A cicatriz, a dor e algum sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse. Não tornaram a falar um com o outro” (HATOUM, 2006, p. 20).

Portanto, as taxonomias culturais permitem identificar as paixões sensibilizadas e moralizadas como negativas ou positivas de acordo com os regimes de circulação de bens e valores de cada cultura. Dessa forma, vemos que os pais do sujeito passional tentaram encontrar algo que justificasse o comportamento do filho com base na cultura de que faziam parte:

Zana culpava Halim pela falta de mão firme na educação dos gêmeos. Ele discordava: “Nada disso, tu trata o Omar como se ele fosse nosso único filho” [...] Os pais tiveram que conviver com um filho silencioso. Temiam a reação de Yaqub, temiam o pior: a violência dentro de casa. Então Halim decidiu: a viagem, a separação. A distância que promete apagar o ódio, o ciúme e o ato que os engendrou. (HATOUM, 2006, p. 22-23)

Os pais trataram logo de culpar um ao outro para justificar o acontecido: o pai, por deixar os filhos fazerem tudo o que queriam; a mãe, pelo zelo excessivo dedicado ao Caçula. Nem um dos dois assumiu o erro na educação dos filhos e, na tentativa de corrigir esse erro, cometeram um erro maior: mandar Yaqub para o Líbano.

A cena escolhida para análise tem no contexto global da obra grande relevância, primeiro, porque é a cena em que um irmão deixou no outro uma cicatriz, uma marca que Yaqub carregará para o resto de sua vida; segundo, porque, a partir dessa cena, o pai retirou o mais velho do seio da família e isso também deixou marcas profundas nele, uma grande mágoa, como se ele fosse o excluído, o rejeitado, conferindo ao seu irmão agressor um lugar privilegiado junto à proteção dos pais.

Descrito o esquema passional canônico, constatamos a paixão do ciúme como construção discursiva isotópica negativa tanto do ponto de vista do ator ciumento que sofreu a perda do objeto de valor; quanto do ator rival que foi agredido, ferido fisicamente. A manifestação desse estado de alma envolveu ainda o objeto de valor, para o qual se dirigiram as atenções e a disputa, mesmo que o seu sofrimento não fosse aparente, tornou-se implícito pelo fato de, no decorrer da seqüência narrativa, ter mostrado interesse pelo ator rival e indiferença ao ator ciumento. Além dos atores envolvidos no esquema passional, restaram os atores coadjuvantes que, presentes no espaço comunitário/social da cena, sancionaram a crise passional.

Ainda levando em conta a configuração do ciúme na cena anterior e nesta cena, observamos que os sujeitos envolvidos foram os mesmos: Yaqub, Livia e Omar, porém o que mudou foi a perspectiva adotada pelo ator ciumento. O objeto do ciúme foi o mesmo nas duas perspectivas: Livia. Aconteceu, porém, uma troca de papéis entre os sujeitos, antes Yaqub era o sujeito ciumento e Omar, o rival; agora, Omar é o ciumento e Yaqub, o rival. A inversão dos papéis é comum uma vez que os sujeitos trocam simulacros que resultam em dispositivos sensibilizados. Dessa maneira, percebemos o ciúme como uma paixão interativa e intersubjetiva complexa, cuja configuração e sintaxe nos permitem analisá-la nos discursos com base na perspectiva adotada pelo ciumento.

É importante ressaltarmos também o narrador do texto que, como filho de Domingas, a criada da casa, reconstituiu a cena com base na dimensão das impressões de sua mãe, que lhe contou a história: “Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. Ela pensava que um ciuminho reles tivesse sido a causa da agressão” (HATOUM, 2006, p. 21).

O fato de a narrativa ter como narrador o filho de Domingas transmitiu-nos o acontecimento sob a ótica de um outro sujeito, Domingas, que descreveu os fatos, mas ao mesmo tempo deixou fluir na narrativa alguns juízos de valor, como, por exemplo, ciuminho reles. Para Domingas parecia ser um ciuminho reles o que motivou a agressão, mas percebemos pelo verbo – pensava – que o que parecia ser, não é o que de fato motivou Omar.

Então, precisamos comprovar os efeitos de verdade do discurso e, para isso a veridicção é um recurso que nos permite interpretar esses valores de verdade, pela oposição instalada no discurso entre o ser e o parecer. No modo do parecer que sobressai ao ser, a cena da cicatriz comprova uma verdade de evidência: a causa da agressão foi a paixão do ciúme; ao contrário, se o ser sobressair ao parecer: o ciúme é dissimulado, ele esconde um segredo.

Portanto, as evidências da paixão do ciúme, conferidas pela análise e certificadas pela lógica do esquema canônico, criam o efeito de sentido de verdade. Daí a necessidade de analisar o ciúme, a paixão explícita no texto.

Depois de uma investigação mais minuciosa, constatamos que o ciúme representou nesta cena apenas a camuflagem de uma outra paixão: a inveja.

Por um lado, o ciúme analisado na primeira cena, na perspectiva de Yaqub, configurava sim essa paixão, visto que ele desejava conquistar Lívia, portanto, ele se constituiu como sujeito ciumento, Lívia era o objeto do ciúme, e Omar, o rival.

Por outro lado, o que parecia ciúme nesta cena, na perspectiva de Omar, nada mais era que inveja. Mais que o desejo de continuar conjunto com Lívia, o que o atormentava era o temor de perder o objeto valor para Yaqub e, assim, reconhecer no rival o mérito, mérito que conferia ao rival a superioridade em competência e, ao mesmo tempo, a necessidade do ciumento de retirá-lo da competição para não ter que disputar com ele o objeto valor.

A cena da inveja presentifica o sujeito passional como puro sujeito de estado, ele só se tornou sujeito de fazer por intermédio do querer que o outro não tivesse, mediado pelo objeto de valor. Lívia representava para Omar apenas o pretexto que aguçava a rivalidade entre ele e o irmão.

Na cena anterior, Omar entrou em conjunção com Lívia para privar Yaqub de fazê-lo. Nesta cena, por não conseguir a conjunção com Lívia, ele tentou destruir Yaqub e retirou-o da competição. Omar, modalizado pelo querer que Yaqub não entrasse em conjunção com Lívia, agrediu o irmão, tornando-se um sujeito patemizado pela inveja. Assim, a isotopia construída pelo fazer de Omar - violência, ferimento, cicatriz, dor - imputa à inveja a avaliação negativa.

3.3 A INVEJA QUE DESPERTA A VINGANÇA

A inveja, embora uma os iguais, tem pouca probabilidade de suscitar a comunhão. Os iguais já estão próximos e a inveja assinala de preferência a diferença. (MEYER, M. Retórica das paixões, 2000, p. XLIX)

... a inveja é vil e peculiar aos espíritos vis ... (ARISTÓTELES. Retórica das paixões, 2000, p. 71)

A volta de Yaqub do Líbano foi providencial para que se cumprisse o presságio que a separação não conseguiu eliminar: o ódio entre os dois irmãos. Esse sentimento que é manifestado por várias paixões no desenrolar do romance, nesta ocasião toma as formas da paixão da inveja.

O tempo que Yaqub viveu no Líbano sem freqüentar escola acarretou não só o esquecimento de algumas palavras, mas também contribuiu para que ele ao retornar se sentisse deslocado no ambiente familiar. Renunciava aos momentos da mocidade, isolado em seu quarto, passava dias e noites estudando a gramática portuguesa, mas destacava-se mesmo era na matemática. Aconselhado pelo professor de matemática, foi morar em São Paulo para continuar os estudos. Outra vez Yaqub se ausentou do lar, mas desta vez por decisão própria. Recusou ajuda financeira dos pais, formou-se engenheiro, e casou-se sem a presença da família. Todas as conquistas de Yaqub chegavam até a família através de cartas e fotografias que os pais orgulhosos exibiam para os vizinhos.

Omar reinava como senhor absoluto na casa e, como tal, era o centro das atenções das mulheres que ali habitavam. Levava uma vida boêmia ao lado de prostitutas e dançarinas dos clubes noturnos que freqüentava. A mãe, na excessiva proteção devotada ao Caçula, era auxiliada por Domingas e Rânia nas madrugadas de embriaguez e ressaca do filho farrista. Ao contrário de Yaqub, Omar foi expulso do colégio por agredir o mesmo professor de matemática que admirava o irmão, nunca freqüentou faculdade, não trabalhava.

Enquanto Yaqub se identificava com o ritmo da metrópole, a frieza das monumentais estruturas de concreto, a devoção das pessoas ao trabalho e prosperava na profissão; Omar sofria com a independência do irmão, era indiferente ao seu êxito, não tocava no nome dele. Os indícios da ascensão e do poder do mais velho, registrados nas fotografias expostas na sala, chamavam a atenção de todos e despertavam no Caçula a inveja.

A inveja, que trataremos aqui, é a que estabelece a rivalidade entre os sujeitos (S1/S2) mediatizada pelo objeto de valor (O). O sujeito invejoso (S1), representado por Omar, manifestava o sentimento de ódio contra o sujeito rival (S2), representado por Yaqub, por ele possuir o objeto (O) invejado.

De acordo com essa configuração são identificadas as modulações do dispositivo da inveja postuladas por Nascimento (2007, p. 13): proximidade, idealização do objeto, supervalorização do objeto, comparação, rivalidade, desqualificação e descompetencialização de S1, crise da inveja, sofrimento, destruição de S2 e aniquilamento de S1, moralização.

A paixão da inveja, que já fora manifestada antes na ocasião que teve como consequência a cicatriz no rosto de Yaqub, culminou no período em que Omar morou em São Paulo, como veremos a partir de agora pelo desabafo do pai.

Halim sempre conversava com Nael, o filho da empregada. Os dois estavam em um boteco na ponta da cidade flutuante, aonde chegou Pocu, um vendedor viajante, e contou-lhes a história de um casal de irmãos que viviam juntos em um barco abandonado longe da civilização, dois seres do mesmo sangue vivendo como bichos. Depois de ouvir a história, Halim disse: “Conheço um bicho, mas sem muita coragem” (HATOUM, 2006, p. 91), repetiu a frase, mas esperou Pocu sair para começar o desabafo.

O bicho ao qual Halim se referia era Omar, o filho que na concepção do pai agia como um animal, por instinto como o vimos figurativizado na infância. O fato novo é a falta de coragem de Omar, pois coragem era o que não faltava a ele quando pequeno. A falta de coragem a que se referia o pai era a de enfrentar a vida: estudar, trabalhar, conquistar com seus esforços o seu sustento e o que mais almejasse.

Omar foi para São Paulo contra a sua vontade, obrigado por Halim, a pedido de Zana, para afastá-lo de Dália, a Mulher Prateada que enfeitiçou o Caçula a ponto de ele sumir de casa por vários dias, causando preocupação e ciúmes na mãe. Os pais, que não tinham controle sobre a vida desregrada do filho, pensavam que longe deles Omar seguiria o exemplo de Yaqub, mas não foi isso que ele fez:

“Isso mesmo, majnun, um maluco mesmo.” Halim estalou os dedos, depois coçou a barba por fazer, grisalha, que envelhecia ainda mais o seu rosto. “Omar quer viver com emoção. Ele não abre mão disso, quer sentir emoção em cada instante da vida. A Zana pensou que o nosso filho...” Halim olhou para a margem do rio, como se tentasse lembrar de algo. “Sabe de uma coisa? Eu também... estava crente que ele tinha estudado um semestre inteiro num ótimo colégio e que depois ia poder entrar numa universidade. Nem São Paulo corrigiu Omar! Aliás, nenhum santo nem cidade vai dar jeito nele.” (HATOUM, 2006, p. 91)

Frustrado, Halim reconhecia o erro dele e de Zana ao tentarem aproximar os filhos na capital. A proximidade dos sujeitos (S1) Omar e (S2) Yaqub não estava só no fato de serem irmãos gêmeos, mas também por estarem próximos no mesmo espaço e tempo, ambos moravam na capital. Essa proximidade foi que permitiu ao sujeito (S1) ser patemizado pela inveja que sentia de (S2).

As revelações de Yaqub ao pai deixavam claro o efeito de indignação e de raiva provocado pela crueldade da inveja do irmão. Assim como o pai, o doutor via no Omar um animal, supostamente estragado pela mãe e mal-agradecido aos pais que o sustentavam:

Então Yaqub revelou a verdade, na versão dele. Contou só para o pai, que deixou o outro desabafar. O engenheiro, lacônico, dessa vez desandou a falar mal do irmão: “Um mal-agradecido, um primitivo, um irracional, estragado até o tutano. Fez pouco de mim e de minha mulher”. (HATOUM, 2006, p. 91)

A comprovação das acusações de Yaqub foi apresentada ao pai por um cartão-postal enviado pelo Caçula nas viagens em que fez ao exterior, mas ao contrário de ser uma correspondência agradável, o seu objetivo foi depreciativo.

No cumprimento de abertura, Omar foi irônico ao se referir a eles como “queridos mano e cunhada” - primeiro, porque não existia essa benquerença entre eles; segundo, porque mano é uma forma reduzida carinhosa de tratar um irmão - , e, continuou com a ironia ao convidá-los para irem até lá, convite que, mesmo sabendo ele não seria aceito, foi feito para provocar. Seguem as provocações insinuando que não são civilizados, que são superiores, que Lívia estava feia e velha. Na ironia e na provocação, Omar revelava o que invejava em Yaqub: a civilidade, a superioridade, o casamento com Lívia.

Ao identificarmos os objetos invejados por Omar, observamos a supervalorização desses objetos pelo uso enfático dos advérbios de intensidade e do pronome indefinido nas expressões: mais civilizada, superiores em tudo, rejuvenescer muito.

Além do mais, o invejoso reconhecia a superioridade do invejado e, reconhecendo a superioridade do rival, reconhecia a sua inferioridade, como podemos comprovar na passagem: “Se vierem, tratem de pintar o cabelo de loiro, assim vão ser superiores em tudo” (HATOUM, 2006, p. 92). O fato de pintar o cabelo de loiro torná-los superiores em tudo, pressupunha que eles já eram superiores para Omar. Assim, ficava implícita a inferioridade do sujeito invejoso, causando a rivalidade. É o que constatamos nos dizeres do cartão-postal:

Pois bem, o Caçula enviou o primeiro cartão-postal de Miami; depois enviou outros, de Tampa, Móbile e Nova Orleans, contando suas farras e peripécias em cada cidade. Yaqub rasgara todos os postais menos um, que entregou ao pai: “Queridos mano e cunhada, Louisiana é a América em estado bruto e mesmo brutal, e o

Mississipi é o Amazonas desta paragem. Por que não dão uma voltinha por aqui? Mesmo selvagem, Louisiana é mais civilizada que vocês dois juntos. Se vierem, tratem de pintar o cabelo de loiro, assim vão ser superiores em tudo. Mano, a tua mulher, que já foi bonita, pode rejuvenescer muito aqui na América. Abraços do mano e cunhado Omar. (HATOUM, 2006, p. 91-92)

A rivalidade entre os dois era projetada pela afronta às vantagens e aos bens que Yaqub possuía e dos quais Omar se desfazia por não poder tê-los. O invejoso tripudiava ironicamente e desvalorizava o que o outro tinha.

Omar era afetado pela modalidade do não querer que Yaqub fosse realizado com os seus bens, por isso, menosprezava-os. O sujeito invejoso era manipulado pelos objetos de posse do rival, porém buscava na manipulação passional o controle de uma representação do domínio desse simulacro, assim, revidava com uma contramanipulação, criando o seu próprio simulacro, fingindo que os bens do irmão não eram capazes de despertar sua cobiça, ou seja, faz-creer que não quer mais o que o outro tem. Se o rival, Yaqub, se sentisse realizado conjunto aos objetos, o invejoso, Omar, se desqualificava e descompetencializava.

Da mediação pelo objeto surgia a sensibilização que manifestava a transformação patêmica por uma instabilidade mal estabilizada. Omar embora parecesse eufórico na sua viagem, revelava-se disfórico em tentar por meio do cartão-postal fazer com que o irmão se sentisse em desvantagem.

Revoltado com o irmão, Yaqub foi a Manaus. O motivo da primeira visita depois que foi morar em São Paulo não foi o de rever a família, mas o de contar aos pais os feitos de Omar, uma maneira de mostrar a eles quem era o filho protegido de Zana e cobrar a injustiça de ter sido relegado ao segundo plano, condição que conferia ao Caçula privilégio e, ao mais velho, rejeição. Ainda assim, Yaqub não teve coragem de falar com a mãe já que ela era a causadora desse sentimento nele, por ter expressado incondicionalmente a preferência por Omar, portanto a revelação foi feita apenas para o pai:

“Durante cem dias o teu filho foi disciplinado como não tinha sido em quase trinta anos, mas foram cem dias de farsa”, disse Yaqub ao pai. “Ele roubou meu passaporte e viajou para os Estados Unidos. O passaporte, uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês!” Yaqub teve certeza disso quando recebeu o primeiro cartão-postal. Já tinha expulsado a empregada, porque ela levava Omar para o apartamento quando ele e a esposa estavam em Santos no feriado de 15 de novembro. A empregada havia confessado quase tudo: Omar a levava para passear no Trianon e no jardim da Luz; tinham almoçado no Brás e nos restaurantes do centro. Dois folgadões! Tudo isso com o dinheiro que vocês mandavam, disse Yaqub, irado. (HATOUM, 2006, p.92)

Omar enganou a todos, nos primeiros meses em São Paulo foi assíduo às aulas e estudioso, mas só até conhecer a empregada de Yaqub e Lívia, quando ela foi levar umas encomendas de Zana para ele a mando do patrão. Seduzida pelo Caçula, levou-o até o apartamento do casal no feriado em que estavam em Santos, contou a ele que Lívia era a esposa do seu irmão e permitiu que Omar mexesse em tudo no apartamento, como verificamos pelo relato:

Depois Yaqub se lembrou dos dois volumes, velhos e empoeirados de cálculo integral e diferencial, livros que comprara por uma pechincha num sebo da rua Aurora. Abriu os livros com o pressentimento de que fora aviltado. Rangia os dentes, as mãos trêmulas mal conseguiam folhear o primeiro volume, onde tinham sido enfiadas várias cédulas de um dólar; no outro volume guardara as notas de vinte. Folheou os dois livros, página por página, depois chacoalhou-os, e caíram cédulas de um dólar. O patife! Muito bem, que o pulha levasse o passaporte, a gravata de seda, as camisas de linho, mas dinheiro... (HATOUM, 2006, p.92)

No comportamento de Omar reconhecemos o papel de invejoso, ele tirou do irmão dinheiro, roupas e o passaporte. Era a crise da inveja, sentimento que animava o invejoso contra aquele que possuía o que ele não tinha. O Caçula invadiu o apartamento, roubou e humilhou o mais velho.

O dinheiro e o passaporte roubados do irmão deram a Omar o poder de viajar para o exterior, com isso, o cartão-postal representava para Omar o meio de ele mostrar a Yaqub que era superior em vantagens, pois enquanto Yaqub trabalhava, guardava economias e fazia viagens curtas pelo interior do estado, Omar usurpava dos bens adquiridos pelo irmão com trabalho e fazia viagens internacionais.

Assim sendo, pelo cartão postal reconhecemos duas formas de intencionalidade no percurso do apaixonado: a relação oculta da rivalidade demonstrada pela cordialidade da correspondência e a recompensa do rival que mesmo aviltado era aquele que possuía o que o outro desejava.

Dessa maneira, o sofrimento do invejoso era engendrado pela fixação no outro, pois mesmo se apossando do dinheiro do irmão para procurar prazer, Omar usava desse prazer para fazer com que Yaqub se sentisse infeliz com o que tinha.

O filho engenheiro se sentiu humilhado e enfurecido mais pelo roubo do dinheiro do que pelo uso de sua identidade, pelas roupas que lhe foram tiradas e pela invasão de sua propriedade:

“Deixou a mixaria, deixou o que ele é. Esse é o teu filho. Um *harami*, um ladrão!”
 “Gritou ladrão tantas vezes que pensei que tivesse se referindo a mim”, disse Halim.
 “Bom, ele falava do meu filho, e de alguma forma me atingia. Mas deixei o Yaqub falar, eu queria que ele desembuchasse tudo. Depois eu disse: ‘Não dá para esquecer essas coisas? Perdoar?’ Meu Deus foi pior!” (HATOUM, 2006, p.92-93)

Mostrar os erros de Omar era uma forma de fazer com que o pai reconhecesse no filho agredido o homem correto e, com isso, fazê-lo perceber os erros cometidos contra ele tanto pelo irmão agressor quanto pelos próprios pais. Ao ouvir o filho enfurecido gritar ladrão, Halim se sentia agredido na sua condição de pai que errou na educação do Caçula. A declaração feita por ele na seqüência expunha a ambigüidade da ofensa cometida contra Yaqub: “Meu Deus foi pior!” O que teria sido pior: a cicatriz ou o roubo?, ou ainda, a separação ou a aproximação dos filhos? De qualquer forma, Halim, ao deixar que Yaqub jogasse para fora toda a sua ira, percebia a gravidade do problema, o filho mais velho que aceitou tudo até o momento sem se pronunciar, estava ali agora, diante do pai, cobrando tudo, inclusive o que nunca teve coragem de mencionar: a preterição conferida ao Caçula.

Yaqub passou da acusação à cobrança. Não ia sossegar enquanto o irmão não lhe devolvesse os oitocentos e vinte dólares roubados. Uma fortuna! A poupança de um ano de trabalho. Um ano calculando estruturas de casas e edifícios na capital e no interior. Um ano vistoriando obras. Zana devia conhecer essa história, e aí sim, ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele! (HATOUM, 2006, p.93)

Yaqub era modalizado pelo querer-fazer, cobrar os danos causados a ele pelo irmão, o Caçula teria que pagar a poupança de um ano de trabalho. Cobrava também dos pais como já foi dito, agora com ironia nos diminutivos acrescentados por ele aos apelidos usados pela mãe para se referir ao filho mais novo (caçulinha e peludinho) e na forma ameaçadora de falar com o pai.

Halim atribuía à atenção desmedida e ao excesso de mimo da esposa os ultrajes de Omar: “Ele não parava, não conseguia parar de xingar o filho mimado da minha mulher. Parece que o diabo torce para que uma mãe escolha um filho...” (HATOUM, 2006, p. 93).

As atitudes e o desabafo de Yaqub figurativizavam-no calculista, não no sentido qualitativo profissional: aquele que trabalha com cálculos, mas em sentido qualitativo pejorativo: uma pessoa fria, extremamente apegada ao dinheiro.

No entanto, a sua fúria foi também por causa de Lívia, a esposa cuja identidade Yaqub não revelava à família. Somente o pai sabia quem era ela, a menina que foi motivo de ciúme e inveja entre os dois na infância, paixões que tiveram como desfecho a cicatriz na face de Yaqub. Supostamente Yaqub escondia a identidade da esposa, temendo a concorrência e a competição com o irmão. Omar não revelava esse comportamento que seria o de um ciumento, as suas atitudes eram as de um invejoso, pois destruiu as fotos que registraram a união do casal:

Não estava furioso só por causa dos dólares. A empregada já tinha contado para Omar quem era a esposa de Yaqub. Ficou irado porque o Caçula entrou no apartamento dele e vasculhou tudo, encontrou as fotos do casamento, das viagens, e deve ter visto outras coisas. Só eu sabia que a Lívia, a primeira namorada do Yaqub, tinha viajado para São Paulo a pedido dele. Ele queria manter esse segredo, mas Omar acabou sabendo. Não sei qual dos dois ficou mais enciumado, mas a verdade é que Yaqub não perdoou os desenhos obscenos que Omar fez nas fotos de casamento... (HATOUM, 2006, p. 93).

Yaqub foi somando as agressões e a violência do irmão contra ele e jurou vingança. Não esqueceu a cicatriz no rosto, a marca do irmão nele e, agora, os desenhos e palavrões nas fotos tinham também o efeito de uma cicatriz que figurativizava a destruição do irmão em sua vida. Embora essas marcas não destruíssem o seu casamento, destruíram o registro do acontecimento documentado pelas fotos e, pior que isso, macularam a celebração da união do casal.

No simulacro passional de Omar ao destruir as fotos, constatamos a embreagem do sujeito invejoso que nada mais era que a reembreagem do sujeito tensivo, criando o efeito de presentificação no tempo e no espaço. Se as fotos mostravam Omar fora do acontecimento, os rabiscos e palavrões que ele inscreveu nelas colocavam-no presente no acontecimento.

Na relação intersubjetiva dos sujeitos envolvidos, vemos que o querer de um entrava em conflito com o querer do outro: Yaqub não queria informar quem era a esposa temendo às manifestações do irmão; Omar fez-saber: destruiu as fotos, expressando o querer que soubessem que ele descobriu quem era ela.

No percurso do sujeito apaixonado constatamos que o invejoso (S1) construiu programas narrativos para destruir o rival (S2), seja tirando os seus bens (roubo do passaporte, das roupas e do dinheiro), seja menosprezando o que o outro tinha e ele não poderia ter (a

civilidade, a superioridade e a esposa), seja destruindo as suas conquistas (as fotos do casamento). À medida que S1, modalizado por um dever-fazer com que S2 não fosse realizado, ele construía para si mesmo um programa narrativo que o aniquilava, perdendo a confiança em si mesmo e passando a viver em função do outro. A inveja, moralizada como falta de estima, permite-nos observar o invejoso vivendo em função do outro, mostrando a sua própria incompetência.

A avaliação negativa da inveja se confirmava na seqüência pela atitude de Halim: colocou as mãos na cabeça. Nesse gesto percebemos o desespero do pai ao reconhecer nos feitos do filho Omar a crueldade e o mal que ele fazia a Yaqub:

Halim pôs as mãos na cabeça, confirmou: “Isso mesmo: Omar encheu o rosto da Lívia de obscenidades, cobriu as fotografias do álbum de casamento com palavrões e desenhos... Yaqub ficou louco... Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz... Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar”. (HATOUM, 2006, p. 93)

O pai sofria com os problemas causados pelo Caçula, mas sofria também ao perceber o mais velho tão mesquinho. Halim tinha o seu estado de alma afetado à medida que Yaqub relatava os fatos, uma oscilação mesclada por vários sentimentos identificados nos gestos e na aparência dele:

Agora ele parecia melancólico e bebia *arak* com gelo, raramente bebia outra coisa. [...]Halim ia parar de falar? Ele me encarou mais uma vez, mordeu com raiva o lábio inferior. Deu um murro na mesa, como se pedisse silêncio. “Sabes o que eu fiz depois dessas acusações?” Ele parecia meio agitado, meio bêbado, sei lá. “Sabes o que a gente deve fazer quando um filho, um parente ou um fulano qualquer estrebucha por causa de dinheiro? Sabes?” (HATOUM, 2006, p. 93-94)

Mesmo comovido com tudo o que ouviu, deixou que o filho falasse tudo o que queria. A indignação do pai com os filhos era tamanha, com Omar pela atrocidade contra o irmão; com Yaqub pela mesquinha do apego ao dinheiro. Por isso, prontificou-se em resolver o problema, mas não fez nada, porque reconhecia os dois filhos errados. Halim, que nunca quis ter filhos, renegava-os mais uma vez. A manifestação dos sentimentos do pai em relação aos filhos intensificava na seqüência:

Pois bem. Deixei o Yaqub terminar. Estava alterado, nunca tinha visto meu filho assim. Depois do desabafo, ele foi murchando, virou mururé fora d'água. Então eu disse: 'Está bem, vou dar um jeito nisso.' Pensou que eu ia sair atrás do irmão dele, ou que ia contar tudo para Zana. Me levantei, voltei para casa, enchi de orquídeas os vasos do quarto, armei a rede e gritei o nome da minha mulher... Filhos! Por Deus, eu tinha que esquecer todas essas porcarias, os oitocentos e vinte dólares, o passaporte, a gravata, as camisas e a droga de Louisiana... Zana entrou no quarto e me viu nu na rede. Me viu e entendeu. Declamei umas palavras do Abbas... Era a senha... (HATOUM, 2006, p. 94)

Embora Halim não quisesse ter filhos para não ter que dividir com eles a atenção da esposa, o pai admirava o filho mais velho e reprovava o comportamento do mais novo. Como pai ele sempre acusava a mãe por dar maior atenção ao Caçula e, por isso também, mantinha um relacionamento mais afetuoso com Yaqub, uma espécie de compensação, ele tentava compensar a falta de atenção de Zana para com o mais velho. Assim, Yaqub era para o pai o exemplo de filho: correto, estudioso, responsável, trabalhador, digno da sua admiração. Dessa forma, o sofrimento de Halim era maior com Yaqub por percebê-lo tão mudado, porque com Omar a decepção era constante: “O silêncio de Halim. Eu já desconfiava do que ele mais temia: “O engenheiro se engrandecia, endinheirado. E o outro gêmeo não precisava de dinheiro para ser o que era, para fazer o que fez” (HATOUM, 2006, p. 94-95).

O temor do pai era a transformação pela qual passara o filho mais velho ao adquirir o poder que o dinheiro conferia a ele. Se antes ele era vítima e sofria as conseqüências dos atos indecorosos de Omar, agora ele acusava e cobrava, ou seja, ele adquiriu esse poder e não permitiria que o irmão o tirasse dele.

3.4 A CÓLERA IRROMPIDA PELA INVEJA

Para Aristóteles, a cólera é o reflexo de uma diferença entre aquele que se entrega a ela e aquele ao qual ela se dirige. (MEYER, M. Retórica das paixões, 2000, p. XLIII)

No oitavo capítulo do romance *Dois irmãos*, identificamos a configuração do dispositivo passional da cólera. Nesse capítulo, dois acontecimentos são fundamentais para

que a paixão da cólera seja narrativizada: a morte de Halim e a chegada do estrangeiro Rochiram na cidade.

“Depois da morte de Halim, a casa começou a desmoronar” (HATOUM, 2006, p. 165). Zana, enlutada, mudou radicalmente o seu relacionamento com o Caçula, não perdoou a falta de respeito dele para com o pai morto, o tom das palavras proferidas e o dedo apontado no rosto do finado marido. A mãe tornou-se indiferente aos carinhos e agrados do filho e passou a repreendê-lo de todas as formas, principalmente, para que procurasse um emprego já que não tinha mais o pai para sustentá-lo.

Desse modo, Zana não aceitaria mais aquele comportamento lastimável que o filho assumiu desde abril em virtude do assassinato do professor comunista, Antenor Laval, o poeta admirado pelos alunos, amigo meio clandestino de Omar. Nos últimos meses que antecedeu a sua morte, ele e Omar estavam mais próximos, eram companheiros na boemia das noites manauaras, por isso, a perda do mestre foi tão traumática para o Caçula que se autoflagelava no ritual de cuidar do quintal da casa, andava sujo e fétido, cheio de picadas de insetos, machucados e lesões na pele causadas pelo desleixo.

Com as repreensões da mãe, Omar voltou à vida de farrista, rejeitava trabalhar com Rânia na loja da família, mas pedia a ela dinheiro para bancar suas farras. A mãe não suportava mais ver o filho vivendo dessa maneira, tratava-o com uma frieza que assustava o Caçula. A morte de Halim fez com que Zana assumisse uma nova postura, portanto aquela mãe que amava cegamente o filho a ponto de acobertar todas as suas safadezas deu lugar a uma mãe severa que exigia agora do filho tudo o que sempre fez vista grossa e preferiu não enxergar.

Omar não suportava o desprezo e o silêncio da mãe, fazia de tudo para tentar conquistá-la novamente, mas Zana continuava fechada em sua tristeza. A falta do esposo a fez perceber que ele estava correto em reprovar o tipo de vida que levava o Caçula e que ela, na sua devoção desmedida ao filho, só contribuiu para estimular. Na ausência do pai, o chefe da família, Zana assumiu a responsabilidade de corrigir os erros do filho mais novo e, também, de corrigir os seus próprios erros com relação aos dois filhos: com Omar, cobrando-lhe mudança de atitude; com Yaqub, como veremos na seqüência, tentando trazê-lo de volta para casa e fazendo com que ele e o irmão se tornassem amigos.

Nesse sentido, Zana expressou o desejo de ver os filhos reconciliados: “O que eu mais quero é paz entre os meus filhos. Quero ver vocês juntos, aqui em casa, perto de mim... Nem que seja por um dia” (HATOUM, 2006, p. 167).

As atitudes da mãe para Omar representavam bem mais que o desejo de unir os filhos, pois traziam implícita a necessidade da presença do mais velho. Ele que, antes era o centro de todas as atenções da mãe, agora se via ameaçado por ter que dividi-las com Yaqub.

Foi no momento em que Omar percebeu sua relação com a mãe abalada que as etapas do dispositivo da cólera começaram a se desenvolver, encadeando uma seqüência organizada necessária à identificação dessa paixão. Assim, a seqüência apresenta as seis fases: confiança → espera → frustração → descontentamento → agressividade → explosão (FONTANILLE et al., 2005, p. 63).

De acordo com o autor citado, a estrutura actancial da cólera comporta três papéis: sujeito colérico, objeto e anti-sujeito. No capítulo em análise, Omar desempenhará o papel actancial de sujeito colérico, o objeto será representado pela mãe, e Yaqub, no papel de anti-sujeito, constituir-se-á no inimigo do sujeito patemizado.

No relacionamento da mãe com o Caçula, anterior à morte do pai, notamos um contrato de fidúcia, fundamentado na crença da predileção materna, contrato que modalizava os sujeitos pelo dever-ser: a exclusividade de ambos um para com o outro. Esse contrato imaginário engendrado na relação dos dois deixava pressuposta na narrativa a primeira e a segunda fases do esquema passional da cólera, a confiança e a espera. Com o querer-fazer de Zana, a união dos filhos, a ruptura desse contrato era percebida pela confiança abalada, instalando a espera que gerava em Omar a impaciência, a agitação, a inquietude, a rivalidade, como podemos observar abaixo:

Ele não queria ouvir falar de Yaqub, o nome do irmão o estorvava. Ainda cedo, clareando, antes de eu abrir a janela do quarto, Omar resmungava apoiado ao tronco da seringueira: “O que ela quer? Paz entre os filhos? Nunca! Não existe paz nesse mundo...” Falava sozinho, e não sei em que pensava quando disse: “Devias ter fugido... o orgulho, a honra, a esperança, o país... tudo enterrado...” [...] Continuou ali, como se tivesse caído no chão, o olhar nos lugares onde a mãe o havia esperado desde sempre. (HATOUM, 2006, p. 168)

O relacionamento entre mãe e filho era pautado pelo domínio que Omar sabia ter sobre a mãe, a preferência como filho. Para não perder essa vantagem que conferia a ele uma posição privilegiada em relação a Yaqub, Omar tentava de todas as formas reconquistar a mãe que se mantinha distante e indiferente ao filho pelas decepções causadas por seus atos. Quando ele percebeu que ela não respondia às suas expectativas, começou a sofrer pelo temor de perder essa vantagem que era a única e mais poderosa que tinha em relação ao irmão, por

isso, mostrou-se revoltado pelas renúncias que fez para ficar perto dela. Então, a ruptura da confiança fazia com que Omar se sentisse fracassado em razão daquilo que a mãe lhe havia deixado esperar e que estava ameaçado pela presença do irmão.

Movido por esse temor, as transformações na vida de Omar começaram a aparecer, chegava mais cedo em casa e tratava melhor Rânia e Domingas. Até que surgiu Rochiram, o visitante indiano que Omar trouxera em sua casa. Rochiram era um empresário da construção civil, construía hotéis em vários países, o homem de negócios impelido pelos rumores do progresso industrial e comercial da capital amazônica que atraía turistas do mundo todo, chegou a Manaus com o propósito de construir ali um grande edifício.

A frequência das visitas do estrangeiro consolidou a confiança de Zana no novo amigo do filho. Ela, que aos poucos foi interrogando o visitante, descobriu nele a oportunidade de aproximar os filhos, por isso, quando Omar não estava por perto, mostrava as fotografias de Yaqub e falava do grande engenheiro que era. Omar, desconfiado da pretensa atitude de Zana, ficava inquieto e tratava de tirar o indiano da presença da mãe.

Na ocasião em que Rânia convidou Rochiram para almoçar em casa, Omar ficou desorientado, como podemos comprovar nesta passagem:

Durante o almoço, ele esfregava as mãos, nervoso, temendo que a mãe mencionasse o nome de Yaqub. Rânia tentava distraí-lo, e ele chegou a ser áspero com a irmã e reticente com Rochiram. Só falou, sem disfarçar o mau humor, no fim da refeição, quando o visitante comentou que queria construir um hotel em Manaus. “Estou ajudando o seu Rochiram a encontrar um terreno perto do rio”, Omar disse antes de sair da mesa, seco. (HATOUM, 2006, p. 170)

A inquietude e a impaciência de Omar revelam a espera do acontecimento que ele sentia ameaçado de não se realizar; pela mãe e por Rânia se falassem em Yaqub e por Rochiram se quisesse contratar os trabalhos do exímio engenheiro. Yaqub representava para Omar o anti-sujeito, aquele que podia-fazer, tomar o seu lugar nos negócios com Rochiram e, conseqüentemente, conquistar o lugar privilegiado na família. Rochiram exercia apenas a força de fomentar a rivalidade entre os dois, rivalidade marcada pela inveja de Omar. A inveja que causava medo em Omar, medo da competição com Yaqub. Impelido por esse medo, Omar percebeu que todas as mulheres da casa estavam desconfiadas de algo, inclusive Domingas: “O Caçula nem parece ele mesmo. Está enroscado, não sabe para onde ir...”

(HATOUM, 2006, p. 170). Domingas pressentia o perigo que o estrangeiro representava para a família.

As ações de Omar revelavam-no desconfiado e temeroso, um sujeito do fazer que construiu programas narrativos para evitar que a mãe solicitasse a participação de Yaqub nos projetos de Rochiram. Assim, modalizado pelo querer que Yaqub não entrasse em conjunção com os negócios de Rochiram que garantiriam a ele também a conjunção com a mãe, Omar não levava mais o indiano em casa: “Não trouxe mais Rochiram para dentro de casa: esperava-o na calçada e saía às pressas. Escondia-se com o indiano, vivia desconfiado, olhando de esguelha para a mãe, seguindo-lhe os passos, amoitando-se para escutar algum segredo” (HATOUM, 2006, p. 170).

A desconfiança de Omar fazia sentido, como podemos observar na seqüência do texto:

Mais tarde, eu soube do que Omar desconfiava. Zana me pediu que datilografasse uma carta para Yaqub. Trouxe uma máquina de escrever para o meu quarto e começou a ditar o que tinha em mente. Falou do amigo de Omar, um magnata indiano que pretendia construir um hotel em Manaus. Os dois filhos podiam trabalhar juntos. Yaqub faria os cálculos do edifício, Omar poderia ajudar o indiano em Manaus. Ela mesma já havia conversado com Rochiram, pedira-lhe segredo sobre o assunto. O seu grande sonho era ver os filhos reconciliados. Ela só pensava nisso, e desde a morte de Halim acordava no meio da noite, assustada. Quem ia entender a falta que Halim lhe fazia? A dor que ele deixou. Não queria ser mãe de Caim e Abel. Ninguém havia conseguido apaziguá-los, nem Halim, nem as orações, nem mesmo Deus. Então que Yaqub refletisse, ele que era instruído, cheio de sabedoria. Ele que tinha realizado grandes feitos na vida. Que a perdoasse por tê-lo deixado viajar sozinho para o Líbano. Ela não deixou Omar ir embora, pensava que longe dela ele morreria. (HATOUM, 2006, p. 170-171)

Na carta escrita a Yaqub, percebemos a confirmação da quebra do contrato fiduciário da mãe com o filho Caçula figurativizada pelo segredo, a confiança feita ao estrangeiro. O fato de a mãe pedir a participação de Yaqub no projeto, em segredo, revelava a traição com o Caçula, pois a superioridade do irmão engenheiro era uma ameaça aos planos de Omar. Sem falar que o pedido de perdão da mãe para com o filho rejeitado era uma forma de trazê-lo para perto e tentar compensar a sua exclusão da relação materna, com isso, o filho passaria a receber dela todos os cuidados que antes eram destinados somente ao Caçula, tratamento que tiraria de Omar a sua vantagem em relação ao Yaqub.

Zana, em sua tentativa de fazer com que os filhos se reconciliassem, reconhecendo-se culpada pelo conflito instalado na relação dos gêmeos, revelava acima de tudo o seu desejo de se reconciliar com o filho mais velho:

Assinou o nome em Árabe, enviou a carta e passou os dias seguintes remoendo cada linha que havia ditado. Duvidava das próprias palavras, não sabia se havia descaso ou exagero no teor da carta, se o filho ia entender o que ela mais havia lhe pedido: perdão. Dei-lhe o papel do manuscrito, que ele lia em voz baixa. Numa tarde, sozinha na sala, eu a vi lendo a carta para um Halim imaginário. Depois da leitura, perguntou: Yaqub vai entender? Vai perdoar a mãe dele. (HATOUM, 2006, p. 171)

O pedido de perdão de Zana a Yaqub era também uma maneira inconsciente de se redimir de seus erros em memória ao esposo que sempre a alertou para que dividisse as atenções entre os dois filhos, porque ela tratava Omar como se ele fosse o seu único filho (HATOUM, 2006, p. 22).

Zana esperava com ansiedade uma resposta à sua carta, ou melhor, ao seu pedido de perdão, temia que o filho ressentido, depois de tantos anos, ignorasse a correspondência, silenciando a resposta. A resposta chegou depois de um tempo e, para tristeza da mãe, a indiferença do filho ao seu pedido de perdão:

Então, quase um mês depois, Rânia entregou à mãe um envelope que Yaqub enviara à loja. Era uma carta com poucas linhas. Ele não aceitou nem recusou qualquer perdão. Escreveu que o atrito entre ele e Omar era um assunto dos dois, e acrescentou: “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica”. Mas ele se interessou pela construção do hotel, ignorando a participação do irmão. Terminou com um abraço, sem adjetivo ou aumentativo. A mãe leu em voz alta essa palavra e murmurou: “Eu peço perdão e ele se despede com um abraço”. (HATOUM, 2006, p. 171)

A resposta curta e seca de Yaqub à mãe arrependida demonstrava a mágoa que ainda tomava conta dele, pela frieza de suas palavras percebemos o homem calculista e ambicioso que o ressentimento consolidou. Ele ignorava o pedido de perdão da mãe e a reconciliação com o irmão, mas se mostrava interessado na construção do hotel.

Para desespero de Zana, as suas tentativas de reconciliação familiar converteram-se em prenúncios agravantes da situação: a participação de Yaqub na construção do edifício, ignorando a participação de Omar, intensificaria a rivalidade entre os gêmeos e,

mais uma vez, a mãe estimularia a inimizade dos dois. Religiosa que era, Zana ficou apreensiva com a citação da cena Bíblica, pois tal cena guarda a memória do ódio mortal entre os irmãos que ela própria mencionou na carta destinada a Yaqub: “Não queria ser mãe de Caim e Abel” (HATOUM, 2006, p. 170).

A mãe não teve coragem de revelar ao Caçula o que ele tanto suspeitava, então encarregou Rânia de fazê-lo:

No entanto a menção da Bíblia deixou-a mais preocupada. Ela percebeu que Omar havia afastado Rochiram da casa, percebeu a suspeita do filho, sempre à espreita, rondando mãe e filha. Pediu a Rânia que contasse tudo ao Caçula. A irmã mostrou-lhe a carta de Yaqub: não era uma trama da mãe, mas uma tentativa de unir os filhos. Omar leu a carta e começou a rir como se estivesse caçoando de todos. Mas o tom de Zombaria se desfez: “O que o sabichão quer dizer com *cena bíblica*, hein, Rânia? O que o teu irmão entende de civilidade?” (HATOUM, 2006, p. 171-172, grifo do autor)

Rânia era cúmplice da mãe, ela também desejava ver os irmãos reconciliados e, principalmente, perto dela, a intimidade com Omar e o esmero pelo trabalho de Yaqub dariam novo impulso à sua vida.

A conspiração da mãe e da irmã só foi percebida depois, naquele momento, Omar não conseguia ver nada além da rivalidade com o irmão, o ódio e a revolta deixavam-no cego. O sarcasmo da reação que teve demonstrava a sua fraqueza, seguida pelo reconhecimento de Yaqub como um sujeito cognitivo, portador do saber, ou seja, ele era competente e, por isso mesmo, a sua superioridade era para o Caçula uma grande provocação. A ameaça do anti-sujeito realizado que despertava no outro a paixão da inveja pelas suas conquistas, agora estava mais próxima, pois ameaçava com a sua superioridade poder-fazer melhor nos negócios com Rochiram e, em casa, ser aclamado pelas mulheres que viam nele um exemplo de homem bem sucedido a ser seguido pelo Caçula. A paixão da inveja que já foi manifestada pelo comportamento de Omar em outras ocasiões é aqui a paixão que vai aflorar a cólera.

No percurso do sujeito passional, reconhecemos a fase da frustração, quando ele faz-saber os seus méritos em se tornar parceiro de Rochiram e intencionalmente mostrar à irmã que Yaqub não tinha nada que se envolver nos seus negócios, pois não se tratava de trabalhar em uma construtora e muito menos com o irmão: ““Construtora?”, Omar interrompeu, enfezado, dizendo, aos berros, que *ele* conhecia Rochiram, *ele* trouxera o

indiano para casa e fora atrás de um terreno para o hotel” (HATOUM, 2006, p. 172, grifo do autor). A decepção de Omar declarada era indício da confiança e da espera irrealizada na conjunção com a mãe, já que ela o traiu propondo a Yaqub que viesse trabalhar junto com ele nos negócios de Rochiram. Intimidado pelo sucesso de Yaqub, Omar se sentia frustrado consigo mesmo, frustração observada: pela redundância do pronome pessoal que confere a ele, enquanto sujeito do fazer, o poder de lucrar com os negócios do indiano e, não, ao irmão; e, pela ênfase dada a esses pronomes, que intensificam a sua indignação em preparar tudo para que o outro viesse se beneficiar do seu empenho. Desse modo, a frustração de Omar aparecia em suas ações:

Nós o víamos esbanjar o dinheiro que ganhara com a comissão de venda do terreno do hotel. As garrafas de bebida cara que ele entornava e depois jogava no quintal e no piso do alpendre! Os presentes que comprava para as namoradas e deixava em qualquer lugar, esquecidos, como se fossem inúteis ou como se nada disso tivesse importância. O vestido de linho e as blusas de seda chinesa que deu a Domingas, dizendo-lhe: “Agora podes jogar no lixo os trapos que te mandaram de São Paulo”. Não se dirigia às outras mulheres e, sem mais nem menos, na presença da mãe, explodia, colérico: “Uma cena bíblica, não é? Então vamos ver se o sabichão conhece mesmo a Bíblia”. (HATOUM, 2006, p. 172)

O fato de Omar ser esbanjador não era novidade, a diferença é que agora não era dinheiro dos outros que ele esbanjava, era o seu. Nessa fase, o comportamento do sujeito denunciava o seu descontentamento consigo mesmo, pois Omar gostava de viver com prazer e o dinheiro não estava trazendo a ele satisfação, visto que gastava com o que para ele não era mais importante.

Interessante notarmos a gentileza com Domingas, a empregada cuja existência não fazia a menor diferença para ele, porém, essa gentileza trazia explícita a intenção de se mostrar superior ao irmão para a única mulher da casa que ainda não o havia decepcionado.

Assim, decepcionado pela frustração de não ser mais o que era para a mãe e a irmã, insatisfação ocasionada pela tensão do sujeito que ele era e do sujeito que ele é agora, o Caçula se distanciava delas, mas aproveitava a presença da mãe para mostrar a sua revolta, manifestando o contrário do que ela desejava, o ódio contra o irmão. Na explosão do discurso colérico de Omar observamos o descontentamento dirigido à mãe, manifestado pela figura da cena Bíblica, ameaça que reportava a juízos de valor negativos, como: violência e morte. Cada vez que Omar manifestava a cólera, o fracasso e a decepção eram semiotizados como

uma ruptura da confiança, ou seja, o sujeito revelava a sua incompletude sem o objeto de desejo.

Para abrandar a fúria do Caçula, mãe e filha não tocaram mais no nome de Yaqub e retiraram da sala todas as fotografias que presentificavam o sucesso do engenheiro. Enquanto a existência de Yaqub era silenciada na casa, Omar continuava ressentido e amargurado: “Durante algum tempo ele se esquivou de todos, alternando desperdício e ódio” (HATOUM, 2006, p. 172).

Depois de algum tempo, Zana e Rânia ficaram sabendo da chegada de Yaqub a Manaus. Ele se hospedara em um hotel modesto, cuja descrição antecipa mais o caráter da visita que a exposição do próprio lugar:

O hotel escondido no fim de uma rua estreita, parecia longe da multidão e da zoadada do centro, agora cheio de lojas que abriam da noite para o dia. Yaqub estava ali, naquela rua pacata e sinuosa, tão anônimo quanto seus moradores assustados com a azáfama da cidade. (HATOUM, 2006, p. 173)

Que Yaqub não quisesse se hospedar na casa de sua família era até compreensível, mas ficar em um lugar tão simples se podia pagar um hotel melhor era estranho e, mais estranhas ainda, as referências do lugar onde ele se instalara. Por essas referências, pressupomos que ele estava evitando qualquer encontro com pessoas conhecidas.

As atitudes do visitante deixaram mãe e filha apreensivas durante a sua estadia, que durou uns cinco ou seis dias, terminando no dia que antecedeu uma noite de tempestade.

Naquele dia, Omar surpreendeu Domingas na cozinha bem cedo já que não tinha o costume de acordar àquelas horas. Não tocou no desjejum, procurou pela mãe que saíra antes dele acordar para ir falar com Rânia. Desarrumado e desfigurado, saiu enfezado.

Domingas, ao perceber as alterações no comportamento do Caçula, ficou ainda mais apreensiva do que já estava, o que observamos pelos seus dizeres: “Esse tempo ainda está feio” (HATOUM, 2006, p. 174).

O tempo a que se referia Domingas não era o da tempestade da noite passada nem o do dia que anunciava os estragos causados pela chuva, mas o tempo que antecedia o encontro dos gêmeos. Encontro que se tornou possível com a visita de Yaqub naquela manhã. Yaqub, ao contrário de Omar, tinha grande afeição por Domingas, a criada que cuidou dele na infância e, por isso também era muito amável com o filho dela. Aquela visita era destinada

aos dois, de quem Yaqub viera matar a saudade. Dissera também ter visitado o túmulo do pai, não perguntou pela mãe nem pelos irmãos. Enquanto conversava com Domingas e Nael, mostrou-lhes o motivo da sua viagem: o esboço de um edifício que seria construído em Manaus. Yaqub e Domingas tiveram uma conversa a sós no quintal, a empregada ficou muito preocupada com tudo o que ouviu de Yaqub que enquanto falava, sorria vitorioso, então ela insistiu para que ele fosse embora. O engenheiro, que sempre se sentiu um deslocado na casa de sua família, disse com convicção que não fugiria, porque aquela casa pertencia a ele.

É interessante observarmos algumas ações que conferem a Yaqub atitudes bem distintas das habituais e que são indícios de uma nova postura do filho no ambiente familiar: a referência a casa como sendo dele, fato antes nunca mencionado já que ali reinava o Caçula, e o mais velho era só um hóspede; o ar de triunfo, ele nunca se sentiu assim, visto que a alegria e o êxito naquele ambiente eram conferidos a Omar; a ironia ao se referir ao desjejum do Caçula como se tivesse sido preparado para ele. Percebemos aqui que Yaqub agia da mesma maneira que Omar agiu na recepção preparada pela mãe para o filho que chegara do Líbano. Omar foi irônico ao agradecer a mãe pela festa, como se ele fosse o filho que regressava ao lar; e o fato de ele se deitar na rede de Omar que ficava no alpendre, o lugar que sempre foi de posse do Caçula, agora ocupado pelo mais velho.

Todos os acontecimentos registrados com a visita de Yaqub deixavam pistas que nos fazem pressupor a sua participação nos negócios de Rochiram: primeiro, ele chegou a Manaus e se escondeu naquele lugar pacato, tentando se passar por anônimo; segundo, depois de alguns dias, que acreditamos seja o tempo que levou para fechar os negócios, visitou Domingas e Nael e mostrou a eles o croqui de um edifício que seria construído na capital manauara; terceiro, confidenciou, vitorioso, algo a Domingas e dizia que não ia fugir, geralmente quem foge é porque fez algo errado; e, por último, assumiu na casa o lugar de quem estava em vantagem como em um jogo e, por isso, agora era ele quem dava as cartas.

Durante o tempo que Yaqub ficou em Manaus, as pessoas na casa também pressentiam o objetivo da sua visita: “Todos na casa pareciam tomados por um mal-estar” (HATOUM, 2006, p. 173), Zana e Rânia viviam aos sussurros a portas fechadas, Domingas estava apreensiva, Omar se mostrava desconfiado e nervoso.

Todas essas transformações observadas concorrem para o temido encontro dos dois irmãos:

Então eu o avistei: mais alto que a cerca, o corpo crescendo, se agigantando, a mão direita fechada que nem martelo, o olhar alucinado no rosto irado. Arfava, apressando o passo. Quando gritei, Omar deu um salto, ergueu a rede e começou a socar Yaqub no rosto, nas costas, no corpo todo. Corri para cima do Caçula, tentando segurá-lo. Ele chutava e esmurrava o irmão, xingando-o de traidor, de covarde. Alguns moradores do cortiço encheram o quintal e se aproximaram do alpendre. Com um gesto brusco eu agarrei a mão de Omar. Ele conseguiu se livrar de mim. Percebeu que estava cercado por vários homens e foi se afastando devagar, de olho na rede vermelha. Ainda o vi correr até a sala e rasgar com fúria as folhas do projeto; rasgou todos os desenhos, jogou a louça no assoalho e desabalou pelo corredor. (HATOUM, 2006, p. 175)

A agressividade de Omar para com Yaqub demonstrava todo o furor de sua cólera. Omar era tomado por essa paixão, como podemos observar na gradação das expressões usadas para descrevê-lo: mais alto, crescendo, se agigantando. Depois começaram a surgir as figuras que representavam a violência: martelo, olhar alucinado, rosto irado. Pela seqüência de algumas de suas ações o vemos figurativizado como um animal, agindo instintivamente em direção a uma presa: arfava, apressando o passo, deu um salto, ergueu a rede e começou a agredir. Omar agrediu o irmão de todas as formas e com toda a violência que podia usar naquele momento: soco, chute, murro... Até que, não restando mais nada, a agressão verbal indicava o porquê de toda a sua explosão colérica: o irmão o traiu, como sempre se revelando um covarde.

Nessa fase do dispositivo da paixão da cólera, a agressividade é dirigida ao sujeito traidor, aquele que agiu em surdina para conseguir o queria. Mas essa agressividade foi também dirigida à mãe, o objeto da configuração da cólera. Se ela queria paz entre os filhos, o que obteve foi violência, a cena Bíblica tão temida. Apesar de a mãe também ter traído Omar quando escreveu convidando Yaqub para tomar parte nos negócios de Rochiram, o anti-sujeito é Yaqub, o inimigo odiado que ameaçava atrapalhar os planos de Omar. Planos, que representados pelos negócios com Rochiram, dissimulavam a competição entre os dois pela conjunção com o objeto de valor: a mãe.

Chegamos a última fase do dispositivo da cólera, a explosão, momento em que o sujeito, por meio de sua agressividade, colocava para fora todo o ódio acumulado. Foi o que aconteceu com Omar, tomado pela paixão, agrediu violentamente o irmão; quando voltou a si, percebeu outras pessoas além do anti-sujeito, foi se afastando devagar e saiu do local, ou seja, o sujeito colérico só toma consciência de si, depois de resolver agressivamente as tensões acumuladas.

É importante ressaltarmos o trecho em que ele saiu, todas as ações anteriores a sua saída são apressadas e bruscas, identificando o ataque; depois do ataque, ele recuou, a

ação de recuar foi inscrita pelo verbo no gerúndio: afastando, uma ação durativa, acompanhada do advérbio de modo que prolonga a ação: devagar. Enquanto a ação de retirada se realizava, ele olhava a rede vermelha, a cor vermelha figurativiza cromaticamente a paixão da cólera, assim, o sujeito enquanto recuava, confirmava os danos causados ao anti-sujeito. Ele saiu e quando chegou na sala teve outra explosão de cólera, rasgando a prova da aparente traição, como se naqueles gestos ele se livrasse do irmão. Depois se retirou novamente. O lexema utilizado para a ação de retirada dessa vez foi desabalou, do verbo desabalar, definido pelo dicionário Houaiss on-line, como: “correr desenfreadamente, locomover-se com precipitação” (<http://houaiss.uol.com.br>). Assim, Omar depois de resolver o que estava retesado dentro dele, fugiu de tudo aquilo, arrebatado pelo ímpeto daquela paixão colérica que parecia não terminar nunca, mas cuja tendência era abrandar depois de manifestar-se em seu corpo sensível e causar-lhe grande mal estar.

Enquanto Omar fugia, Yaqub foi levado para o hospital por Domingas. Antes de saírem, a empregada pediu ao filho que arrumasse a bagunça para não deixar vestígios da transgressão do Caçula contra o irmão. Quando retornou, relatou ao filho os danos causados a Yaqub:

Quando minha mãe voltou, se apressou para enxaguar a rede e estendê-la no quarto dela. Disse que o estado de Yaqub não era grave: a mão esquerda, sim, em frangalhos, dois dedos fraturados. Ia perder uns três dentes, o rosto estava irreconhecível, ele sentia dores terríveis nas costas e nos ombros. Pedira a Domingas que calasse o bico, que inventasse, dissesse a Zana: “O teu filho teve de viajar às pressas para São Paulo”. (HATOUM, 2006, p. 176)

Apesar do delito evidente nos ferimentos em seu corpo, a preocupação maior de Yaqub era com os danos morais que, se levados a conhecimento da mãe, trariam muito mais sofrimentos a ele, pois mesmo sendo vítima da violência do irmão, a mãe perceberia nele a covardia, sentimento contrário ao que ela reconhecia nele no último contato que tiveram, pela carta, quando Zana expressava a superioridade do filho mais velho em relação ao Caçula, dirigindo-se ao filho doutor como homem sábio e realizado na vida. Por isso, a pressa de Domingas em lavar o sangue da rede, sangue que figurativizava a prova da fraqueza do agredido e da superioridade do agressor que traído lavou a sua honra, indicia a cumplicidade da criada com Yaqub, como forma de revelar a proteção de mãe postiça ao filho rejeitado pela mãe biológica. E, mais, o fato de a empregada lavar e esconder a rede até que ela secasse para

voltá-la ao alpendre constituiu-se no simulacro do fazer-parecer verdade que não houve ali qualquer tipo de contenda, porque a rede pertencente a Omar, uma vez estando suja, figurativizaria para a mãe a sujeira contra o Caçula, assim que ela tomasse conhecimento da situação.

Zana não acreditou no que lhe dissera Domingas. Como não viu o filho antes dele retornar a São Paulo. O recurso que teve foi se apegar ao passaporte de Yaqub que Omar havia roubado. Ela passou horas contemplando a fotografia do filho como se estivesse em sua presença:

Ficou olhando, pensativa, a fotografia do engenheiro: o semblante sério, as sobrancelhas espessas, as ombreiras estreladas do uniforme de oficial de reserva. Percebi a vaidade da mãe, e uma pontada de remorso em seu olhar. A culpa que lhe dilacerava a consciência, eu pensava. Não sabia o que fazer com o passaporte, andava a esmo, como se o documento pudesse conduzi-la a algum lugar. Sentou-se no sofá cinzento, enfiou o documento na blusa, e quando ergueu a cabeça, chorava, as mãos cruzadas no peito. Os olhos avermelhados miraram o pequeno altar e se desviaram para o alpendre, agora vazio. (HATOUM, 2006, p. 176)

Pela seqüência da narrativa, as impressões de mãe culpada e arrependida, observadas pelo filho de Domingas ao assistir aquela cena, conformavam-se pelas ações daquela mulher numa espécie de ritual de confissão e arrependimento dos pecados: erguer a cabeça, chorar, cruzar as mãos no peito, olhar fixo no altar. Nesses gestos diante do altar, representação da fé a qual recorria nos momentos de desespero em que tudo parecia fugir de seu controle, percebemos a súplica do perdão ao Divino já que ela não teve a absolvição terrena solicitada ao filho. O ritual religioso terminou quando a mãe se voltou para o alpendre, procurando Omar. Sabendo que Yaqub não a perdoaria, as preocupações da mãe voltaram a ser o destino do Caçula.

Zana que sempre teve controle sobre os perigos que ameaçavam Omar, inclusive sobre Dália e Pau-Mulato, as duas mulheres que por pouco não conseguiram tirar o filho da proteção da mãe, agora se via impotente na sua missão de reconciliar os filhos:

O sonho de Zana , desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível. Ela relembra o seu plano, minucioso e sagaz. “Meus filhos iam abrir uma construtora, o Caçula ia ter uma ocupação, um trabalho, eu tinha certeza...” Chamava minha mãe para perto dela, dizia: “O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas... Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou o

meu Caçula, estragou tudo...”. Domingas ouvia e se afastava, deixava a outra sozinha, maldizendo a trama de Yaqub. (HATOUM, 2006, p. 177)

A reconstituição do plano por Zana denunciava o efeito de verdade dos seus atos, pois colocava em segundo patamar a reconciliação dos gêmeos ao revelar a intenção da aproximação dos filhos: fazer Yaqub ajudar Omar. Com a traição de Yaqub, Zana tomou as dores do Caçula e repudiou o filho mais velho.

Domingas, na sua tentativa frustrada de ajudar Yaqub a enganar a mãe, não aceitava as acusações de Zana e saía de perto para não ter que presenciar novamente a predileção da mãe por Omar, colocando Yaqub no lugar que sempre ocupou no relacionamento materno: o de rejeitado.

Nesse sentido, é interessante observarmos que pela intenção de Zana revelada no final do capítulo, ela não traiu o filho mais novo, pois tudo o que desejava era comover Yaqub com a súplica de mãe arrependida a ponto de fazê-lo esquecer todas as injustiças cometidas contra ele para que, ao retornar para casa, pudesse ajudar Omar a arrumar um trabalho. Assim, o objetivo de Zana em relação a Yaqub era o de garantir a proteção para o Caçula depois da morte de Halim e, não, o de se aproximar do filho que nunca precisou dela para ser o homem realizado que era.

O que Zana não contava era que o engodo usado por ela para atrair o filho distante fosse se tornar no estopim que selaria para sempre a desunião familiar, pois Yaqub, na sua ambição desmedida, foi atraído pela construção do hotel de Rochiram, embora com o objetivo de se vingar daqueles que foram o tempo todo os causadores do seu sofrimento.

Desse modo, tudo o que a mãe fez só convergiu para aguçar ainda mais o ódio entre os dois. Ódio que Omar manifestava todas as vezes que se sentia ameaçado por Yaqub, quando, tomado pela paixão da cólera, o Caçula agredia violentamente o mais velho, revelando o seu fracasso na competição. Entendemos que as agressões imputadas por Omar reproduzem a tentativa de tirar o irmão do seu caminho, para não ter que competir com ele e, da competição, sair derrotado.

As desvantagens do Caçula em relação ao mais velho se tornavam mais gritantes à medida que o engenheiro ascendia financeiramente e, o outro permanecia alheio a qualquer tipo de atividade que solicitasse dele responsabilidade. Tal discrepância trazia sofrimento para a mãe que compulsivamente protegia o Caçula e, dessa vez não foi diferente, culpava Yaqub e Rochiram pelo fracasso de Omar. Para ela a traição de Yaqub foi pior que a cólera de Omar.

3.5 A VINGANÇA ATUALIZA A EMULAÇÃO

[...] *quem paga na mesma moeda não comete ultraje e sim vingança.*
(ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*, 2000, p. 9)

Os últimos capítulos que fecham o romance *Dois irmãos* relatam a desagregação da família, ilustrada pelo agravamento dos conflitos e pelas mortes de alguns de seus membros. À medida que a casa foi esvaziando com o sumiço de Omar e a morte de Domingas e Zana, o conflito entre os dois irmãos caminhava para o trágico desfecho: a vingança de Yaqub.

Com a fuga de Omar, depois da terrível agressão contra o irmão, Zana foi sucumbida pela tristeza, recusava receber visitas, passou a conviver com os fantasmas do pai, Galib, e do esposo, Halim, reclamava a ausência de Omar, culpava-se por ter mandado aquela carta a Yaqub e maldizia o filho traidor. A morte de Domingas trouxe mais sofrimentos à patroa, pois a perda da fiel criada deixou Zana ainda mais só.

Domingas, antes de morrer, revelou ao filho a identidade do pai, pondo fim à cruel dúvida que o atormentava, falou do apoio dado por Halim na gravidez, não permitindo que ela saísse da casa e, também, quando o filho nasceu, escolheu o seu nome. Foi o único que a acompanhou ao batismo e prometeu estudar o neto. Falou também de seu carinho de mãe por Yaqub, mal interpretado por Omar quando via o irmão mais velho saindo do quarto dela, o Caçula ficava enciumado, imaginando coisas a respeito dos dois. Quanto a Omar, Domingas manifestou o ressentimento à agressão causada por ele, silenciada por todos aqueles anos: “Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo algazarra, bêbado, brutalizado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão” (HATOUM, 2006, p. 180).

Depois da morte de Domingas, Rânia foi ameaçada por Rochiram e, percebendo que teriam que dar a ele a casa como pagamento da dívida dos dois irmãos, comprou um bangalô e insistia para que a mãe fosse morar com ela.

Zana não aceitava a idéia de sair da casa, porque ali estavam todas as lembranças de uma vida inteira das quais ela se recusava separar e, mais que essas lembranças, a razão que a mantinha naquele lugar era a esperança da volta do filho Caçula. Então, Zana permaneceu na velha casa em companhia de Nael, para quem ela contava as histórias do passado, às quais ela se apegava durante os intermináveis dias em que esperava por Omar, mas as noites de solidão eram dolorosas, abafadas pelo choro convulsivo da mãe

desesperada. Zana relutou até os últimos momentos de vida em assinar a escritura, ela só o fez porque Rânia disse-lhe que seria para evitar que o pior acontecesse com os dois filhos.

Apesar de Rânia desconfiar da trama de Yaqub com o indiano, ela ficou surpresa com a notícia dada por Rochiram: “[...] a dívida dos dois irmãos em troca da casa de Zana. [...] ‘Seu irmão, o engenheiro, está plenamente de acordo’” (HATOUM, 2006, p. 187). Como ela não tinha outra alternativa, desocupou a casa, levando a mudança para o bangalô em que morava.

Rochiram reformou a casa e a transformou em uma loja de artigos importados. No projeto da reforma, o quarto de Nael foi isolado da casa, já que o engenheiro deixou aquele cômodo como herança para o filho de Domingas.

Zana morreu antes de ver a casa transformada em loja e, pior que isso, sem realizar o desejo de ver os filhos reconciliados, atormentada pela ausência de Omar, mas Rânia a poupou de saber da sórdida vingança de Yaqub contra Omar.

A vingança de Yaqub configurava-se como contra-estratégia às agressões causadas pela cólera de Omar, por isso, a paixão da vingança se manifestava como consequência aos danos causados pelo sujeito encolerizado. As duas paixões se desenvolvem a partir do mesmo dispositivo passional, com exceção da última fase, pois a explosão final não acontece na configuração da paixão da vingança. Desse modo, na estrutura actancial acontecerá uma inversão dos papéis: o anti-sujeito da cólera, Yaqub, constituir-se-á no sujeito da vingança; da mesma sorte que o sujeito colérico, Omar, representará o anti-sujeito da vingança; o objeto valor continua sendo o mesmo, a mãe, mas o objeto valor também representará um anti-sujeito, já que a vingança é também destinada a ele. Portanto, a troca de papéis actanciais na estrutura propiciará uma nova visão da relação entre os sujeitos, por essa razão a relação contratual sofrerá alterações.

É o que observamos na carta escrita por Yaqub à mãe, mas que nunca foi entregue por Rânia:

Ele havia escrito uma carta para Zana, revelando que sentira muito a morte de Domingas, a única pessoa a quem confiara certos segredos, a única que não se separara dele durante a infância. Na vida dos dois havia coisas em comum que Zana teimou em ignorar. Ele não explicou por que falhara a construção do hotel, apenas escreveu que agora seria mais sensato vender por uma bagatela a casa e uma boa parte do terreno a Rochiram. Se isso não fosse feito, Omar sofreria as consequências. (HATOUM, 2006, p. 191)

Ao expressar o quanto sentira com a morte de Domingas, Yaqub ao mesmo tempo em que revelava a consideração e a confiança que tinha pela criada que cuidou dele na infância, revelava também a sua revolta com a mãe. Revolta que pode ser observada no texto pela repetição da palavra: única, outorgando a singularidade do seu sentimento a Domingas e, conseqüentemente, enfocando a exclusão projetada por ele da participação de Zana em sua vida e a omissão da mãe no relacionamento com ele. Nesse sentido, Yaqub demonstrava a falta de confiança nela, ocasionada pelo abandono com que sempre foi tratado desde a infância. E, continuava, requestionando a relação contratual com a mãe, agora a acusando de ser indiferente tanto a ele quanto a Domingas: as duas vítimas de Omar. Terminou a carta aconselhando a venda da casa e, em seguida, fazendo-lhe uma ameaça que, se não fosse cumprida, Omar é quem sofreria as conseqüências.

Com a carta de Yaqub, observamos a confirmação da primeira fase do esquema passional, a confiança. A ruptura da confiança no relacionamento dos dois que, mencionada por Yaqub, foi instaurada desde a infância, quando foi deixado aos cuidados de Domingas, porque a mãe se dedicava exclusivamente ao Caçula. A confiança rompida evidencia também a segunda fase do dispositivo da vingança, a espera.

É importante ressaltarmos aqui que a ruptura da confiança foi se consolidando à medida que Yaqub, ao longo de sua vida, tomava consciência da predileção de Zana por Omar, nas várias ocasiões em que se sentiu desprezado por ela, como exemplo podemos citar: logo depois do nascimento, quando Omar ficou doente e, por isso, a mãe temendo a sua morte, passou a devotar toda a sua atenção a ele; depois, na ocasião da viagem ao Líbano, para evitar que o conflito entre os gêmeos se tornasse mais sério, em que a mãe conseguiu persuadir o pai a mandar apenas o filho mais velho, privilegiando o agressor que continuou junto à proteção da mãe e condenando o agredido a viver longe da família, da cidade em que sempre morou, enfim, da Pátria; também quando Yaqub foi morar em São Paulo porque ao retornar do Líbano se sentia um deslocado em casa, vendo o Caçula ser tratado como filho único; e, por fim, Yaqub ter se tornado um hóspede em casa, onde Omar prevalecia com o domínio que exercia sobre a mãe.

Com Omar, a ruptura da confiança foi engendrada também na infância, a partir do momento em que Yaqub deixou de admirar a coragem do irmão e passou a vê-lo como um rival que ameaçava os seus planos em conquistar Lívia, depois como um anti-sujeito, um inimigo que vivia em função de tentar destruí-lo.

Rompida a confiança, a espera se desenvolveu em paciência, disposição firme e constante que o fez suportar calado a dor da rejeição materna e o ressentimento das

agressões de Omar. Essa paciência de Yaqub foi relatada em vários momentos da narrativa, acompanhada da pressuposição de uma futura vingança:

Yaqub, calado, matutava. Evitava falar com o outro. Desprezava-o? Remoia, mudo a humilhação? (HATOUM, 2006, p. 23)

“Cara de lacrau”, diziam-lhe na escola. “Bochecha de foice.” Os apelidos, muitos, todas as manhãs. Ele engolia os insultos, não reagia. Os pais tiveram que conviver com um filho silencioso. (HATOUM, 2006, p. 23)

Ninguém desconfiava de seus planos; era evasivo nas respostas, esquivo até nas miudezas do cotidiano, indiferente às diabruras do irmão, que soltava as rédeas no Galinheiro dos Vândalos. (HATOUM, 2006, p. 30)

Dessa forma, percebemos que Yaqub se fechou em sua frustração, calando a angústia que tomava conta dele, mostrando-se indiferente às injustiças de que fora vítima. A frustração alterava mais que o relacionamento com os outros sujeitos, pois ela sensibilizava os próprios valores do sujeito patemizado pela crença de que ele deveria ser como o irmão para a mãe, mas ao tomar consciência de que não era, sentia-se frustrado também consigo mesmo.

Então, nessa fase do esquema passional, a da frustração, Yaqub se retirou da presença daqueles que o faziam sofrer e da ameaça de ser exterminado pelo Caçula que se revelava cada vez mais agressivo, como foi alertado pelo professor de matemática também agredido por Omar: “‘Vá embora de Manaus’, dissera o professor de matemática. ‘Se ficares aqui, serás derrotado pela província e devorado pelo teu irmão’” (HATOUM, 2006, p. 32). Influenciado pelo mestre que reconhecia no aluno a aptidão pela matemática, Yaqub vai para São Paulo ambicionado pelos estudos e, ao mesmo tempo, para evitar o convívio em casa, lugar onde era ofuscado por Omar.

Em São Paulo conquistou alguns bens, como os estudos e uma posição financeira estável que garantiam a ele perante os pais, que almejavam esse futuro para os filhos, vantagem em relação ao irmão, vantagem que precisava para armar o contra-ataque:

Um outro Yaqub, usando a máscara do que havia de mais moderno no outro lado do Brasil. Ele se sofisticava, preparando-se para dar o bote: minhoca que se quer serpente, algo assim. Conseguiu. Deslizou em silêncio sob a folhagem. Por dentro, um mistério e tanto: um ser calado que nunca pensava em voz alta.(HATOUM, 2006, p. 45)

A comparação de Yaqub com uma minhoca que quer se tornar serpente, implícitava a frustração do sujeito figurativizada pela projeção da minhoca e da serpente, um verme que se transformava em cobra. Assim, podemos entender que a comparação colocava Yaqub na condição de um verme, pessoa desprezível, depois na condição de uma serpente, pessoa traiçoeira, ou seja, o filho desprezado em casa saiu à procura de um lugar que lhe desse condições de se tornar uma pessoa superior para se vingar daqueles que o colocaram na condição de verme.

E, ainda sobre a comparação, o fato de a minhoca viver debaixo da terra e a serpente rastejar sobre ela, implicando a distinção da maneira de agir, antes, na circunstância de humilhado, agüentando tudo calado sem nada poder fazer; e, agora, seguindo o rasto, mostrando-se como um sujeito que pode fazer.

Além do mais, a ação de deslizar em silêncio converge para o mistério, representado pela figura da máscara da modernidade, pois Yaqub disfarçava a frustração de ser humilhado pela aparência da modernidade e da sofisticação registradas nas fotografias que ele mandava aos pais, que se orgulhavam do sucesso do filho; e, na seqüência da narrativa, também dissimulando o ressentimento com os pais, ajudando financeiramente a família que entrou em decadência.

Depois de algum tempo, Omar foi morar em São Paulo e novamente agrediu e humilhou o irmão. Dessa vez, Yaqub não se calou, foi até Manaus e desabafou com o pai todas as suas angústias e ressentimentos em relação à mãe e a Omar.

Percebemos pela mudança de atitude de Yaqub, o filho calado que agora esbravejava, acusando e cobrando as ofensas contra ele, a postura não mais de um fracassado, mas de um sujeito que conquistou sem ajuda nenhuma tudo o que tinha, feito que, na sua concepção, dava-lhe o direito de cobrar o seu reconhecimento como filho. Se foi com dinheiro que ele conseguiu atrair a atenção, mesmo que parcial da mãe, era assim também que ele cobrava os danos causados a ele, como podemos comprovar pela sua fala: “Zana devia conhecer essa história, e aí sim, ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele!” (HATOUM, 2006, p. 93).

Foi nessa ocasião que, pela primeira vez, Yaqub jurou vingança ao Caçula: “Yaqub ficou louco... Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz... Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar” (HATOUM, 2006, p. 93). Embora enfurecido Yaqub não chegou a explosão da cólera, retornou a São Paulo e continuou disfarçando o seu descontentamento.

O descontentamento, a penúltima fase do dispositivo passional, é uma manifestação durável e iterativa, que se manifesta em vários momentos do percurso do sujeito passional, sem que para isso seja necessário chegar à agressividade. Esse descontentamento pode ser observado na passagem abaixo:

Não foi caloroso com ela; portou-se com um certo distanciamento que não significava neutralidade nem estranheza. Revelou-se um mestre do equilíbrio quando as partes se tensionam. Não reagiu na juventude, quando um caco de vidro cortou-lhe o rosto, como alguém que aceita passivamente um traço do destino. Minha mãe via Yaqub cada vez mais decidido, mais enérgico, “pronto para dar bote de cobra-papagaio”. Ela pressentia que ele matutava alguma coisa,... (HATOUM, 2006, p. 148)

O descontentamento de Yaqub não deixava de ser também uma maneira de manifestar, embora dissimuladamente, o despeito que sentia do relacionamento entre a mãe e o Caçula. Na passagem acima, em uma das poucas visitas que Yaqub fez à família, foi recebido calorosamente por Zana, mas bastou um grito de Omar para ela deixar o visitante e ir acudir o Caçula.

A tensão do relacionamento da mãe na presença dos dois filhos, cuja distinção era referendada pela dedicação exclusiva ao Caçula, poderia ser motivo de constrangimento para Yaqub, mas ele sabia ocultar esse sentimento, esperando a hora certa para agir. Tal perspectiva foi confirmada no texto pela figura da cobra-papagaio, uma espécie de cobra capaz de adquirir as características do ambiente onde ela se encontra. Desse modo, percebemos mais uma vez a comparação de Yaqub com uma cobra pronta para dar o bote, na primeira comparação ele apareceu como um sujeito pragmático, um sujeito do fazer, agindo para adquirir as competências necessárias para se vingar; na segunda, ele surgia como um sujeito cognitivo, modalizado pelo saber, alguém que já adquiriu as competências e espera o momento certo para se transformar em um sujeito realizado.

Assim, constatamos o ressentimento como uma expressão diversificada, capaz de em cada manifestação apresentar múltiplas isotopias do descontentamento contra o outro sujeito. Por essa razão, reconhecemos que o descontentamento de Yaqub com Omar intensificou-se na última agressão imputada contra ele e o ressentimento oriundo desse momento passional para o agredido inscrevia-se como uma cólera insaciada que, muito bem organizada, se converteria numa vingança eficaz.

Rânia começou a desconfiar disso quando soube que Omar, na noite em que espancou Yaqub, ainda foi ao hospital e tentou agredi-lo mais uma vez. Ela tentou subornar policiais e delegados para não prenderem o irmão. A certeza foi confirmada pelo silêncio de Yaqub em resposta aos amigos da família, Cid Tannus e Talib, que escreveram cartas pedindo-lhe que perdoasse ou esquecesse o que Omar fizera. O silêncio de Yaqub era uma prova de que ele coordenava a perseguição ao Caçula, pois não faltavam a ele testemunhas que evitaram a agressão no hospital, além do exame de corpo de delito. Rânia foi percebendo que o irmão engenheiro calculou tudo, inclusive a ocasião para agir: “Yaqub esperou a mãe morrer. Então, com um truz de pantera, atacou” (HATOUM, 2006, p. 192).

O fato de Yaqub esperar a mãe morrer para começar uma perseguição judicial ao Caçula revelava bem mais que a paciência da fase da espera, pois trazia à memória a lembrança da confiança, confiança que já vimos Yaqub não tinha na mãe por causa da predileção pelo Caçula, por isso, entendemos que a mãe viva seria uma ameaça aos seus planos, porque ela lutaria contra a prisão de Omar. Na seqüência, confirmamos o que foi exposto pela comparação usada que figurativiza Yaqub como um animal felino traiçoeiro, que agia vagarosamente, na espreita, até ter a certeza do momento certo para agarrar a presa.

A fuga de Omar complicava a sua situação, porque agora ele era um fugitivo da justiça, vivia se escondendo em diversos lugares e, por onde passava, deixava dívidas que Rânia não conseguia liquidar. Então, os credores apresentavam queixas na polícia, agravando ainda mais a sua condição de criminoso.

Rânia não desistia de tentar ajudar o irmão fugitivo, poupava dinheiro prevendo que precisaria para tirá-lo da prisão, fechava a loja na hora do almoço e saía a sua procura, mas os seus esforços foram em vão:

Alguns anos depois, num dos primeiros dias de abril, um lance do acaso uniu o destino de Laval ao de Omar. [...] Naquela tarde de abril já chuviscava quando Rânia o avistou na praça das Acácias. Ficou paralisada. Estava magro, meio amarelão, barba de uma semana, o cabelo crespo com jeito de juba. Os braços cheios de arranhões, a testa avolumada por calombos. Os olhos fundos e acesos davam a impressão de um ser à deriva, mesmo sem ter perdido totalmente a vontade ou a força de recuperar uma coisa perdida. (HATOUM, 2006, p. 193)

Numa das tardes em que Rânia saiu para procurá-lo, avistou-o na praça das Acácias e ficou perplexa com a aparência dele, cuja descrição figurativizava-o como um animal

maltratado, fugindo de seu predador. No corpo desfigurado, o único sinal de vida era os olhos que acesos evidenciam a fuga como tentativa de recuperar o que perdera: a sua liberdade.

Omar foi preso no mesmo mês, na mesma praça, no mesmo cenário chuvoso e da mesma forma que o amigo comunista, Antenor Laval. Um cerco formado por muitos policiais se fechou, disparos de armas alvoroçavam as pessoas que por ali passavam, mas os tiros eram só para intimidar Omar que reagiu ironicamente ao ser capturado e, por isso, foi agredido com uma coronhada na cabeça, imobilizado foi arrastado até a viatura policial.

A irmã ainda tentou se aproximar: “Rânia correu ao encontro do irmão, viu no rosto dele um fio vermelho e grosso que a água da chuva não apagava” (HATOUM, 2006, p. 193). Os policiais não permitiram que ela falasse com o irmão e no presídio também ele foi mantido incomunicável. Apesar de contratar um advogado para cuidar do caso, a irmã não conseguia falar com ele. Aflita, ela tentava agradar os policiais para obter informações do irmão, mas não conseguia nada.

Quando souberam que ele foi mantido preso no Comando Militar, Nael desconfiou de que a sua prisão tinha também ligação com a condenação política de Antenor Laval.

No dia do julgamento, a única pessoa que apareceu no Tribunal foi a irmã e lá ela ouviu o relato terrível da vida que ele estava levando naquele lugar:

Não pôde abraçá-lo no Tribunal, mas ouviu relatar uma brusca descida ao inferno. Os dias eram como as noites, cada dia era a extensão mais sombria da noite. Quando chovia muito, as celas inundavam, Omar cochilava de pé, a água suja cobria-lhe os joelhos, e os muços, ao lhe roçarem as pernas, davam-lhe mais asco do que medo. Sentia repugnância da pele viscosa dessas enguias-d’água-doce, pardas, cobertas de lodo, que serpenteavam no piso da cela quando a água escoava. Ainda bem que não enxergava nada nos dias escuros. Às vezes, na janelinha que rasga a parede, a palma de um aguaceiro balançava e ele imaginava o céu e suas cores, o rio Negro, a vastidão do horizonte, a liberdade, a vida. Tapava os ouvidos, era insuportável ouvir o zumbido dos insetos, os gritos dos detentos, tudo não parecia ter fim nem começo. (HATOUM, 2006, p. 194)

Com a prisão, Omar perdeu tudo aquilo que concedia a ele o prazer de viver. Percebemos o seu sofrimento pela comparação da prisão com o inferno: as trevas, a sombra, a umidade, a água suja, os bichos. O sofrimento de viver naquele lugar escuro e imundo não é maior que a falta da liberdade representada pelos elementos: o céu, as cores, o rio, o horizonte, a vida. Mas o barulho infernal daquele lugar o fazia voltar a triste realidade. Omar foi condenado a dois anos e sete meses de reclusão, sem direito à liberdade condicional.

Pelo apocalíptico fim de Omar, constatamos a última fase do esquema passional, a agressão. Nessa etapa confirma-se a vingança que, imputada contra Omar, foi sob medida aos danos que ele causou.

O sujeito cumpriu a promessa de vingança, começou retirando de Omar o trabalho com Rochiram, a sua forma de ganhar dinheiro, assim como Omar roubou as economias dele de um ano de trabalho. Como consequência dessa estratégia, o anti-sujeito foi submetido a várias formas de pagamento de danos: tornou-se fugitivo, ficando longe do amparo da mãe e perdeu a casa onde tinha todas as regalias.

Depois, foi humilhado em praça pública, uma humilhação que supomos compensava para Yaqub as várias agressões de Omar contra ele, fragilizando-o perante os espectadores que assistiam o seu fracasso, motivo de vergonha. É interessante também notarmos a semelhança e a ligação da prisão de Omar com a prisão de Antenor Laval, pois Yaqub, usando o amigo do Caçula, vingava os danos causados a Domingas que foi molestada em razão da amizade que mantinha pelo mais velho e que, mal interpretada pelo Caçula, teve como consequência o estupro da criada.

Na seqüência, o aprisionamento, retirando-o de perto de tudo o que lhe dava prazer, que pode ser relacionado com a saída de Yaqub do país, quando foi tirado do seio da família e teve que ficar longe de todas as referências de vida que tinha.

Ainda na prisão, a falta de comunicação e os dias de sofrimentos intermináveis sem liberdade, ligação com o tempo que Yaqub viveu no Líbano, convivendo com pessoas estranhas, a língua estrangeira, enfim, tudo o que foi obrigado a passar por culpa do Omar.

Por todas essas formas de reparação de danos, percebemos que a vingança foi eficaz e sob medida às maldades causadas pelo anti-sujeito. Nesse sentido, podemos examinar mais cuidadosamente a eficácia na reparação dos prejuízos causados: em quantidade, em temática e em duração.

Em quantidade, as várias incidências de crueldade comutando a intensidade do sofrimento para os dois sujeitos: assim como Omar agrediu várias vezes Yaqub, assim também Yaqub se vingou de diversas maneiras de Omar.

Em temática, os temas enfocados são os mesmos: traição, lembramos aqui a traição de Omar em ficar com Lívia na noite de carnaval, em contrapartida a traição de Yaqub com Rochiram; roubo, assim como Omar roubou as economias de um ano de trabalho de Yaqub, Yaqub também tirou de Omar o trabalho e a casa; fuga, a ida de Yaqub para São Paulo foi uma forma de fugir da convivência com a predileção da mãe pelo Caçula, já Omar fuge da perseguição do irmão e fica longe da proteção da mãe; prisão, Yaqub foi para o

Líbano como um criminoso, obrigado a abdicar de tudo o que tinha, da mesma forma Omar ao ser preso perdeu todas as regalias que possuía.

Em duração, os quatro anos que Yaqub viveu no Líbano foram compensados pelo longo tempo de fuga do Omar e pelos dois anos e sete meses de prisão.

Portanto, o sujeito patemizado pela vingança, ao buscar a reparação dos danos sofridos, tem como objetivo o restabelecimento da ordem social, ele faz saber do que se trata a sua vingança. É o que percebemos na carta escrita por Rânia a Yaqub, dizendo a ele tudo o que precisava ouvir, mas que ninguém tinha coragem de dizer:

Lembrou-lhe que a vingança é mais patética do que o perdão. Já não se vingara ao soterrar o sonho da mãe? Não a viu morrer, não sabia, nunca saberia. Zana havia morrido com o sonho dela soterrado, com o pesadelo de uma culpa. Escreveu que ele, Yaqub, o ressentido, o rejeitado, era também o mais bruto, o mais violento, e por isso podia ser julgado. Ameaçou desprezá-lo para sempre, queimar todas as suas fotografias e devolver as jóias e roupas que ganhara, caso ele não renunciasse à perseguição de Omar. (HATOUM, 2006, p. 194-195)

Pela carta de Rânia ficou claro que Yaqub conseguiu se vingar e, por isso, tornou-se um sujeito realizado. Mas de todas as vinganças, a mais terrível foi destinada à mãe, ela que nunca fez questão de esconder a predileção pelo Omar, deixando Yaqub de lado. Então, ele retirou dela o filho querido que foragido não poderia continuar sobre a sua proteção materna, assim como ele naquele país distante, longe da família; e, depois, retirou dela a casa, a esperança de que ali, naquele lugar, ainda pudesse existir uma família. Pior que tudo isso, foi indiferente ao seu pedido de perdão, condenou-a a morrer com a culpa da inimizade dos dois filhos. Percebemos que a vingança com a mãe era uma forma de causar-lhe o descontentamento pelo que ela esperava dele, assim como ela o causou para ele.

A vingança de Yaqub atingiu também Rânia, mesmo que ele não tenha tirado dela a loja ou direcionado a ela qualquer forma de retaliação, a irmã ficou indignada com o sofrimento da mãe e de Omar causado pela desforra do irmão rejeitado.

Embora a vingança de Yaqub parecesse desmedida e em maior intensidade que às agressividades de Omar, essa paixão não dura para sempre. A tendência é que logo depois de responder à agressão sofrida, o ressentimento seja enfraquecido e o sujeito vingativo evite qualquer tipo de contato, tornando-se indiferente e desprezando os anti-sujeitos. Foi o que aconteceu com Yaqub, como podemos comprovar pelas suas atitudes registradas nas cartas que escrevia a Nael:

Nas cartas em que Yaqub me enviou, nunca falava do irmão nem de Rânia, sequer resvalou no assunto. Eram cartas breves e esparsas, em que sempre me pedia que cobrisse de flores o túmulo de Halim e o de minha mãe. Perguntava se eu necessitava de alguma coisa e quando ia visitá-lo em São Paulo. (HATOUM, 2006, p. 196)

O único contato que Yaqub manteve foi com Nael, o filho de Domingas. Esse contato nos leva a pressupor que Yaqub, figurativizado o tempo toda na narrativa como calculista, calculava todos os ajustes de contas com as pessoas com as quais conviveu: com as pessoas que o fizeram sofrer, como a mãe, o irmão Caçula e, conseqüentemente, a irmã que ficou contra ele, depois de se vingar delas, desprezou-as; com as pessoas que o apoiaram, dando-lhes atenção, como o pai e Domingas, mesmo depois de mortos eram por ele lembrados e, o filho de Domingas, a pessoa para quem ele dava atenção já que devia esse favor à empregada que cuidou dele como um filho.

Com sua vingança, Yaqub conseguiu mais que causar aos anti-sujeitos os danos com que fora prejudicado uma vida toda, ele conseguiu ultrapassar as maldades de Omar e, nesse sentido, ele se tornou um êmulo, fechando aquela seqüência que ficou aberta no início das análises, com a primeira paixão, a emulação. Yaqub queria ser como Omar, mas não tinha coragem para enfrentar os riscos que ser corajoso traziam, mas, depois de sofrer tantas decepções e agressões, Yaqub não conseguiu ser como o irmão. Ele ultrapassou-o, pois revelou-se frio e calculista, guardou dentro de si todas as frustrações, descontentamentos e ressentimentos que a longo tempo convergiram para o abominável fim daquela família. Ele destruiu todos aqueles que trouxeram a ele grande sofrimento, pagou com a mesma moeda.

4 AS PAIXÕES EM DOIS IRMÃOS: UM ESPELHO DE MÚLTIPLAS FACES

As paixões refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no domínio de nossa imaginação. Poder-se-ia dizer que há aí um jogo de imagens, talvez mesmo de imagens recíprocas, antes que a fonte das reações morais, cujo objetivo seria então o da Ética. (MEYER, M. Retórica das paixões, 2000, p. XLI)

A análise do texto como um todo coloca em evidência os efeitos de sentido produzidos pelas paixões que emergem no discurso. Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 21), as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades do discurso interno, e que elas emanam das estruturas discursivas pelo efeito de um “estilo semiótico” que pode projetar-se seja sobre os sujeitos, seja sobre os objetos, seja sobre sua junção.

Nesse sentido, ao examinarmos o discurso como um todo, considerando as paixões que surgiram do relacionamento dos dois irmãos, observamos a interferência dos outros sujeitos nesta relação. Da interação desses sujeitos surgem dispositivos modais que circulam e se trocam a todo o momento, ação e reação interligadas que determinam o modo de existência dos sujeitos envolvidos na comunicação.

Dessa forma, à medida que os sujeitos se colocam em busca de valores que darão sentido a suas vidas, eles se confrontam com outros sujeitos que também empreendem as suas buscas e, desse confronto afloram as paixões que são avaliadas umas sob o domínio de outras, umas influenciando as outras, umas como conseqüências das outras.

Portanto, analisar as paixões é também examinar os efeitos de sentido que uma paixão exerce sobre a outra, para assim compreendermos a relação intersubjetiva dos sujeitos apaixonados.

4.1 O APEGO INTENSO E A INDIFERENÇA ESTIMULAM A RIVALIDADE

Mas se há paixão há ação e, ao mesmo tempo, um agente, uma causa eficiente que para realizá-la, para produzi-la não pode ter sido simplesmente natural – o que leva a uma ordem do humano, a um campo antropológico que, afinal, confere todo o seu sentido a essa temporalidade distinta da criação lógica... (MEYER, M. Retórica das paixões, 2000, p. XXXVII)

As paixões que engendram os conflitos vividos pelos dois sujeitos, Yaqub e Omar, apresentam como agentes causadores o choque de interesses e buscas e, principalmente, a mãe, ou melhor, o apego intenso da sua relação com o filho Caçula que abraça a rivalidade entre os dois irmãos.

Zana, no papel temático de matriarca da família, é representada, em vários momentos na narrativa, pela figura actancial de um sujeito passional ciumento extremamente apegado aos objetos de valor que ama, cuja junção a eles está associada: ao prazer, quando em conjunção; ou ao sofrimento, em disjunção. Nessa perspectiva de análise, de acordo com os nossos estudos, ela será identificada como um sujeito apegado ao objeto de valor, cuja junção é modalizada por um dever-ser.

Na página de abertura, antes de iniciar os capítulos, Zana já aparece como um sujeito tímico que sofre com o apego aos objetos de valor que lhe estão disjuntos. Por esse relato inaugural que antecipa alguns indícios da temática abordada no romance, narrativizados a partir das perdas de Zana, percebemos a importância desse sujeito que gerou não só os dois irmãos, mas também instigou os conflitos entre eles, ou seja, é a partir da mãe, o agente causador principal do conflito entre os gêmeos, que a história emaranhada pelas paixões se apresenta.

O apego de Zana pode ser observado na primeira linha do texto: “Zana teve de deixar tudo...” (HATOUM, 2006, p. 9), o verbo ter no passado expressa bem a contingência temporal do apego, pois ela não deixou tudo porque quis, ela foi submetida a deixar, portanto, continuando apegada por meio das lembranças do passado e de uma esperança futura. Em seguida, o pronome indefinido, tudo, reforça a idéia do apego à totalidade das pessoas e das coisas que eram essenciais para ela, mas ao mesmo tempo em que representava uma totalidade, representava também de modo indeterminado e vago que esse tudo se confundia numa mistura de passado e presente, ou seja, tudo em sua vida perdia o sentido sem Omar.

Nesse sentido, confirmamos que o apego modalizou a junção do sujeito, Zana, com o objeto de valor, Omar, por um dever-ser, por isso a existência do sujeito ficou submetida ao objeto e, com a ruptura dessa relação, tudo perdeu o valor para o sujeito apaixonado.

Nos dois primeiros parágrafos, percebemos que os lugares, a paisagem, o passado, os antepassados, os móveis e os objetos são evocados pelos sentidos de Zana nas alucinações da velhice, demonstrando o seu apego a tudo o que para ela era importante, principalmente, porque tudo aquilo a induzia à lembrança de Omar, o filho que mesmo ausente não deixava de ser para a mãe o motivo de sua existência, por isso, ela se manteve apegada até os últimos momentos de vida à esperança da volta do filho. Dessa maneira, o apego da mãe pode ser compreendido como uma necessidade, porque mesmo em disjunção com o objeto, o dever-ser abria um simulacro de realização: a esperança da conjunção. O simulacro passional foi primeiro debreado: Zana vivia mais as lembranças do passado que o seu presente; depois foi reembreado no sujeito tensivo: a esperança da volta do filho. A debreagem e a reembreagem nos permite entender que embora os acontecimentos tendam a dissipar o apego, ele continua vivo: o sujeito apaixonado continuou desejando e imaginando a conjunção.

É interessante observarmos a exploração dos sentidos como referência ao devaneio da mãe pela perturbação que a ausência do filho provocava nela, como podemos comprovar abaixo:

Perto do alpendre, o cheiro das açucenas-brancas se misturava com o do filho Caçula. Então ela sentava no chão, rezava sozinha e chorava, desejando a volta de Omar. Antes de abandonar a casa, Zana via o vulto do pai e do esposo nos pesadelos das últimas noites, depois sentia a presença de ambos no quarto em que havia dormido. [...] Ela imaginava o sofá cinzento na sala onde Halim largava o narguilé para abraçá-la, lembrava a voz do pai conversando com barqueiros e pescadores no Manaus Harbour, e ali no alpendre lembrava a rede vermelha do Caçula, o cheiro dele, o corpo que ela mesma despia na rede onde ele terminava suas noitadas. “Sei que um dia ele vai voltar...” (HATOUM, 2006, p. 9)

O cheiro do filho, o vulto do pai e do esposo, o contato físico com Halim, a voz do pai, a cor vermelha da rede, enfim, todas as sensações manifestadas sensibilizam o apego de Zana com a casa, as lembranças que aquele lugar guardava, os fantasmas dos entes queridos que teimavam em continuar povoando o local, mas, acima de tudo, com o lugar para onde o filho voltaria. Modalizada pelo querer que Omar voltasse, não restava a ela nada que

pudesse ser feito a não ser continuar na casa, mas como teve de deixá-la, sofreu porque sabia que aquele seria o lugar que ele procuraria quando voltasse.

Desse modo, pressupomos a confiança instaurada pela fidúcia modalizada pelo dever-ser que engendra a espera. A esperança da volta do filho fez com que Zana, mesmo depois de deixar a casa, viesse passar o dia ali. Mas a demora da volta de Omar a deixava cada vez mais debilitada e doente, até que não resistindo mais à espera, entregou-se aos cuidados médicos em uma clínica onde faleceu. No leito de morte, a última frase que falou foi em árabe, numa espécie de confissão, uma incógnita aos ouvidos alheios: “Meus filhos já fizeram as pazes?” (HATOUM, 2006, p. 10). Sem a resposta que ela esperava da filha e da amiga centenária que lhe faziam companhia, a mesma frase foi repetida até as forças desvanecerem, e ela expirar levando consigo a culpa de ter estimulado a inimizade dos filhos e a aflição da mãe que esperava na reconciliação dos irmãos, a volta de Omar.

A preocupação que inquietou Zana até a morte, a inimizade dos filhos, deflagrou com a agressão de Omar que teve como conseqüências a cicatriz no rosto de Yaqub e a viagem dele para o Líbano. A decisão da viagem partiu do pai como tentativa de prevenir um confronto entre os dois filhos, mas a mãe foi quem convenceu o pai a mandar apenas o mais velho: “E ela permitiu por alguma razão incompreensível, por alguma coisa que parecia insensatez ou paixão, devoção cega e irrefreável, ou tudo isso junto, e que ela não quis ou nunca soube nomear” (HATOUM, 2006, p. 13). Quando Zana persuadiu o marido a não enviar ao Líbano o filho Caçula, ela abre mão do mais velho, assim, estabelecendo uma distinção na relação com eles, o que desencadeou a exclusividade de Omar e a exclusão de Yaqub.

A cumplicidade da mãe com Omar denunciava a predileção materna ao viajante que, ao retornar a Manaus, começou a entender por que ele e não o Caçula tinha sido retirado do seio da família. A euforia de Zana na presença do filho mais novo era incontrolável e quando alguém mostrava um diferencial superior em Yaqub, ela discordava: “Nada disso, são iguais, são gêmeos, têm o mesmo corpo e o mesmo coração” (HATOUM, 2006, p. 19).

Zana, depois de ter sido culpada pelo marido de tratar Omar como único filho, tentou equilibrar a atenção entre os três: “Nos primeiros meses depois da chegada de Yaqub, Zana tentou zelar por uma atenção equilibrada aos filhos. Rânia significava muito mais do que eu, porém menos do que os gêmeos” (HATOUM, 2006, p. 24). Como o próprio texto deixa claro, a mãe não conseguiu controlar o equilíbrio de suas atenções e a hierarquia no tratamento com os filhos saltava aos olhos de todos.

Nesse sentido, perceberemos que a intensidade do apego da mãe pelo filho Caçula pode ser reconhecida pelos comportamentos referentes a ele e pela sua colocação em primeiro plano, evidenciada pelo fazer da mãe.

Assim, bastava uma atitude do filho mais velho que Zana reprovava para se referir a ele como sendo filho só de Halim:

Dias e noites no quarto, sem dar um mergulho nos igarapés, nem mesmo aos domingos, quando os manauaras saem ao sol e a cidade se concilia com o rio Negro. Zana preocupava-se com esse bicho escondido. Por que não ia aos bailes? “Olha só, Halim, esse teu filho vive enfurnado na toca. Parece um amarelão mofando na vida” (HATOUM, 2006, p. 25).

Ao mesmo tempo em que ela conferia explicitamente a posse do filho mais velho ao pai: “... esse é teu filho...”, implicitamente ela se destituía desse direito, mais uma vez excluindo o filho da relação materna. O que a mãe não conseguia entender era que Yaqub se refugiava no quarto para não sofrer ao presenciar que as atenções nunca seriam distribuídas de maneira igualitária entre ele e o irmão. É importante darmos atenção à representação de Zana como um sujeito coletivo, pois é mãe de três filhos, devendo, portanto, partilhar a atenção com todos eles, mas ao recusar a participação, ela coloca em primeiro plano Omar, fazendo dele um sujeito exclusivo para ela, assim como ela era também exclusiva para ele.

As manifestações da mãe eram contrárias às do pai, que se orgulhava da habilidade matemática de Yaqub e reprovava o comportamento do Omar, que não queria saber de nada:

O que lhe faltava no manejo do idioma sobrava-lhe no poder de abstrair, calcular, operar com números. ‘E para isso’, dizia o pai, orgulhoso, ‘Não é preciso língua, só cabeça. Yaqub tem de sobra o que falta no outro. (HATOUM, 2006, p. 25)

Num dia em que o Caçula passou a tarde toda de cueca deitado na rede, o pai o cutucou e disse, com a voz abafada: “Não tens vergonha de viver assim? Vais passar a vida nessa rede imunda, com essa cara?” (HATOUM, 2006, p. 26)

É curioso percebermos como a mãe se revoltava com o comportamento de Yaqub, que só pensava em estudar, mas era conivente com Omar, que levava uma vida desregrada, abusando da bebida, passando as noites fora de casa e os dias entregue à

ociosidade sem se preocupar com nada. E, pior, além dela como mãe não corrigir o filho, ainda estimulava a sua safadeza, cuidando dele e colocando Domingas para ajudá-la:

Então ela saía da rede, arrastava o corpo do filho até o alpendre e acordava Domingas: as duas o desnudavam, passavam-lhe álcool no corpo e o acomodavam na rede. Omar dormia até meio-dia. O rosto inchado, engelhado pela ressaca, rosnava pedindo água gelada, e lá ia Domingas com a bilha: derramava-lhe na boca aberta o líquido que ele primeiro bochechava e depois sorvia como uma onça sedenta. (HATOUM, 2006, p. 26)

O apego de Zana ao Caçula resistia a tudo, até mesmo às transgressões do comportamento dele. O amor que a mãe sentia pelo filho transformava-se num apego doentio que a fazia omissa em face das responsabilidades de correção do filho, inversamente a esse dever materno, ela se prontificava em zelar do filho infrator como se estivesse cuidando de um doente.

A mãe se tornava cega quando o assunto era as torpezas do filho. Foi o que aconteceu quando foi à escola tentar justificar a agressão de Omar ao professor de matemática, ela acobertava os seus erros e assim como não os corrigia, tentava também impedir que outros o fizessem. Enquanto isso, Omar se tornava cada vez mais perdido, protegido pela devoção excessiva da mãe que justificava os erros do filho segundo o que ela como mãe usava como desculpa para justificar os seus próprios erros na educação dele: “O senhor não sabia que o meu Omar adoeceu nos primeiros meses de vida? Por pouco não morreu, irmão. Só Deus sabe... Deus e a mãe... Ela suava, entregue ao êxtase de grande mãe defensora” (HATOUM, 2006, p. 27).

Por um lado, ao se referir ao filho como “o meu Omar”, Zana confirmava-se como um sujeito possessivo que já estava conjunto ao objeto de valor, mas só a conjunção não bastava, ela precisava sentir prazer com essa conjunção, o que implicava ele não ser expulso da escola, já que ela tentava convencer o irmão diretor de não punir o Caçula. Então, a mãe, patemizada pela possessão, tornava-se um sujeito do querer; e Omar, enquanto possuído, transformava-se em um objeto do poder fazer, alguém que traria prazer ao sujeito apaixonado.

Por outro lado, a referência à doença é um traço que distingue e individualiza o filho para a mãe, garantindo a ele um tratamento exclusivo. São alguns traços diferenciadores de Omar em relação aos traços comuns dos outros irmãos: doente, farrista, bêbado, vadio, indisciplinado, agressor. Interessante notarmos que tirando o fato da doença quando recém-

nascido, os outros traços, que conferiam a Omar comportamento reprovado socialmente, eram dissimulados pela mãe. Foi o que aconteceu na ocasião da expulsão de Omar do colégio, ela ficou revoltada com a punição destinada ao Caçula, mas se sentiu constrangida quando o irmão diretor perguntou pelo outro filho, aquele a quem ela recusava reconhecer as qualidades como aluno aplicado e estudioso:

Ela gaguejou, confusa; seus olhos encontraram a gangorra agora vazia. O vão da janela escurecia, trazendo a noite para o interior da sala. Pensava no pendor matemático do filho. O pastor, o rapaz rústico, o mágico dos números que prometia ser o cérebro da família. Adiou a resposta e se levantou de supetão, meio amarga, meio esperançosa, dizendo a Domingas uma frase que no futuro repetiria tal uma prece: A esperança e a amargura...são parecidas. (HATOUM, 2006, p. 28)

Apesar da decepção com Omar, Zana considerou injusta a expulsão do filho. Então, sem ter com o que argumentar, a mãe recorreu primeiro à religiosidade para mostrar que o padre Bolislau errou em castigar o Caçula: “... mas Deus quis assim; afinal, até um ministro de Deus é vulnerável” (HATOUM, 2006, p. 29) e, supostamente, se Bolislau como padre errava, então Omar deveria ser perdoado; depois, usou a masculinidade para justificar a violência de Omar, como se para ser homem fosse necessário provar que era o mais forte: “‘Esse Bolislau errou’ murmurava. ‘Meu filho só quis provar que é homem... que mal há nisso?’” (HATOUM, 2006, p. 29) Dessa forma, Zana estava dividida por um conservadorismo contraditório: de um lado, a religião que absolvía os erros; de outro lado, a masculinidade que legitimava a violência. Em meio aos dois opostos, a mãe tentou conciliar o paradoxo dos sentimentos que os dois filhos lhe causavam: a amargura e a esperança.

A decepção sofrida com o filho enfraqueceu o grau da intensidade do apego da mãe, porque ela acolheu o outro filho, deixando de dedicar totalidade integral das atenções a seu objeto. Zana não teve como não demonstrar a sua alegria com Yaqub que desfilou com farda de gala e foi destaque na imprensa com fotografia estampada no jornal, além de ter recebido uma homenagem com honras e medalhas pelo brilhantismo na matemática. A mãe, ao demonstrar o orgulho que sentia do filho que dentro em breve iria para São Paulo seguir estudos, provocava ciúmes em Omar: “Ele foi esquecido, por uma vez Omar dormira sem a proteção das duas mulheres. [...] Estava atento aos movimentos da mãe que só tinha olhos para o viajante” (HATOUM, 2006, p. 33). Na perspectiva de Omar como sujeito ciumento, ao perceber as atenções da mãe voltadas para o filho que se destacava na escola, introduzia valor

negativo à partilha do sujeito coletivo (mãe), porque instalava na relação a presença actancial de um rival (Yaqub), por isso, a exclusividade engendra a relação polêmica.

Por algum tempo, as atenções da mãe se mantinham voltadas para o filho que prosperava em São Paulo: “‘ O montanhês é o teu filho’, disse Zana. ‘O meu é o outro, é esse futuro doutor em frente do Teatro Municipal’” (HATOUM, 2006, p. 45). O sucesso de Yaqub estampado nas fotografias que chegavam a Manaus permitia o reconhecimento materno que sempre lhe fora negado, mas também confluía para ofuscar o brilho do caçula na família, pois os familiares exibiam com euforia as conquistas de Yaqub para os vizinhos e amigos. Halim percebia que Omar ficava enciumado e temia o conflito entre os gêmeos: “Duelo? Melhor chamar de rivalidade, alguma coisa que não deu certo entre os gêmeos ou entre nós e eles...” (HATOUM, 2006, p. 46).

A rivalidade entre os gêmeos foi aguçada pelo apego da mãe com o Caçula desde os primeiros meses de vida em virtude de uma pneumonia que molestou o recém-nascido quase o levando à morte, por isso, teve que dispensar maiores cuidados ao filho doente. Esse acontecimento marcou profundamente a mãe, tanto que foi mencionado várias vezes por ela. Portanto, o temor de perder o filho resultava num apego que se intensificava cada vez que ela sentia que poderia perdê-lo. O que ela não conseguia perceber é que ao dirigir todas as atenções ao Caçula, o mais velho ficava à deriva, entregue aos cuidados da criada: “Cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente. Zana não se despregava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas...” (HATOUM, 2006, p. 50). Mas na ingenuidade de criança, Yaqub não percebia tal distinção de tratamento, foi com a sua volta do Líbano que começou a desconfiar e, à medida que a mãe manifestava dedicação exclusiva pelo Caçula, a desconfiança foi se consolidando. Assim, percebemos que o apego da mãe pelo Caçula se manifestava também pelo desapego e indiferença com o filho mais velho. Dessa forma, o apego modalizava a junção da mãe com Omar, seja ela qual for, por um dever-ser, e a exclusividade modalizava a relação da mãe com Yaqub por um dever-não-ser.

Por causa do apego intenso da mãe, Omar foi induzido a se achar o centro das atenções e, assim, ele requeria o tempo todo a mãe só para ele. Esse comportamento da criança Omar provocava no pai grande fúria, porque ele assim como Omar também queria exclusividade de atenção. Dessa forma, Omar atrapalhava o relacionamento conjugal dos pais: “Omar era o mais ousado: entrava no quarto dos pais durante a sesta e dava cambalhotas na cama até expulsar Halim. Só aquietava quando Zana saía do quarto para brincar com ele no quintal” (HATOUM, 2006, p. 52).

O excesso de zelo de Zana por Omar indignava Halim, que não se conformava com a submissão da esposa aos caprichos do Caçula. Quanto mais Zana se entregava compulsivamente à proteção do filho, mais Halim implicava com ele. E, também, quanto mais a mãe se dedicava a um filho, tanto mais aumentava a indiferença com o outro. Portanto, para o pai e para Yaqub a relação do sujeito coletivo (mãe) com o objeto de valor escolhido (Omar) era modalizada por um dever-não-ser: a exclusividade.

A exclusividade no tratamento com o Caçula tornava mais evidente a cumplicidade e a fidelidade recíproca do relacionamento dos dois:

Yaqub já estava casado, e, mais uma vez, não aceitara um vintém dos pais [...] Não revelou o nome da mulher e apenas um telegrama comunicou o casório. Zana mordeu os lábios. Para ela, um filho casado era um filho perdido ou seqüestrado. Fingiu-se desinteressada do nome da nora e cercou ainda mais o Caçula, que ela atraía para si como um imenso ímã atrai limalhas. (HATOUM, 2006, p. 69)

O ciúme dos filhos era evidente, mas Yaqub conseguiu a sua independência sem a ajuda dos pais, portanto a mãe não teria como cobrar nada dele. A independência de Yaqub conferia a ele o poder de tomar decisões sem precisar do consentimento dos pais, por isso, só comunicou o casamento. Com Rânia era diferente, a mãe vivia tentando arrumar um pretendente para casar com a filha, mas Rânia dispensava a todos eles. A diferença da mãe com os filhos era notória: com os filhos homens, não aceita a idéia de vê-los com outra mulher que não fosse ela; com a filha, empurrava-a para um pretendente, temia que ficasse sem se casar. Com base nesse comentário, podemos identificar a influência das taxonomias culturais, Zana faz parte de uma cultura machista e patriarcal onde os direitos do homem e da mulher são completamente distintos: a mulher tem que se casar, se ficar solteirona é sinal de rejeição; o homem, não, deve ter muitas mulheres, tem que provar a sua virilidade e não se deixar dominar por nenhuma delas. Com Omar ainda era mais agravante, porque como eram os pais que o mantinha, então ele devia obediência a eles, ou melhor, a Zana, porque com o pai não havia nem diálogo, sem falar que o que Halim mais queria era que uma mulher o levasse embora de casa para dar sossego à esposa. Sem falar que na relação intersubjetiva da exclusividade espera-se que a lealdade e a fidelidade fossem recíprocas, assim sendo justificava-se o desinteresse da mãe pelo filho que casou e a intensidade da devoção àquele que não se casou e continuou junto dela.

O medo que Zana tinha de perder Omar tornava-se mais intenso à proporção que se sentia ameaçada por uma rival. É o que podemos comprovar quando duas mulheres atraíram o Caçula: a primeira foi Dália, a dançarina amazonense, que seduziu Omar a ponto de ele sair de casa; depois, a Pau-Mulato com quem Omar viveu foragido da mãe por um longo tempo.

Assim como na relação amorosa, o relacionamento materno analisado aqui apresentará a mesma configuração que nos permite identificar a seqüência das fases do esquema conônico da paixão do ciúme por meio dos dispositivos sensibilizados na perspectiva do sujeito ciumento, representado por Zana.

A primeira rival apresentada a Zana foi Dália, a Mulher Prateada, que Omar levou em casa no dia do aniversário da mãe, provocando um ciúme doentio do filho, o seu objeto de valor. Pela alteração do comportamento de Zana, percebemos uma oscilação de humor sob a qual ela não tinha controle, assim, essa inquietude a constituía como sujeito apaixonado:

Chegou às dez [...] Abriu os braços, dizendo em árabe: “Feliz aniversário, rainha”. [...] Beijou-a com ardor, e nesse momento Zana lagrimou, em parte pela emoção, em parte porque o Caçula, depois do beijo, apresentara-lhe a namorada. Dessa vez ela não quis disfarçar: encarou com um sorriso dócil e um olhar de desprezo a mulher que jamais seria a esposa de seu filho, a rival derrotada de antemão. (HATOUM, 2006, p. 74)

Zana não se preocupava com as mulheres que Omar arrumava, pois sabia que era um caso passageiro, mas com Dália foi diferente porque o Caçula a levou para casa, apresentou-a à família e aos convidados como sua namorada e exibiu o forte envolvimento com ela na presença de todos, inclusive na presença da mãe que nunca aceitou ter que dividi-lo com outra mulher:

As outras, assanhadas e oferecidas, não foram páreo para Zana, nem de longe ameaçavam o amor da mãe. Nem chegaram a duelar, não foi preciso. Além disso, não tinham nome, quer dizer, o Caçula só as chamava de queridinha ou princesa, para deleite da rainha-mãe. (HATOUM, 2006, p. 75)

O fato de Omar ter apresentado a mulher daquela noite era uma ameaça para a mãe, pois as outras mulheres eram seres anônimos que distantes do convívio familiar não representavam perigo, porém com a apresentação pública da dançarina, Omar manifestava o compromisso que assumido instalava a mulher com vantagem em relação às outras e fazia dela uma rival declarada de Zana: “Que belo duelo entre Zana e a pretensa nora! [...] Zana sentiu-se ameaçada e procurou outro canto. Foi a sua primeira derrota, ainda parcial, antes da meia-noite” (HATOUM, 2006, p. 75). A confirmação da existência da rival correspondia à disposição de Zana para manifestar o ciúme.

A sensibilização aconteceu quando a rival se exibiu dançando sensualmente, iluminada por uma lanterna que Omar segurava, foi aplaudida por todos e beijada por Omar. A mãe assistia a tudo aquilo desesperada, mas se manteve alheia a toda aquela homenagem. Zana não quis que cantassem o parabéns, desprezou o bolo e as velas acesas sobre ele. Por essas atitudes da mãe, constatamos a intensificação da patemização do ciúme.

Halim entendeu o que estava acontecendo e foi para o quarto, os convidados foram embora, na sala só Omar e a dançarina grudados, dançando sem música. Zana observava os dois em silêncio: “Era uma afronta à mãe a grande traição do Caçula” (HATOUM, 2006, p. 77).

Nesse momento, a rivalidade se tornou mais intensa pelo apego que a mãe tinha ao filho, seu objeto de valor, com o qual ela se recusava entrar em disjunção. Então, a mãe interrompeu os dançarinos com a desculpa de que Dália pudesse ajudá-la a limpar a mesa, mas enquanto Omar se deitou na rede, a mãe segurou com força a dançarina pelo braço e disse algo que ela não gostou, por isso, saiu dizendo: “Vamos ver, vamos ver” (HATOUM, 2006, p. 77). A fase da emoção ficou pressuposta pelas ações da mãe: interrompeu o namoro, tirou a rival de perto do objeto de valor, segurou com força o braço e disse algo; e pelas reações da rival: saiu fazendo uma ameaça. Pela ameaça do “Vamos ver”, supomos que tenha havido uma intimidação para que a rival desistisse do objeto de valor, mas quando revidou essa intimidação com uma ameaça, mostrou que não desistiria da competição. Para desespero da mãe, Omar acordou meio sonolento e saiu correndo atrás da mulher.

A mãe sentindo que o filho fosse abandonar tudo em sua vida para ficar com aquela mulher, convenceu o pai a mandá-lo para São Paulo. Quando Omar soube dos planos dos pais, sumiu de casa por vários dias. Então, Zana mandou oferecer dinheiro às duas tias que moravam com Dália para que a sobrinha se afastasse do filho dela, as tias aceitaram o dinheiro de Zana e a dançarina sumiu da cidade. A intensidade do apego é representada pelas ações de Zana que continuava apegada ao objeto de valor mesmo estando disjunta dele, por

isso, insistia em concluir a conjunção com ele, retirando a rival do seu caminho ou retirando o objeto do alcance da rival.

Omar voltou para casa e a mãe fez questão de mostrar-lhe o quanto ele dependia dela, não prestou ajuda ao filho e nem permitiu que as outras mulheres da casa o fizessem como era de costume. Deixou o filho sofrer sem os seus cuidados, essa alienação de Zana manifestava-se como um apego sombrio que retinha a ofensa da traição do filho. Então, ela o afrontou, fazendo questão de deixar claro que tudo o que o filho estava passando era por causa daquela mulher que ela figurativizava como serpente: “Tudo isso por causa de uma dançarina vulgar. Aquela serpente ia te levar para o inferno, querido” (HATOUM, 2006, p. 79). Fazendo uma associação com a Bíblia, podemos supor que Zana representava o paraíso, a fidelidade, a mulher que cuidava dele sempre com amor; já Dália era a serpente, uma mulher perigosa que, por ser vulgar, não seria fiel, transformando a vida dele em sofrimento, ou seja, num inferno. No momento em que a mãe mostrava ao filho o quanto ele dependia dela, ela se tornava um sujeito manipulador que queria obter dele a confissão de dependência, mas o dever-ser posto em circulação no simulacro permitia uma troca entre os interactantes, o que proporcionava uma interpretação segundo o ponto de vista de cada um dos sujeitos envolvidos, por isso, simultaneamente, ao se colocar como sujeito manipulador, ela manifestava os efeitos de sentido de atração pelo objeto e ele passava a ser o manipulador que tinha o poder de atrair o sujeito ciumento.

Com a posse do filho reconquistada pela mãe, notamos como o apego foi reforçado pela rivalidade. A posse do objeto amado torna possível percebermos uma dominação inversa, a mãe, enquanto sujeito ciumento, tornava-se dependente do objeto que possuía. Assim, Zana hesitava ao ouvir falar na viagem de Omar para São Paulo, porque agora não era mais necessário: “‘Calma Halim... o nosso menino está queimando de febre’, disse Zana, abraçando o filho. ‘Ele precisa de repouso, depois viaja, passa uns meses em São Paulo e volta’” (HATOUM, 2006, p. 79). Com essas atitudes, na dimensão pragmática, a mãe se apropriava e submetia o filho a seu poder e seu querer, mas na dimensão tímica do prazer possessivo era ela quem estava submetida ao poder do filho. Zana apontava que a busca do objeto não esgotou o querer-ser-conjunto, porque além de estar conjunta, queria ainda o prazer da proximidade e da subserviência e, conseqüentemente, a euforia de fazer dele o que ela queria, garantindo-lhe o domínio da totalidade integral do objeto, mas ao mesmo tempo ela era quem estava sendo dominada por ele. Dessa forma, o zelo da mãe por seu objeto intensificava e moralizava ao mesmo tempo o apego.

A viagem do filho para São Paulo trouxe muito sofrimento para a mãe, mas ela não teve como evitá-la. Com intenção de proporcionar a Omar condições para que ele mudasse de comportamento, seguindo o exemplo de Yaqub que se formou e prosperava na vida, Zana só contribuiu para que o Caçula prejudicasse novamente o irmão, roubando-o e agredindo-o moralmente. Mais uma vez, a mãe colaborou para que a rivalidade entre os dois se tornasse mais intensa.

Um prenúncio inquietou Zana, na véspera da primeira visita que Yaqub fez à família depois que foi morar em São Paulo, cujo objetivo era contar ao pai as mentiras de Omar e as agressões que sofreu. A esposa revelou ao marido o sonho que teve:

Na véspera da chegada de Yaqub ela havia sonhado que os gêmeos conversavam serenamente no quarto dela, mas de repente viu o jovem Yaqub no cais, de costas para um navio branco, sorrindo friamente para ela. Sorriu e cravou os olhos na mãe, até desaparecer. [...] “O que eu posso fazer? Nossos filhos não se entendem...” “O que podes fazer? Dá um pouco de atenção ao outro filho. Faz anos que não vemos o Yaqub. Olha o que ele conseguiu fazer, sozinho em São Paulo. Tem a vida dele, a mulher dele”. (HATOUM, 2006, p. 84)

O sonho de Zana figurativizava inconscientemente o temor da mãe em relação ao filho mais velho. No sonho, Yaqub aparecia de costas para um barco branco, sorrindo friamente; a cor branca é símbolo de paz e o fato de Yaqub estar de costas para o barco que representava a paz e sorrindo friamente, mostrava bem o caráter do filho que, como calculista que era, agia com frieza e, por estar de costas, remetia a idéia de ser contrário à paz, à reconciliação com Omar. A metáfora usada nos permite fazer uma associação, na seqüência, do verbo cravar como forma de punição, de fazer a mãe sofrer por ter sido sempre cúmplice do Caçula. O marido percebendo o que atormentava a esposa, a culpa que ela carregava por ter estimulado a inimizade dos filhos ao privilegiar o Caçula, dizia a ela que tentasse reparar o seu erro, dando mais atenção ao Yaqub.

Durante a permanência de Yaqub em Manaus, Zana protegia o Caçula, evitando o encontro entre os dois irmãos, ela temia um confronto entre os filhos. Yaqub desabafou com o pai todas as barbaridades de Omar, o filho protegido pela mãe, e jurou vingança, mas ao voltar para São Paulo, continuou a enviar as cartas, ostentando cada vez mais o luxo que a ascendente carreira lhe proporcionava.

Alguns anos depois, a mãe não escondia o orgulho que sentia do filho doutor que ajudou financeiramente a família, mas ponderava nos comentários sem deixar que Omar ficasse de lado:

Zana orgulhava-se do filho doutor, mas na conversa com as vizinhas venera Omar. Punha os gêmeos numa gangorra e fazia loas ao Caçula, elogiando-o até a cegueira. Mas Zana não era cega. Via muito, por todos os ângulos, de perto e de longe, de frente e de viés, por cima e por baixo, e sua visão continha uma sabedoria. Só que Zana era possuída por um ciúme excessivo. (HATOUM, 2006, p. 95)

Conhecendo Omar como a mãe conhecia, a estratégia de atenuar a grandeza do filho mais velho, venerando o Caçula, era uma forma de preservá-lo do sofrimento. Omar não conseguia esconder a inveja que sentia do irmão, recusava se beneficiar do conforto promovido por Yaqub, mas fingia ignorar que o dinheiro que Zana e Rânia davam a ele vinha do irmão.

A rixa dos dois filhos foi esquecida por um tempo, porque a nova amizade de Omar com Wyckham, que se dizia ser gerente de um banco estrangeiro para quem o Caçula trabalhava, acarretou em mudanças tão drásticas no comportamento do filho que a fez ficar muito desconfiada: “Esse homem metamorfoseado em anjo assombrou sua mãe. E o anjo, em lugar de apaziguá-la, transtornou-a” (HATOUM, 2006, p. 101).

A mãe não desistia de lutar quando sentia que o filho corria perigo e, foi o que fez, passou a investigá-lo: “Zana, sim: foi a primeira a perceber, e duelou com garra na batalha final” (HATOUM, 2006, p. 103). Halim percebia que a esposa estava inquieta e desconfiada e esse era um sinal de que ela não se deu por satisfeita com aquela mudança repentina do filho.

Zana agiu silenciosamente como um detetive e descobriu que Wyckham era um impostor, um contrabandista, e Omar era o seu braço direito, eles tinham uma sócia, a Pau-Mulato. Pior que descobrir o envolvimento do filho com o contrabandista, foi saber do relacionamento dele com a Pau-Mulato: “Quando o destino de um filho está em jogo, nenhum detetive do mundo consegue mais pistas que uma mãe”, ele disse. “Ela fez tudo caladinha, quieta que nem uma sombra” (HATOUM, 2006, p. 104).

Sentindo-se ameaçada, intimidou o filho para que ele não saísse de casa e desistisse daquela mulher: “Já sei de tudo, Omar, essa viagem é um fingimento, uma mentira. Sei direitinho quem é a mulher... ela vai te sugar, te enfeitiçar, tu vais voltar um trapo para

casa... São todas iguais, ela vai te deixar louco... Um ingênuo, um meninão, isso é o que tu és... Nem parece meu filho” (HATOUM, 2006, p. 108). Quando ela disse que ele não parecia ser seu filho, mexeu na ferida de Omar: “A senhora tem o outro filho, que só dá gosto e tem bom posto. Agora é a minha vez de viver... Eu e a minha mulher, longe da senhora...” (HATOUM, 2006, p. 109). A mãe já sabia que Omar estava contrariado com o sucesso de Yaqub, mas ao ouvir dele que era longe dela que conquistaria o que o outro já possuía, Zana sentia que perderia o filho para sempre:

“Roubaram o meu Caçula”, sonhava pesadelos em noites maldormidas e assim foi perdendo o viço. Não comia, só beliscava, bebericava. Mas não desistiu da busca, continuou inconformada, emitindo soluços de quieto desespero. Mãe enlutada. Só que, para ela, era luto passageiro. A volta do filho era só uma questão de vida, nunca de morte.(HATOUM, 2006, p. 110)

Pela fala de Zana, percebemos que ela sente que o filho foi tirado dela e não que ele tenha ido por vontade própria. O martírio dela com a perda do filho indicava a intensidade do apego que a fazia perder a vontade de viver, criando um efeito de sentido de resistência do apego mesmo em face da perda do objeto. O sentimento de perda era mais forte que ela própria, por isso, ao mesmo tempo em que parecia se entregar à derrota, mais o desejo da conjunção com o objeto do apego sobressaía. Foi o que observou Halim: “‘Deu tanto trabalho’, suspirou Halim. ‘O que eu percebi, o que eu entendi, é que uma mulher, a minha mulher, se agigantava quando sentia que ia perder o filho. Ela se recompôs, repensou tudo. Quer dizer, desembaralhou as cartas até encontrar seu rei de espada’” (HATOUM, 2006, p. 110). O ciúme de Zana era tão intenso que ela não desistia, embora parecesse já derrotada, insistia em buscar a conjunção com o filho, por isso, o apego da mãe estava associado à intensidade e ao desejo de posse exclusiva: “Roubaram o meu Omar”. A intensidade do apego estava relacionada com a preocupação em perder o objeto, e a posse exclusiva, com o tormento da rivalidade. Condição que Zana não conseguia esconder das pessoas, como contava Halim: “Nenhuma caçada é anônima. E caçada de mãe é tempestade, revira o mundo, faz vendaval” (HATOUM, 2006, p. 110).

Encontrar o filho e trazê-lo para casa foi uma tarefa difícil e demorada, a mãe fez tudo o que pôde e conseguiu tirá-lo das garras da Pau-Mulato. Omar se revoltou: “Ele é o culpado... Ele e o meu pai... [...] Por que não aparece para elogiar o engenheiro... o gênio, o cabeça da família, o filho exemplar... a senhora também é culpada... vocês deixaram ele fazer

o que queria... casar com aquela mulher... dois idiotas...” (HATOUM, 2006, p. 129). Novamente Omar mostra que o que ele queria ao sair de casa para ir morar com a Pau-Mulato era o que ele invejava no irmão: a coragem de sair de casa e conquistar o que queria sem a intervenção da mãe.

Zana, impulsionada por seu poder de mãe, partiu para cima do filho e o fez recuar, o que comprova o seu domínio sobre ele:

“Isso mesmo, uma qualquer! Uma *charmuta*, uma puta! Que ela passe o resto da vida mofando naquele barco imundo, mas não com o meu filho. Uma contrabandista! Falsária... Agiota... Gastei uma fortuna para descobrir os detalhes. O contrabando, as meninas que ela aliciava para o Quelé, aquele inglês de araque... O esconderijo de vocês na Cachoeirinha... As orgias... A patifaria... a sujeira toda! Eu não ia permitir... nunca! Ouviste bem? Nunca!” Ela abaixou a voz e sussurrou, dócil, tristonha: “Tens tudo aqui em casa, meu amor”. Começou a soluçar, a chorar. Pegou nas mãos dele, penteou-lhe a barba grisalha com os dedos, alisou-lhe a careca feridenta. Os dois, abraçados, foram para o alpendre; ela franziu a testa ao ver sua própria imagem distorcida em mil fragmentos no espelho estilhaçado. Perdeu o espelho precioso, mas ainda assim suspirava de felicidade porque o filho estava ali, queimado por dentro, mas agora só dela. (HATOUM, 2006, p. 130)

É importante observarmos que todas as vezes que a mãe se sentia atacada, partia para a defensiva culpando alguém para se livrar de sua própria falta, como ela fez aqui quando Omar a culpava por ter deixado Yaqub seguir a sua vida e não permitiu que ele fizesse o mesmo. Então, Zana armou a sua defesa: primeiro atacando, vorazmente, a Pau-Mulato, uma mulher que não procedia bem e, por isso, não permitiria que o filho continuasse junto dela. Depois, acalmou-se para mostrar ao filho que ele tinha tudo em casa e não precisava sair dali; e por fim, tentou comovê-lo com seu choro e seus carinhos. Na relação ciumenta cada um dos sujeitos atribui ao outro a introdução da modalização do dever-ser na relação do apego e a competência do objeto manipulador torna-se tão passional quanto a do sujeito ciumento manipulado, ou seja, o ciúme da mãe convergia para a manifestação do orgulho ferido do filho que não teve coragem de se libertar do apego para conseguir a sua independência como o irmão conseguiu.

O domínio da mãe no relacionamento com o filho Caçula era inquestionável, ele até se desprendia dela, mas ao voltar se tornava mais submisso ainda. Para ela, a posse do filho valia mais que tudo, confirmando um apego incomensurável, um ciúme que a tornava insistente em manter o objeto de valor, mesmo obcecada pela rivalidade: “Essa fidelidade à mãe merecia uma recompensa. E, para desespero de Halim, o Caçula foi mimado como

nunca. Nem precisava pedir certas coisas: a mãe adivinhava seus desejos, dava-lhe tudo, desde que não se desgarrasse. Entre ambos não havia recompensa gratuita” (HATOUM, 2006, p. 133). Novamente, o texto atenta para o apego recíproco da relação entre mãe e filho.

Essa cumplicidade entre os dois era motivo de sofrimento para Halim que não se conformava com as atitudes da esposa, contribuindo para que o Caçula atrapalhasse mais ainda o seu relacionamento conjugal:

“... Omar foi crescendo na vida dela... Vivia dizendo que o Caçula ia morrer... Era uma desculpa, eu sabia que não ia acontecer nada com ele... ficou louca, fez tudo por ele, é capaz de morrer com ele... Longe do filho, era a minha mulher, a mulher que eu queria. Sentia o cheiro dela, me lembrava das nossas noites mais assanhadas, nós dois rolando por cima desses panos velhos. [...] O problema era Omar, as paixões dele, as duas mulheres... a última foi um transtorno, a Zana percebeu que podia perder o filho... O frouxo! Covarde... Nunca vai saber... Não consigo nem olhar para ele... não quero escutar a voz dele... acho que nunca quis, me dá enjôo... Se tivesse força, daria nele outro safanão, teria dado uns cem quando ele quebrou o espelho que a zana adorava... Mil bofetadas, mil...” (HATOUM, 2006, p. 135-136).

Todos os sentimentos do pai em relação ao caçula indiciavam o ciúme do marido que perdeu a atenção da esposa para o filho. Esse ciúme tinha como consequência o ódio: “... ele babava de ódio, se engasgou, sacudiu a cabeça, começou a tossir, a escarrar, ofegante, os olhos avultados, as mãos procurando a bengala” (HATOUM, 2006, p. 136). Se antes o pai tratava o filho com indiferença por causa de Yaqub ter sido rejeitado pela mãe e reprovava o seu comportamento vadio, agora o ódio vinha estampado na aversão que o filho despertava nele. A hipérbole intensifica o ódio: “Mil bofetadas, mil...” (HATOUM, 2006, p. 136).

Ao contrário da mãe, o pai enxergava os esforços de Rânia e Yaqub que enfrentavam a vida trabalhando. Quando via a filha arcando com as responsabilidades da loja sozinha, se revoltava com Omar: “Coitada da minha filha, está se matando para sustentar aquele parasita” (HATOUM, 2006, p. 140). Nem comoção o Caçula provocava no pai com as atitudes de quem perdeu a vontade de viver, depois da morte de Antenor Laval: “É curioso como ele sua, como se esforça só para não sair de perto da mãe” (HATOUM, 2006, p. 156). Halim envelhecera reclamando a falta dos carinhos da esposa, sentindo aversão por Omar e desejando a presença de Yaqub: “Onde está Yaqub? Por que não vem logo com a mulher dele?” (HATOUM, 2006, p. 158)

Com a morte de Halim, Zana se rebelou contra o Caçula pela agressão imputada ao cadáver do marido e pelo comportamento de desocupado que o filho teimava em manter. Preocupada com o destino do Caçula, a mãe usou como pretexto para reconciliar os filhos a construção do edifício de Rochiram, mas a reconciliação implicava o maior desejo dela: garantir a proteção futura de Omar, trabalhando junto com Yaqub.

O que não estava nos planos da mãe era que ela facilitaria a vingança prometida por Yaqub. O filho rejeitado negou o perdão que ela suplicou e vingou-se ao tirar dela tudo o que ela valorizava: a casa e o filho Caçula. Completou a vingança colocando Omar na prisão, exterminando com a coragem e a ousadia do aventureiro protegido pela mãe. Mesmo depois de deixar a prisão, a vida de Omar nunca mais seria a mesma, sem o amparo da mãe e sem a casa onde ele exercia o seu domínio.

É importante observarmos que o apego da mãe na relação com o Caçula comportava algumas conseqüências, como: por um lado, o apego é reforçado pela rivalidade com as mulheres com as quais Omar se envolvia e o ciúme que emergia dessas relações provocava a suspeita, a inquietude e o sofrimento da mãe; por outro lado, a rivalidade entre os dois filhos era reforçada pelo apego da mãe a um só filho, provocando um sentimento mau em Yaqub ao ver o prazer da mãe com o Caçula, e em Omar causando o temor em partilhar a exclusividade materna.

Todos os acontecimentos examinados aqui são fundamentais na amostragem do apego intenso da mãe pelo filho Omar aguçando a rivalidade entre os dois irmãos. Assim, compreendemos a intensidade do apego e o estímulo da rivalidade pela organização temporal dos acontecimentos em torno do sujeito Zana: ela se apegou ao filho doente por um zelo excessivo e abandonou o outro aos cuidados da criada; excluiu Yaqub, mandando-o para o Líbano e tornou Omar exclusivo; revelou hierarquia no tratamento com os filhos, privilegiando o Caçula e mostrando indiferença ao mais velho; a separação da posse dos filhos, sendo a posse de Omar dela e a posse de Yaqub do pai; mandou Omar para São Paulo para livrá-lo de Dália e oportunizou a agressão a Yaqub; tratava Yaqub como visitante e favorecia o domínio do Caçula na casa; tentou usar os negócios de Rochiram para atrair Yaqub e garantir o futuro de Omar, mas o engenheiro traiu o Caçula; antes de morrer, acusou Yaqub e suplicou a volta de Omar. Podemos ainda listar alguns fatos que não fazem parte da organização acima, mas foram usados para assinalar a intensidade do apego: o envolvimento de Omar com a Pau-Mulato e o abandono conjugal do esposo. É necessário ressaltarmos que todos esses acontecimentos operam como forças coesivas que contribuem para intensificar o apego de Zana por Omar.

Nesse sentido, somos levados também a confirmar o contágio passional, pois a mãe ao mostrar predileção por Omar contribuiu para que ele fosse mais audacioso e seguro, Yaqub, ao contrário, era tímido e inseguro. Por essas razões, Yaqub desejava ser como Omar, manifestando a paixão da emulação. Omar, percebendo esse desejo do irmão, não queria que ele obtivesse vantagem nenhuma para não ter que competir com ele, portanto manifestava a paixão da inveja, tentando destruir todas as possibilidades de realização de Yaqub e, quando Yaqub já se mostrava realizado, Omar tentava destruir o prazer que a realização pudesse trazer ao irmão. Omar também manifestava ciúme de Yaqub, por ele ter conseguido se casar com Lívia. Depois, sentindo a ameaça de ter que dividir as atenções da mãe com Yaqub, Omar chega a manifestar a cólera. Dessa forma, Yaqub, vítima das agressões constantes do irmão e sentindo cada vez mais a mãe indiferente a ele, prepara e coloca em prática a sua vingança tanto com relação à mãe que sempre o relegou ao segundo plano, quanto com Omar que, freqüentemente, causava o seu sofrimento. Com a vingança, Yaqub se mostra seguro e superior em competência em relação a Omar, assim entendemos que ele conseguiu ser como Omar, portanto se tornou êmulo. Em todo esse emaranhado de paixões, onde uma paixão suscitou uma outra, desencadeando no romance toda essa variedade de manifestações passionais, percebemos a sincronia no campo de presença, quando cada actante elabora a sua identidade passional correlacionada com a do outro.

Assim, a história marcada pelo ódio entre os dois irmãos compila os conflitos provocados pelo apego intenso da mãe que desencadeou e intensificou a rivalidade, fomentando as paixões que afetam esses sujeitos, assim como os demais envolvidos, provocando perdas e sofrimentos a todos.

4.2 AVALIAÇÃO E MORALIZAÇÃO DE UM NARRADOR/SUJEITO APAIXONADO

*[...] a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o Outro é, pelo exame do que o Outro é para nós. Lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência. Resposta ao Outro, a paixão é, por definição, a própria variação, o que no mais profundo do nosso ser exprime o problemático. (MEYER, M. *Retórica das paixões*, 2000, p. XL)*

No romance *Dois irmãos*, a narrativa tem como enfoque central o conflito entre os irmãos gêmeos. Embora toda a matéria narrativizada nos conduza a examinar as paixões que emergem da relação de rivalidade entre os dois irmãos, o papel do narrador é de suma importância para a compreensão dos efeitos de sentido engendrados pelos estados de alma que afetam esses sujeitos, bem como o daqueles com os quais eles se relacionam.

Dessa forma, no decorrer do enredo, o narrador se apresenta também como um sujeito do enunciado, o filho da empregada, agregado que morava na casa assim como a sua mãe e, por isso, presenciou muito do que aconteceu. O confronto entre o distanciamento do narrador-observador e a proximidade do sujeito envolvido no simulacro é dado a conhecer logo no primeiro capítulo, como podemos comprovar pelo texto: “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final” (HATOUM, 2006, p. 23).

O filho de Domingas cresceu ouvindo histórias da família de Halim, contadas pela mãe e pelo próprio Halim. De tanto ouvir histórias daquela família, ele sentia curiosidade em conhecer a sua história, o seu passado:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. (HATOUM, 2006, p. 54)

No fragmento acima, as indagações de Nael, o filho de Domingas, estavam relacionadas com a paternidade que ele desconhecia: a origem, como foi concebido; as origens, a sua procedência. Na seqüência, a desconfiança se instalou quando mencionou que o seu passado pulsava na vida dos seus antepassados, o que nos leva a entender que ao ouvir as histórias do passado daquela família, ele desconfiava que fazia parte dela. Depois a associação que fez de sua vida com a de Moisés, a criança abandonada às margens de um rio, na intertextualidade com a passagem bíblica, percebemos que a suspeita da paternidade se dirigia aos gêmeos, representados figurativamente pelas duas margens do rio. Para aumentar a sua desconfiança, a mãe apresentava um comportamento oscilatório que intensificava a sua dúvida.

A dúvida que o inquietava, motivou-o a reconstruir o passado da família que ele desconfiava ser a sua com o objetivo de compreender as suas origens, fundamentado pelas histórias que ouviu e viu acontecer. Nesse sentido, Nael assumia os papéis: o de narrador que, ao contar a história, avaliava e moralizava o comportamento dos sujeitos afetados pelas paixões; e o de sujeito apaixonado, participante da história emaranhada pelas paixões, sendo por elas afetado. Essas disposições conferem a ele duas posições opostas: de um lado, primava pela objetividade da narrativa, tentando manter uma certa distância dos acontecimentos expostos; de outro lado, deixando fluir o seu envolvimento afetivo ao relatar as relações intersubjetivas e a sua proximidade com os sujeitos.

Como resultados desse processo, surgem os elementos imprescindíveis da análise discursiva que criam na enunciação os efeitos de referência e de realidade do discurso: o discurso em primeira pessoa marcando o lugar do (eu/aqui/agora): “Hoje penso: sou e não sou filho de Yaqub...(HATOUM, 2006, p. 196), o discurso em terceira pessoa, marcando o lugar do (ele/lá/então): “Ele observou os desenhos de sua infância colados na parede...” (HATOUM, 2006, 17), além das depreagens de segundo grau que correspondem ao discurso direto que comprovam os efeitos de verdade do que está sendo enunciado: “Halim pôs as mãos na cabeça, confirmou: ‘Isso mesmo: Omar encheu o rosto da Lívia de obscenidades [...] Yaqub ficou louco...’” (HATOUM, 2006, p. 93).

Por esses procedimentos, o enunciador faz-criar ao enunciatário a verdade do que está sendo relatado e, para isso, são também de fundamental importância as figuras utilizadas nas comparações, metáforas e metonímias que constroem ao longo do texto as relações isotópicas que contribuem para a construção do sentido dos textos. Esses recursos discursivos figurativizavam, principalmente, a diferença de comportamento dos dois sujeitos: as figuras que se referiam a Omar: bicho, rede vermelha representavam o seu comportamento instintivo, agressivo e violento; as que faziam referência a Yaqub: serpente, cobra, enxadrista representavam o seu comportamento dissimulado, calculista e ambicioso.

Cabe-nos ainda lembrar as referências intertextuais, como, por exemplo: diabo, anjo, inferno, Abel e Caim, cena Bíblica que contribuem para relacionarmos o texto com outros contextos culturais mais amplos que abordam a mesma temática, a rivalidade entre dois irmãos. Nesse sentido, lembramos a história de Abel e Caim e a de Esaú e Jacó. A história dos filhos de Adão e Eva, Abel e Caim, que inclusive foi citada por Zana na carta em que escreveu a Yaqub, nos faz lembrar que Caim matou Abel por inveja, visto que Deus aceitou a oferenda da ovelha de Abel e não aceitou os produtos da lavoura oferecidos por Caim. Já a história dos filhos de Isaac e Rebeca, Esaú e Jacó, começa com a briga dos gêmeos no ventre

da mãe que, ao consultar o Senhor, escuta Dele que traz no ventre duas nações que se dividirão. Os gêmeos cresceram e Esaú troca o seu direito de primogênito por um prato de comida oferecido por Jacó. O pai preferia Esaú e, como estava velho, queria abençoar o filho para que continuasse o seu trabalho, mas a mãe tinha preferência pelo mais novo e, ao ouvir a conversa do marido com Esaú, vai atrás de Jacó e o ajuda a tomar o lugar do irmão, recebendo do pai as bênçãos que seria de Esaú. Assim, compreendemos a intertextualidade de duas formas: de um lado, com a história de Abel e Caim, a manifestação da inveja que faz com que um irmão agrida e mate o outro, embora Omar não chegue a matar Yaqub, mas o agride violentamente; de outro lado, com a história de Esaú e Jacó, a predileção da mãe pelo filho caçula, fazendo-os inimigos irreconciliáveis.

Lembramos, ainda, a intertextualidade com a obra *Esaú e Jacó* de Machado de Assis. Também irmãos gêmeos, Pedro e Paulo começam a brigar no ventre da mãe. As brigas vão aumentando à medida que crescem e revelam temperamentos completamente opostos e, quando adultos disputam o amor de Flora. Além do ciúme na competição pela mulher amada, os gêmeos tornam-se inimigos políticos, para o desespero da mãe que, no leito de morte, faz os filhos jurarem se reconciliar. Notamos, então, a intertextualidade pelo temperamento oposto dos gêmeos nos dois livros, também pela disputa amorosa que resulta na manifestação do ciúme e, a mãe que morre suplicando a paz entre os filhos. A diferença está na rivalidade política que não acontece em *Dois irmãos*, pois a rivalidade entre Yaqub e Omar gira, principalmente, em torno da relação materna.

Contudo, cumpre-nos notar ainda que a moralização das paixões depende de um observador social que as avalia positivamente, como boas, ou negativamente, como más de acordo com os códigos sociais da cultura de que faz parte.

Nesse sentido, a narração, iniciada pelas ações e desejos de Zana antes de morrer, revelava o enfoque central da inimizade entre os dois irmãos, que era estimulada pelo tratamento diferenciado da mãe com os filhos. Zana se constituía como um sujeito extremamente apegado aos bens pelos quais ela lutou, até os últimos momentos de sua vida, para não perdê-los. A junção com esses bens, principalmente, com o objeto de seu apego, o filho Omar, era modalizada pelo dever-ser que a fez zelar excessivamente pelo Caçula e, conseqüentemente, excluir Yaqub da relação materna. Esse excesso de zelo da mãe para com o filho Caçula resultou também na falta de atenção destinada ao esposo e aos outros filhos, o que nos leva a entender que o apego do ponto de vista da mãe como sujeito ciumento era moralizado positivamente, já que a exclusividade e a fidelidade recíprocas devem ser privilegiadas na relação de apego, mas do ponto de vista dos outros sujeitos envolvidos na

relação, a avaliação era negativa, já que Zana representava um sujeito coletivo e deveria, por isso, partilhar as atenções entre todos.

A exclusividade e a possessão no tratamento com o filho levava a mãe a assumir vários papéis que figurativizavam o apego em cada circunstância em que a ameaça da disjunção com o objeto era apresentada, fazendo de Zana um sujeito também modalizado pelo fazer, como exemplo, podemos citar: mãe poderosa, defensora, cúmplice, detetive, religiosa, cega. Mas, à medida que os percursos narrativos vão se desenvolvendo e as paixões vão aflorando e afetando os sujeitos, o narrador reconhece Zana modalizada pelo saber, um sujeito cognitivo, como o texto nos permite observar: “Mas Zana não era cega. Via muito, por todos os ângulos, de perto e de longe, de frente e de viés, por cima e por baixo, e sua visão continha uma sabedoria. Só que Zana era possuída por um ciúme excessivo” (HATOUM, 2006, p. 95). Como sujeito do fazer patemizada pelo apego ao filho fragilizado pela doença quando nasceu, a mãe conseguiu fazer também com que o filho se tornasse completamente dependente dela, manifestando sempre um comportamento que requeria atenção e proteção, o que nos faz supor que a sabedoria da mãe estava relacionada ao fato de Omar necessitar de uma atenção maior que os outros filhos, pois, ao contrário deles, o Caçula apresentava um comportamento vulnerável. Então, a mãe cobria de cuidados e proteção o filho que, na concepção de mãe, precisava mais dela.

Quando Zana sentia dificuldades de proteger o filho, ela buscava o apoio do marido que, mesmo contrariando o que sentia pelo filho, cedia aos caprichos da esposa que amava. Com a morte do esposo, Zana mudou completamente de atitudes com o Caçula e procurou o apoio do filho mais velho, primeiro reconhecendo a omissão materna e pedindo-lhe perdão, depois suplicando a reconciliação dos filhos que oportunizaria ajuda ao filho com o qual ela se preocupava. Os seus pedidos foram ignorados por Yaqub que desfechou a vingança planejada sobre Omar e a mãe, intensificando a inimizade e o ódio entre os irmãos. Zana, que o tempo todo instigou a rivalidade dos filhos, morreu sem o perdão de Yaqub, preocupada com o futuro de Omar e carregando a culpa da inimizade dos filhos.

A avaliação e a moralização do percurso narrativo e patêmico da mãe pelo narrador comporta várias axiologias: o apego bem como as variantes de sua configuração (exclusividade, possessão, zelo) são avaliados disforicamente por privilegiar apenas um sujeito e por remeter aos outros sujeitos inseridos na coletividade a indiferença, o desapego, o abandono e a exclusão; depois esse apego é avaliado positivamente pelo saber que ele comporta, o apego da mãe pelo filho que necessitava mais dela; e, por fim, o apego é moralizado negativamente por engendrar a rivalidade, o ódio e a desunião da família. Assim,

Zana acumula atitudes honráveis e vergonhosas ao mesmo tempo: honráveis, porque reconheceu o seu erro, deixou o orgulho de lado e pediu perdão; vergonhosas, porque confessou a exclusão de Yaqub do relacionamento materno e assumiu a culpa de ter promovido a inimizade dos filhos.

Ao contrário da mãe, o pai não se intrometia na disputa dos filhos. Ele admirava a independência e o sucesso de Yaqub e reprovava o comportamento desregrado de Omar. Culpava a esposa no tratamento diferenciado com os filhos, sentia ciúmes do filho Caçula que era o centro das atenções da mãe, interferindo no seu relacionamento conjugal. A última palavra era sempre a da esposa que ele tanto amava, por isso se rendia aos seus caprichos e desejos, mesmo sofrendo e reclamando a falta de reciprocidade dos afetos conjugais, promovida pelo apego destinado ao Caçula. A reincidência das agressões de Omar contra Yaqub, o comportamento irresponsável do Caçula, o fato de Rânia ser explorada por Omar quando ele era quem deveria ter assumido os negócios da família e o excesso de zelo da mãe pelo filho confluíram para que o sofrimento tomasse conta de Halim, levando-o a decadência existencial exposta no trecho: “Assim eu via Halim: um náufrago agarrado a um tronco, longe das margens do rio, arrastado pela correnteza para o remanso sem fim” (HATOUM, 2006, p. 137).

As atitudes de Halim como pai são avaliadas pelo narrador de duas formas: por um lado, com Rânia e Yaqub a avaliação é positiva, visto que o pai reconhecia o empenho dos filhos e os apoiava; por outro lado, com Omar a avaliação é negativa, pois mesmo reconhecendo os erros do filho, não tomava atitudes para não contrariar a esposa e, com isso, omitiu-se dessa responsabilidade, mas não deixou de demonstrar sua indignação com ele. A submissão à esposa fez de Halim um sujeito irrealizado, insatisfeito, frustrado, patemizado pelo sofrimento do amor não correspondido com a intensidade que ele desejava e também pela incompetência do pai que se absteve na sua missão de educar o filho protegido pela mãe. O amor dele por Zana era tão intenso que o fez renunciar a competição com Omar pelas atenções dela, porque sabia que para ela o filho vinha em primeiro plano. Então, a sua renúncia modalizada pelo não-poder-ser amável é moralizada, por um lado, negativamente porque fazia dele um sujeito desprezível; e, por outro lado, positivamente, visto que o não-poder-ser é sobremodalizado pelo querer-fazer feliz o sujeito amado.

Se Omar tirava o sossego do pai a ponto de fazê-lo tomar raiva do filho, para a mãe ele era o centro de todas as suas atenções. O comportamento desmedido do filho não era motivo para que ela o tratasse com represálias, muito pelo contrário, a dedicação exclusiva destinada a ele era incondicional. Omar cresceu sem conhecer limites e, assim, era um

aventureiro, farrista, boêmio, mulherengo, não trabalhava, não quis saber de estudar. Motivado pelo apego da mãe, era corajoso, audacioso, atirado e sedutor. O seu poder de sedução não era só com as mulheres com as quais ele mantinha um relacionamento amoroso, era também com a mãe e a irmã que sentiam ciúmes dele com outras mulheres. Assim como a mãe sentia ciúme dele, Omar sentia-se ameaçado em ter que dividir as atenções e o carinho materno com Yaqub. Com o irmão mais velho a sua relação era de rivalidade e competição, o Caçula invejava a coragem de Yaqub por ter se desgarrado da família e conseguido a independência financeira que fazia dele um sujeito realizado que não precisava da ajuda e nem da proteção dos pais e, conseqüentemente, não permitindo a interferência deles em sua vida. Essa rivalidade entre os dois foi estimulada pelo apego da mãe com um só filho e foi atingindo gradativamente proporções maiores quando os dois concorriam em busca de um mesmo objetivo. Nessas disputas, quando Omar se via em desvantagem em relação ao irmão, ele o agredia física e moralmente, provocando o ódio e a inimizade dos dois. As atitudes invejosas e coléricas de Omar são sempre avaliadas negativamente e moralizadas como falta de estima, modalizadas por um dever-fazer-não-ter dirigido a Yaqub e por um não-saber-não-ser de Omar sempre figurativizadas pelo instinto animalesco: “Ele babava, relinchava, as veias do pescoço tufadas, a boca expelindo saliva[...] Mas eu não arredei pé, queria ver até onde ia a coragem do bicho, o teatrinho, a pantomima do Caçula...” (HATOUM, 2006, p. 129).

Yaqub era o oposto de Omar: retraído, tímido, calado, mas admirava a coragem do irmão Caçula, queria ser como ele, embora lhe faltasse coragem. A mesma coragem que não teve para impedir que o irmão o agredisse tantas vezes, provocando o seu sofrimento. Sofrimento também provocado pela rejeição e exclusão do relacionamento materno que privilegiava o Caçula. A motivação afetiva que faltou a ele para ser atirado como Omar não foi empecilho e até excitou a busca por sua independência para suprimir essa carência. A independência conquistada teve um efeito promissor na vida de Yaqub que se tornava cada vez mais bem sucedido profissionalmente e financeiramente. Essas vantagens conquistadas por Yaqub provocavam a inveja e a cólera de Omar. Como resposta a tanta injúria, Yaqub planejou e executou a sua vingança. À medida que o comportamento de Yaqub ia sendo observado, as avaliações eram manifestadas: as atitudes retraídas, calculadas, cautelosas dissimulavam tanto o orgulho de ciumento em relação à mãe, quanto à espera para planejar e organizar um confronto com o irmão; a figurativização de enxadrista representava o bom comportamento na relação polêmica, uma estratégia usada para não levantar suspeitas

que comprometeriam os seus planos; a associação com a serpente figurativizava a dissimulação de uma fulminante vingança.

Como já foi visto anteriormente, tanto as atitudes da mãe quanto as de Omar foram avaliadas negativamente pelo narrador, por promoverem o sofrimento de Yaqub, mas quando Yaqub realizou a vingança, a avaliação negativa recaía sobre o seu comportamento, moralizado como um sentimento mau.

Dos três irmãos, Rânia era a mais jovem e a que assumiu os negócios da família, mostrando-se uma empresária responsável e competente. Se nos negócios ela era bem resolvida, no relacionamento amoroso não o era. Impedida pela mãe de assumir um romance na adolescência, ela se retraiu, rejeitando os pretendentes que a cortejavam, mas revelando forte atração pelos irmãos, deixando-se acariciar por eles. Os carinhos não eram nada fraternos, eram, pois, carícias sensuais: “Sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas nádegas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suave, se eriçava e se afastava do irmão, chispando para o quarto” (HATOUM, 2006, p.69). Apesar da diferença de comportamento dos irmãos tão iguais na aparência, ela valorizava o que cada um representava para ela: Omar, o homem sedutor; Yaqub, o homem bem sucedido nos negócios. Não tomava partido nas disputas entre os irmãos, mas se revoltou com a vingança de Yaqub, porque ao se vingar de Omar, ele se vingou também da mãe que morreu sem o perdão do filho. O comportamento de Rânia com os irmãos foi avaliado negativamente, moralizado como uma relação incestuosa; mas como boa filha e mulher de negócios foi avaliado positivamente. E, ainda, com relação a Yaqub, o homem respeitado pelo poder que adquiriu, o comportamento da irmã mais nova repreendendo o irmão mais velho por seus erros, foi avaliado e moralizado positivamente pelo narrador, visto que ela teve a coragem de fazer o que ninguém ousou fazer.

Não menos importante que o comportamento da família, as atitudes e o comportamento de Domingas e do próprio narrador serão também avaliados, visto que eles mantinham estreita ligação com os integrantes daquela família.

Domingas foi morar na casa de Zana e Halim, prestava serviços domésticos ao casal e, depois do nascimento dos filhos deles, passou também a ajudar a cuidar das crianças. Sonhava com a sua liberdade, mas os laços afetivos com a família foram se intensificando e ela não teve coragem de lutar pela liberdade desejada:

“Louca para ser livre”. Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e

não há sonhos na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar. Mas ela não tinha coragem, quer dizer, tinha e não tinha; na minha dúvida, preferiu recapitular, deixou de agir, foi tomada pela inação. Pela inação e também pelo envolvimento com os gêmeos, sobretudo com a criança Yaqub, e, quatro anos depois, com Rânia. Com Yaqub foi mais forte: amor de mãe postiça, incompleto, talvez impossível. (HATOUM, 2006, p. 50)

A condição de Domingas era a de submissão e de subserviência, a prestação de serviço sem remuneração era um típico trabalho escravo. Então, ela aparece como um sujeito servil, que vive para fazer as vontades dos outros, esquecendo-se das suas próprias vontades, mas, no seu íntimo era modalizada pelo querer-ser, o desejo de ser livre. O sonho de liberdade foi se esvaindo pela dificuldade de lutar por sua independência diante do comodismo que a sua condição lhe sujeitava: descendente de índios, órfã, educada por religiosas para prestar serviços domésticos e, também, pelo fato de ter se apegado afetivamente a Yaqub, a criança que ficou sob os seus cuidados na infância.

A submissão de Domingas fazia dela um sujeito conflituoso: dominada pela dependência aos patrões, mas desejando a coragem de se libertar. Assim era que ela se revelava também para o filho, escondendo a paternidade que ele tanto desejava conhecer e, ao mesmo tempo, querendo declará-la. Em meio ao conflito, a opção de Domingas era a de se abdicar de suas vontades e desejos, por falta de coragem de tomar uma decisão em face das situações que requeriam dela essa atitude.

A liberdade tão sonhada por Domingas chegou, embora tenha sido com a sua morte, como lhe dissera o filho na conversa registrada no fragmento acima. Domingas serviu à família até a morte, mas conseguiu antes de morrer se libertar do segredo que guardou uma vida inteira: Nael foi fruto de uma agressão de Omar. Nesse sentido, a submissão da mãe àquela família não se concentrava só no fato de prestar serviços, mas também por ter que calar a humilhação e a vergonha da desonra para não comprometer a imagem da família. Com isso, a submissão, tanto do trabalho cativo quanto da empregada que não pode reclamar a paternidade do filho bastardo com um dos patrões, se constituiu como uma denuncia social discriminatória e preconceituosa relativa aos padrões sociais da época e, por isso, é avaliada e moralizada negativamente.

Nesse sentido, Nael, o filho bastardo de Omar com a empregada, sentia-se deslocado no ambiente familiar e, ao contrário da mãe, incomodava-se com aquela situação: “... E a mim, sem me olhar, sem se importar com a minha presença. Na verdade, para Zana eu só existia como rastro dos filhos dela” (HATOUM, 2006, p. 28). E, assim como ele só existia

como rastro deles, ele também vivia do que para eles não tinha mais serventia, como observamos na passagem abaixo, quando Nael aproveita os pertences rejeitados por Yaqub:

A partida de Yaqub foi providencial para mim. Além dos livros usados, ele deixou roupas velhas que anos depois me serviria: três calças, várias camisetas, duas camisas de gola puída, dois pares de sapatos molambentos. Quando ele viajou para São Paulo, eu tinha uns quatro anos de idade, mas a roupa dele me esperou crescer e foi se ajustando ao meu corpo; as calças, frouxas pareciam sacos, e os sapatos, que mais tarde ficaram um pouco apertados, entravam meio na marra nos meus pés: em parte por teimosia, e muito por necessidade. O corpo é flexível. (HATOUM, 2006, p. 30)

Essa condição subalterna de filho da empregada que vive dos restos dos patrões estigmatizava não só a exploração do trabalho de Domingas, sem remuneração, como também era uma maneira de estabelecer a distinção de classes, situando Nael excluído da família, reforçando a sua posição desprivilegiada de agregado da casa. Nael tem consciência das suas necessidades, por isso, submete-se ao uso das roupas e sapatos mesmo que desproporcionais ao seu tamanho, mas quando explicitava que o corpo era flexível, ficava implícita a intolerância dos seus sentimentos. Embora necessitasse das roupas, não aceitava a humilhação de servir-se dos restos dos outros, o que nos leva a observar que vivendo do rejeito dos outros, a sua condição era também a de um rejeitado, condição essa que afetava o estado de alma do sujeito. Como ele não aceitava essa condição, sabia que precisava fazer algo para se libertar, assim sendo, tornava-se um sujeito cognitivo e pragmático, alguém que sabia como fazer para mudar a situação à qual se submetia temporariamente, conseguir com os estudos a sua independência: “Eu ia conseguir isso: o diploma do Galinheiro Dos Vândalos, minha alforria” (HATOUM, 2006, p. 30).

Aqui é importante ressaltarmos que Nael e Yaqub apresentavam algumas características em comum: ambos eram excluídos e rejeitados, por isso, procuravam a independência nos estudos. Como as histórias eram contadas a ele pela mãe e por Halim, as pessoas na casa que se mostravam preocupadas e atenciosas com Yaqub, somos levados a pressupor que Nael foi influenciado por esses dois sujeitos tão ligados afetivamente ao gêmeo mais velho, buscando nele um exemplo, uma referência a ser seguida.

Assim como ele admirava Yaqub, ele também mostrava aversão ao Caçula pelo que viu e ouviu de suas atrocidades, mas muito por influência de Halim e de Domingas que contavam a ele as histórias que não viu acontecer. Desde pequeno, Nael soube da

dedicação exclusiva de Zana pelo Caçula e do ciúme que esse filho tinha de Yaqub: “‘Ele queria sair da sala, mas não conseguia’, disse-me Domingas. Não queria ver o irmão altivo, sereno, ouvindo a mãe pedir a Yaqub que lhe escrevesse uma carta por semana, nem pensasse em deixá-la sem notícias, preocupada aqui neste fim de mundo” (HATOUM, 2006, p. 34).

Os acontecimentos que Nael não presenciou relativos à história da cicatriz no rosto de Yaqub, à ida dele para o Líbano e à volta que o fez sentir um deslocado no ambiente familiar eram fortes indícios para o narrador de que a segunda retirada do filho de casa, a sua ida para São Paulo, era um estratagema para preparar uma vingança:

O matemático, e também o rapaz altivo e circunspecto que não dava bola para ninguém; o enxadrista que no sexto lance decidia a partida e assobiava sem vontade no soprinho de passarinho rouco, antevendo o rei acuado. Derrotava o adversário emitindo esse assobio meio irritante, anuncio do inevitável xeque-mate (HATOUM, 2006, p. 25).

Pelas referências figurativas do jogo de xadrez, percebemos Yaqub comparado a um jogador vitorioso que dissimulava as jogadas, esperando o momento certo para derrotar o adversário. Depois, nas quatro figuras usadas para se referir aos dois sujeitos, sendo que apenas uma não pertencia ao jogo de xadrez, reconhecemos o caráter e o percurso das ações de cada um deles impregnados nessas figuras: o enxadrista e o passarinho rouco fazem alusão a Yaqub como um sujeito cauteloso e dissimulado, um estrategista calculista e vingativo; o rei acuado e o adversário derrotado se referiam a Omar, o filho que dominava a casa e a atenção da mãe, acuado e derrotado pelo irmão ressentido.

Nael cresceu vislumbrando a presença de Yaqub pelas fotografias e cartas enviadas a Manaus e repulsando a presença de Omar que contaminava a casa e as pessoas que ali residiam. Enquanto Nael foi convivendo com essas diferenças, foi também tomando consciência da vida de seus antepassados pelos relatos de Halim: o sofrimento de Zana com a morte de Galib atenuado pela amizade com Domingas que foi morar com o casal, o nascimento dos filhos que ele nunca desejou, mas aceitou para não contrariar a esposa.

Quanto mais ele ouvia as histórias, mais aumentavam as suas dúvidas. As atitudes de Domingas contribuía para que Nael ficasse imaginando qual dos dois era o seu pai, como ele mencionou aqui: “Ela temia que o meu destino confluísse para o de Omar, como dois rios indômitos e turbulentos: águas sem nenhum remanso” (HATOUM, 2006, p.

59). Pela comparação dos dois sujeitos com rios turbulentos e águas sem remanso, observamos que Nael não aceitava a idéia de ser filho de Omar.

Vários motivos concorreram para a repulsão sentida por Omar, um deles era o fato de o Caçula atrapalhar os seus estudos que eram sempre à noite: “As noites eram a minha esperança remota” (HATOUM, 2006, p. 65), “Eu odiava aquelas noites em claro, as muitas noites que perdi por causa do Caçula” (HATOUM, 2006, p. 66). Novamente, percebemos como o sujeito era afetado pela condição de submissão, tendo que deixar de fazer o que para ele era importante para ajudar a cuidar da embriaguez do farrista. A expressão odiava revela-nos a manifestação do sentimento que Nael nutria por Omar.

Mas muito do que sentia estava relacionado ao que ouviu. O próprio narrador deixa claro que muita coisa do que ouviu foi aos pedaços: “... e eu juntava os cacos dispersos, tentando recompor a tela do passado” (HATOUM, 2006, p. 101). Na tentativa de reunir o que ouvia aos pedaços e reconstruir o passado ficavam lacunas que eram preenchidas por sua imaginação: “Talvez por esquecimento, ele omitiu algumas cenas esquisitas, mas a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado” (HATOUM, 2006, p. 67). Por essa citação em que fazia referência a Halim, percebemos a interferência do sujeito que, na sede de desvendar o passado, completava as lacunas com o que a imaginação lhe suscitava. Assim, o narrador quer ser fiel a esse passado que reconstrói, mas faltando informações era tomado por uma força maior que o impulsionava a seguir em frente, obstinado por descobrir esse passado: “Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio” (HATOUM, 2006, p. 67).

Quando se tratava do que viu, a paixão aflorava com a sensibilização do sujeito, como nesta passagem quando Halim repreendeu o Caçula com uma bofetada, Nael sentiu-se compensado: “No meu íntimo, aquele tabefe soava como parte de uma vingança” (HATOUM, 2006, p. 68). Em parte, a bofetada era uma desforra a tantos transtornos que Omar lhe causava. Na seqüência, reafirmava o desejo de vingança como quem desejasse a completude da vingança: “Bastava um maçarico para libertá-lo, mas ninguém pensou nisso, muito menos eu, que desconhecia a existência dos maçaricos e só pensava, vagamente, em vingança. Mas vingar-me de quem?” (HATOUM, 2006, p. 69). Por esse questionamento reconhecemos o sujeito dividido: o narrador, que já conhecia o desfecho da história narrada retrospectivamente; e o sujeito apaixonado, deixando aflorar a paixão de quem já sabia do que se tratava, embora precisasse fazer parecer que a desconhecia.

Por outro lado, algumas passagens comprovam a reprodução dos acontecimentos baseados na imaginação de um sujeito apaixonado. Alguns exemplos são as passagens relativas a Rânia, a mulher que despertava nele atração e desejo: “Rânia causava arrepios no meu corpo quase adolescente. Eu tinha gana de beijar e morder aqueles braços. Esperava com ânsia o abraço apertado, o único do ano. A espera era uma tortura. Eu ficava quieto, mas um fogaréu me queimava por dentro” (HATOUM, 2006, p. 72). Sentia ciúmes dos pretendentes que cortejavam a moça, mas deixava a imaginação à solta, quando se tratava do relacionamento da irmã com os gêmeos: “Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer” (HATOUM, 2006, p.88).

Assim como o comportamento de Nael se alterava em virtude do que sentia e imaginava, ele também percebia como os sujeitos eram afetados, principalmente, pelas atitudes de Omar: “O ciúme, o medo, a inveja e a compaixão que causavam as mulheres de Omar!” (HATOUM, 2006, p. 74). Se as aventuras de Omar causavam tantas paixões nos sujeitos que conviviam com ele, com Nael não era diferente, pois ele admirava esse lado aventureiro de Omar: “Na vida de Omar aconteciam lances incríveis, ou ele os deixava acontecer, como quem recebe de mão cheia um lance de aventura. E não há seres assim? Pessoas que nem carecem buscar o lado fantasioso da vida, apenas se deixam conduzir pelo acaso, pelo inusitado que assoma nas ventas” (HATOUM, 2006, p. 83).

Da mesma forma, mas com maior intensidade, admirava a superioridade de Yaqub: “Quando soube que ele ia chegar, senti uma coisa estranha, fiquei agitado. A imagem que faziam dele era a de um ser perfeito, ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisto: se for ele o meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito” (HATOUM, 2006, p. 83). Nesse excerto, comprovamos que a admiração sentida por Yaqub era influenciada pelos sujeitos que contavam a ele as histórias da família, já que esse era o primeiro encontro de Nael com Yaqub. Embora o predomínio das qualidades de Yaqub tendesse para a escolha desse gêmeo como seu pai mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, sem a comprovação de que precisava, a diferença de conduta dos gêmeos era uma pista para tentar resolver o impasse da paternidade: “Eu tentava descobrir qual dos dois tinha atraído minha mãe” (HATOUM, 2006, p. 83). As impressões sentidas em relação a Yaqub não condiziam ao que ouvira falar sobre ele e a certeza que tanto buscava engendrou ainda mais dúvida, como podemos verificar pelo trecho:

A visita de Yaqub, ainda que passageira, permitiu que eu o conhecesse um pouco. Algo do comportamento dele me escapava; ele me deixou uma impressão ambígua, de alguém duro, resoluto e altivo, mas ao mesmo tempo marcado por uma sofreguidão que se assemelhava a uma forma de afeto. Essa atitude indecisa me deixava confuso. Ou talvez eu mesmo oscilasse feito gangorra. Muita coisa que diziam de Yaqub não se ajustou ao que eu vi e senti. (HATOUM, 2006, p. 85)

Em vários trechos da narrativa a comparação entre os gêmeos era figurativizada por uma gangorra, brinquedo cuja estrutura é uma tábua que pende para dois lados opostos. Como nesse momento a competição dispunha na gangorra os gêmeos do ponto de vista do filho que quer descobrir quem é o seu pai, então, a avaliação de quem quer apostar em um dos dois lados da gangorra oscilava entre as competências dos dois jogadores. Se as fraquezas de Omar concorriam para que Nael reprovasse esse sujeito como seu pai, a superioridade da imagem que faziam de Yaqub era um forte indício que convergia para a sua aceitação. Ao buscar em Yaqub a imagem ideal de um pai, Nael tentava associar a sua imagem a desse suposto pai, para assim como ele ser superior: “... tudo dava tão certo na vida dele que os atropelos e o purgatório do dia-a-dia só pertenciam aos outros. E nós éramos os outros. Nós e o resto da humanidade” (HATOUM, 2006, p. 88). Uma vez comprovado Yaqub como pai, Nael se livraria da sina de fracasso, submissão, humilhação e sofrimento, estabelecida tanto pela condição de agregado, quanto pela possibilidade de ser filho do Omar. Mas ao perceber a fragilidade de Yaqub ao manifestar seus sentimentos, a imagem do ser superior que esperava encontrar nele, não foi o que viu e sentiu: “Yaqub, encurralado, parecia mais humano, ou menos perfeito, mais inacabado. Percebi que estava nervoso, fumava com ânsia, os olhos no chão. Eu não me aproximei dele, não tive coragem. Estava transfigurado, parecia trincar os dentes até a alma” (HATOUM, 2006, p. 89). A comprovação veridictória inscrita no simulacro condizia primeiro no eixo do parecer com a comprovação de uma verdade de evidência, como vimos no excerto acima Yaqub, um sujeito fragilizado; depois, seguida por uma verdade comprovada, no eixo do ser, Yaqub era superior, porque mesmo afetado pelos estados de alma, conseguia dissimular suas paixões: “Havia recuperado a carnadura e não revelava vestígio de fraqueza ou sofrimento” (HATOUM, 2006, p. 89). Assim, a impressão ambígua do comportamento de Yaqub se dissipou com a comprovação da atitude de um sujeito que tinha domínio de postura, dissimulando seu sofrimento, não permitindo que as fraquezas o denunciassem.

Essa atitude de Yaqub foi decisiva para que Nael continuasse mostrando preferência por ele, mas o medo de descobrir a verdade o fazia prorrogar a dúvida: “Adiei a

pergunta sobre o meu nascimento. Meu pai. Sempre adiaria, talvez por medo. Eu me enredava em conjecturas, matutava, desconfiava de Omar, dizia a mim mesmo: Yaqub é o meu pai, mas também pode ser o Caçula, ele me provoca, se entrega com o olhar, com o escárnio dele” (HATOUM, 2006, p. 100). O medo que sentia estava relacionado com o pressentimento de Omar ser o seu pai e essa desconfiança gerava um sujeito conflituoso que lutava contra essa idéia, reforçando a certeza de seu pai ser Yaqub. Por essa estratégia de Nael, percebemos pelo temor que além de supor um saber e um crer, ele ainda esperava a confirmação. Essa espera, por um lado, era modalizada pelo conflito do poder-ser filho de Omar e não-querer-ser filho dele; e, por outro lado, conservava uma confiança modalizada pelo dever-ser filho de Yaqub. A espera da confirmação da paternidade engendrava a inquietude pela permanência e iteração da manifestação patêmica do sujeito apaixonado. Nesse caso, o medo aflorava as manifestações passionais de Nael que corroboravam para constitui-lo como um sujeito patemizado pelo desejo de vingança, cujo anti-sujeito era representado por Omar, como mostramos na seqüência: “Torcia para que ele me tocasse, ia levar uma porretada na frente da mãe, cair de joelhos na minha frente” (HATOUM, 2006, p. 129). Pelo desejo expresso de rivalidade e de agressão, confirmamos a paixão da vingança. O fato de revidar a agressão e colocar Omar em posição humilhante perto de Zana soava como uma vingança, uma vingança à humilhação contra ele e a sua mãe, Domingas.

É interessante notarmos que mesmo que os acontecimentos ainda não tenham sido relatados, o sujeito apaixonado antecipava a manifestação de seus sentimentos em relação ao que ainda estava por vir, como vimos acima e como veremos nesse fragmento: “Cada vez mais perto da praia, eu o via como um estranho, e queria que Omar fosse realmente um estranho. Fosse estranho e eu estaria talvez menos preocupado com a idéia que fazia dele” (HATOUM, 2006, p. 133). Se a frustração com Omar contribuía para Nael renegá-lo como pai, o descontentamento do sujeito apaixonado consigo mesmo foi exposto pelo legado recebido desse suposto pai: “Não tive pena dele. Ele mesmo me ensinara serem inúteis a pena e a consideração” (HATOUM, 2006, p. 134). Mais uma vez a compensação de danos evidencia uma possível vingança, pois retribuía da mesma forma os sentimentos que Omar mostrava ter em relação a ele. O ressentimento manifestado por Nael deixou explícito que o dano causado não foi esquecido, por isso, procedeu da mesma maneira, recompensando o seu dano. Apesar de recompensado nessa circunstância, o ressentimento não se esgotou e até aumentou, visto que Omar não desistia de humilhá-lo e a humilhação, esse sentimento que instiga o ódio e o desejo de vingança, reaparecia em seguida com a provocação de um grupo de rapazes que caminhava pela praça em sua direção: “‘É o filho da minha empregada’. Todos

riram, e continuaram a andar. Nunca esqueci. Tive vontade de arrastar o Caçula até o igarapé mais fétido e jogá-lo no lodo, na podridão desta cidade” (HATOUM, 2006, p. 134).

A única vez que se viu próximo de Omar, por aquilo que os unia e identificava, foi enquanto prestavam uma homenagem ao professor assassinado que ambos admiravam:

Por uma vez, uma só, não hostilizei o Caçula, não pude odiá-lo naquela tarde chuvosa, nossos rostos iluminados por tochas, nossos ouvidos atentos às palavras de um morto, nosso olhar na fachada do Liceu, na tarja preta que descia do beiral à soleira da porta. [...] Não pude odiar o Caçula. Pensei: se toda a nossa vida se resumisse àquela tarde, então estaríamos quites. Mas não era, não foi assim. Foi só aquela tarde. (HATOUM, 2006, p. 143)

O desejo de quitar uma dívida que Omar tinha com ele, apesar de atenuado pela morte de Laval, não foi motivo suficiente para exterminar o ódio que ele sentia pelo Caçula, porque no seu íntimo sabia que aquele momento era único e, depois tudo voltaria a ser como antes. E foi o que aconteceu, pois, o que viveram naquela tarde não apagou tudo o que sentia: “Eu não suportava o Caçula, tudo o que via e sentia, tudo o que Halim havia me contado bastava para me fazer detestar o Omar. Não entendia por que minha mãe não o destratava de vez, ou pelo menos não se afastava dele. Por que tinha que aturar tanta humilhação?” (HATOUM, 2006, p. 152) Nessa citação percebemos a somatização de todos os desafetos para com o Caçula do ponto de vista de Nael: o que Nael viu e sentiu a seu respeito; o que Halim disse que o influenciou; e o que Domingas precisava fazer para se vingar da humilhação que sofrera.

Nael chegou a intimidar Omar por duas vezes. Primeiro, quando o Caçula tentou agredir o pai morto, Nael impediu que ele o fizesse, enfrentando-o corajosamente: “[...] expulsei o Caçula da sala e arrastei-o até o quintal. [...] Gritei mais alto do que ele: que me enfrentasse de uma vez, que me esquartejasse, o covarde. O terçado tremia na mão direita, enquanto eu repetia várias vezes: ‘Covarde...’”(HATOUM, 2006, p. 163). Depois, anos mais tarde, quando Omar agrediu Yaqub: “Corri para cima do Caçula tentando segurá-lo” (HATOUM, 2006, p. 175). Nael conseguiu evitar a agressão ao cadáver de Halim, mas com Yaqub, a ira de Omar era maior que as forças de Nael, que tentou em vão impedir a agressão.

Depois de tantos desagrvos, com a morte de Domingas confirmou-se o que Nael mais temia, a mãe, antes de morrer contou ao filho a agressão de Omar. Naquele momento que antecedeu a morte da mãe, o filho não conseguia expressar o que sentia, mas,

baseado nos ensinamentos do avô, esperava consegui-lo com o passar do tempo, como observamos abaixo:

Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras, disse Halim durante uma conversa, quando usou muito o lenço para enxugar o suor do calor e da raiva ao ver a esposa enredada ao filho caçula. (HATOUM, 2006, p. 183)

Aqui ficou expresso o seu objetivo em reconstruir o passado da sua família: expressar o que na época não conseguiu compreender e, se a morte e o esquecimento eram ameaças para esse passado, as palavras foram responsáveis por não deixar que o tempo apagasse a memória de tudo o que foi vivido e que, por isso mesmo, era o tempo que permitiria a manifestação sincera dos sentimentos. É interessante observarmos que, no calor do momento, ele foi tomado pela inação, mas à medida que se colocou à prova reconstruindo esse passado, mostrou-nos que foi completamente tomado pelas paixões que não conseguiu manifestar naquele momento.

Se os sentimentos não permitiram que o narrador pudesse primar pela objetividade desejada, a confirmação da paternidade deu-lhe o direito de cobrar o reconhecimento, se não para com ele, para com a mãe que sempre serviu àquela família, renunciando a legitimidade de seus direitos. Assim foi que ele cobrou e conseguiu sepultar a mãe no túmulo da família, restituindo um direito que se não foi reconhecido em vida, foi conquistado com a morte.

O seu reconhecimento como membro da família aconteceu por meio de Zana que, na ausência do filho predileto, revelava certa proximidade com o neto e confidenciava-lhe algumas passagens, como esta em que fala do nascimento de Nael: “Vivia dizendo: ‘Deve ser penoso criar o filho dos outros, um filho de ninguém’. Quando tu nasceste, eu perguntei: E agora, nós vamos aturar mais um filho de ninguém? Halim se aborreceu, disse que tu eras alguém, filho da casa...” (HATOUM, 2006, p. 186). Nael sentia que o avô mesmo não o reconhecendo abertamente como neto, agia como tal, expressando a sua afetividade; Zana, não, ela sempre o ignorou, manteve-se distante e fria. Na velhice, reclamando a ausência das pessoas que amava, com a saúde bastante debilitada, ela conseguiu manifestar o seu afeto por

Nael: “Ela me reconheceu, ficou me olhando. Então soprou nomes e palavras em árabe que eu conhecia: a vida, Halim, meus filhos, Omar. [...] Mas quando Zana procurou minhas mãos, consegui balbuciar: Nael... querido...” (HATOUM, 2006, p. 189). Nael não revelou qualquer tipo de sentimento por ela, a não ser respeito pela patroa, o que aprendeu a fazer em todos aqueles anos.

Uma forma de reconhecimento foi recebida de Yaqub, a herança da família, o quarto dos fundos em que morava: “A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal” (HATOUM, 2006, p. 190). Essa herança, embora fosse um tipo de reconhecimento, reforçava ainda mais o lugar que ocupava naquela família: o de agregado. Se o seu lugar na família estava destinado a ser aquele, em sociedade conquistou sua independência com os estudos, ministrava aulas no colégio onde estudou.

Nael se afastou de Rânia e de Yaqub. Desprezava tudo o que concorria para a lembrança de Yaqub como um sujeito frio e calculista:

Eu já havia jogado no lixo as folhas do projeto de Yaqub que Omar rasgara com fúria. Nunca me interessei pelos desenhos da estrutura com suas malhas de ferro, tampouco pelos livros de matemática que Yaqub havia me dado com tanto orgulho. Queria distância de todos esses cálculos, da engenharia e do progresso ambicionado por Yaqub. (HATOUM, 2006, p. 196)

Mesmo que tentasse esquecer a sua relação com Yaqub, as lembranças da presença dele em sua vida eram muito marcantes: “Lembrava _ ainda me lembro_ dos poucos momentos em que eu e Yaqub estivemos juntos, da presença dele no meu quarto quando adoeci” (HATOUM, 2006, p. 196). Mas avaliando as atitudes dos dois irmãos, Nael chegou a conclusão de que a distância era mais vantajosa que a proximidade:

Mas bem antes de sua morte, há uns cinco ou seis anos, a vontade de me distanciar dos dois irmãos foi muito mais forte do que essas lembranças. A loucura da paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo neste mundo não foram menos danosas do que os projetos de Yaqub: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada. Meus sentimentos de perda pertencem aos mortos, Halim e minha mãe. Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida. O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos. (HATOUM, 2006, p. 196)

Até quando comparava os feitos dos gêmeos revelava o sujeito cognitivo patemizado pela vingança, pois na comparação explicitava a equivalência dos danos causados por eles, por essa atitude reconhecemos o sujeito apaixonado que pensava em vingança. A avaliação que fez do comportamento e das atitudes dos dois sujeitos foi negativa: os dois se equivaleram em maldades, por isso, preferia não ser filho de nenhum dos dois. Se antes desejava ser filho de Yaqub e temia ser filho de Omar, agora preferia não ser filho de ninguém, assumindo a rejeição, mas também a imputando aos familiares que nunca o reconheceram. Outra atitude que correspondia ao dispositivo passional da vingança: o ressentimento que o fazia cobrar na mesma medida os danos que sofreu; depois, quando se referia à dúvida de ser ou não filho de Yaqub, referência precedida pela identificação dos sentimentos de perda dos dois pertencerem aos mortos e seguida pelo seu desejo de vingança ter sido cumprido por Yaqub. Concluindo os seus sentimentos, rejeitando o reconhecimento da paternidade, conformou-se com a sua rejeição: se foi tratado com rejeição uma vida inteira, agora era com rejeição que também tratava os outros. Dessa forma, seus desejos de fazer os outros sujeitos provarem um dano equivalente àquele que causaram era uma forma de manifestar que a vingança realizada por outrem não liquidava com o ressentimento que, uma vez retido, continuaria a trazer-lhe sofrimento.

O ressentimento continuava a ser manifestado por Nael, mesmo mantendo-se à distância, comprovando duas causas desse sentimento: uma com relação à humilhação da mãe e outra com relação à sua condição de agregado, excluído da família.

No que dizia respeito à agressão sofrida pela mãe, foi manifestado da seguinte maneira: “Trouxera para perto de mim o bestiário esculpido por minha mãe. Era tudo o que restara dela, do trabalho que lhe dava prazer: os únicos gestos que lhe devolviam durante a noite a dignidade que ela perdia durante o dia” (HATOUM, 2006, p. 197). Os bichinhos esculpidos por Domingas eram de duas espécies, pássaros e serpentes, o que nos leva a supor as representações figurativas: as serpentes figurativizando a maldade das pessoas; e os pássaros, o sonho de liberdade. Fazendo uma associação com a exposição de Nael, a maldade se relacionava com a condição submissa e humilhante de Domingas e a liberdade se relacionava com a dignidade restituída pelo prazer em fazer o que desejava.

A outra causa comprovada surgiu como manifestação do estado de alma do sujeito apaixonado que tentava se libertar dos sentimentos que o passado provocava nele: “Desde a partida de Zana eu havia deixado ao furor do sol e da chuva o pouco que restara das árvores e trepadeiras. Zelar por essa natureza significava uma submissão ao passado, a um tempo que morria dentro de mim” (HATOUM, 2006, p. 197). Cuidar do quintal era continuar

submisso àquela família, condição que sempre foi motivo de revolta para Nael, assim sendo, não cuidar do quintal era uma atitude de libertação do sofrimento que aquela condição trazia a ele.

O que ele esperava para se libertar de vez desse passado era que Omar reconhecesse o seu erro e pedisse-lhe perdão, mas isso não aconteceu, como podemos comprovar abaixo:

Ainda chovia, com trovoadas, quando Omar invadiu o meu refúgio. Aproximou-se do meu quarto devagar, um vulto. Avançando mais um pouco e estacou bem perto da velha seringueira, diminuído pela grandeza da árvore. Não pude ver com nitidez o seu rosto. Ele ergueu a cabeça para a copa que cobria o quintal. Depois virou o corpo, olhou para trás: não havia mais alpendre, a rede vermelha não o esperava. Um muro alto e sólido separava o meu canto da Casa Rochiram. Ele ousou e veio avançando, os pés descalços no aquaçal. Um homem de meia-idade, o Caçula. E já quase velho. Ele me encarou. Esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão. Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. Assim ficou por um tempo, o olhar cortando a chuva e a janela, para além de qualquer ângulo ou ponto fixo. Era um olhar à deriva. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora. (HATOUM, 2006, p. 198)

A inferioridade de Omar figurativizada pela disposição espacial da sua imagem perto da seringueira, árvore que antes era sinônimo de sua coragem, pois lá do alto se sentia um ser superior que enxergava o mundo, agora era visto diminuído. Essa condição inferior de Omar era observada pelas suas perdas: não havia mais alpendre, porque perdeu a casa; a rede vermelha não o esperava, visto que a rede vermelha representava a agressividade que não seria mais tolerada; o muro marcando os limites que ele nunca respeitou; o homem de meia idade, o vigor da juventude perdida; um olhar à deriva, alguém completamente desgovernado. Nesse sentido, a disposição espacial mostrava todas as perdas de Omar: a coragem, a proteção, a liberdade, a juventude, o poder.

Anteriormente, as atitudes de Omar foram moralizadas como falta de estima; agora mesmo depois de perder quase tudo, Omar só não perdeu o orgulho, não teve a humildade de confessar o seu erro. Por essa atitude de Omar, percebemos que ele não renunciou a sua identidade, pois apesar de todas as perdas, não conseguiu se mostrar envergonhado e arrependido pelo que fez.

Enfim, nossa análise nos permite afirmar que mais uma vez percebemos o contágio passional, agora, na perspectiva de Nael, em dois sentidos. Primeiro, com relação a Halim, pois todas as histórias contadas sobre Omar e o sentimento do pai que, inconformado

com as atitudes do filho, manifestava revolta e repugnância por ele, contribuíram para que Nael em sua convivência com Omar, também tomasse consciência das atitudes inescrupulosas do caçula, manifestando, ao longo do romance, aversão por ele. Depois, com relação a Yaqub, porque assim como ele, Nael se sentia rejeitado, deslocado no ambiente familiar, humilhado e vítima das maldades de Omar, por isso, esses dois sujeitos buscavam nos estudos uma forma de adquirir competências que lhes permitissem se firmarem como sujeitos realizados, contrariando as adversidades que lhes foram impostas. E, mais, Nael e Yaqub desejavam se vingar de Omar, mas Nael chegou à conclusão de que a distância era mais vantajosa, visto que tanto as crueldades de Omar quanto a vingança de Yaqub só trouxeram danos a todos. No último encontro que teve com Omar, Nael esperou que ele lhe pedisse perdão, como não conseguiu o que desejava: perdoar Omar, reconstruir o passado era uma estratégia tanto para impedir que o seu passado fosse esquecido, imputando-lhe o anonimato pela falta de conhecer as suas origens, quanto para extravasar a sua paixão e se libertar do ressentimento que prolongava o ódio e o desejo de vingança.

Portanto, percebemos que o contágio passional acontece da seguinte forma: as atitudes de Nael como sujeito apaixonado são percebidas pela subjetividade, ou seja, a manifestação de seus sentimentos correlacionados aos sentimentos de Halim e, principalmente, aos de Yaqub, embora a correlação das manifestações patêmicas não tenha a mesma intensidade e nem a mesma quantidade modal; e o papel do narrador que é reconhecido pela objetividade, reiterado no discurso que o estabilizou, modalizado pelo saber-fazer e querer-fazer: escrever a sua história.

Desse ponto de vista, podemos entender que a manifestação de seus ressentimentos pela escrita era, ao mesmo tempo, uma forma de se vingar do anonimato, o passado sem origem por falta de reconhecimento da paternidade que comprometeria a imagem da família e, também uma forma de libertação tanto de alforria da submissão à família que lhe negou o direito de reconhecimento quanto dos ressentimentos que eles lhe causaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das paixões nos textos procura levar em conta as modulações dos estados de alma do sujeito que propiciam a formulação de dispositivos canônicos tal como o discurso os configurou e, que permitem, por isso mesmo, identificar e analisar cada paixão em uma determinada cultura.

Dessa forma, os efeitos de sentido produzidos pelas paixões nos textos resultam da observação e identificação das configurações passionais depositadas no léxico, analisáveis de acordo com o percurso do sujeito que compreende a sintaxe e a enunciação passional.

Assim, o romance *Dois irmãos*, ao explorar o tema dos conflitos humanos, especificamente, os conflitos familiares que se desenvolvem em torno do relacionamento dos irmãos gêmeos, permite-nos averiguar a configuração de várias paixões que surgem da interação desses sujeitos. O texto propicia, então, a identificação de diversas manifestações passionais que constituem os seus sentidos. Por essas razões, podemos afirmar que, o que faz com que o romance seja interessante, é o fato de ele ser construído pela investigação dos estados de alma dos sujeitos que formam uma textura complexa na narrativa emaranhada de múltiplas paixões, mas que, à medida que vão compondo a trama, vão também engendrando o seu sentido. Dessa forma, somos levados a reconhecer a importância da dimensão patêmica do discurso, uma vez que comprovamos ser ela a responsável pela organização e produção dos efeitos de sentido do texto.

Nesse sentido, verificamos que o comportamento e o temperamento dos gêmeos, aliados à questão da identidade e da diferença na busca por interesses comuns contribuem para que esses dois sujeitos manifestem, ao longo do romance, as suas paixões. Como pudemos perceber, a semelhança de ambos na aparência era um fator relevante para que a diferença de comportamento e de temperamento permitisse identificá-los nas diversas situações em que eles concorriam e competiam em busca de valores que dariam sentido às suas vidas. Assim, constatamos no relacionamento dos dois irmãos as manifestações passionais da emulação, do ciúme, da inveja, da cólera e da vingança.

Ao trabalhar com o texto, percebemos que mesmo uma paixão como a emulação sobre a qual os semioticistas ainda não apresentaram um dispositivo canônico, pois pelos nossos estudos vimos que essa paixão é tratada por eles de forma superficial, assim como a paixão da inveja, mas, de acordo com as modulações dos estados de alma do sujeito apaixonado, confirmadas pelo texto, foi-nos possível formular um dispositivo para essa paixão que nos permitiu analisar os efeitos de sentido produzidos no texto por ela.

Assim como a emulação, as demais paixões identificadas na interação dos dois irmãos nos levam a constatar: por um lado, as paixões de desejo, seja o desejo de ser – a emulação, seja o desejo de ter (posse) – o ciúme, seja o desejo de que o outro não tenha – a inveja; por outro lado, as paixões de confiança, ou melhor, de ruptura da confiança – a cólera e a vingança.

Observando essas paixões, compreendemos que na emulação, no ciúme e na inveja, o sujeito apaixonado é modalizado pelo /querer-ser/, visto que na emulação, o sujeito quer ser igual ou ultrapassar o outro, no ciúme, o sujeito quer ser amado, isto é, continuar conjunto com o objeto de valor, na inveja o /querer-ser/ implica querer que o outro não seja. Observando também as paixões da cólera e da vingança, entendemos que a confiança modaliza os sujeitos pelo /dever-ser/, uma vez rompida a confiança instala-se um sentimento de falta definido pelo /querer-ser/ em conflito com o /saber-não-ser/ e com o /crer-não-ser/.

Nessa perspectiva de investigação, fica claro que todas essas paixões quer sejam elas paixões de carência de ser, quer sejam paixões de liquidação de falta, o que está em jogo é o /querer-ser/ que focaliza as competências do sujeito em busca dos valores que o tornarão um sujeito realizado.

Desse modo, na perspectiva de Omar como sujeito apaixonado, notamos a manifestação das paixões pela série: ciúme - inveja - cólera. Mesmo que o ciúme de Omar camufle a paixão da inveja, percebemos uma manifestação passional mesclada por ciúme e inveja, mas onde a inveja salta aos olhos, devido a todas as investidas agressivas e violentas contra Yaqub na tentativa de retirá-lo da competição, temendo sempre a sua superioridade.

Por tudo isso, reconhecemos que Omar atribui mais força a seu querer do que aos seus deveres, melhor dizendo, o querer de Omar é manifestado com maior intensidade, comprovando os seus desejos incontidos, impulsivos, excessivos, violentos. Assim sendo, Omar, enquanto sujeito patemizado pela inveja e pela cólera, manifesta sempre os seus desejos, insatisfações e descontentamentos de forma agressiva, destrutiva, colérica causando o sofrimento, o ressentimento e o ódio no anti-sujeito, embora suas atitudes não resolvam nada

em se tratando do rival, conseqüentemente, o que acontece é o mal estar do próprio sujeito apaixonado.

Já na perspectiva de Yaqub, constatamos as manifestações passionais pela série: emulação – ciúme – vingança. Na infância, Yaqub desejava ser como o irmão, as transformações, porém, começaram a ocorrer quando os dois irmãos competiram em busca de um mesmo objeto de valor, então, eles se tornaram rivais. Yaqub, embora sentisse ciúmes de Omar, mostrou ao irmão que tinha competências para competir com ele, tornando-se uma ameaça à superioridade do caçula. Desse modo, o irmão mais velho passou a ser o alvo de todas as maldades do mais novo, marcado pela diferença na aparência com a cicatriz na face causada por Omar, diferença como filho retirado bruscamente do seio da família, diferença no relacionamento com a mãe que privilegiava o caçula, diferença de comportamento aceitando calado o sofrimento das agressões de Omar. Todas essas diferenças sentidas por Yaqub foram cruciais para torná-lo um sujeito ressentido por longos anos, alimentando o desejo de vingança. A vingança de Yaqub foi sob medida e quantidade a todos os danos que sofreu em todos aqueles anos.

Percebemos, assim, Yaqub como um sujeito marcado pelo desejo, mas que soube controlar a força do seu querer em detrimento do seu dever, isto é, ele conseguiu liquidar a falta tanto do sentimento em relação à mãe que o excluiu da relação materna, quanto do sentimento que nutria pelo irmão que tentava privá-lo de ser alguém. Portanto, ao imputar a vingança contra a mãe e o irmão, Yaqub consegue se tornar igual ou mais agressivo que Omar, ele se torna êmulo e, também, realiza o seu desejo de ser como o irmão. Assim, podemos afirmar que o desejo de /querer-ser/ abre o ciclo das paixões com a emulação e é também a paixão que fecha o ciclo, pondo fim ao desejo de /querer-ser/.

Nesse sentido, confirmamos que cada um dos actantes elabora a sua identidade passional de acordo com aquela que a precedeu, assim explica-se: Yaqub quer ser êmulo; Omar não quer que ele possua algo para não competir com ele; Yaqub conquista competências; Omar quer tirar o prazer que as vantagens proporcionam a Yaqub; Omar explode em cólera contra Yaqub; Yaqub planeja e executa a sua vingança; Yaqub se torna êmulo.

Nessa linha de investigação, concluímos, então, que a emulação é a paixão de base do relacionamento dos dois irmãos e também é uma paixão cíclica, pois ela abre e fecha a série de paixões manifestadas na relação dos gêmeos em todo o romance.

Como já vimos, as muitas paixões manifestadas por esses dois sujeitos em busca de se firmarem, principalmente, dentro da família como sujeitos competentes e

diferentes apesar da semelhança na aparência, colocam em evidência o /querer-ser/ alguém, único em suas qualidades e defeitos, mesmo que para isso, tenha sido preciso afetar a todos em sua volta, provocando os mais variados sentimentos e sofrimentos. Então, a necessidade dos dois sujeitos em conquistar no ambiente de sua convivência o espaço de cada um, já que ele foi predestinado a ser o mesmo desde a fecundação, esse espaço definido, no romance, pela afetividade nem, por isso, tivesse que ser tão diferente a ponto de privilegiar um em detrimento do outro, causando tantos conflitos, sofrimentos e carências afetivas.

Diante do exposto, confirmamos também que a diferença de comportamento dos gêmeos foi em grande parte influenciada pela mãe que, ao privilegiar o caçula com um tratamento diferenciado, contribuiu para que este fosse mais atirado, corajoso e seguro, e o mais velho, ao contrário, foi sempre deixado de lado, tornando-se assim inseguro, tímido e medroso. Esse foi, com certeza, o motivo que levou Yaqub a /querer-ser/ como Omar na infância, apesar de na época ele não perceber que esse sentimento dele em relação ao irmão era ocasionado pela mãe, que fazia do caçula um sujeito destemido, motivado a enfrentar riscos e perigos para conseguir o que queria. Entendemos que essa hierarquia estabelecida pela mãe no tratamento com filhos deu origem a uma série de conflitos entre eles, contribuindo para que fossem afetados pelas tantas paixões que afloraram na relação fraterna.

Dessa forma, compreendemos que o apego intenso da mãe pelo caçula fez dele um sujeito superior em relação ao mais velho, mas quando a sua vantagem em relação ao irmão era ameaçada, ele agredia violentamente o mais velho para retirá-lo do seu caminho e não ter que disputar com ele o lugar privilegiado que ostentava. Por isso, assim como percebemos que a mãe, com a exclusividade de tratamento destinado ao caçula fazia dele um sujeito vantajoso em relação ao outro, percebemos também que ela contribuiu para que ele não soubesse administrar as suas fraquezas e explodisse contra qualquer um, principalmente, contra o irmão que ameaçava tomar o seu lugar na relação materna. Portanto, a relação de apego intenso da mãe com Omar repercute em sentido diferente com Yaqub, pois a exclusividade de um gera a exclusão do outro, da mesma forma que o zelo excessivo com um gera a falta de atenção ao outro, ainda a possessão de um resulta no abandono ao outro, e o prazer da conjunção com um dá origem ao sofrimento de disjunção com o outro. Todas essas manifestações patêmicas corroboraram para que a mãe e o filho caçula se tornassem completamente dependentes um do outro, destituindo Yaqub dessa relação.

Por essas relações conturbadas entre mãe e filhos, observamos a pertinência da questão da coletividade, pois a mãe enquanto sujeito coletivo promove todos os conflitos entre os filhos que, por fazerem parte da coletividade, deveriam ser tratados da mesma forma,

portanto, a exclusividade do amor ao caçula e a exclusão de Yaqub desse sentimento são a fonte que gera toda a relação de rivalidade entre eles.

Nesse sentido de coletividade, o esposo também se sente deixado de lado pela esposa, fato que só contribui para que o pai tome consciência do quanto o amor da mãe pelo caçula é prejudicial a todos, inclusive ao próprio caçula que se torna cada vez mais um sujeito perdido, acobertado pelo excesso de mimo da mãe.

Como conseqüência dessa questão, forças coesivas operam a favor da coletividade e forças dispersivas operam contra a coletividade. Assim, os sujeitos da família que foram excluídos da coletividade representada por Zana, procuram de alguma forma mostrar que os seus direitos em relação à coletividade deveriam ser respeitados, como exemplo citamos Halim, que faz de tudo para mostrar à esposa o excesso de zelo com o caçula como se ele fosse filho único e, também a falta de afetos e de atenção da esposa para com ele, também Yaqub faz parte dessa força coesiva, pois como filho sentia que deveria ser tratado como Omar; por outro lado, como forças dispersivas contra a coletividade, citamos a mãe que não partilha as atenções entre todos da família, e Omar que não abre mão da totalidade integral da mãe dedicada a ele.

Também averiguamos os efeitos do apego sobre a rivalidade e os efeitos da rivalidade sobre o apego. Do mesmo modo que o apego da mãe por Omar intensificava a rivalidade entre os dois irmãos, contribuía para que o pai visse no filho um rival que o privou da relação conjugal e, ainda, a mãe ficava inquieta e preocupada quando se sentia ameaçada por uma das mulheres que o filho arrumava, comportando-se como uma rival que luta para não perder o objeto de seu apego. Já os efeitos da rivalidade sobre o apego convergem para que a rivalidade entre a mãe e as mulheres de Omar intensificasse a dependência da mãe pelo filho, visando o prazer da conjunção com ele, e também a rivalidade entre os filhos aumentava o zelo para com Omar que, mesmo errado por agredir o irmão, era acobertado pela mãe.

Nas múltiplas interações que surgem das configurações da rivalidade e do apego, observamos que Zana não se consagra inteiramente à relação de apego, pois, quando o filho se aventurava com algumas mulheres, Zana competia com elas como rivais, disputando o objeto amado. Percebemos também os resultados dessas interações da seguinte forma: Zana em seu apego intenso se tornava inquieta, temendo partilhar o seu objeto exclusivo com outras mulheres e também sofria com a possessão exclusiva do filho amado, quando suspeitava ou tinha certeza de sua infidelidade; Yaqub que se sentia excluído da relação materna experimentou um sentimento mau ao ver Omar sentir prazer com a exclusividade da mãe; Omar, da mesma forma que a mãe, sentia-se inquieto com o temor de ter que partilhar a

exclusividade materna com Yaqub e sofreu quando percebeu que a mãe poderia ser infiel a ele, partilhando o seu amor com Yaqub. Portanto, confirmamos a influência de uma configuração sob a outra e as modificações dos efeitos de sentido pela influência uma da outra, ou seja, o apego é reforçado pela rivalidade e a rivalidade se intensifica pelo apego que a estimula.

Vemos, então, no romance *Dois irmãos*, construído pelos conflitos, que até mesmo uma paixão positiva como o amor em excesso pode se tornar negativa e prejudicial àqueles que estão em volta, resultando em sofrimento para todos. A paixão da mãe pelo filho Omar trouxe muitas conseqüências ruins para toda a família, inclusive para a própria mãe e para o objeto do seu apego.

Averiguamos, desse modo, que o romance *Dois irmãos* ao tratar das paixões consegue desenvolver toda a vasta configuração da paixão do ciúme, mesmo que essas paixões tenham sido manifestadas por sujeitos diferentes, percebemos que o enredo explora toda a gama de paixões que fazem parte da configuração do ciúme. Todas essas manifestações patêmicas surgem das relações intersubjetivas que tornam o enredo bastante complexo, atingindo, nas múltiplas interações, níveis de significação diferentes.

Observamos também que o romance, ao abordar o tema dos conflitos entre irmãos, parte de um drama familiar individual e atinge o universal, visto que esse tema foi e continua sendo explorado em todos os tempos, por diversas culturas, nos mais diferentes tipos de produção, inclusive pela literatura. Dessa forma, mostramos também a intertextualidade e interdiscursividade com os textos e discursos fundadores, isto é, com a Bíblia. Citamos, no desenrolar do trabalho, a história de Abel e Caim que, explicitamente, é associada à história dos dois filhos no romance pela mãe; e também percebemos, implicitamente, a associação com a história Bíblica de Esaú e Jacó.

O que nos interessa mostrar é que na perspectiva de Omar, a intertextualidade e interdiscursividade acontecem com a história de Abel e Caim, porque a inveja levou Abel a cometer o fratricídio, então, reconhecemos em Omar, enquanto sujeito invejoso, aquele que, para retirar o irmão da competição, usou da violência por várias vezes, embora não tenha chegado a assassinar o irmão como Abel o fez.

Na perspectiva de Yaqub, da mãe e do pai, a intertextualidade e a interdiscursividade acontecem com a história de Esaú e Jacó. Na perspectiva de Yaqub, porque assim como Jacó, Yaqub desejava ser como o irmão, apesar desses desejos terem motivos diferentes, pois enquanto a paixão da emulação manifestada por Jacó era devido ao fato de Esaú ser o primogênito, o filho que ocuparia o lugar do pai, Yaqub manifestava a

emulação por admirar a coragem e esperteza de Omar. Na perspectiva do pai e da mãe, porque assim como na história Bíblica Isaac, o pai, prefere o filho mais velho e a mãe, Rebeca, prefere o caçula, assim também acontece com Halim que prefere o mais velho Yaqub, e Zana, cuja predileção era destinada ao caçula. Ainda, na perspectiva da mãe, a intertextualidade e a interdiscursividade são mais marcantes, porque Rebeca era cúmplice de Jacó para ajudá-lo a ocupar o lugar de primogênito destinado ao filho mais velho, então, a mãe prejudica o filho mais velho para que o mais jovem seja contemplado com privilégio; Zana, da mesma forma, era cúmplice de Omar, ajudava-o de todas as maneiras, prejudicando o filho mais velho.

Muito significativa é também a participação no romance do narrador, que busca na reconstrução do passado encontrar respostas para as suas inquietações no que se refere às suas origens e, como suas origens estavam ligadas à dúvida da paternidade, já que reconstruir o seu passado era também reconstruir o passado da família dos gêmeos, pois havia a desconfiança de um deles ser o seu pai.

Dessa forma, esse narrador apresenta-se como um sujeito dividido e conflituoso tanto ao narrar o texto, oscilando entre a objetividade dos fatos e a subjetividade de suas emoções quanto ao participar da história e testemunhar os acontecimentos, além de resgatar os retalhos das histórias que não viu acontecer, relatadas pelo avô e pela mãe. Mas o conflito maior desse narrador-sujeito apaixonado se concentra na sua própria história, como ele mesmo diz, à espera que uma das margens do rio o acolha (HATOUM, 2006, p. 54). Isso posto, compreendemos que essas margens explicam em boa parte a maioria dos conflitos pelos quais passava esse sujeito, pois como era filho da empregada índia com um dos filhos dos patrões libaneses. Então, ele se vê dividido entre esses dois extremos à espera de que fosse reconhecido pelo pai, assumindo o seu lugar na família e abandonando a sua condição de agregado; percebemos também que as duas margens representam os gêmeos, levando em conta a diferença de ambos, o lado da margem em que se situa Omar não era o que ele aceitava, porque deixava transparecer a sua preferência por Yaqub. Nos dois sentidos, portanto, o que está evidente é o conflito entre o desejo de ser e a dúvida de não ser que motiva o narrador a escrever a sua história para compreender o que aconteceu com os outros e com ele mesmo, a fim de constituir sua própria identificação no presente.

De acordo com a estrutura do texto, o que entendemos é que esse narrador utiliza várias estratégias para reconstruir esse passado e a estratégia, a nosso ver, que culmina em todo o enredo é a de reconstrução do passado por via das relações intersubjetivas, irrompendo no texto várias manifestações passionais que, ao serem rememoradas e descritas

pelo narrador, também o afetam intensamente, visto o seu envolvimento afetivo com a experiência de reviver as emoções dos outros. Tal contexto nos permite intentar para o fato de que as paixões vividas e sentidas, tanto na individualidade quanto na coletividade, fiquem estocadas na mente, criando uma espécie de reservatório que, a nosso ver, forma uma memória passional que acionada permite ao sujeito reviver todo o processo das manifestações passionais. Todo esse processo é confirmado pelo texto, que se apresenta sob a forma de um discurso retalhado, aos pedaços, exatamente perceptíveis como variação e instabilidade dos estados de alma do narrador que manifesta as suas emoções juntamente com as emoções daqueles que lhe contavam as histórias, e também daqueles que as vivenciaram. Por isso, a narrativa não é linear, oscilando retroativamente a apresentação dos acontecimentos que não obedecem a uma ordem cronológica seqüencial, assim, o romance tem início com a paixão do apego intenso da mãe que desencadeou ao longo do romance as diversas manifestações patêmicas que afetaram toda a família, promovendo a desunião, a rivalidade e o ódio.

Ao relatar todas essas manifestações patêmicas, o narrador avalia e moraliza as paixões, já que assume o papel de observador de tudo o que está sendo contado e, o mais interessante é constatar que paixões avaliadas e moralizadas positivamente são também avaliadas e moralizadas negativamente, levando-se em conta as variações dos sujeitos que elas afetam. Por isso, até a avaliação e a moralização das paixões em *Dois irmãos* são conflituosas e produzem no conjunto da obra mais efeitos de sentido negativos que positivos.

Tal contexto nos permite observar que tudo no enredo concorre para um mesmo fim: a destruição da família, seja ela pelas perdas, pelos fracassos, pelos sofrimentos, enfim, perda de bens, de afetos, de união, de reconciliação, de origem, de liberdade. Essa destruição da família é acompanhada pelas transformações ocorridas em Manaus e no Brasil durante o período em que transcorre a história como também pelas transformações pelas quais passaram os sujeitos envolvidos na história. Portanto, as projeções de tempo e espaço contribuem de maneira significativa para nos ajudar a entender todas essas transformações. Desde as referências de tempo passado e presente que oscilam de acordo com o estado emocional do sujeito em busca de valores para a sua vida, até as referências de espaço que marcam no texto algumas questões relevantes como o distanciamento e a aproximação tão importantes para a construção dos simulacros pela exploração da imaginação do narrador que é tomado pelo prazer do esquecimento e das lembranças do passado e, de outra forma, marcando o espaço restrito e desprivilegiado dos sujeitos excluídos da família ou dos afetos familiares, bem como o espaço marginalizado dos agregados que denuncia o preconceito racial e social presente na narrativa.

Assim, o narrador que busca a sua referência de vida no seio daquela família, constrói um discurso que mescla objetividade e subjetividade: a objetividade é vista pelos efeitos de sentido de verdade e realidade comprovados pelas figuras do mundo natural que se relacionam com os sujeitos, com o tempo e com o espaço para fazer-creer que o que se relata é verdade; a subjetividade, pelo discurso apaixonado, deixando fluir no texto os seus sentimentos e impressões, alguns dos quais averiguamos pelas metáforas, comparações, hipérboles e até pela intertextualidade e interdiscursividade que o narrador utiliza para associar o texto com outros contextos para nos dar uma idéia do que acontece com base em outros textos e outros discursos que abordam o mesmo tema.

Diante de tudo o que foi exposto, afirmamos que a variação e a instabilidade do estado de alma do outro repercute no narrador que, conseqüentemente, repercute no texto. Por isso, a presença e a importância do outro devem ser levadas em conta em todo o processo passional, seja ela percebida pelo excesso ou pela falta. Nessa perspectiva, podemos afirmar que as paixões ultrapassam os limites do tempo e do espaço e são revividas graças à memória passional daquele que as comporta.

Então, em *Dois irmãos* fica evidente e comprovado o contágio passional, seja ele apresentado na perspectiva dos gêmeos que elaboram suas identidades passionais de acordo com a que a precedeu; seja na perspectiva da mãe que, com a paixão do apego intenso por apenas um filho influenciou todo o conflito entre eles, fazendo surgir manifestações passionais de variadas formas; seja na perspectiva do narrador do romance que, como filho de um dos gêmeos, reconstrói toda a história emaranhada pelas paixões e é afetado por elas.

Enfim, as paixões em *Dois irmãos* consolidam a temática de conflito do enredo, por isso produzem efeitos de sentido opostos. Sem a pretensão de fechar um assunto tão complexo como o estudo das paixões, compreendemos que as paixões possuem a especificidade de aprisionar e libertar os sujeitos, embora muitas vezes esses dois lexemas podem produzir também sentidos contrários se levarmos em conta que o sujeito apaixonado sente-se feliz em estar aprisionado ao seu objeto de valor e, ao contrário, infeliz se liberto desse amor. Mas essa colocação de aprisionamento e libertação nos faz pensar no narrador do texto que ao escrever a sua história, manifestando todos os seus sentimentos, sentia-se liberto dos pesadelos do passado.

Por fim, experimentamos o texto como um laboratório onde foram exploradas as inter-relações que nos permitiram comprovar a eficácia do método de análise das paixões no texto.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ASSIS, M. de. *Esau e Jacó*. São Paulo: EDIGRAF, [1973?]. (Coleção Romances Brasileiros).

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Néri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. Editora da Universidade Estadual de Campinas, (Linguagem crítica).

_____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução de Ivan Carlos Lopes et al. Bauru: EDUSC, 2003. Título original: Précis de sémiotique littéraire.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de CASTRO, F. J. J. P. de. e equipe auxiliar da Editora. São Paulo: Ave-Maria, 1998. p. 52-75.

CALDEIRA, T. S. *Rede de histórias: identidade(s) e memória (s) no romance Dois irmãos de Milton Hatoum*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

COELHO, M. *A paixão e a passionalização em saudosa maloca*. São Paulo: UNESP, CASA: Cadernos de semiótica aplicada, v. 1, n. 2, dez. 2003.

CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. *Teoria Semiótica: a questão do sentido*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. cap. 11, p. 393- 438.

_____; MARCHEZAN, R. C. (Org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/ FCL/ UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004. (Série Trilhas Lingüísticas, 6).

_____; NASCIMENTO, E. M. F. S. et al. *Diferentes formas de manifestação do ciúme: uma perspectiva semiótica*. Estudos Lingüísticos XXXIII, p. 108-115, 2004.

_____. *A paixão do ciúme: análise e semiótica do discurso*. São Paulo: ALFA, 48 (2), p. 79-94, 2004.

COURTÉS, J. *Introdução a Semiótica Narrativa e Discursiva*. Tradução de Norma Backes Tasca. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. Título do original: Introduction à la Semiótique Narrative et Discursive.

DESMEDT, N. E. *Semiótica da narrativa: método e aplicação*. Tradução de Dr^a Alice Maria Frias. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1984. Título original: Sémiotique du Récit – méthode et applications.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. Delta, v. 15, n. 1, São Paulo, fev./jul. 1999.

FLOCH, J. M. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. Tradução de Analice Dutra Pilar; revisão de Ana Cláudia de Oliveira e Eric Landowski. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas. Periódico I, 2001.

_____. *Semiótica plástica e linguagem publicitária*. Significação: Revista Brasileira de Semiótica. CES: Araraquara, 1988. p. 29-50.

FONTANILLE, J.; DITCHE, E. R.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraire*. França: Belin, 2005.

_____. *Semiótica do discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007. Título do original: *Sémiotique du discours*.

_____; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. São Paulo: Discurso/ Humanitas, 2001.

FREIRE, J. A. T. *Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Miltoum Hatoum*. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-23082007-135808/>>. Acesso em: 23 set. 2007.

GREIMAS, A. J. e COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979. Título do original: *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*.

_____. A. J. e FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de M. José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993. Título do original: *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme*.

_____. *Da imperfeição*. Pref. e tradução de Ana Cláudia de Oliveira; apres. de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. São Paulo: Hacker Editores, 2002. Título do original: *De l'imperfection*.

_____. *Semiótica figurativa e semiótica plástica*. Tradução de Inácio Assis da Silva. Significação – Revista Brasileira de Semiótica, Araraquara, n. 4, jun. 1994.

_____. *Sobre o Sentido*. Petrópolis: Vozes, 1975.

HATOUM, M. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Entrevista à revista Linguativa*. Revista Linguativa, 2002. Disponível em: <http://www.linguativa.com.br/home_entrevista_hatoum.asp>. Acesso em: 28 nov. 2006.

_____. *Entrevista – Milton Hatoum*. Revista de Estudos Árabes. Collatio 6 – Univ. Autónoma de Madrid – Univ. de São Paulo, 2001a. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>> . Acesso em: 23 set. 2007.

_____. *Escrever à margem da história*. Revista de Estudos Árabes. Collatio 6 – Univ. Autónoma de Madrid – Univ. de São Paulo, 2001b. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>> . Acesso em: 23 set. 2007.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>>. Acesso em: 05 set. 2007.

JATOBA, V. M. *Águas sem nenhum remanso*. Paralelos; Tendências, Literatura e outros subtítulos. Literatura & Afins > Resenhas, Matérias, Discussões. Disponível em: <<http://www.paralelos.org/out03/000330.html>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

KASSAB, A. *A pátria sem fronteiras*. Jornal da Unicamp, Campinas, v. 15, n. 163, jun. 2001. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/jun2001/unihoje_ju163pag18.html>. Acesso em: 28 nov. 2006.

LANDOWSKI, E. e FIORIN, J. L. *O gosto da gente, o gosto das coisas: Abordagem semiótica*. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. *Presenças do outro: Ensaios de sociosemiótica*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros; revisão de Ana Cláudia de Oliveira e Eric Landowski. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEAL, C. *Hatoum: A literatura é a arte da paciência*. Revista Terra Magazine. Cultura Literatura, 19 set. 2007. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1909408-EI6595,00.html>>. Acesso em: 23 set. 2007.

LEONEL, M. C.; NASCIMENTO, E. M. F. S. *O amor tudo vence : invariantes e variantes na narrativa*. Itinerários, Revista de Literatura, Araraquara, programa de Pós- graduação em estudos Literários da FCL/UNESP, n. especial, p. 119-131, 2003.

LOPES, E. *Metáfora: da retórica à semiótica*. 1. ed. São Paulo: Atual, 1986.

_____. *Paixões no espelho: sujeito e objeto como investimento passionais primordiais*. Cruzeiro Semiótico. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica, n. 11 e 12, jul./1989- jan./1990.

LIMA, L. C. *A ilha flutuante*. Folha de São Paulo, Caderno Mais. São Paulo, 24 set. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2409200008.htm>>. Acesso em: 19 set. 2007.

LIMA, V. *Religiosidade de Milton Hatoum é destaque na Paraíba*. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Amazonas. Disponível em: <http://www.fapeam.am.gov.br/noticias/noticia_1849.html> Acesso em: 23 set. 2007.

LUPINACCI, H. H. *Escritor manauara leva o rio Negro dentro de si*. Folha de São Paulo, Turismo, 09 jun. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u2769.shtml>>. Acesso em: 23 set. 2007.

MARCONDES, M. P.; TOLEDO, F. *Espaço e preconceito nas obras de Hatoum*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16, 17 e 18 set. 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel30/MarleinePaula.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2007.

MELLO, H. F. *Romance é mais seco e mantém jogo de duplos*. Folha de São Paulo, Ilustrada, 13 ago. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200508.htm>>. Acesso em: 23 set. 2007.

MOISÉS, L. P. *A cidade flutuante*. Folha de São Paulo. Jornal de Resenhas, 12 ago. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1208200011.htm>>. Acesso em: 19 set. 2007.

NASCIMENTO, E. M. F. S. e LEONEL, M. C. *O medo como paixão*. São Paulo: Estudos Lingüísticos XXXV, p. 627- 636, 2006.

_____. *Paixão em segredo*. Revista da ANPOLL, n.16, p. 27-41, jan./jun. 2004.

_____; ABRIATA, V. L. R. *Um copo de cólera: a afirmação de si e a destruição do outro*. 2007 (impresso em forma de apostila)

_____; LEONEL, M. C. *Campo lexical, modalização e massificação do decurso religioso*. São Paulo: UNESP, Rev. ANPOLL, n. 10, p. 101- 120, jan./ jun. 2001.

_____. *Configurações da inveja no texto publicitário*. 2007 (impresso em forma de apostila)

NESTROVSKI, A. *Uma outra história*. Folha de São Paulo. Caderno Mais, 11 jun. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1106200012.htm>>. Acesso em: 19 set. 2007.

OLIVEIRA, A. C. M. A. *A leitura do jornal como experiência sensível*. Revista da ANPOLL, n. 21, p. 165-200, jul./dez. 2006.

PELLEGRINI, T. *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*. Literatura e Arte no Plural. Cronópios. Ensaios. Disponível em: < <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=1766>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

PEREIRA, G. G. *Dois Irmãos, de Milton Hatoum, ganha versão em árabe*. Agência de Notícias Brasil-Árabe. Cultura e Sociedade. Disponível em: <<http://www.anba.com.br/orientese.php?id=34>>. Acesso em: 23 de setembro de 2007.

PINO, D. del. (Org.). *Semiótica: Olhares*. Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini (Coord.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Memória das Letras, 5).

PINTO, J. P. *Paisagens da crítica*. Disponível em: <http://paisagensdacritica.zip.net/arch/2007-05-06_2007-05-12.html>. Acesso em: 06 maio. 2007.

PINTO, M. C. *Geração 90, submissão à realidade ou guerrilha literária?* Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0208200312.htm>>. Acesso em: 19 set. 2007.

PIZA, D. *Milton Hatoum um estilo construído com rigor e sensibilidade*. Estado de São Paulo. Matérias, 26 mar. 2001. Disponível em: < http://www.klickescritores.com.br/pag_materias/materias19.htm>. Acesso em: 28 nov. 2006.

REIGOTA, M. *A floresta e a escola em Milton Hatoum*. UPL. [online]. Oct. 2003, v. 8, n.23 [citado 09 Outubro 2007], p.117-124. Disponível em la World Wide Web: <http://www.serbi.luz.edu.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-52162003010000008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 23 set. 2007.

ROHTER, L. *A Amazônia desconhecida...* VOX. Diálogo Internacional. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Disponível em: < <http://dialogointernacional.vox.com/library/post/a-amaz%C3%B4nia-desconhecida.html>>. Acesso em: 28 nov. 2007.

SAMPAIO, A. *Incesto, rejeição e rivalidade*. Jornal de Poesia. Diário do Nordeste, 18 jun. 2006. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/mhatoum.html#milton>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

SANTOS, T. D. C.; INÁCIO, E. F. *Caso/Casa de Família: o espaço em Dois irmãos, de Milton Hatoum*. Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <<http://www.prp.ueg>>.

br/06v1/ctd/pesq/inic_cien/eventos/sic2006/arquivos/linguistica/caso-casa_familia.pdf>.
Acesso em: 19 set. 2007.

SOUZA, M. G. G. e ABRIATA, V. L. R. *Canto esponjoso: a construção do espetáculo mítico*. UNESP, São Paulo: CASA, Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 1, jun. 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *ALFA: Revista de Lingüística*, v. 1 (1962) – v. 23 (1977); v. 24 (1980). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1962-1977; 1980.

VILELA, S. *Um certo Oriente brasileiro*. DW-WORD. DE Deutsch Welle. Cultura. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1355376,00.html>>. Acesso em: 23 set. 2007.

VILLAR, V. L. G. *A religiosidade Arabe em Milton Hatoum*. I Simpósio internacional de ciências das religiões. João Pessoa, 16 a 18 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/religoes/pdf/pluralismos/GT17/GT17TC08.pdf>> . Acesso em: 23 set. 2007.

ANEXO A - Cena 1

Os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o Careiro, no outro lado do rio Negro, de onde voltavam correndo na casa, ziguezagueavam pelo quintal, caçavam calangos com uma baladeira. Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. A voz de Omar, o Caçula: “Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe”. Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho. Detestava os ralhos de Zana quando fugiam nas manhãs de chuva torrencial e o Caçula, só de calção, enlameado, se atirava no igarapé perto do presídio. Eles viam as mãos e a silhueta dos detentos, e ele ouvia o irmão xingar e vaiar, sem saber quem eram os insultados: se os detentos ou os curumins que ajudavam as mães, tias ou avós a retirar as roupas de um trançado de fios nas estacas das palafitas.

Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e dou outro, quando via o braço do Caçula enroscado no pescoço de curumim do cortiço que havia nos fundos da casa. Sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acordado, ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, agüentar o cerco e os socos deles e revidar com fúria e palavrões. Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos; queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame aquecidas pelo sol forte da tarde, e saltar para pegar a linha ou a rabiola de um papagaio que planava lentamente, em círculos, solto no espaço. O Caçula tomava impulso, pulava, rodopiava no ar como um acrobata e caía de pé, soltando um grito de guerra e mostrando as mãos estriadas. Yaqub recuava ao ver as mãos do irmão cheias de sangue, cortadas pelo vidro do cerol.

Yaqub não era esse acrobata, não lambuzava as mãos com cerol, mas bem que gostava de brincar e pular nos bailes de Carnaval no sobrado de Sultana Benemou, onde o Caçula ficava para a festa dos adultos e varavam a noite com os foliões. Eles tinham treze anos, e, para Yaqub, era como se a infância tivesse terminado no último baile no casarão dos Benemou. Naquela noite ele nem sonhava que dois meses depois ia se separar dos pais, do

país e dessa paisagem que agora, sentado no banco da frente do Land Rover, reanimava o rosto dele.

O baile dos jovens havia começado antes do anoitecer. Às dez horas os adultos entraram fantasiados na sala do casarão, cantando, pulando e enxotando a garotada. Yaqub quis ficar até meia-noite, porque uma sobrinha dos Reinoso, a menina aloirada, corpo alto moça, também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinza. Seria a primeira noite de Lívia na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas, as tranças salpicadas de lantejoulas que brilhavam nos ombros bronzeados. Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto como ela. Já pensava em aproximar de Lívia quando a voz de Zana ordenou: “Leva tua irmã para casa. Podes voltar depois”. Ele obedeceu. Acompanhou Rânia até o quarto, esperou a dormir e voltou correndo ao casarão dos Benemou. A sala fervilhava de foliões, e no meio das tantas cores e das máscaras ele viu as tranças brilhantes e os lábios pintados, e logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhante ao dele, pertinho do rosto que admirava.

Lívia e o irmão dançavam num canto da sala. Dançavam quietos, enroscados, movidos por um ritmo só deles, que não era carnavalesco. Quando os foliões esbarravam no par, os dois rostos se encontravam e, aí sim, davam gargalhadas de Carnaval. Yaqub ensombreceu. Não teve coragem de ir falar com ela. Odiou o baile, “odiei as músicas daquela noite, os mascarados, e odiei a noite”, contou Yaqub a domingas na tarde da Quarta-Feira de Cinzas. Foi uma noite insone. Ele fingia dormir quando o irmão entrou no quarto dele naquela madrugada, quando o som das marchinhas carnavalescas e a gritaria dos bêbados enchiam a atmosfera de Manaus. De olhos fechados, sentiu o cheiro de lança-perfume e suor, o odor de dois corpos enlaçados, e percebeu que o irmão estava sentado no assoalho e olhava para ele. Yaqub permaneceu quieto, apreensivo, derrotado. Notou o confete e serpentina, o rosto sorridente e cheio de prazer.

Foi seu último baile. Quer dizer, a última manhã em que viu o irmão chegar de uma noitada de arromba. Não entendia por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano dois meses depois.

ANEXO B - Cena 2

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. Ela pensava que um ciuquinho deles tivesse sido a causa da agressão. Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela.

A minha história também depende dela, Domingas.

Era uma tarde nublada de sábado, logo depois do Carnaval. As crianças da rua se alinhavam para passar a tarde na casa dos Reinoso, onde se aguardava a chegada de um cinematógrafo ambulante. No último sábado de cada mês, Estelita avisava as mães da vizinhança que haveria uma sessão de cinema em sua casa. Era um acontecimento e tanto. As crianças almoçavam cedo, vestiam a melhor roupa, se perfumavam e saíam de sua casa sonhando com as imagens que veriam na parede branca do porão da casa de Estelita.

Yaqub e o Caçula usavam um fato de linho e uma gravatinha-borboleta; saíam iguais, com um mesmo penteado e o mesmo aroma de essências do Pará borrifado na roupa. Domingas, de braços dados com os dois, também se arrumava para acompanhar os gêmeos. O Caçula se desgarrava, corria, era o primeiro a beijar o rosto de Estelita e entregar-lhe um buquê de flores. Na sala, Zahia e Nadha Talib conversavam com Lívia, a menina aloirada, sobrinha de Reinoso; dois curumins de uma família que morava no Seringal Mirim serviam guaraná e biscoitos de castanha aos convidados. Esperavam o cinematógrafo, e cada minuto se passava com lentidão porque estavam ansiosos para ver a parede branca do porão cheia de imagens, ansiosos por uma história de aventura ou de amor que tornava a tarde do sábado a mais desejada de todas as tardes. Então o tempo fechou com nuvens baixas e pesadas e Abelardo Reinoso decidiu ligar o gerador. Na sala iluminada um batalhão de soldadinhos foi ordenado sobre a mesa, e selos de outros países passaram de mão em mão, como diminutivas vinhetas de paisagens, rostos e bandeiras longínquas. A menina loira apreciava um selo raro, e seus braços roçavam os dos gêmeos. Alisava o selo com indicador, os outros meninos se entretinham com o batalhão verde, e ela parecia atraída pelo aroma que exalava dos gêmeos. Lívia sorria para um, depois para o outro, e dessa vez foi o Caçula quem ficou enciumado, disse Domingas. O caçula fez cara feia, tirou a gravatinha-borboleta, desabotoou a gola e arregaçou as mangas da camisa. Bufou, se esforçou para ser dócil. Balbuciou: “Vamos dar uma volta no quintal?”, e ela, olhando o selo: “Mas vai chover Omar, escuta só as

trovoadas”. Então ela tirou um selo do álbum e ofereceu-o a Yaqub. O caçula detestou isso, disse Domingas; detestou ver os dedos do irmão brincarem de minhoca louca com Lívía. Não era sonsa, era uma mocinha apresentada, que sorria sem malícia e atraía os gêmeos e todos os meninos da vizinhança quando trepava na mangueira, e em redor do tronco um enxame de moleques erguia a cabeça e seguia o olhar a ondulação do short vermelho. Mas ela gostava mesmo era dos gêmeos; olhava dengosa para os dois; às vezes quando se distraía, olhava para Yaqub como se visse alguma coisa que o outro não tinha. Yaqub, meio acanhado, percebia? O caçula pensava que depois do baile dos Benemou a Lívía ia cheirar e morder o gogó dele e desfilar com ele nas matines do Guarany e do Odeon. Já tinha prometido roubar o Land Rover dos pais e passear com ela até as cachoeiras do Tarumã. Zana desconfiou, escondeu a chave do jipe, cortou a curica do Caçula. Brincavam com os dedos, e Omar já tinha se afastado dos dois quando o homem do cinematógrafo chegou. Trazia na maleta de couro o projetor e o rolo de filme. Era alto, de gestos calmos, o rosto magro dividido por um bigodaço: “Trouxe a grande diversão, o grande sonho, curuminzada”.

Selos, soldados e canhões foram esquecidos. O chorinho da vitrola, apagado. Um relógio antigo bateu quatro vezes. Uma correria pela escada de madeira estremeceu a casa e em pouco tempo o porão foi povoado de gritos, as cadeiras da primeira fila foram disputadas. Yaqub reservou uma cadeira para Lívía e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido. Da escuridão surgiram cenas em preto-e-branco e o ruído monótono do projetor aumentava o silêncio da tarde. Nesse momento Domingas despediu-se dos Reinoso. A magia do porão escuro demorou uns vinte minutos. Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu a janela e a platéia viu os lábios de Lívía grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Lívía ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. Os Reinoso desceram ao porão, a voz de Abelardo abafou o alvoroço. O caçula, apoiado na parede branca, ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensangüentado do irmão.

Estelita subiu com o ferido e chamou um dos curumins: corre até a casa da Zana, chama a Domingas, mas não fala nada sobre isso.

A cicatriz já começava a crescer no corpo de Yaqub. A cicatriz, a dor e algum sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse. Não tornaram a falar com o outro. Zana culpava Halim pela falta de mão firme na educação dos gêmeos. Ele discordava: “Não disse, tu trata Omar como se ele fosse nosso único filho”.

Ela chorou quando viu o rosto de Yaqub, disse Domingas. Beijava-lhe a face direita e chorava, aflita, ao ver a outra face inchada, costurada em semicírculo. Treze pontos. O fio preto da costura parecia uma pata de caranguejeira. Yaqub, calado, matutava. Evitava falar com o outro. Desprezava-o? Remoía, mudo, a humilhação?

“Cara de lacrau”, diziam-lhe na escola. “Bochecha de foice”. Os apelidos, muitos, todas as manhãs. Ele engolia os insultos, não reagia. Os pais tiveram de conviver com um filho calado dentro de casa. Então Halim decidiu: a viagem, a separação. A distancia que promete apagar o ódio, o ciúme e o ato que engendrou.

Yaqub partiu para o Líbano com os amigos do pai e regressou a Manaus cinco anos depois. Sozinho. “Um rude, um pastor, um *ra’i*. Olha como meu filho come!”, lamentava-se Zana.

Ela tentou esquecer a cicatriz do filho, mas a distancia trazia para mais perto ainda o rosto de Yaqub. As cartas que ela escreveu!

Dezenas? Centenas, talvez. Cinco anos de palavras. Nenhuma resposta. As raras notícias de Yaqub eram transmitidas por amigos ou conhecidos que voltavam do Líbano. Um primo de Talib que visitara a família de Halim avistara Yaqub no porão de uma casa. Estava sozinho e lia um livro sentado no chão, onde havia um monte de figos secos. O rapaz tentou falar com ele em árabe e português, mas Yaqub o ignorou. Zana passou a noite culpando Halim, e ameaçou viajar para o Líbano durante a guerra. Então ele escreveu aos parentes e mandou o dinheiro da passagem de Yaqub.

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, ate o lance final.

ANEXO C - Cena 3

“Conheço um bicho, mas sem muita coragem.” Halim soltou a língua, tomou mais um gole de arak, enrolou um cigarro, o olhar vagando entre a Cidade Flutuante e a floresta.

Agora ouvíamos a barulheira dos que zanzavam carregando tralhas, o grito dos catraieiros, grunhidos de porcos, as vozes vizinhas, choro de crianças, a algaravia do anoitecer.

“Um bicho sem muita coragem”, ele repetiu, o cigarro na boca. Marcou um encontro com Pocu, que desse uma voltinha na loja, amanhã, antes do sol a pino. O ex-barqueiro saiu do boteco e por um momento eu fiquei imaginando o fim da história dos irmãos amantes. Invenção de Pocu? E o que há de verdade e mentira nas palavras de um navegante? Ele contara o evento com convicção e ardor, como se fosse uma verdade íntima, tanto que continuei a pensar nos dois irmãos acasalados num barco.

“Isso mesmo, *majnun*, um maluco mesmo.” Halim estalou os dedos, depois coçou a barba por fazer, grisalha, que envelhecia ainda mais o seu rosto. “Omar quer viver com emoção. Ele não abre mão disso, quer sentir emoção em cada instante da vida. A Zana pensou que nosso filho...” Halim olhou para a margem do rio, como se tentasse lembrar algo. “Sabes de uma coisa? Eu também... estava crente que ele tinha estudado um semestre inteiro num ótimo colégio e que depois ia poder entrar numa universidade. Nem São Paulo corrigiu o Omar! Aliás, nenhum santo nem cidade vai dar jeito nele.”

Então Yaqub revelou a verdade, na versão dele. Contou só para o pai, que deixou o outro desabafar. O engenheiro, lacônico, dessa vez desandou a falar mal do irmão: “Um mal-agrado, um primitivo, um irracional, estragado até o tutano. Fez pouco de mim e da minha mulher”.

Halim escutara o filho doutor com um ar sério, compenetrado. Agora, à mesa do boteco, contraía o rosto e soltava uma gargalhada de dar medo.

Pois bem, o Caçula enviou o primeiro cartão-postal de Miami; depois enviou outros, de Tampa, Móbile e Nova Orleans, contando suas farras e peripécias em cada cidade. Yaqub rasgara todos os postais menos um, que entregou ao pai: “Queridos mano e cunhada, Louisiana é a América em estado bruto e mesmo brutal, e o Mississipi é o Amazonas desta paragem. Por que não dão uma voltinha por aqui? Mesmo selvagem, Louisiana é mais

civilizada que vocês dois juntos. Se vierem, tratem de pintar o cabelo de loiro, assim vão ser superiores em tudo. Mano, a tua mulher, que já foi bonita, pode rejuvenescer com o cabelo dourado. E tu podes enriquecer muito, aqui na América. Abraços do mano e cunhado Omar”.

“Durante cem dias o teu filho foi disciplinado como não tinha sido em quase trinta anos, mas foram cem dias de farsa”, disse Yaqub ao pai. “Ele roubou meu passaporte e viajou para os Estados Unidos. O passaporte, uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês!”

Yaqub teve certeza disso quando recebeu o primeiro cartão-postal. Já tinha expulsado a empregada, porque ela levava Omar para o apartamento quando ele e a esposa estavam em Santos no feriado de 15 de novembro. A empregada havia confessado quase tudo: Omar levava para passear no Trianon e no Jardim da Luz; tinham almoçado no Brás e nos restaurantes do centro. Dois folgadões! Tudo isso com o dinheiro que vocês mandavam, disse Yaqub, irado. Depois Yaqub se lembrou dos dois volumes velhos e empoeirados de cálculo integral e diferencial, livros que comprara por uma pechincha num sebo da Rua Aurora. Abriu os livros com o pressentimento de que fora aviltado. Rangia os dentes, as mãos trêmulas mal conseguiam folhear o primeiro volume, onde tinham sido enfiadas várias cédulas de um dólar; no outro volume guardara as notas de vinte. Folheou os dois livros, página por página, depois os chacoalhou, e caíram cédulas de um dólar. O patife! Muito bem, que o pulha levasse o passaporte, a gravata de seda, as camisas de linho, mas dinheiro... ”Deixou a mixaria, deixou o que ele é. Esse é o teu filho. Um *harami*, ladrão!”

“Gritou ladrão tantas vezes que pensei que estivesse se referindo a mim”, disse Halim. “Bom, ele falava do meu filho, e de alguma forma me atingia. Mas deixei o Yaqub falar, eu queria que ele desembuchasse tudo. Depois eu disse: ‘Não dá para esquecer essas coisas? Perdoar?’. Meu Deus, foi pior!”

Yaqub passou da acusação à cobrança. Não ia sossegar enquanto o irmão não lhe devolvesse os oitocentos e vinte dólares roubados. Uma fortuna! A poupança de um ano de trabalho. Um ano calculando estruturas de casas e edifícios na capital e no interior. Um ano vistoriando obras. Zana devia conhecer essa história, e aí sim, ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele!

“Ele não parava, não conseguia parar de xingar o filho mimado da minha mulher. Parece que o diabo torce para que uma mãe escolha um filho...” Halim me encarou: os olhos embaciados pareciam querer dizer mais. Ele se aprumou. “Não estava furioso só por causa dos dólares. A empregada já tinha contado para Omar quem era a esposa de Yaqub.

Ficou irado porque o Caçula entrou no apartamento dele e vasculhou tudo, encontrou as fotos do casamento, das viagens, e deve ter visto outras coisas. Só eu sabia que a Lívia, a primeira namorada do Yaqub, tinha viajado para São Paulo a pedido dele. Ele queria manter esse segredo, mas Omar acabou sabendo. Não sei qual dos dois ficou mais enciumado, mas a verdade é que Yaqub não perdoou os desenhos obscenos que Omar fez nas fotos de casamento com palavrões e desenhos... Yaqub ficou louco... Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz... Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar”.

Agora ele parecia melancólico e bebia arak com gelo, raramente bebia outra coisa. Duas garrafinhas azuis na mesa, com o selo de Zahle, compradas de um contrabandista. Tomou três quatro goles, enrolou mais um cigarro. O rio e o céu se confundiam, e, ao longe, uma procissão de canoas iluminadas desenhava uma linha sinuosa na escuridão. O vento trazia o cheiro da floresta, não muito distante. O vozerio findava, a Cidade Flutuante aquietava-se.

Halim ia parar de falar? Ele me encarou mais uma vez, mordeu com raiva o lábio inferior. Deu um murro na mesa, como se pedisse silêncio.

“Sabes o que fiz depois dessas acusações?” Ele parecia agitado, meio bêbado, sei lá. “Sabes o que a gente deve fazer quando um filho, um parente ou um fulano qualquer estrebucha por causa de dinheiro? Sabes?”

“Não”, eu disse, quase sem perceber.

“Pois bem. Deixei o yaqub terminar. Estava alterado, nunca tinha visto meu filho assim. Depois do desabafo, ele foi murchando, virou mururé fora d’água. Então eu disse: ‘Está bem, vou dar um jeito nisso’. Pensou que ia sair atrás do irmão dele, ou que eu ia contar tudo para Zana. Me levantei, voltei para casa, enchi de orquídeas os vasos do quarto, armei a rede e gritei o nome da minha mulher... Filhos! Por Deus, eu tinha que esquecer todas porcarias, os oitocentos e vinte dólares, o passaporte, a gravata, as camisas e droga de Louisiana... Zana entrou no quarto e me viu nu na rede. Me viu e entendeu. Declamei umas palavras do Abbas... Era a senha...”

Foi a primeira vez que vi Halim cambaleiar; estava grogue, por pouco não caiu da cadeira. Ele quis ficar mais uns minutos ali, sem dar um pio. Um pequeno motor se aproximou dos troncos, sem dar pio. Um pequeno motor se aproximou dos troncos, o comandante lançou as cordas e eu ajudei na amarração. Atracou perto do boteco, o holofote do motor girou lentamente, focou os esteios de madeira, a nossa mesa, o rosto abrasado. Pedi ao comandante que iluminasse a nossa mesa e ajudei Halim a se levantar. Acompanhei-o de

volta para casa; nós dois juntos, abraçados, atravessamos passagens estreitas, caminhamos sobre as tábuas envergadas da Cidade Flutuante. De vez em quando alguém o chamava, mas ele não respondia, continuava andando comigo na escuridão. O silêncio de Halim. Eu já desconfiava do que ele mais temia. O engenheiro se engrandecia, endinheirado. E o outro gêmeo não precisava de dinheiro para ser o que era, para fazer o que fez.

ANEXO D - Cena 4

Poucas semanas depois do enterro ela repreendeu o filho á queima-roupa. Ele foi pego de surpresa, e escutou palavras que assustam, intimidam. Ele tinha exagerado no trato com o pai morto, a quem dissera coisas de arrepiar. Humilhar o esposo morto, isso Zana não admitia. Na madrugada em que Halim morreu, ela escutara calada o monólogo absurdo do Caçula e não se esquecera do dedo em riste na cara do finado, nem da voz insolente, das palavras infames contra alguém que não podia responder nem com um gesto, nem com um olhar.

Encontrou-o de cócoras, meio escondido, empunhando um terçado, pronto para cortar tajás e aningas queimados pelo sol; colinas de folhas de cerca dos fundos, a meninada do cortiço espiava os movimentos de Omar. Estava só de cueca, ferido, fantasiado de escravo. As crianças começaram a assobiar; depois atiraram-lhe caroços de manga, que estalavam no corpo dele. Omar correu até a cerca, saltando sobre montes de folhas e galhos. “Filhos duma égua”, ele esbravejou, dando um cotoco para a curuminzada. Parou de xingar quando a sombra do corpo da mãe escureceu a cerca.

“Chega de bancar o coitadinho, chega de esfolar as mãos e os braços com esse trabalho de péssimo jardineiro”, ela increpou com uma voz ríspida. “Agora tu não tens pai... deves procurar um emprego e parar com essa mania de desocupado.”

Ele se voltou para mãe, os olhos incrédulos. Zana tirou o terçado da mão dele e cravou-o na terra: “Vai te olhar no espelho... Teu pai não suportava te ver assim... Não agüentava ver uma vida desperdiçada... Não mereceria ouvir aquelas torpezas... Um homem morto...”. Parou de ralar e entrou na sala, soluçando. Não quis falar com o filho quando ele se aproximou e tentou afaga-la. Desviou a cabeça, deixou-o com as mãos no ar. Ele se afastou, e diante do espelho viu o corpo cheio de pústulas e arranhões. Depois subiu a escada olhando para a mãe, tentando cativa-la nessa tarde em que ela o surpreendera com palavras ríspidas e evitara seu afago.

O Caçula não voltou mais ao quintal. Abandonou as folhas secas, as frutas bichadas e os galhos podres. Parou de perseguir as mucuras, de mata-las a pauladas, como uma criança possuída por alguma maldade. Eu já não via mais sentado no meio do quintal, sozinho, admirando os saltos dos saís- azuis nas palmas dos açazeiros, ou encantado com o brilho encarnado dos saurás triscando as frutinhas doces. Antes de começar a labuta de

jardineiro, ele costumava apreciar essas coisas. E passava um bom tempo assim. Às vezes sorria, quase alegre, quando o brilho intenso do sol do equador cobria o quintal. Não quis usar a roupa nova que a Zana lhe dera. Rânia o convidou para trabalhar na loja, insistiu muitas vezes, até que ele abriu a boca, mostrando dentes amarelos e afiados, e soltou uma gargalhada, agravada por trovões de uma bronquite crônica.

“Trabalhar contigo? Não sabes dar um passo sem consultar o teu irmão”, ele disse.

Rânia sabia que a aversão de Omar à rotina e aos horários de trabalho era radical e sincera; sabia que ele tinha a astúcia de abocanhar com a maior naturalidade os frutos colhidos pela labuta dos outros. Não se esforçava para ser astucioso, nem sentia um pingo de culpa ao sugar o suor das três mulheres da casa. E assim, sem culpa, ele regressou à noite manauara. Quando chegava de manhãzinha, não encontrava a mãe à sua espera. Via Zana de luto, melancólica, sentada no sofá cinzento, onde Halim tantas vezes a enlaçara com desejo. Ele não suportava a quietude da mãe, o luto fechado desde a morte de Halim, as tardes que ela começou a passar no quarto, esquivando-se das visitas, remoendo alguma coisa. Eu a via perto do tronco do jatobá, sentada num tamborete, o sol iluminando a metade do corpo. Saía pouco, aos domingos levava flores ao finado Halim perguntava por Omar, nunca deixou de saber a que horas o filho entrara em casa, se ele estava bem. Pedia que Rânia lhe desse dinheiro, e ao meio-dia, quando o Caçula acordava, ela ouvia as histórias dele. O Café Mocambo fechara, a praça das Acácias estava virando um bazar. Sozinho à mesa, ele ia contando suas andanças pela cidade. A novidade mais triste de todas: o Verônica, lupanar lilás, também fora fechado. “Manaus está cheia de estrangeiros, mama. Indianos, coreanos, chineses... O centro virou um formigueiro de gente do interior... Tudo está mudando em Manaus.”

“É verdade... só tu não mudas, Omar. Continuas um trapo, olha a tua roupa, o teu cabelo... A hora que tu chegas em casa...”

Falava com calma, meio reticente, e depois encarava filho com um olhar demorado, de tristeza calada. Ele bem que tentou cativa-la. Deixava na rede dela umas lembranças miúdas, catadas aqui e ali ou compradas nos quiosques da praça dos Remédios: uma cuia com desenho de coraçãozinho encarnado, um colar de sementes pretas e vermelhas. Ninharia. Gravou o nome da mãe na pá do remo que ele guardava. Letras grandes, que cobriam nomes de mulher. Deu um buquê de helicônias na noite do aniversário de Zana.

“Vamos sair para comer uma peixada, só nós dois, num restaurante no meio do rio.”

“O que eu mais quero é paz entre meus filhos. Quero ver vocês juntos, aqui em casa, perto de mim... Nem que seja por um dia.”

Não saíram para jantar. Ela deixou o buquê na mesa, subiu e se trancou, não quis ver ninguém. Dias assim, falando apenas com o olhar, deixando o Caçula acuado pelo silêncio. Ele não queria ouvir falar de Yaqub, o nome do irmão o estorvava. Ainda cedo, clareando, antes de eu abrir a janela do quarto, Omar resmungava apoiado ao tronco da seringueira: “O que ela quer? Paz entre os filhos? Nunca! Não existe paz nesse mundo...”. Falava sozinho, e não sei em quem pensava quando disse: “Devias ter fugido... o orgulho, a honra, a esperança, o país... tudo enterrado...”. Não me olhou nem se mexeu quando eu saí do quarto. Continuou ali, como se tivesse caído no chão, o olhar nos lugares onde a mãe o havia esperado desde sempre. Pensei que Omar ia esmorecer de vez, passar o resto da vida ali, encostado no tronco da árvore velha. Ele começou a chegar mais cedo, não fazia brincadeira com Rânia, nem chamava Domingas com aquele tom de voz pachorrento, meio cinco, que nós sempre ouvíamos no meio dia.

Então, num sábado, pouco depois do anoitecer, o Caçula entrou em casa acompanhado por um homem. Todo mundo escutou a voz de Omar. Zana foi atraída por um sotaque estranho. O filho, tão cedo em casa, e com um desconhecido! A conversa entre os dois foi se prolongando, até que Zana desceu, cumprimentou a visita e foi ao quintal: queria que minha mãe a ajudasse a prepara um lanche. Domingas sentia-se indisposta e implicou com o visitante desde que o viu sentado no sofá cinzento, o olhar ávido no rosto plácido. Ela não gostou de ver um intruso sentar-se no lugar de Halim. E a birra de Domingas me pareceu uma premonição.

Rochiram, o visitante, era um indiano que falava devagar, sussurrando em inglês e espanhol as frases que pensava dizer em português. Quando abria a boca, dava a impressão de que ia contar um grande segredo. O Caçula se encontrara com ele no bar do hotel Amazonas, onde os músicos do Trio Uirapuru tocavam boleros e mambos aos sábados. Reparei com curiosidade no homenzinho moreno, nariz de filhote de tucano, calça, camisa e sapatos ordinários. Mas o anel de ouro e rubi na mão direita valia mais que uma década de labuta de um homem comum. No rosto surgia um sorriso pensando, maquinal, e quase tudo no seu corpo contrariava a espontaneidade. Esse homem de gestos ensaiados observou a casa e seus recantos; notou que estava cativando Zana, e que uma confiança mútua era possível. Então passou a freqüentar a casa, sempre acompanhado por Omar. Trazia presentes para Zana: vasos chineses, bandejas de prata, estatuetas indianas. Minha mãe, mal-humorada, servia guaraná e logo se fastava do intruso. Aos poucos, Zana saiu da clausura, destravou a língua,

se interessou pelo amigo do filho. Quando o Caçula não estava por perto, ela mencionava o nome do outro, mostrava as fotografias de Yaqub: “É um grande engenheiro, um dos maiores calculistas do Brasil”. Sempre disfarçava ao escutar os passos de Omar na escada: “Meu filho está menos desleixado... Olha só o que uma amizade pode fazer”. Depois pedia que Rochiram contasse um pouco de sua vida. O indiano falava pouco, mas saciou a curiosidade de Zana. Ele vivia em trânsito, construindo hotéis em vários continentes. Era como se morasse em pátrias provisórias. O que se enraizava em cada lugar eram os negócios. Ouvira dizer que Manaus crescia muito, com suas indústrias e seu comércio. Viu a cidade agitada, os painéis luminosos com letreiros em inglês, chinês e japonês. Percebeu que sua intuição não falhara. Quando zana não compreendia a algaravia de Rochiram, ela perguntava ao filho: “O que esse estrangeiro está querendo dizer?”. O Caçula traduzia para o português, encerrava a conversa, tinha pressa de ir embora com Rochiram. Zana insistia para que ficassem mais um pouco, Omar recusava, ele e o indiano tinham que ir a vários lugares. Quais? Ele não revelava. Ficou pálido na manhã em que Rânia convidou Rochiram a almoçar em casa. Durante o almoço ele esfregava as mãos, nervoso, temendo que a mãe mencionasse o nome de Yaqub. Rânia tentava distraí-lo, e ele chegou a ser áspero com a irmã e reticente com Rochiram. Só falou, sem disfarçar o mau humor, no fim da refeição, quando o visitante comentou que queria construir um hotel em Manaus. “Estou ajudando o seu Rochiram a encontrar um terreno perto do rio”, Omar disse antes de sair da mesa, seco.

Domingas não se sentia à vontade com aquele estrangeiro, mais estranho do que todos nós juntos. Ela me dizia: “O Caçula nem parece ser ele mesmo. Está enroscado, não sabe para onde ir...”.

Eu estranhei o olhar dele, estranhei que tivesse notado a ausência de Domingas durante o almoço. Perguntou-lhe se ela estava desconfiada de alguma coisa. Minha mãe não lhe revelou nada. Disse: “Não gosto do teu amigo. Na primeira noite que ele veio aqui, eu sonhei com Halim”.

Omar não quis ouvir, fugia da sombra do pai, evitava o encontro até nos sonhos dos outros. Não trouxe mais Rochiram para dentro de casa: esperava-o na calçada e saía às pressas. Escondia-se com indiano, vivia desconfiado, olhando de esguelha para a mãe, seguindo-lhe os passos, amoitando-se para escutar algum segredo.

Mais tarde, eu soube do que Omar desconfiava. Zana me pediu que datilografasse uma carta para Yaqub. Trouxe uma máquina de escrever para meu quarto e começou a ditar o que tinha em mente. Falou do amigo de Omar, um magnata indiano que pretendia construir um hotel em Manaus. Os dois filhos podiam trabalhar juntos: Yaqub faria

os cálculos do edifício, Omar poderia ajudar o indiano em Manaus. Ela mesma já havia conversado com Rochiram, pedira-lhe segredo sobre o assunto. O seu grande sonho era ver os filhos reconciliados. Ela só pensava nisso, e desde a morte de Halim acordava no meio da noite, assustada. Quem ia entender a falta que Halim lhe fazia? A dor que ele deixou. Não queria morrer vendo os gêmeos se odiarem como dois inimigos. Não era mãe de Caim e Abel. Ninguém havia apaziguá-los, nem Halim nem as orações, nem mesmo Deus. Então que Yaqub refletisse, ele que era instruído, cheio de sabedoria. Ele que tinha realizado grandes feitos na vida. Que perdoasse por tê-lo deixado viajar sozinho para o Líbano. Ela não deixou Omar ir embora, pensava que longe dela ele morreria.

Zana insistiu no assunto, recorrendo a circunlóquios e reticências. Eu ouvia a voz de mãe culpada, cheia de remorso, e escrevia. Às vezes ela me perguntava se as palavras não a estavam traindo. Em êxtase de meia-culpa, me olhava como se estivesse na presença de Yaqub. E durante uma pausa, parecia esperar uma resposta, temendo que o filho silenciasse.

Assinou o nome em árabe, enviou a carta e passou os dias seguintes remoendo cada linha que havia ditado. Duvidava das próprias palavras, não sabia se havia descanso ou exagero no teor da carta, se o filho ia entender o que ela mais havia lhe pedido: perdão. Deixei o esboço do manuscrito, que ela lia em voz baixa. Numa tarde, sozinha na sala, eu a vi lendo a carta para um Halim imaginário. Depois da leitura, perguntou: Yaqub vai entender? Vai perdoar a mãe dele?

Então, quase um mês depois, Rânia entregou à mãe um envelope que Yaqub enviara à loja. Era uma carta com poucas linhas. Ele não aceitou nem recusou qualquer perdão. Escreveu que o atrito entre ele e Omar era assunto dos dois, e acrescentou: “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica”. Mas ele se interessou pela construção do hotel, ignorando a participação do irmão. Terminou a carta com um abraço, sem adjetivo ou aumentativo. A mãe leu em voz alta essa palavra e murmurou: “Eu peço perdão e ele se despede com um abraço”.

No entanto, a menção da Bíblia deixou-a mais preocupada. Ela percebeu que Omar havia afastado Rochiram da casa, percebeu a suspeita do filho, sempre à espreita, rondando mãe e filha. Pediu a Rânia que contasse tudo ao Caçula. A irmã mostrou-lhe a carta de Yaqub: não era uma trama da mãe, mas uma tentativa de unir os filhos. Omar leu a carta e começou a rir como se estivesse caçoando de todos. Mas o tom de zombaria se desfez: “O que o sabichão quer dizer com cena bíblica, hein, Rânia? O que o teu irmão entende de civilidade?”.

Rânia não se intimidou, tampouco se alterou. “Não sei”, disse ela. “Sei que vocês podem trabalhar numa construtora...”

“Construtora?”, Omar interrompeu, enfezado, dizendo, aos berros, que ele conhecera Rochiram, ele trouxera o indiano para casa e fora atrás de um terreno para o hotel. Parecia irritado com a insistência da irmã, aferrada à idéia de que podia apaziguar os gêmeos. Rânia queria os irmãos perto dela, desejava a intimidade de ambos. A intimidade e a compulsão pelo trabalho dariam muito mais sentido à sua vida. Todo seu empenho para acalmar Omar foi em vão. Ela pensava que cedo ou tarde ele ia cair de beijo nos braços morenos e roliços; que os dois iam se aninhar na rede como amantes depois de uma discussão. Ele não cedeu ao feitiço. Nós o víamos esbanjar o dinheiro que ganhara com a comissão de venda de terreno do hotel. As garrafas de bebida cara que ele entornava e depois jogava no quintal e no piso do alpendre! Os presentes que comprava para namoradas e deixava em qualquer lugar, esquecidos, como se fossem inúteis ou como se nada disso tivesse mais importância. O vestido de linho e as blusas de seda chinesa que deu a Domingas, dizendo-lhe: “Agora podes jogar no lixo os trapos que te mandaram de São Paulo”. Não se dirigia às outras mulheres, e, sem mais nem menos, na presença da mãe, explodia, colérico: “Uma cena bíblica, não é? Então vamos ver se o sabichão conhece mesmo a Bíblia”.

Ninguém respondia às pontadas que ele dava no irmão. Mãe e filha se entreolhavam, caladas, e esse silêncio poderoso e cúmplice prevalecia contra a cólera do Caçula. Elas o deixavam desabafar, fingiam-se indiferentes a Yaqub, e era estranho vê-las tão passivas quando Omar exigia que nenhuma fotografia do irmão fosse vista na sala.

Durante algum tempo ele se esquivou de todos, alternando desperdício e ódio.

Eu estava alheio ao que vinha acontecendo nas últimas semanas, não conseguia escutar os cochilos entre Zana e Rânia, nem decifrar os gestos e olhares que trocavam, mas escutei o nome de Yaqub e do hotel em que ele estava. Estranhei que se hospedasse num lugar tão modesto, na verdade um a casa mal-conservada numa das áreas mais antigas de Manaus. A mesma casa que eu conhecera com Domingas, quando ela me levava para passear na praça Pedro II, onde marinheiros estrangeiros seguiam as putas que rodeavam a ilha de São Vicente. O hotel, escondido no fim de uma rua estreita, parecia longe da multidão e da zona do centro, agora cheio de lojas que abriam da noite para o dia. Yaqub estava ali, naquela rua pacata e sinuosa, tão anônimo quanto seus moradores assustados com a azáfama da cidade. Conteí a Domingas e perguntei-lhe se ele ia embora sem nos visitar. Minha mãe, com voz nervosa, logo contestou: que não, que duvidava, ele viria vê-la, eu podia esperar que ele viria.

Todos na casa pareciam tomados por um mal-estar. Zana e Rânia só discutiam a portas fechadas; perto de mim, trocavam palavras com sussurros suaves, de vôo de borboleta. Foram cinco ou seis dias assim, e me lembro que numa quinta-feira choveu a noite toda, e a casa amanheceu com goteiras. Do teto da sala escorriam fios grossos de água suja, e o quintal transformou-se num aguaceiro. No cortiço dos fundos, só tumulto e aflição: as casinhas estavam inundadas e desde cedo eu e Domingas ajudamos a escoar a água dos corredores, a retirar a mobília dos quartinhos enlameados. Saímos do cortiço com o choro das crianças na memória e a impressão de que nossos vizinhos haviam perdido tudo. No meio da manhã um sol fraco aclarou a cidade, a folhagem esverdeou com mais brilho e uma aragem morna movia as folhas graúdas da fruta-pão. Na casa, silêncio: Zana tinha ido confidenciar com a filha na loja. Domingas foi mudar de roupa. Ao sair do quarto, usava um vestido novo, estava perfumada, os lábios pintados de batom vermelho. O olhar não escondia sua apreensão. Vi seu rosto crispado voltado para a sala: Omar acabara de descer e tomava um copo de café. Era raro vê-lo de pé tão cedo. Não tocou no manjar preparado todas as manhãs para ele. Rondou a sala, subiu estabonado e bateu com força na porta do quarto de Zana. Quando desceu, nem olhou para Domingas: avisou que não voltaria para o almoço. Saiu despenteado, malvestido, carrancudo. Minha mãe seguiu com o olhar aquele corpo cambaleante que pisava o assoalho como se desse patadas. Ela ficou entre o quarto e a cozinha, indecisa, até erguer a cabeça e dizer: “Esse tempo ainda está feio”.

Comecei a cavar valetas para drenar as poças do quintal e assim evitar viveiros de insetos. O chão estava coberto de calangos e gafanhotos mortos, frutas e folhas; da fossa, ao lado do galinheiro inundado, vinha um cheiro de podridão. Aos poucos, o mormaço foi aquecendo o quintal, e o sol, ainda ralo entre nuvens pesadas, não podia ainda apagar os traços da noite de chuva.

Antes das onze Yaquub apareceu: não ia demorar, só uma visitinha para matar a saudade e rever a casa antes de voltar para São Paulo. Vestia uma roupa comum. O cabelo preto penteado para trás, o corpo ereto e a expressão saudável o faziam bem menos envelhecido que o Caçula. Trouxera livros de matemática para mim e roupa para Domingas. Não perguntou por Zana. Disse: “Passei no cemitério, fui ver o túmulo...”. Não terminou a frase. Disfarçou, olhou para a mesa cheia de frutas e quitutes do café-da-manhã e perguntou com uma ponta de ironia: “Tudo isso só pra mim?”. Sentou-se, comeu o que o irmão deixara intocado; depois me chamou, abriu uma pasta e estendeu sobre a mesa folhas de papel com desenhos de vigas, colunas e malhas de ferro. Observou meu corpo sujo de terra e demorou o olhar em minhas mãos. O olhar dele não me intimidou, mas não sei se eram os olhos de um

pai. Ele nunca respondeu ao meu olhar. Talvez sua ambição reiterasse a minha dúvida, ou a ambição, enorme, desmedida, não lhe permitisse olhar para mim com franqueza. Disse que havia esboçado os cálculos da estrutura de um grande edifício que seria construído em Manaus: “Não podes passar a vida limpando quintal e escrevendo cartas comerciais para Rânia”.

Minha mãe escutou a frase e me olhou com uma expressão de orgulho, que durou poucos segundos. Quando desviou os olhos de mim, seu rosto recobrou o ar antigo, meio desconfiado, meio temeroso. Os dois foram para o quintal e enquanto conversavam ele acariciava uma fruta-pão. A mão ia da fruta esférica ao queixo de Domingas, ele ria com vontade, com ar de triunfo, e naquele momento eu vi mais íntimo de minha mãe. Quando a enlaçou, Domingas não disfarçou a apreensão: disse que ele devia ir embora. Yaqub franziu a testa: “Estou na minha casa, não vou fugir...”, Minha mãe implorou: que saíssem juntos, dessem uma volta. Ele sentou na rede, chamou-a para junto dele, ela não quis. Agora parecia aflita, não tirava os olhos da sala, do corredor. Não falaram mais nada. As vozes e os lamentos do cortiço cortavam o silêncio no fim da manhã abafada.

Então eu o avistei: mais alto que a cerca, o corpo crescendo, se agigantando, a mão direita fechada que nem um martelo, o olhar alucinado no rosto irado. Arfava, apressando o passo. Quando gritei, Omar deu um salto, ergueu a rede e começou a socar Yaqub no rosto, nas costas, no corpo todo. Corri para cima do Caçula, tentando segura-lo. Ele chutava e esmurrava o irmão, xingando-o de traidor, de covarde. Alguns moradores do cortiço encheram o quintal e se aproximaram do alpendre. Com um gesto brusco eu agarrei a mão de Omar. Ele conseguiu se livrar de mim. Percebeu que estava cercado por vários homens e foi se afastando devagar, de olho na rede vermelha. Ainda o vi correr até a sala e rasgar com fúria as folhas do projeto; rasgou todos os desenhos, jogou a louça no assoalho e desabalou pelo corredor.

Yaqub se contorcia na rede, não conseguia levantar. O rosto dele inchou, a boca não parava de sangrar, os lábios cheios de estrias e caroços. Ele gemia, apalpando com a mão direita a testa, as costas e os ombros. Eu e dois moradores do cortiço ajudamos a tira-lo da rede, ele mal conseguia andar. Dois dedos de sua mão esquerda pareciam ganchos, e o corpo, curvado, tremia. Domingas acompanhou-o a um hospital, e antes de sair me pediu para limpar a mesa, jogar no lixo a louça quebrada e pôr a rede de molho no tanque. Escondi no meu quarto as folhas rasgadas do projeto de Yaqub.

Quando minha mãe voltou, se apressou para enxergar a rede e estendê-la no quarto dela. Abandonou a cozinha, não quis preparar o almoço. Disse que o estado de Yaqub

não era grave: a mão esquerda, sim, em frangalhos, dois dedos fraturados. Ia perder uns três dentes, o rosto estava irreconhecível, ele sentia dores terríveis nas costas e nos ombros. Pedira a Domingas que calasse o bico, que inventasse, dissesse a Zana: “O teu filho teve de viajar às pressas para São Paulo”.

Zana não engoliu as palavras de Domingas. Entrou no quarto do filho, remexeu aqui e ali, encontrou o passaporte de Yaqub que ele havia roubado. Ficou olhando, pensativa, a fotografia do engenheiro: o semblante sério, as sobrancelhas espessas, as ombreiras estreladas do uniforme de oficial de reserva. Percebi a vaidade mãe, e uma pontada de remorso em seu olhar. A culpa que lhe dilacerava a consciência, eu pensava. Não sabia o que fazer com o passaporte, andava a esmo, como se o documento pudesse conduzi-la a algum lugar. Sentou-se no sofá cinzento, enfiou o documento na blusa, e quando ergueu a cabeça, chorava, as mãos cruzadas no peito. Os olhos avermelhados miraram o pequeno altar e se desviaram para o alpendre, agora vazio.

Teve que viajar às pressas? Por quê? Zana repetia a pergunta, como se da repetição fosse surgir a resposta. Ela perguntava por Yaqub, mas buscava Omar. Mal falava com Rânia, dava coices por nada e ficava horas o demônio feminino, teria sido mais fácil dizer às vizinhas: “Essas loucas tiram da gente os nossos meninos, a nossa riqueza”. Palavras que ela pronunciou em outras ocasiões, quando Dália, a mulher Prateada, dançou para todos nós; quando a outra, a Pau-mulato, morou com Omar num barco velho, pensando que ia passar a vida navegando ao deus-dará, lendo a mão de ribeirinhos, prevendo destinos promissores em vidas arruinadas. Ambos, Omar e a Pau-mulato, farreando a bordo do barco ou em praias desertas, mas vigiados por uma sombra espessa, poderosa.

O sonho de Zana, desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível. Ela relembra o seu plano, minucioso e sagaz. “Meus filhos iam abrir uma construtora, o Caçula ia ter uma ocupação, um trabalho, eu tinha certeza...” Chamava minha mãe para perto dela, dizia: “O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas... Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou o meu Caçula, estragou tudo...”. Domingas ouvia e se afastava, deixava a outra sozinha, maldizendo a trama de Yaqub.

ANEXO E - Cena 5

Minha mãe quis sentar na mureta que dá para o rio escuro. Ficou calada por uns minutos, até a claridade sumir de vez. “Quando tu nasceste”, ela disse, “seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa... Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não is te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele me disse, o nome do pai dele. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito, eu deixei... Seu Halim. Parece que a vida se entortou também para ele... Eu sentia que o velho gostava muito de ti. Acho que gostava até dos filhos. Mas reclamava do Omar, dizia que o filho tinha sufocado a Zana”. Senti suas mãos no meu braço; estavam suadas, frias. Ela me enlaçou, beijou meu rosto e abaixou a cabeça. Murmurou que gostava tanto de Yaqub... Desde o tempo em que brincavam, passeavam. Omar ficava enciumado quando via os dois juntos, no quarto, logo que o irmão voltou do Líbano. “Com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão.”

Ela soluçava, não podia falar mais nada.

Passei a rondar a rede em que minha mãe dormia, preocupado com ela. Não se deixou contaminar pela agitação de Zana, que alternava promessas de vingança com momentos de melancolia, combinando sentimentos irreconciliáveis. Durante semanas, Zana misturou o passado com o presente, as lembranças do pai e de Halim com a ausência do Caçula. “Meu pai...”, ela dizia, pondo as mãos na fotografia de Galib, lamentando a distância entre Amazonas e o Líbano. Os gazais de Abbas que costumava ler no quarto, agora ela recitava em voz alta, e essas palavras formavam um remanso em sua loucura. Mas a imagem do Caçula desaparecido a perseguia. Culpava-se por ter escrito a carta a Yaqub. Chamou-o de intratável, e o filho espancado passou a ser o agressor. [...]

[...] Era quase meio-dia, e minha mãe não estava na cozinha. Eu a encontrei enrolada na rede de Omar, que ela armara em seu quartinho. A rede perdera a cor original e o vermelho, sem vibração, tornara-se apenas um hábito antigo do olhar. Vi os lábios dela ressequidos, o olho direito fechado, o outro coberto por uma mecha grisalha. Afastei a mecha, vi o outro fechado. Balancei a rede, minha mãe não mexeu. Ela não dormia. Vi o corpo que oscilava lentamente, comecei a chorar. Sentei no chão ao lado dela e fiquei ali, aturdido, sufocado. [...]

[...] Parei de balançar a rede e acariciei as mãos calosas de minha mãe. Depois, a voz de Zana chamando Domingas, três, quatro gritos vinham do alto da casa, e em seguida um barulho na escada, os passos cada vez mais próximos, na sala, na cozinha, o ruído de folhas no quintal, os olhos assustados de Zana no rosto de olhos fechados. Ela chacoalhou a rede, e, de joelhos, abraçou Domingas. [...]

[...] A CASA FOI ESVAZIANDO e em pouco tempo envelheceu. Rânia comprara um bangalô num dos bairros construídos nas áreas desmatadas ao norte de Manaus. Disse à mãe que a mudança sairia da casa dela, nem morta deixaria as plantas, a sala com o altar da santa, o passeio matutino pelo quintal. Não queria abandonar o bairro, a rua, a paisagem que contemplava do balcão do quarto. [...]

[...] Então ela partiu, deixou a casa e seu quarto. Toda manhã, a caminho da rua dos Bares, visitava a mãe. Dizia-lhe: “O bangalô está um brinco, mama. O teu quarto é o mais espaçoso, tem um quintalzinho para os animais, as plantas, e uma varandinha para estender a rede...”. [...]

[...] Aos poucos, Zana me contou coisas que talvez poucois soubessem: o nome dela de batismo em Biblos era Zeina. No Brasil, ainda criança, ela aprendeu português e mudou de nome. Eu soube mais de Galib e Halim, e também de minha mãe. Domingas mudou muito depois que engravidou. Passava horas compenetrada. “Só vendo... bastante com ela mesma, até que Halim, de mansinho, abria a porta do quarto e perguntava: ‘em que estás pensando?’, ‘Hã? Eu?’. Tua mãe respondia assim, assustada... Ela amolava uma faquinha e pegava um pedaço de pau para fazer aqueles bichinhos. Halim me dizia: ‘Essa cunhatã... Por Deus, alguma coisa aconteceu com ela...’. Como a tua mãe deu trabalho no orfanato! Era rebelde, queria voltar para aquela aldeia, no rio dela... Ia crescer sozinha, lá no fim do mundo? Então a irmã Damasceno me ofereceu a pequena, eu aceitei. Coitado do Halim! Não queria ninguém aqui, nem sombras na casa. [...]

[...] Quando silenciou, notei que a vontade de sobreviver na velhice sem o filho querido parecia dissipar-se. “Omar, ele não vai voltar?”, ela perguntava com ar de súplica, como se eu fosse capaz de dar vida ao seu sonho, antes do fim. As tardes inteiras que passou deitada na rede do filho. Ela assava peixe no fogareiro, beijava a fotografia de Omar, dizia: “Por que essa demora, querido? Por quê? Os outros já foram embora, agora só estamos nós em casa, nós dois...”. Levava a rede para o quarto dele, e durante a noite uma voz abafada enchia a casa de dor. Ela chorava tanto, as mãos na cabeça, o rosto todo molhado, que eu prendia a respiração, pensava que ela ia morrer a qualquer momento. [...]

[...] Então, numa tarde de março (havia chovido muito e Rânia me chamara para desentupir uma boca-de-lobo), um homem encapotado parou diante da vitrine, observou o interior da loja iluminado parou diante da vitrine, observou o interior da loja iluminada e entrou lentamente, deixando um rastro de lama no chão. Era Rochiram. O cabelo empastado e penteado para trás dava um ar de mais sério ao rosto, agora ornado por óculos de armação dourada. As lentes esverdeadas escondiam os olhos, e esta era a grande novidade no rosto dele. Rânia ouviu as palavras que esperava: a dívida dos dois irmãos em troca da casa de Zana. No entanto, surpreendeu-se quando ele acrescentou: “Seu irmão, o engenheiro está plenamente de acordo”. [...]

[...] Poucos dias depois, um caminhão estacionou em frente da casa e os carregadores fizeram a mudança para o bangalô de Rânia. [...]

[...] Zana partiu sem conhecer o desfecho. Levou para o bangalô da filha a rede e todos os objetos de Omar, a fotografia do pai e a mobília do aposentado. Deixou apenas a roupa de Halim pendurada numa área de metal enferrujado. [...]

[...] ELA MORREU quando o filho caçula estava foragido. Não chegou a ver a reforma da casa, a morte a livrou desse e de outros assombros. Os azulejos portugueses com a imagem da santa padroeira foram arrancados. E o desenho sóbrio da fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror, e a idéia que se faz de uma casa desfez-se em pouco tempo.

Na noite da inauguração da Casa Rochiram, um carnaval de quinquilharias importadas de Miami e do Panamá encheu a vitrines. Foi uma festa de estrondo, e na rua uma fila de carros pretos despejava políticos e militares de alta patente. Diz que veio gente importante de Brasília e de outras cidades, íntimos de Rochiram. Só não vi gente da nossa rua, nem os Reinoso. Do lado de fora, a multidão boquiaberta admirava as silhuetas brindando nas salas fosforescentes. Muitos permaneceram no sereno, esperaram o amanhecer e abocanharam as sobras da festança. Manaus crescia muito e aquela noite foi um dos marcos do fausto que se anunciava.

No projeto da reforma, o arquiteto deixou uma passagem lateral, um corredorzinho que conduz aos fundos da casa. A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal.

“Tua herança”, murmurou Rânia.

A bondade tarda, mas não falha? Soube depois que Yaqub quis assim; quis facilitar minha vida, como quis arruinar a do irmão. Ele havia escrito uma carta para Zana, revelando que sentira muito a morte de Domingas, a única pessoa a quem confiara certos

segredos, a única que não se separa dele durante a infância. Na vida dos dois havia coisas em comum que Zana teimou em ignorar. Ele não explicou por que falhara a construção do hotel, apenas escreveu que agora seria mais sensato vender por uma bagatela a casa e uma boa parte do terreno a Rochiram. Se isso não fosse feito, Omar sofreria as conseqüências.

Rânia não mostrou a carta à mãe. Ela não sabia, nunca soube se havia um acordo entre Yaqub e Rochiram. Entendeu que a venda da casa pouparia Omar. Vi Rânia insistir para que a mãe assinasse a escritura de venda.

“Estás louca? A minha casa... para um aventureiro? Olha o que ele fez com o Omar.”

“Assina, mama, para o bem dos teus filhos... para evitar o pior. E o pior a gente nunca sabe...”

Mas Zana só assinou na clínica, e deve ter sido a última tentativa para reconciliar os filhos.

Depois Rânia soube que Yaqub, no dia em que havia sido espancado, ia passar uma noite no hospital em Manaus. Esteve lá, mas foi obrigado a antecipar a viagem de volta a São Paulo. Saiu para o aeroporto na boca da noite, escondido, acompanhado por um médico. É que no meio da tarde daquele mesmo dia, o Caçula irrompeu no hospital e por pouco não agrediu outra vez o irmão. Yaqub gritou ao ver Omar na enfermaria. O Caçula foi expulso do hospital, arrastaram-no na marra até a rua, e ele saiu cambaleando o mormaço. Ainda o viram entrar na Cabacense para tomar um trago. Contou numa roda de homens a recente façanha, contou com uma voz de escárnio, embrutecida Depois desapareceu. Diz que ainda procurou porque Rânia agiu. Subornou policiais e delegados, ofereceu-lhes cédulas em envelopes lacrados, dizendo: que deixassem Omar em paz, livre. Que o deixassem escapar. Cid Tannus e Talib enviaram cartas a Yaqub, pediram-lhe que perdoasse Omar ou pelo menos esquecesse tudo. Yaqub não respondeu a ninguém. Rânia logo percebeu que o irmão, em São Paulo, contratara advogados e coordenava a perseguição ao Caçula. Havia testemunhas de sobra: médicos e enfermeiras que evitaram a agressão no hospital. E também o exame de corpo de delito a que yaqub foi submetido antes de viajar para São Paulo.

Aos poucos, ela foi descobrindo que o irmão distante havia calculado o momento adequado para agir. Yaqub esperou a mãe morrer. Então, com truz de pantera, atacou. A fuga foi pior para Omar. Agora ele não tentava escapar às garras da mãe, mas ao cerco de um oficial de justiça. Pulava de jirau em jirau, pernoitando em diferentes abrigos, tetos de amigos de farra. Sabia que ia chover fogo, sabia-se emparedado. O que lhe dera na telha? Sem mais nem menos ele abandonava o esconderijo e se aventurava por aí. Cid Tannus

o viu num bar no alto da colina, aonde costumava ir com a pau-mulato. Depois soube que ele se hospedara na Pensão dos Navegantes, dando festinhas para meninas d interior. Rânia começou a receber visitas de donos de pousadas e pensões. Visitas e ameaças. As dívidas de Omar, a algazarra que fez, diziam. Ele chegava de madrugada, entrava com uma menina no colo, os dois zurravam até o amanhecer, tiravam o sono dos hóspedes. Da próxima vez, chamariam a polícia. Sumiu da Pensão dos Navegantes, sumiu de todos os tugúrios. Rânia perdeu a pista do irmão, pensou que ele podia estar em alguma praia ou lago, aquietado, esperando que ela limpasse seu nome. Agora era procurado por vários delitos, choviam queixas contra ele, porque Rânia não podia quitar todas as dívidas do irmão. Ela sabia: tinha que poupar dinheiro para o que viria depois.

CEDO OU TARDE, O TEMPO E O ACASO acabaram por alcançar a todos. O tempo não apagara um verso de Laval pintado no piso do coreto da praça das Acácias. Alguns anos depois, num dos primeiros dias de abril, um lance do acaso uniu o destino de Laval e Omar.

Eu havia prometido entregar a Rânia um trabalho maçante que ela havia me encomendado. Encontrei a loja fechada, ninguém soube me dizer por onde ela andava. Nos últimos dias, fechava a loja na hora do almoço e saía em busca do irmão. Naquela tarde de abril já chuviscava quando Rânia o avistou na praça das Acácias. Ficou paralisada. Estava magro, meio amarelão, barba de uma semana, o cabelo crespo com jeito de juba. Os braços cheios de aranhões, a testa avolumada por calombos. Os olhos fundos e acesos davam a impressão de um ser à deriva, mesmo sem ter perdido totalmente a vontade ou a força de recuperar uma coisa perdida. Rânia não teve tempo de se aproximar dele. Ouviu estampidos, viu pessoas correrem, largando guarda-chuvas que quicavam nos caminhos da praça. Eram três policiais, e logo cinco, muitos. Uma caçada. Viu o Caçula agachado, atrás do tronco de um mulateiro. Os policiais farejavam por ali, todos de arma em punho. Os tiros cessaram. Queriam matá-lo ou só lhe dar um susto? Agora ventava com rajadas de chuva, e a praça das Acácias era um palco só. Sabiam que Omar podia reagir. E reagiu, à sua maneira: deu uma risada na cara dos meganhas. A coronhada que levou no rosto antecipou sua entrada no inferno. Caiu de costas e foi puxado, arrastado até a viatura. Rânia correu ao encontro do irmão, viu no rosto dele um fio vermelho e grosso que a água não apagava. Discutiu com os policiais, quis saber aonde iam levá-lo, foi repelida brutalmente.

No presídio, ele passou algumas semanas incomunicável. Ela e um advogado tentaram falar com Omar, mas a violência foi implacável. Enviava sacolas de presentes aos carcereiros, pedia notícias do irmão e suplicava que não o torturassem. Então ela soube que o

irmão passara uns dias encarcerado no Comando Militar, e eu intuí que a sua amizade com Laval era forma de condenação política.

Na manhã em que ele saiu para o tribunal, escoltado por policiais à paisana, Rânia percebeu que estava sozinha. Não pôde abraça-lo no tribunal, mas o ouviu relatar uma brusca descida ao inferno. Os dias eram como as noites, cada dia era a extensão mais sombria da noite. Quando chovia muito, as celas inundavam, Omar cochilava de pé, a água suja cobria-lhe os joelhos, e os muçus, ao lhe roçarem as pernas, davam-lhe mais asco do que medo. Sentia repugnância da pele viscosa dessas enguias-d'água-doce, pardas, cobertas de lodo, que serpenteavam no piso da cela quando a água escoava. Ainda bem que não enxergava nada nos dias escuros. Às vezes, na janelinha que rasga a parede, a palma de um açazeiro balançava e ele imaginava o céu e suas cores, o rio Negro, a vastidão do horizonte, a liberdade, a vida. Tapava os ouvidos, era insuportável ouvir o zumbido dos insetos, os gritos dos detentos, tudo não parecia ter fim nem começo. Ela não imaginava como o irmão vivia numa cela sórdida daquele presídio que ela costumava olhar, quase por distração, quando atravessava as pontes metálicas para vender sandálias e roupa aos atacadistas dos bairros mais populosos de Manaus.

Omar foi condenado a dois anos e sete meses de reclusão. Não podia sair, não teve direito à liberdade condicional. “Só osso e pelanca... Meu irmão não parece humano”, contou Rânia, chorando. Ela me disse, alterada, que ia escrever uma carta a Yaqub. “Ele traiu minha mãe, calculou tudo e nos enganou.” Foi corajosa: na reclusão que lhe era vital, na solidão de solteirona para sempre, escreveu a Yaqub o que ninguém ousara dizer. Lembrou-lhe que a vingança é mais patética do que o perdão. Já não se vingara ao soterrar o sonho da mãe? Não a viu morrer, não sabia, nunca saberia. Zana havia morrido com o sonho dela soterrado, com o pesadelo de uma culpa. Escreveu que ele, Yaqub, o ressentido, o rejeitado, era também o mais bruto, o mais violento, e por isso podia ser julgado. Ameaçou despreza-lo para sempre, queimar todas as suas fotografias e devolver as jóias e roupas que ganhara, caso ele não renunciasse à perseguição de Omar. Cumpriu à risca as ameaças, porque Yaqub calculou que o silêncio seria mais eficaz do que uma resposta escrita.

Foi nessa época que eu me afastei de Rânia. Eu não queria. Gostava dela, era atraído pelo contraste de uma mulher assim, tão humana e tão fora do mundo, tão etérea e tão ambiciosa ao mesmo tempo. As lembranças da noite que passamos juntos, o ardor daquele encontro ainda me davam arrepios. Mas ela se ressentiu de mim, ofendeu-se com minha omissão, com o meu desprezo pelo irmão encarcerado. No fundo, sabia o que eu remoia, o que me comia por dentro. Devia ter conhecimento do que Omar fizera com minha mãe, de

todos os agravos a nós dois. Parei de trabalhar com ela, nunca mais escrevi cartas comerciais, nem saí correndo para limpar boca-de-lobo, empilhar caixas, vender coisas de porta em porta. Me distanciei do mundo das mercadorias, que não era o meu, nunca tinha sido.

Omar deixou o presídio um pouco antes de cumprir a pena. Saiu à custa dos níqueis acumulados por Rânia. Talib o encontrou uma vez, e diz que só falava na mãe. Chorou, com desespero, quando o viúvo quis acompanhá-lo até o cemitério para visitar o túmulo de Zana.

Rânia fez de tudo para se aproximar dele, mas Omar se esquivava, fugia da irmã e de todos os vizinhos.